

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DOUTORADO EM FILOSOFIA

TESE DE DOUTORADO

A IDÉIA DE OBJETO EM HUSSERL E MEINONG
CONSIDERADA A PARTIR DA FILOSOFIA DE FRANZ BRENTANO

Prof. Orientador: Dr. Aquiles Côrtes Guimarães

Aluno: André Ricardo Cruz Fontes

Rio de Janeiro

2007

André Ricardo Cruz Fontes

A IDÉIA DE OBJETO EM HUSSERL E MEINONG
CONSIDERADA A PARTIR DA FILOSOFIA DE FRANZ BRENTANO

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Orientador: Professor Doutor Aquiles Côrtes
Guimarães.

Rio de Janeiro

2007

S237

Fontes, André Ricardo Cruz.

A idéia de objeto em Husserl e Meinong considerada a partir da filosofia de Franz Brentano/ André Ricardo Cruz Fontes. Rio de Janeiro, 2007.
xi, 245 f.

Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 2007.

Orientador: Aquiles Côrtes Guimarães

1. Objeto. 2. Fenomenologia. 3. Psiquismo. 4. Intencionalidade. 5. Consciência. 6. Objética – Teses.

I. Guimarães, Aquiles Côrtes (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. III. A idéia de objeto em Husserl e Meinong considerada a partir da filosofia de Franz Brentano.

André Ricardo Cruz Fontes

A IDÉIA DE OBJETO EM HUSSERL E MEINONG
CONSIDERADA A PARTIR DA FILOSOFIA DE FRANZ BRENTANO

Rio de Janeiro, 29 de maio de 2007.

Prof. Dr. Aquiles Côrtes Guimarães, UFRJ

Prof. Dr. Emmanuel Carneiro Leão, UFRJ

Prof. Dr. Fernando Augusto da Rocha Rodrigues, UFRJ

Prof. Dr. Aylton Barbieri Durão, UEL

Prof. Dr. Willis Santiago Guerra Filho, UECE

Ao Professor Aquiles Côrtes Guimarães, que com o brilho de sua inteligência, dedicação e esforço ímpares abriu as portas da Filosofia, e legou aos estudiosos do Direito no Rio de Janeiro a chave da Fenomenologia. Dedico este trabalho com ânimo de discípulo.

APRESENTAÇÃO

Pouco adaptado aos caminhos da Filosofia, enfrentei os mais difíceis obstáculos em minha dissertação de Mestrado em Direito Civil na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 1998, por querer associar em bases ontológicas e racionais dois conceitos jurídicos de origem e natureza diferentes: a pretensão e a situação jurídica. A pretensão (*Anspruch*), de origem alemã, e a situação jurídica (*situation juridique*) francesa, mas bifurcada e consagrada pela literatura italiana (*situazione giuridica*). Embora eu tenha consultado extensa literatura alemã, francesa e italiana, os três mundos de idiomas e idéias permanecem em três órbitas díspares e aparentemente antitéticas. A literatura jurídica conhecida não apresentava solução que levasse a uma conexão ou a outro tipo de relação proposta entre os institutos. Foi nessa ocasião que concluí o quanto era vago e impreciso o dito conhecimento jurídico e o grau de incapacidade dos estudiosos do Direito em buscar e compreender a essência dos conceitos. Fui orientado a seguir os passos do mais notório jurista da área civil dos últimos tempos, o Professor Karl Larenz, da Universidade de Munique, que era, simultaneamente, jurista e filósofo, do jusfilósofo e professor da Universidade de São Paulo Miguel Reale e procurar um professor de Filosofia que se dispusesse a oferecer a contribuição necessária à consecução da pesquisa. Recebi a indicação na Universidade do Rio de Janeiro (Uni-Rio), por iniciativa de um Professor de Filosofia do Direito e na ocasião mestrando em Filosofia, Juan David Posada, de que o então professor já aposentado da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e instituidor do seu programa de pós-graduação em Direito, o Professor Aquiles Côrtes Guimarães, era também professor no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e que poderia proporcionar a orientação das partes insolúveis da dissertação. Vestido de forma bizarra com terno e gravata para um ambiente de despreendimento como o IFCS, segui à procura do Prof. Aquiles Côrtes Guimarães como uma criança desnortada e submetida a uma verdadeira orfanidade intelectual. Do ilustríssimo professor, já nos primeiros momentos de exposição das agruras que vivia, recebi apoio e o alento tão caros naqueles dias de dúvidas e angústias. Desde então, não mais me desvinculei do IFCS e nem da orientação que, de fato, recebi do Professor Aquiles Côrtes Guimarães. A dissertação de Mestrado tornou-se uma original contribuição aos estudos de Direito, ao mesmo tempo uma

inexpugnável barreira à crítica nas Faculdades de Direito, que passaram a considerá-la como uma das principais fontes de uma das duas linhas de orientação sobre a pretensão, a linha de *poder*, mais seguida no Direito Civil, e que se contrapunha aquela outra, já consagrada, mais adotada no Direito Processual Civil, que sustentava a posição de *ato*, como ocorreu na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) e na própria UERJ, ambas nos seus respectivos Programas de Pós-Graduação em Direito Processual Civil (PPGD). A polarização, aliás, poderia ser resumida a partir de um *regressum* ao mundo grego, com o exame da mais simples distinção aristotélica entre *ato* e *potência*. Dado de especial relevância é o de que a dissertação que apresentei à douta congregação da UERJ tornou-se uma reflexão menos afeta ao Direito do que qualquer outra dissertação apresentada no mesmo programa de pós-graduação em Direito Civil, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tributo ao Prof. Aquiles Côrtes Guimarães o sucesso alcançado pelo trabalho, que, publicado como um livro técnico no ano seguinte à sua apresentação, esgotou-se já nos primeiros meses de publicação. Aquela também tornou-se referência em todos os estudos de *pretensão e situação jurídica* nas Faculdades de Direito do país. Retornei ao IFCS para dar continuidade e retribuir, com as minhas impressões, os oito anos de estudos em aulas e leituras de Filosofia que lá desenvolvi. Apresento, agora, à douta congregação da UFRJ, a idéia desdobrada de solução da primeira barreira que enfrentei quando resolvi iniciar os escritos da dissertação supra-referida: a noção de objeto. Fundida e amalgamada pela visão fenomenológica tão decantada pelo Prof. Aquiles Côrtes Guimarães, somada à orientação da *Teoria dos Objetos*, aqui apresentada na noção formulada por um condiscípulo de Edmund Husserl: Alexius Meinong. O retorno às próprias coisas tão trabalhado e polido por Edmund Husserl é apresentado nesta pesquisa, a partir da concepção do objeto, não na perspectiva do sujeito, mas na do objeto em si mesmo.

AGRADECIMENTOS

A numerosos colegas do IFCS, da Universidade do Rio de Janeiro (Uni-Rio), na qual integro o corpo docente, e do Tribunal Regional Federal da 2^a Região, sou grato pela paciência e compreensão por todos os desvios e desatenções perpetradas durante a elaboração desta tese. A todos agradeço e faço aqui menção individualizada a cada um. Tenho, entretanto, uma dívida especial e que precede a qualquer outra com relação ao Professor Doutor Aquiles Côrtes Guimarães pela sua amizade, sábios conselhos e assistência na redação deste trabalho. Sem o seu apoio e orientação teria sido impossível escrevê-lo. Não acredito que a maneira como o professor conseguiu mostrar-se capaz de confiar e assumir os riscos inerentes a uma orientação a um então mestrando de um programa de pós-graduação tão díspar da Filosofia e tão refratário às suas mais profundas indagações, como ocorre com o Direito, pudesse ser factível sem obstáculos. Associadas à tradição e continuidade notória do IFCS a sua autoridade intelectual e confiança inquebrantável foram inolvidavelmente a parcela última para a consecução da obra. Para os outros professores do IFCS com que travei a relação de aluno, o Doutor Emmanuel Carneiro Leão e o Doutor Ricardo Jardim Andrade faço também a consignação dos meus agradecimentos especiais, sem deixar de registrar que, ambos, com sua inteligência incomum, constituíram um verdadeiro marco nas minhas impressões sobre a capacidade de pensar e de compreender do que o homem é dotado. Essas impressões estendem-se aos Professores Doutores Fernando Augusto da Rocha Rodrigues e Gilvan Fogel, com quem tive o prazer de compartilhar momentos determinantes no ambiente intelectual do IFCS. De uma forma singular, agradeço ao Professor Doutor Américo Augusto Nogueira Vieira, da Universidade Federal Fluminense, as interlocuções e críticas, assim como todo o incentivo para a conclusão da tese.

Sou devedor dos bons e operosos préstimos das bibliotecas da Universidade Complutense de Madri, da Universidade de Genebra, da Universidade de Coimbra, da Universidade de Roma *La Sapienza*, e da Universidade da Costa Rica, no exterior; e da Universidade Federal de Minas Gerais, da Universidade de São Paulo, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em nosso país. De todas elas, antigas e prestigiosas, extraí as impressões mais puras e seletas do ambiente acadêmico que as preenche, mas sou especialmente grato pela

urbanidade e atenção a mim dispensadas na ocasião em que solicitei os variados serviços de localização de textos de artigos e livros usados na obra. Sou especialmente grato à Chefe da Biblioteca da Universidade do Rio de Janeiro (Uni-Rio), Mestre em Ciência da Informação, Márcia Valéria Brito Costa, pela extensa quantidade de texto que isoladamente obteve junto a outras instituições e na própria Uni-Rio. Estendo meus agradecimentos à Diretora de Biblioteca do Tribunal Regional Federal da 2^a. Região, Sra. Debora Cordeiro da Costa, pela forma incansável e dedicada com que buscou os textos necessários à pesquisa. Destaco, entretanto, o meu agradecimento à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que com o seu Programa de Pós-Graduação em Filosofia recebeu e proporcionou ao subscritor o que poderia se chamar de o maior tesouro da sua vida acadêmica: o doutoramento em Filosofia.

Agradeço carinhosamente a Dina e a Sônia, da Secretaria da Pós-Graduação de Filosofia do IFCS, pelo empenho e denodo no cumprimento da suas funções institucionais e pela forma elegante e graciosa como conduziram as relações com os alunos do PPGF, especialmente no trato com o subscritor deste agradecimento, e por solucionarem seus mais inusitados problemas, especialmente os que espocaram nos dois primeiros anos de curso. De igual modo, sou grato às professoras Myriam de Filippis e Annette Ursula Runge de Souza, respectivamente de italiano e alemão, pela instrução das suas línguas maternas e pela amizade sincera construída ao longo de quase uma década.

Esta é uma pesquisa que resulta das preleções e seminários do IFCS, especialmente da cátedra do Prof. Aquiles Côrtes Guimarães e de seu seletor corpo docente, assim como dos estudos individuais e singularizados de que lancei mão. Não é uma obra de escola ou formação, pelo que ao IFCS não deve ser imputado qualquer desvio epistemológico, seja de objetivo, seja mesmo de jargão, pois o desafio último do autor é buscar as bases abrangentes e unitárias do conhecimento humano.

Não gostaria de concluir esta parte do texto sem antes agradecer ao advogado Renan Fraga Tostes a assistência técnica de informática e da disposição do texto, ao advogado Manuel Ferreira da Silva a solução das questões técnico-jurídicas que surgiram durante a elaboração da pesquisa, e ao advogado Renato Saldanha Lima a orientação no acesso à internet e pelas infinitas reflexões apresentadas.

Por derradeiro, registro que a semente do meu interesse e o despertar mais remoto do pensamento reflexivo advêm dos meus mais precoces diálogos com um ilustre positivista comteano, meu pai, Walter da Silva Fontes, a quem pretendo dedicar outro estudo, a ser elaborado em época não tão remota e também por mim assinado: uma pesquisa introdutória sobre a *Teoria dos Jetos* – de Pontes de Miranda, cientificista aparentemente surgido do mais romântico positivismo, que se propunha a ser analítica e comparativa com as conclusões do trabalho aqui empreendido, sobre as idéias de Husserl e Meinong, consideradas a partir da filosofia de Franz Brentano.

“A sutileza do pensamento consiste em descobrir a semelhança das coisas diferentes e a diferença das coisas semelhantes”.

Montesquieu

RESUMO

FONTES, André Ricardo Cruz. **A idéia de objeto em Husserl e Meinong considerada a partir da filosofia de Franz Brentano**. Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Objeto é um termo que reoponta freqüentemente na literatura filosófica *incidenter tantum*. Em todas as obras conhecidas, o objeto constitui a própria atitude do filósofo em relação ao mundo e a sua análise é feita a partir da contraposição à noção de sujeito. É dessa forma que os estudos condensam no binômio sujeito-objeto o ponto de partida para as mais diversas modalidades de pensamento. A essa dupla perspectiva, insurgiu-se Alexius Meinong, que se propôs a considerar o objeto não na sua relação com o sujeito, mas na sua própria perspectiva, ou seja: o objeto perante o próprio objeto. Suas conclusões a partir do objeto em perspectiva *principaliter* não são espontâneas, pois remontam à obra de Brentano, de quem foi aluno e em cuja obra inspirou-se para a elaboração da sua teoria. Outro filósofo que também integrou os bancos acadêmicos de Brentano e que alcançou incomparável destaque foi Edmund Husserl. Reputado o mais profundo e original dos filósofos modernos, Husserl buscou caminho diverso ao de Meinong: manteve o objeto na sua relação com o sujeito, concentrou-se na idéia de intencionalidade desenvolvida Brentano, compartilhada por Meinong, e, por fim, partiu para o conhecimento das essências dos fenômenos. Husserl e Meinong se abeberaram das mesmas fontes e inspirações legadas por Brentano, especialmente da idéia de intencionalidade, mas desenvolveram concepções filosóficas diversas, ao tomarem em consideração o *fenômeno* (Husserl) e o *objeto* (Meinong). A identidade de origem permitiu que a obra desses filósofos contenha elementos comuns. Neste trabalho, as concepções de Husserl e Meinong são analisadas e contrapostas a partir das considerações de Brentano quanto àquilo que mais imediatamente dirige-se à consciência: a idéia de objeto.

SUMMARY

FONTES, André Ricardo Cruz. **A idéia de objeto em Husserl e Meinong considerada a partir da filosofia de Franz Brentano**. Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Object is a most used term in the philosophical literature *incidenter tantum*: in all the best known works it constitutes the philosopher's own attitude related to the world and his analysis is the result of a counterposition to the notion of subject. This is the way studies reduce in the binomial subject-object the starting point to the most different ways of thinking. Alexius Meinong did not agree with this double perspective that proposes to considerate the object not related with the subject, but related to the object itself. His conclusions that started with the object in perspective *principaliter* are not expontaneous but refer to Brentano's work, who had been his master and had inspired him to eleborate his theory. Edmund Husserl, another philosopher who had been Bretano's disciple, achieved the highest notability among all other Brentano's disciple. Well known as the most profound and original of the modern philosophers, Husserl went by another track in maintaining object from the perspective of the subject and concentrating in the idea of intentionality extracted from Brentano's lectures that had also inspired Meinong. Husserl and Meinong based their works in Brentano's sources and inspirations, specially the idea of intentionality, but they formulated different conceptions from their master's philosophy. Thinking from the point of view of the *phenomenon* (Husserl) and the *object* (Meinong), it turns possible to demonstrate the different conceptions among Brentano's disciples. On the other hand, it's difficult to understand why the common origin in Brentano hadn't permitted that, in both of them, according points can't be interrelated. In this work Husserl and Meinong's conceptions are analysed and contraposed based on Brentano's considerations about what is immediately directed to the conscience: the idea of object.

ZUSAMMENFASSUNG

FONTES, André Ricardo Cruz. **A idéia de objeto em Husserl e Meinong considerada a partir da filosofia de Franz Brentano.** Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Objekt ist ein Begriff, der häufig in der philosophischen Literatur *incidenter tantum* erscheint. In allen bekannten Werken begründet das Objekt die eigene Einstellung des Philosophen zur Welt und seine Analyse geht von der Gegenüberstellung mit dem Verständnis des Subjekts aus. In dieser Form fassen die Studien im Doppelbegriff Subjekt-Objekt den Ausgangspunkt für die verschiedensten Denkweisen zusammen. Gegen diese doppelte Perspektive lehnt sich Alexius Meinong auf, der sich vornimmt, das Objekt nicht in seiner Beziehung zum Subjekt, sondern aus seiner eigenen Perspektive zu überdenken, d.h. das Objekt dem Objekt selbst gegenüberzustellen. Seine Schlussfolgerungen, die vom Objekt ausgehen, sind dabei aus grundsätzlicher Sicht nicht ursprünglich seine, da sie auf das Werk Brentanos zurückgehen, dessen Schüler er war und von dessen Werk er zur Ausarbeitung seiner Theorie inspiriert wurde. Ein weiterer Philosoph, der ebenfalls seine akademische Lehre bei Brentano vollzog und eine herausragende, unvergleichliche Stellung erreichte, war Edmund Husserl. Als tiefgehendster und originellster der modernen Philosophen geschätzt suchte Husserl einen anderen Weg als Meinong: Er behielt das Objekt in seiner Beziehung zum Subjekt bei, konzentrierte sich auf die von Brentano entwickelte und von Meinong übernommene Idee der Intentionalität und begab sich schliesslich auf den Weg der Erkenntnis des Wesens der Phänomene. Husserl und Meinong nährten sich aus denselben von Brentano hinterlassenen Quellen und Inspirationen, besonders von dem Gedanken der Intentionalität, entwickelten jedoch verschiedene philosophische Konzeptionen, indem sie das Phänomen (Husserl) und den Gegenstand (Meinong) betrachteten. Der gemeinsame Ursprung liess es zu, dass das Werk dieser Philosophen Elemente enthält, die zueinander in Beziehung stehen. In dieser Schrift werden Husserls und Meinongs Konzeptionen analysiert und einander gegenübergestellt, ausgehend von den Erwägungen Brentanos bezüglich dessen, was sich am umgehendsten an das Bewusstsein richtet: der Idee des Objekts.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS:

ANAIS DE FILOSOFIA - Revista da Fundação de Ensino Superior de São João Del-Rei

ANALYTICA - Revista do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro

ARETÉ - Revista de Filosofia do Departamento de Filosofia da Universidade Santa Úrsula

CRÍTICA - Revista de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina

CULTURA - Revista de História e Teoria das Idéias da Universidade Nova de Lisboa

DIANOIA - Anuário de Filosofia

DIOGÈNE - Diogène Revue Internationale des Sciences Humaines

DIÓGENES - Revista Internacional de Ciências Humanas

FRAGMENTOS DE CULTURA - Revista de Filosofia do Instituto de Filosofia e Teologia da Sociedade Goiana de Cultura da Universidade Católica de Goiás

IFCS - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

LIBERTAÇÃO LIBERACIÓN - Revista do Centro de Estudos e de Pesquisas de Filosofia Latino-America

MANUSCRITO - Revista Internacional de Filosofia do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

PENSAMIENTO - Revista de investigación e información filosófica

PRESENÇA FILOSÓFICA - Revista científica de Filosofia editada trimestralmente pela

Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos.

LATINOAMERICA - Revista Latinoamericana de Filosofia

SÍNTESE - Revista Quadrimestral da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus – Centro de Estudos Superiores SJ (BH).

ÍTACA - Ítaca – Revista dos alunos da Pós-Graduação em Filosofia do IFCS-UFRJ

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

USP - Universidade de São Paulo

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UNI-RIO - Universidade do Rio de Janeiro

EUA - Estados Unidos da América

PPGF - Programa de Pós-Graduação em Filosofia (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

PRINCÍPIOS - Revista de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

REVISTA DE FILOSOFIA - Publicação semestral da Academia Brasileira de Filosofia

REVISTA DE FILOSOFIA DE LA UCR - Revista de Filosofia de la Universidad de Costa Rica

PPGD - Programa de Pós-Graduação em Direito (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

REVUE PHILOSOPHIQUE de la France et L'Étranger

RFA - República Federal da Alemanha

RBF - Revista Brasileira de Filosofia

SOFIA - Revista semestral de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

VERITAS - Revista Trimestral de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

UE - União Européia

SUMÁRIO

METODOLOGIA.....	20
INTRODUÇÃO.....	22
PARTE I – A NOÇÃO E A EXTENSÃO DE OBJETO	
§ 1º. Etimologia.....	24
§ 2º. Significado.....	26
§ 3º. Perfil.....	29
PARTE II – O OBJETO NA FILOSOFIA	
§ 1º. As indagações iniciais.....	34
§ 2º. Objeto e conhecimento.....	36
§ 3º. O objeto na Filosofia.....	39
§ 4º. O objeto na Filosofia contemporânea.....	41
PARTE III – HUSSERL, MEINONG E A ORIENTAÇÃO COMUM DE BRENTANO	
§ 1º. Considerações gerais.....	43
§ 2º. A intencionalidade da consciência.....	47
PARTE IV – FRANZ BRENTANO	
§ 1º. Elementos para uma leitura introdutória e fragmentada.....	54
§ 2º. As idéias de Brentano.....	58
§ 3º. Panorâmica do legado de Brentano.....	61
§ 4º. A dupla perspectiva estrutural do psicologismo de Franz Brentano.....	64
§ 5º. Aspectos do objeto no psicologismo de Brentano sob o ponto de vista das suas obras	
I A psicologia de Aristóteles com particular atenção à sua doutrina de <i>noûs poietikós</i>	68
II A psicologia sob o ponto de vista empírico.....	71
III A classificação dos fenômenos psíquicos ou a Psicologia II.....	76
§ 6º. Consciência sensível ou consciência noética ou Psicologia III.....	79
§ 7º. Algumas notas comparativas entre Brentano e Bolzano	81

§ 8º. Brentano e Trendelenburg: a relação docente que indiretamente influenciou Husserl.....83

PARTE V - O PENSAMENTO DE HUSSERL

§ 1º. Introdução.....	86
§ 2º. As bases dos pensamento de Husserl.....	90
§ 3º. A contribuição de Brentano a Husserl.....	92
§ 4º. A evolução do pensamento de Husserl.....	95
§ 5º. A Filosofia da Aritmética.....	97
§ 6º. As Investigações Lógicas.....	102
§ 7º. Lógica formal e transcendental.....	111
§ 8º. Meditações Cartesianas.....	120
§ 9º. Experiência e Juízo.....	126
§ 10. Crise da Ciência européia.....	132
§ 11. Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica I	
I Noções preliminares.....	141
II Introdução geral à fenomenologia pura.....	144
§ 12. Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica II	
I Investigações fenomenológicas sobre a constituição.....	147
II A fenomenologia e os fundamentos da ciência.....	149

PARTE VI – A CRÍTICA DE FINK

§ 1º. Introdução.....	151
§ 2º. A intervenção no terceiro colóquio de Filosofia de Royaumont.....	153

PARTE VII – A CRÍTICA DE FREGE

§ 1º. A filosofia da aritmética.....	156
§ 2º. Experiência e Juízo.....	159

PARTE VIII– PARA UMA ANÁLISE DE OBJETO SEGUNDO HUSSERL.....165

PARTE IX– AS BASES DO PENSAMENTO DE MEINONG

§ 1º. Noções fundamentais.....	168
§ 2º. A formação do pensamento de Meinong.....	170
§ 3º. A contribuição de Brentano a Meinong.....	172

PARTE X – O CONTEÚDO DESCRITIVO DA TEORIA DOS OBJETOS DE MEINONG	
§ 1º. Introdução.....	175
§ 2º. O objeto como objeto.....	178
§ 3º. O objeto como teoria.....	182
§ 4º. Origem.....	186
§ 5º. Classificação dos Objetos.....	188
PARTE XI – A CRÍTICA DE BERTRAND RUSSEL À TEORIA DOS OBJETOS DE MEINONG.....	191
PARTE XII - A FILOSOFIA DE HUSSERL E A SUA CONTRIBUIÇÃO NA OBRA DE MEINONG.....	196
PARTE XIII – HUSSERL E MEINONG E SUAS DIFERENÇAS TEÓRICAS.....	199
PARTE XIV – HUSSERL E MEINONG CONSIDERADOS EM SUAS DISTINÇÕES A PARTIR DA IDÉIA DE OBJETO.....	204
CONCLUSÕES.....	211
BIBLIOGRAFIA.....	231

METODOLOGIA

No estado atual do conhecimento científico, dois são os momentos de toda doutrina crítica: (1) o gnoseológico e (2) o epistemológico. O primeiro (o gnoseológico) considera o dado como objeto do conhecimento. O segundo (o epistemológico), por sua vez, considera o dado como objeto da ciência. De uma maneira mais analítica, diríamos que aquela (1) se refere às condições e aos limites do processo do conhecimento em geral; e essa (2) diz respeito às disciplinas que se aplicam ao conhecimento do dado, em si mesmo e em seus nexos, assim como ao processo metódico de pesquisa.¹

Por abstração, duas ordens podem ser extraídas desses momentos: a primeira, a Gnoseologia, que indaga das condições do conhecimento ao sujeito cognoscente, pertinentes ao sujeito que conhece; e a segunda, a Epistemologia, que indaga das condições pelas quais algo se torna objeto do conhecimento pelo juízo.²

Na estruturação do conhecimento como totalidade integradora, a dupla perspectiva sujeito-objeto é superada pela função maior de alcançar a plenitude do elemento estimativo da realidade a que se visa compreender. As duas concepções abstratamente referidas, a Gnoseologia e a Epistemologia, encontram-se aqui em unidade concreta de descrição dos objetos por conhecer e de formular as teorias científicas que os determinam. Os objetos, considerados como algo que se submete ao conhecimento e à ciência, traduzem, em sua unidade metodológica, o objeto e as teorias que o explicam.³

Essa realidade manifesta-se como a expressão de uma exigência crítica de polaridade, na qual o objeto assume essa perspectiva bifurcada de implicação. Por consequência,

¹ Donati, Benvenuto. *Obbietto di una Introduzione alla Scienza del Diritto*, in *Rivista Internazionale di Filosofia del Diritto*, 1927, p. 139 e seg.

² Reale, Miguel. *Introdução à Filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2002, p. 24.

³ Ferrater Mora, José. *Diccionario de filosofia*. 4ª. ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1958. p. 905.

a junção dessas duas esferas diretivas na descrição da idéia impõe uma unidade funcional de referência daquilo a que se visa conhecer.⁴

Pelo que se depreende disso, enquanto se projeta a idéia final, a ramificação ou justaposição gnoseológica e epistemológica, impreterível uma a outra, torna possível a compreensão hipotética de qualquer matéria. A estrutura dos dados quanto à perspectiva do sujeito e do objeto, todavia, continuam separadas e autônomas. E disso decorre que ambos poderiam firmar marcos próprios, de modo que cada um pudesse ensejar uma própria tratamento. Daí a questão: o objeto sujeita-se a uma particular apreciação, de modo a admitir uma verdadeira e própria ótica dele, considerado em si mesmo, ou seja, o objeto como objeto.⁵

Constitui premissa de toda sistematização de um saber a caracterização e a organização progressiva por meio de um objeto e um método; e isso pode ser o distintivo característico de uma novel teoria que visa a determinar o percurso para sua construção, que é o que encerra o esboço deste ensaio.⁶

⁴ Czerna, Renato Cirell. *O Pensamento Filosófico e Jurídico de Miguel Reale*. São Paulo: Saraiva, 1999, p. 11.

⁵ Miguel Reale, *Introdução à Filosofia*, 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002. p. 37.

⁶ Vieira de Almeida, *Lógica Elementar*, 2. ed. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1961. p. 7.

INTRODUÇÃO

O termo *objeto* evoca, essencialmente, uma relação a alguém, em face de quem o objeto se encontra. A terminologia filosófica rigorosa atém-se a esse sentido relativo da palavra, e, por isso, emprega o vocábulo *objeto*, não como muitas vezes acontece na vida corrente, mas como simples sinônimo de coisa. *Objeto*, em sentido *lato* (1), é tudo aquilo a que se dirige o ato consciente de um sujeito, ou tudo aquilo a que uma faculdade ou atitude psíquica duradoura ou hábito ou também uma ciência pode dirigir-se, ou seja, o fim do ato enquanto tal; por conseguinte, o puro ente em si não é objeto, a não ser enquanto cognoscível, apreciável, tornando-se objeto, de um modo novo, ao ser conhecido, apetecido de fato.⁷

A Filosofia escolástica distingue o *objeto material*, ou seja, o ente concreto total a que se dirige o sujeito, e o *objeto formal*, que se afigura característica peculiar, o aspecto especial (forma) que neste todo se considera aspecto comum a todos os seus objetos e apreendido, ao menos implicitamente, em cada uma das suas participações individuais.⁸ Em sentido restrito, objeto (2) significa não toda e qualquer coisa conhecida ou querida, mas unicamente aquilo que *está diante* do sujeito, com independência deste e ao qual este se deve amoldar. Nesse diapasão, por exemplo, o conhecimento e a vontade criadora de Deus não têm objeto: seu saber pode, antes, qualificar-se de saber no esboço de sua origem.⁹ Sob outro aspecto, o conceito de *objeto* (3) restringe-se ao ente material diretamente identificado pela percepção, ao passo que se denomina não objetivo tudo o que possui condição de sujeito e de pessoa, ou seja, o próprio *eu*, experimentado unicamente na realização de seus atos, e a pessoa do próximo compreendida numa espécie de co-realização de seus atos intencionais. Com essa acepção, o objeto poderia também se relacionar à restrição do seu próprio conceito (4), reduzindo-o a significar o objeto de um puro e desinteressado afã do conhecer.¹⁰

⁷ Mario Bunge, *La relación entre la sociología y la filosofía*. Madri: Edaf, 2000. p. 45.

⁶ Dann Obregon, Ernesto. *Lógica*. 6. Ed. Buenos Aires, Editorial Mundi, 1971, p. 19.

⁹⁹ Ressalvamos que a referência a Deus deve ser tomada como *vox muorta* porque não tem finalidade evocativa e sim didática. Cf. nesse sentido a advertência de Mauro Antonelli, in *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora, 1996. p. 17.

¹⁰ José Ferrater Mora, *Diccionario de filosofía*, 4ª, ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1958. p. 981.

Conquanto se atribua ao sujeito uma unidade final, sobre a qual todo o conhecimento está assentado, haveria de se suscitar acerca do objeto próprio e isoladamente considerado a dignidade de se tornar objeto por si, e, a sua vez, de uma própria ciência. Coube a Alexius Meinong configurar como ciência e batizar toda essa tratção de *Teoria dos Objetos*. Esse raciocínio, contudo, estaria estribado no imaginário impossível, se não houvesse uma tal justificação. Este trabalho propõe-se a demonstrar a existência dessa teoria, batizada de *Teoria dos Objetos*, ou, mais modernamente, a *Objética*,¹¹ e delimitar sua extensão e abrangência.¹²

¹¹ Cretella Junior, José. *Primeiras Lições de Direito*. Rio de Janeiro: Forense, 1995. p.28.

¹² Velarde Mayol, Victor. *La teoría de los objetos em Alexius Meinong*. Pensamento. Madri: n° 180, v. 45, octubre-diciembre, 1989. p. 462.

PARTE I
A NOÇÃO E EXTENSÃO DE OBJETO

§ 1º.

Etimologia

Etimologicamente, *objeto* (do latim: *obiectum*) significa o que é atirado diante, ou posto diante. A palavra objeto resulta do encontro da preposição latina *ob* com o verbo *jacio*, dando o verbo composto *objicio*. Objeto deriva de *objectum*, o particípio passado do verbo *objicio* (infinitivo, *obicere*). *Ob* significa diante, defronte, à vista; e *jacio* quer dizer lançar, atirar, arremessar. Daí o significado de *objicio*, que é propor (pro+por), ou seja: pôr-se diante de algo. E objeto, que é a forma vernácula do substantivo latino formado a partir desse verbo (*objectus*), serve para designar algo que se põe diante de uma pessoa, ou como alvo de alguma atividade sua.¹³

Em sentido figurado, *objicio* significa propor, causar, inspirar (um pensamento ou um sentimento), opor (algo em defesa própria), interpor (como, por exemplo, interpor-se entre o sol e seus raios). Pode-se dizer que, *grosso modo*, objeto (*ob-jectum*) significa o contraposto.¹⁴

Disso resulta que, nas línguas novilatinas mais faladas, encontramos *objet* (francês), *obbietto* e *oggetto* (italiano), *objeto* (português e espanhol). Da mesma forma, o inglês *object*. O vocábulo alemão correspondente, *Gegenstand*, tem semelhante significado: *o que está* (em pé) *diante, em frente*, a preposição *gegen* (contra) e o verbo *stehen* (colocar em pé). O *objeto* evoca essencialmente uma relação a alguém, em face *de quem* ele se encontra.¹⁵

¹³ José Ferrater Mora, *Dicionário de Filosofia*, Barcelona: Hurope. p. 2.603.

¹⁴ De forma análoga como o alemão *Gegenstand*, que se traduz comumente por objeto. Cf. J. Ferrater Mora, *Dicionário de Filosofia*. Barcelona: Hurope, p. 2.603.

¹⁵ Dinamarco, Cândido Rangel. *Fundamentos do Processo Civil Moderno*. 4ª ed., v. 1. São Paulo: Malheiros, 2001. p. 238. Cf. ainda Hoffmeister, Johannes. *Wörterbuch der Philosophischen Begriffe*. 2ª ed. Hamburgo, Verlag von Felix Meiner, 1955. p. 248.

Obiectum quo (objeto pelo que) é na Epistemologia medieval e escolástica, o objeto pelo qual se conhece um objeto. Há de ser entender em oposição a *obiectum quod*, que se refere ao objeto conhecido. Por exemplo, quando uma pessoa sabe o que é uma maçã, a maçã é o *obiectum quod* e seu conceito de maçã é o *obiectum quo*. Isto é, o conceito é instrumental para o conhecimento da maçã, mas ele não é conhecido. Os seres humanos necessitam dos conceitos para ter conhecimento, porque seu conhecimento é receptivo, no que seria diferente de Deus, que seria produtivo, na sua vocação divina. Nessa linha de raciocínio e seguindo a Epistemologia referida, o conhecimento humano é mediato, e o conhecimento divino é imediato.¹⁶

Os filósofos escolásticos crêem que a distinção entre *obiectum quod* e *obiectum quo* acentua a confusão central do idealismo. Segundo os idealistas, o objeto do conhecimento quer dizer o que uma pessoa conhece; é uma idéia. De modo contrário, os escolásticos sustentam que os idealistas confundem o objeto do conhecimento com os meios pelos quais se faz possível o conhecimento humano. O sujeito deve conectar-se com o objeto de conhecimento por meio de algo (*obiectum quo*), mas o que o conecta é o próprio objeto com o qual está conectado.¹⁷

Sob a perspectiva da consciência, o *objeto* e o *fenômeno* obedecem a um tipo de nexo: o da consciência intencional. É que se *fenômeno* é o determinado pela consciência, *objeto* poderá ser tudo que se põe ante a consciência: objetos materiais ou espirituais, concretos ou abstratos.¹⁸ Ou seja: algo que a mente apreende e *concebe*.¹⁹

¹⁶ Alexander P. D. Nourelatos, in *Dicionario Akal de Filosofia*, coord. Por Robert Audi, verbete objeto, trad. de Huberto Marraud e Enrique Alonso. Madri: Ediciones Akal, 2004. p. 718.

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ Menezes, Djacir. *Hegel e a filosofia soviética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1959. p. 99.

¹⁹ Mais além iríamos se o ângulo fosse o do *conceito*: porque dá sua essência ao por ante a consciência opondo-se ao sujeito (*ob-jectum*). Cf. Djacir Menezes, *op. cit.*, *Idem*. p. 100.

§ 2º.

Significado

No § 1º desta obra buscou-se estabelecer as bases etimológicas do *objeto*. Seja do latim *obiectum*, que significa o que é atirado adiante, ou posto adiante, seja pelo vocábulo alemão correspondente, *Gegenstand*, que tem idêntica significação – o que está (em pé) diante, em frente. Evoca, então, o termo objeto *in essentia* uma relação a alguém, em face de quem o objeto se encontra.²⁰

A terminologia filosófica rigorosa atém-se a esse último sentido relativo da palavra, e, por conseguinte, emprega o termo *objeto* não como muitas vezes acontece na vida corrente, como simples sinônimo de *coisa*. Objeto *lato sensu* é tudo aquilo a que se dirige o ato consciente de um sujeito, ou em uma perspectiva de cariz analítico, tudo aquilo a que uma faculdade ou atitude psíquica duradoura ou hábito (*habitus*), ou também uma ciência, pode dirigir-se, ou seja, o fim do ato (da faculdade etc.) enquanto tal. Em desdobramento a tal assertiva, afirmamos que *o puro ente em si não é objeto*, a não ser enquanto cognoscível, objeto de análise, tornando-se objeto, de modo novo, ao ser conhecido, apetecido de fato.²¹

Os escolásticos atribuíram à noção de objeto (*objectum*) vários sentidos. Não se dá exatamente a mesma acepção se se trata de objeto da Metafísica, na Teoria do Conhecimento ou na Ética. Há um sentido comum de objeto em qualquer caso, que é o de termo. Na Metafísica, o objeto é um termo, o fim, a causa final. Na Teoria do Conhecimento, o objeto é o termo do ato de conhecimento, e especialmente a forma, ou seja, como espécie sensível, já como espécie inteligível. Na Ética, o objeto é a finalidade, o propósito, o que se elege, o justo. Aqui nos referimos principalmente ao objeto no sentido metafísico e gnoseológico, com particular atenção a esse último significado.²²

²⁰ Giulio Giorello, *Introduzione alla filosofia della scienza*. Milão: Strumenti Bompiani, 2006. p. 89.

²¹ José Ferrater Mora, *De la materia a la razón*. Madri: Alianza Editorial, 1998. p. 171.

²² J. Ferrater Mora, *Diccionario de Filosofia, op. cit.* p. 2.603.

Ainda com respeito à Filosofia da Escola, denominada Escolástica, insta observar que ela distingue o *objeto material*, ou seja, o ente concreto total a que se dirige o sujeito, e o *objeto formal*, ou seja, a característica peculiar, o aspecto especial (forma), que nesse todo se considera, ou sob a qual esse todo é considerado.²³ Por objeto formal de uma faculdade, de uma ciência, de uma virtude se entende aquele aspecto comum a todos os seus objetos, que pode ser apreendido, ao menos implicitamente, em cada uma das participações individuais de dito aspecto.²⁴ Por outro lado, objeto *stricto sensu* significa não toda e qualquer coisa conhecida ou querida, mas, unicamente, aquilo que *está diante* do sujeito com independência desse e ao qual esse se deve amoldar. Sob outra perspectiva, o conceito de *objeto* restringe-se ao ente material diretamente visado na percepção. E se denomina *não objetivo* tudo o que possui condição de sujeito e de pessoa, *rectius*: o próprio *eu*, experimentado na realização de seus atos, e a pessoa do próximo compreendida numa espécie de co-realização de seus atos intencionais. É nessa acepção que se poderia relacionar a restrição do conceito de objeto de um puro e desinteressado afã de conhecer.²⁵

Se o conhecimento se perfaz por intermédio de uma imagem cognoscitiva inconsciente, importa distinguir entre *objeto* e *conteúdo* do conhecimento. O conteúdo mental é a representação incluída no conceito ou no juízo; o objeto é o ente independente do pensamento (e que transcende), que é entendido por ele. Tomado o conteúdo como sendo o próprio objeto, desembocamos no idealismo epistemológico, para o qual o objeto é um produto do pensamento. À distinção entre o conteúdo do conhecimento e objeto está conexo ao fato de que o *dado* nem sempre coincide com o *objeto*. Denomina-se (imediatamente) *dado* tudo o que se mostra imediatamente sem cooperação consciente do sujeito.²⁶ De maneira que é dado aquilo que vem imediatamente à consciência na percepção dos sentidos externos; isso, porém, segundo a concepção do realismo mediato. não é o objeto exterior em seu próprio ser real, mas o ser interno, a modo de imagem (intencional), no qual o objeto é contemplado. Em um sentido amplo, também se denomina *dado* todo objeto que se contrapõe independentemente ao sujeito

²³ Dann Obregon, Ernesto. *op. cit.*

²⁴ Uma noção atual de objeto formal permeia as opiniões sobre o conhecimento objetivo, exatamente como desafiado por filósofos e cientistas, porque é a *teoria* ou *teorias* que decide o que podemos observar. Cf. a respeito do assunto o confronto de opiniões de Albert Einstein e Karl Popper in Peter Burker, *O que é história cultural?* trad. de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 100.

²⁵ Vittorio de Palma, *Il soggetto e l'esperienza La critica di Husserl a Kant e il problema fenomenológico del trascendentale*. Macerata: Quodlibet, 2001. p. 27.

²⁶ Jacobo Muñoz e Julián Velarde, *Compendio de Epistemologia*. Madri; Editorial Trotta, 2000. p. 167.

cognoscente. É o que acontece quando afirmamos que o nosso conhecimento consiste *em uma assimilação a um objeto pré-dado*.²⁷

A estrutura lógica do juízo não é correspondente de uma estrutura especificamente igual do conteúdo objetivo real: a relação lógica do sujeito e do predicado existe só em nosso pensamento e não *em si*, como pretende o *transcendentalismo lógico*. Certamente, a relação lógica corresponde amiúde ao objeto real (ou ao conteúdo objetivo real). Há relação análoga, por exemplo, de substância e acidente, todavia, o objeto de um juízo não possui, necessariamente, a estrutura de uma relação real. Dizemos, *exempli gratia*, Deus é espírito.²⁸ Mas a essa proposição não corresponde uma relação real entre Deus e seu ser espiritual.²⁹

A forma lógica do juízo é precisamente nosso modo único de pensar e a verdade do juízo não exige que nosso *modo* de pensar se encontre nas coisas, mas somente que o conteúdo ontológico corresponda ao *conteúdo* de pensamento. Os objetos incondicionadamente necessários são (prescindindo da existência real de Deus) meros *conteúdos essenciais*, que em si não denotam ainda a existência real; assim, por exemplo, o objeto de juízo $2 \times 2 = 4$ não pressupõe que 2×2 exista realmente em algum lugar, mas indica, tão-somente, que a essência 2×2 traz consigo necessariamente a relação $=4$, de sorte que, sempre que se realizem 2×2 , necessariamente, o resultado será 4.³⁰ Os objetos contingentes existem só na medida em que, em certo momento, lhes sobrevêm a existência real, e, freqüentemente, se lhes dá também o nome de fatos. A assertiva, segundo a qual ao juízo negativo verdadeiro corresponde *um objeto negativo existente em si*, é equívoca; o juízo negativo é verdadeiro, precisamente quando o objeto nele negado *não existe* na ordem de ser. É contraditório atribuir ao negativo um *ser-em-si*, porque o negativo *existe* só em nosso pensamento.³¹

²⁷ Mario Bunge, *Epistemologia*, Buenos Aires: Siglo XXI, 2004. p. 54

²⁸ Não obstante o pendor (ou fervor) de Brentano para as questões teológicas, o termo Deus é tomado no texto e na referência como *vox mortua*, pois não é objeto desta pesquisa, nem como tema principal, nem incidente.

²⁹ Juan Martín Velasco, *Introducción a la fenomenología de la religión*, 7ª. ed. Madri: Editorial Trotta, 2006. p. 45.

³⁰ Sobre o assunto cf. Adolf Reinach, *I fondamenti a priori del diritto civile*. trad. do alemão para o italiano por Daniela Falcioni, Milão: Giuffrè, 1990. p. 22.

³¹ Walter Bruger, *Dicionário de Filosofia*, trad. de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Herder, 1962. p. 381.

§ 3º.

Perfil

Se algo é percebido por meio do conhecimento sensitivo externo será reputado *objeto*. O *objeto* é visto, normalmente, como algo de natureza material, ou seja: é um fenômeno indefectivelmente referido ao espaço e ao tempo reduzido a um *hic et nunc* (aqui e agora) limitador e essencialmente ligado ao aparecer material. O fato de algo ser objeto material não significa, necessariamente, que seja (fisicamente) real. Pode ser qualquer objeto do conhecimento.³²

Esse conhecimento origina-se, sempre, de um órgão animado, por cujo intermédio o sujeito realiza seu primeiro descobrimento do mundo, de maneira que o *objeto formal* desse conhecimento é sempre particular, determinado no devir, *in fieri*, material, sensível, ligado a uma propriedade de ordem física e a imprescindível modificação de um órgão.³³ Nesse aspecto, a atividade do objeto é *máxima* e a do sujeito é *mínima*, e por isso se pode afirmar que é nessas características do objeto que se assenta a fonte original de toda experiência e do vínculo primeiro e vital com a realidade.³⁴

O objeto formal e o objeto material são habitualmente considerados como o próprio objeto do conhecimento (*objecta scientiae*). O objeto formal (*formaliter acceptum*) é o alcançado diretamente e essencialmente (ou naturalmente) pelo poder ou ato em uma perspectiva tomística. Por meio do objeto formal se alcança o objeto material (*materialiter acceptum*), o qual é simplesmente o termo que desponta o poder ou o ato de conhecimento, por meio do objeto formal. O objeto material é indeterminado e sua determinação opera-se por meio do objeto formal. O objeto formal pode ser objeto formal *quod*, quer dizer, objeto que se alcança ante todo, por si e diretamente, e o objeto formal *quo* quer dizer o objeto formal enquanto é conhecido. A diferença entre objeto formal e material funda-se na distinção entre o conhecido enquanto

³² J. Ferrater Mora, *Dicionário de Filosofia*, op. cit., p. 2.604.

³³ Dann Obregon, Ernesto. *Lógica*, 6ª ed. Buenos Aires: Editorial Mundi, 1971. p. 19.

³⁴ Héctor D. Mandrioni, *Introducción a la filosofía*. Buenos Aires: Editorial Kapelus, 1964. p. 61.

conhecido e o objeto do conhecimento. Deve-se atentar para o fato de que, em algumas ocasiões, o objeto material é chamado também de sujeito, enquanto se expressa logicamente um termo no qual se predica algo.³⁵

Esse conhecimento inicial não consiste em um choque mecânico com a realidade, ou o mero processo químico ou fisiológico, nem é tampouco uma idéia debilitada ou confusa. *Per viam consequentie*, o sujeito é possuidor de algo da realidade exterior, mas o sujeito cognoscente não é possuidor do todo; é o primeiro a estar aberto e a co-nascer à realidade, mas sem possessão consciente dessa realidade, pois o sujeito não deduz, não constitui, nem infere, nem mesmo cria o objeto, ao contrário, é constituído e determinado pelo dado.³⁶

Segundo o patamar do desenvolvimento da cognição, podem também ser investigados fenômenos cuja essência seja já conhecida em certo grau. Nesse caso, dá-se o conhecimento das leis principais e mais gerais do objeto, cuja essência se chega a descobrir com maior profundidade, e o conhecimento avança de uma essência de primeira ordem. Por outra parte, a medida que progride o saber acerca de um objeto, são descobertas novas facetas que se convertem em objeto de conhecimento.³⁷

Distintas ciências sobre um mesmo objeto possuem diferentes objetos de conhecimento (por exemplo, a anatomia estuda a estrutura do organismo; a fisiologia, as funções dos órgãos; a patologia, as enfermidades etc.). O objeto do conhecimento é objetivo no sentido de que seu conteúdo é independente de cada homem e da humanidade. Em cada caso particular, a eleição que faz o homem dos conhecimentos, pode, aparentemente, ser arbitrária e subjetiva, mas em último termo está determinada pelas necessidades e o nível de desenvolvimento da prática social. O objeto do conhecimento pode estar ou não estar imediatamente dado nos sentidos. Nesse último caso, estuda-se através das suas manifestações. Em sua totalidade e desenvolvimento, o objeto chega a ser conhecimento pelo movimento do pensar, que vai do abstrato ao concreto. O próprio processo de cognição pode ser objeto de conhecimento.³⁸

³⁵ J. Ferrater Mora, *Dicionário de Filosofia, op. cit.* p. 2.604.

³⁶ *Idem.*

³⁷ Cf. Jacobo Muñoz y Julián Velarde *Compendio de epistemologia*. Madri: Editorial Trotta, 2000. p. 427.

³⁸ Cf. João Branquinho, Desidério Murcho e Nelson Gonçalves Gomes, *Enciclopédia de termos lógicos-filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 557.

Faz-se necessária uma explicação filosófica do conhecimento humano dirigido ao objeto com um escrupuloso exame dessa figura, partir de uma observação e descrição. O que chamamos conhecimento, esse peculiar fenômeno da consciência, deve ser necessariamente observado com rigor e descrito com exatidão. Fazemos de modo a procurar apreender os traços gerais essenciais desse fenômeno da consciência, por meio da auto-reflexão sobre aquilo que vivemos quando falamos do conhecimento. Esse método chama-se *fenomenológico* e é distinto do *psicológico*, pois enquanto esse último investiga os processos psíquicos concretos, no seu curso regular e a sua conexão com outros processos, o primeiro se destina a apreender a essência geral do fenômeno concreto. Insta considerar, entretanto, que *in casu* não se descreverá um processo de conhecimento determinado, não se estabelecerá o que é próprio de um conhecimento determinado, mas, sim, o que é essencial a todo o conhecimento, em que consiste a sua estrutura geral.³⁹

Se empregarmos esse método, o fenômeno do conhecimento se nos apresenta nos seus aspectos fundamentais de maneira perfeitamente distinguível.⁴⁰ No conhecimento encontram-se, frente a frente, a *consciência* e o *objeto*, o *sujeito* e o *objeto*, e, por essa razão, se pode dizer que o conhecimento apresenta-se como uma relação entre esses dois elementos, que nela permanecem eternamente separados um do outro, o que nos leva a concluir que o dualismo, sujeito e objeto, pertence à essência do conhecimento.⁴¹ A relação entre os dois elementos é o que se poderia chamar de uma *correlação*, pois o sujeito só é sujeito para um objeto e o objeto só é objeto para um sujeito e, para ambos, eles só são enquanto o são um perante o outro. Mas essa correlação não é reversível, uma vez que a função do sujeito é apreender o objeto e a do objeto a de ser apreendido pelo sujeito.⁴²

Vista pelo lado do *sujeito*, essa apreensão apresenta-se como uma saída do sujeito para fora da sua própria esfera, uma invasão da esfera do objeto e uma absorção das propriedades desse último. Sendo assim, o objeto não é arrastado para dentro da esfera do sujeito, mas permanece, sim, transcendente a ele e não *no objeto*, mas *no sujeito* alguma coisa se altera em

³⁹ Johannes Hessen *Teoria do conhecimento*, trad. de António Correia, 7^a. ed. Coimbra: Armênio Amado- Editor, Sucessor. p. 25.

⁴⁰ Cf. Nicolai Hartmann na sua importante obra *Fundamentos de uma Metafísica do Conhecimento*.

⁴¹ Consciência que se vê e se trata no sentido mais tradicional, ou seja, como a apreensão de certos estados do organismo. Cf. nesse sentido: João Paulo Monteiro, *Realidade e cognição*. São Paulo: Unesp, 2006. p. 59.

⁴² Jacobo Muñoz e Julián Velarde, *Compendio de Epistemologia*. Madri: Editorial Trotta, 2000. p.572.

resultado da função do conhecimento. Isso porque no sujeito surge algo que contém as propriedades do objeto, surge uma *imagem* do objeto.⁴³

Pelo lado do *objeto*, o conhecimento representa uma transferência das suas propriedades para o sujeito: o que transcende do sujeito para a esfera do objeto corresponde ao que transcende do objeto para a esfera do sujeito. São ambos somente aspectos distintos do mesmo ato, embora nele o objeto predominasse sobre o sujeito, de maneira que o objeto é o determinante, o sujeito é o determinado. O conhecimento pode definir-se, por último, como uma *determinação do sujeito pelo objeto*, embora o determinado não seja o sujeito, pura e simplesmente, mas apenas a imagem do objeto nele. Essa imagem é objetiva, na medida em que leva, em si, os traços do objeto.⁴⁴

Por ser o conhecimento uma determinação do sujeito pelo objeto, não há dúvida que o sujeito se conduz *receptivamente* perante o objeto. Essa receptividade não significa, contudo, passividade, mas ao contrário, pode falar-se de uma atividade e espontaneidade do sujeito em relação ao conhecimento. Ela não se refere, naturalmente, ao objeto, mas sim à imagem do objeto, no que a consciência pode muito bem participar, contribuindo para a sua elaboração. Demais disso, a receptividade perante o objeto e a espontaneidade perante a imagem do objeto no sujeito são perfeitamente compatíveis.⁴⁵

Ao determinar o sujeito, o objeto mostra-se independente dele, *transcendente* a ele, de maneira que todo o conhecimento designa um objeto, que é independente da consciência cognoscente. O caráter transcendente é próprio, enfim, de todos os objetos reais e ideais e a esse respeito chamamos real a tudo o que nos é dado pela experiência externa ou interna, ou dela se infere. Os objetos ideais apresentam-se, pelo contrário, como irrealis, como meramente pensados; já objetos ideais são, por exemplo, os objetos da matemática, os números e as figuras geométricas. Pois bem: o interessante é que também esses objetos ideais possuem um ser em si, ou transcendência, no sentido epistemológico. As leis dos números, as relações que existem, por exemplo, entre os lados e os ângulos de um triângulo são independentes do nosso pensamento

⁴³ Hessen, *op. cit.*, p. 26.

⁴⁴ Hessen, *op. cit.*, p. 27.

⁴⁵ *Idem*, p. 28.

subjetivo, no mesmo sentido em que o são os objetos reais e, apesar da sua irrealidade, fazem-lhe frente como algo em si determinado e autônomo.⁴⁶

Há uma contradição entre a transcendência do objeto ao sujeito e a correlação do sujeito e do objeto apontada anteriormente. Essa contradição, todavia, é apenas aparente, pois somente enquanto é objeto do conhecimento é que ele, objeto, se encontra incluso na correlação. A correlação sujeito-objeto só é inseparável dentro do conhecimento; mas não em si mesma, uma vez que o sujeito e o objeto não se esgotam no seu ser de um para outro, pois têm, além disso, um ser em si.⁴⁷

Se a relação do sujeito com o objeto é *incindível* no curso do processo de conhecimento, da mesma forma também é *irreversível* porque, uma vez estabelecido o conhecimento, não será mais possível deixar de considerá-lo. Na ação, o objeto não determina o sujeito, mas sim o sujeito o objeto, pois aquele já não se conduz de forma receptiva, mas sim espontânea e ativamente, enquanto que esse se conduz passivamente, no que nos leva a concluir que o conhecimento e a ação apresentam, de forma conclusiva, uma estrutura completamente oposta.⁴⁸

⁴⁶ *Ibidem.* p. 28.

⁴⁷ Hessen, *op. cit.*, p. 29.

⁴⁸ Bunge, *op. cit.* p. 46.

PARTE II

O objeto na Filosofia

§1º.

As indagações iniciais

O ingresso da indagação filosófica sobre os objetos, no estado atual do conhecimento, inicia-se segundo um elemento de valoração quantitativa, o objeto que produz sensações e que é de natureza extensiva, e, portanto, mensurável. Como coisa que se oferece à visão, o objeto se prende ao seu aspecto mais ingênuo: o que está submetido apenas à percepção sensível. Em termos mais precisos, as sensações extraídas de um objeto sensível se limitam a considerá-lo como coisa. Dessa forma, a relação do sujeito com o objeto está restrita ao que se achava perante o sujeito. O objeto travaria, em verdade, com o sujeito que o percebe uma relação real, de representação.⁴⁹

O conhecimento do objeto estaria limitado ao que as sensações externas nos mostram, segundo uma afirmação objetiva. Essa afirmação corresponderia, precisamente, aquele sentimento subjetivo (do sujeito) de afirmação do objeto. Essa é a tendência natural; mas essa objeção dos nossos estados nem sempre é legítima. O que significa dizer que somente quando a objetivação tem caráter universal, quando todos a reconhecem, é que alcançaria alguma objetividade de afirmação legítima.⁵⁰

Demais disso, a ilusão (individual ou coletiva) pode conduzir a objetivação, a uma percepção não científica, ou seja, sem qualquer acordo com a lei geral das ciências. Essa objetivação teria mais em valor subjetivo, sem ser geral, sem ser universal, sem cientificidade e muito longe de resolver o que significa objeto.⁵¹

⁴⁹ Para uma introdução do dualismo sujeito-objeto cf. Georg Simmel, *Problemas fundamentales de la filosofia*, trad. de Susana Molinari e Eduardo Schulzen. Andaluzia, 2006. p. 23

⁵⁰ Cf. Mario Bunge, *A caza de la realidad La controversia sobre o realismo*. Barcelona: Gedisa, 2007. p. 106.

⁵¹ Mario Bunge, *Emergência y convergência Novedad cualitativa y unidad del conocimiento*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 31.

Um dos elementos cardiais da diferença que separa o homem do resto de toda criação material é o que se chama de expansividade: a gama superior das suas atividades e a maior amplitude dos seus horizontes em relação aos demais seres vivos.⁵²

Podemos isolar mentalmente as partes integrantes da consciência com o objetivo de realizar o estudo do objeto, e essas partes juntas influenciam-se reciprocamente e interferem na percepção do objeto, que é o elemento de exame. Temos que lembrar que o homem é um ser dotado de sensibilidade do mundo externo, além de sua capacidade cognoscente e que o processo de conhecimento produz-se sempre sobre um fundo de sentimento e emoção. Mesmo que consideremos o conhecimento sensorial (externo) e o intelectual (interno) como processos separados, são eles manifestações indissociáveis, como lados diferentes de uma mesma moeda. E o ponto de partida para o conhecimento humano sempre foi a sensação, os sentidos externos, de ver, ouvir, sentir, cheirar, tocar e outros que signifiquem canais pelos quais as coisas que estão ao alcance desses mesmos sentidos e, via de consequência, fora do homem, cheguem até ele.⁵³

⁵² D.J. Sullivan, *Fundamentos de filosofia*, trad. de Gonzalo Gonzalvo Mainar. Madri: Morata, 1920. p.89.

⁵³ *Idem*, p. 97.

§2º.

Objeto e conhecimento

Todo conhecimento constitui o mais simples ato do espírito, e muitos serão os conhecimentos que contenham em si uma multiplicidade de pontos ou apenas uma unidade.⁵⁴ Uma espécie de realidade ou muitas espécies de realidades constituem a mais essencial das evidências a que chega a Filosofia. Parece um ponto de vista limitado ou estreito, mas saber se é um ou se são vários os objetos do conhecimento constitui a mais primordial das distinções.⁵⁵

Essas espécies de realidades são as regiões da realidade ou esferas da realidade para conhecer. Dentre essas esferas podem ser distinguidas sub-realidades, que, por sua vez, se desdobram em outros conhecimentos. Dessas, a mais conhecida é a forma real ou imaginária dos objetos.⁵⁶

Tudo aquilo que pode existir, pensar-se, falar-se ou ser objeto de uma associação. O mais básico, abstrato e geral de todos os conceitos filosóficos é, portanto, indefinível. Assim, a classe de todos os objetos é a máxima classe. Os objetos podem ser indivíduos ou colecionadores, concretos (materiais) ou abstratos (ideiais), naturais ou artificiais. Por exemplo, as sociedades são objetos concretos enquanto os números são abstratos; as células são objetos naturais e as palavras são artificiais.⁵⁷

Por objeto do conhecimento entendemos tudo o que possa ser sujeito de um juízo e enquanto é um sujeito de um juízo. O pleno sentido dessa noção surge a partir da idéia de objeto na sua ontologia. E é a ontologia que encerra, no seu sentido, a Teoria dos Objetos, considerados em seu mais amplo sentido. Trata-se de teoria destinada a investigar o *tipo* de objeto e o pleno

⁵⁴ José Babini, *Origen y naturaleza de la ciencia*. Buenos Aires: Espasa, 1947. p. 29.

⁵⁵ Wesley Salmon, Nancy Cartwright, Theodore Mischel e Bas C. van Fraanssen, *Spiegare e comprendere Saggi sulla spiegazione scientifica*, trad. De Diana Sartori, Luigi P. Zorzto e Ivaldo Vermelli. Pádua: Spazio Libri Editori, 1992. p. 21.

⁵⁶ José M. Alejandro, S. J., *Gnoseología de la certeza*. Madri: Gredos, 1965. p. 21.

sentido dessa concepção segue a partir da idéia de determinação. Determinação entendida aqui não como uma propriedade, pois propriedade é uma determinação que se converte sempre em objeto. Disso resulta que a determinação não é muito mais ampla que a simples propriedade.⁵⁸

Os objetos do conhecimento são conceitos e não coisas, se forem tratados na perspectiva idealista, pois tudo o que se pode conhecer seriam simples idéias, e não se poderia saber se existe ou não algo. De maneira que, para os idealistas, toda a realidade está integrada pela mente e os pensamentos que decorrem dela. Já para os realistas, a apreensão simples das coisas chega a nós de várias formas, em muitos aspectos inteligíveis.⁵⁹

O ponto central das investigações do objeto está baseado em duas atitudes opostas: a *objetivista* e a *subjetivista*. De acordo com essa dualidade, o conhecimento parte da percepção de um objeto *per se* ou de uma atitude de um sujeito. Se a perspectiva fosse a *objetivista*, os objetos existiriam de forma objetiva ou autônoma, o que equivaleria declarar que não estariam condicionados aos juízos estimativos do sujeito. Contra essa perspectiva há a *subjetivista* que faz depender o objeto da existência de uma atitude humana, entenda-se do sujeito.⁶⁰

Ambas as concepções encontram variantes conhecidas e importantes, mas, neste momento, dois elementos do juízo que se forma a respeito do objeto serão considerados:⁶¹

- (a) o *objeto* ao qual se refere o conhecimento;
- (b) o *sujeito* que o conhece.

O ato pelo qual o sujeito capta a forma inteligível de algo, em primeiro grau de conhecimento, chama-se de apreensão simples; simples porque o intelecto se limita a receber a coisa, sem afirmar ou negar nada acerca dela.⁶²

⁵⁷ Manuel Gonzalo Casa, *Introducción a la filosofía*, 3ª. ed. Madri: Gredos, 1967. p. 71.

⁵⁸ Aloys Muller, *Introducción a la filosofía*, trad. de José Gaos, 2ª ed. Buenos Aires: Espasa, 1940. p.41.

⁵⁹ D. J. Sullivan, *Fundamentos de filosofía*, trad. Gonzalo Gonzalvo Mainar. Madri: Ediciones Morata, 1920. p. 101.

⁶⁰ P. B. Medawar, *Induzione e intuizione nel pensiero scientifico*. trad. de Triete Valdi. Roma: Editore Armando, 1970. p. 37.

⁶¹ Carl G. Hempel, *La formazione dei concetti e delle teorie nella scienza empirica*, 3ª. ed. trad. de Alberto Pasquinelli. Milão: Feltrinelli Editore, 1976.

⁶² Manuel Gonzalo Casas, *Introducción a la filosofía*, 3ª ed. Madri: Gredos, 1967. p. 219.

A união da forma intencional com o intelecto que dela resulta, de modo a por em manifesto o ato de conhecer o objeto, na sua perspectiva ideal ou real, é que constitui o tema central das discussões deste trabalho.

§3º.

O objeto na Filosofia

Na Filosofia clássica, com exceção dos sofistas⁶³ e dos céticos,⁶⁴ não se apresenta, em linha de princípio, o problema dos objetos do conhecer, especialmente quanto à sua capacidade de adequar as coisas.⁶⁵ Para Aristóteles, a alma é faculdade do conhecimento, no ato no qual conhece, torna ou transforma, de certo modo, todas as coisas, isto é, realiza aquilo que em seguida será chamado de identidade intencional entre sujeito cognoscente e realidade desconhecida, não importando em que nível de aprofundamento.⁶⁶ No pensamento medieval, põe-se a atenção sobre o fato de que a atividade da nossa faculdade cognoscitiva é tal, por terminar em um produto interno a alma, que conhece a realidade abstraindo dela as espécies sensíveis e elaborando as espécies inteligíveis em representação dessa realidade objetiva (Tomás de Aquino fala de uma *repraesentatio rei*: representação da coisa).⁶⁷ Distingue-se assim (por exemplo, com G. Duns Scott) entre um objeto que é segundo ele mesmo, mas não pode estar presente no nosso intelecto, e a espécie que no intelecto nele se faz ver.⁶⁸

Descartes operou uma genial simplificação desses problemas, fazendo da consciência mesma o fundamento da evidência de si e dos próprios objetos de pensamento.⁶⁹ Depois de Descartes nos percursos do fenomenismo (seja racionalizado, seja empírico), firmou-se reconhecimento da relação entre o intelecto e os próprios objetos.⁷⁰ O objeto poderia ser designado como uma sensação ou um sentimento ao qual se caracterizaria o *eu penso*, ou uma

⁶³ F. Adorno, T. Gregory, V. Verra, *Storia della Filosofia*, v. 1. Roma-Bari: Laterza, 1981. p. 181.

⁶⁴ *Idem*.

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ *Ibidem*.

⁶⁷ Giovanni Reale, Dario Antiseri, *Il pensiero occidentale dalle origini ad oggi*, v.1, 21ª ed. Brescia: Editrice La Scuola, 1998. p. 491.

⁶⁸ *Idem*.

⁶⁹ Nesse sentido a IV Parte do Discurso do Método, *op. cit.*

⁷⁰ *Idem*. Tudo em coerência com o seu mecanicismo subjetivista, pois Descartes sabidamente admite dois graus de ser: o espírito e a matéria. Segundo ele a realidade é redutível a conceitos puramente mecânicos (posição, movimento, impulso etc.), e todo acontecimento comporta uma explicação mediante leis mecânicas e, portanto, calculáveis. É subjetivista porque o dado último e o ponto de partida necessário da Filosofia é o pensamento. Deve ser lembrado que Descartes era adversário declarado da lógica formal, por não reconhecer a intuição intelectual, mas tão-somente percepção sensível das coisas individuais. Além disso, era um nominalista. Cf. a análise das idéias de Descartes in *A filosofia de Descartes*, John Cottingham, trad. de Maria do Rosário Sousa Guedes. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 111.

imagem do meu espírito e não, necessariamente, um objeto que exista realmente no mundo. O resultado foi a ampliação da potência do *cogito* a muito além dos limites nos quais Descartes o tinha tomado.⁷¹

Kant circunscreve o conhecimento objetivo às coisas pelas quais nos vem oferecido o material da sensibilidade.⁷² É nessa perspectiva que Deus, a alma e o mundo como totalidade vêm excluídos de tal conhecimento, enquanto o universo físico-matemático nos entra em pleno título e o modo moral se dota de um nível de objetividade entendida como universalidade da razão.⁷³

⁷¹ *Ibidem*. O *cogito* de Descartes lhe assegurava o acesso à realidade, e *pari passu*, entre o espírito e a matéria ele estatua uma relação de causa e efeito. Cf. Husserl nas *Meditações* chamou a atenção disso.

⁷² Cf. *Crítica da razão pura*. p. 111.

⁷³ Apelamos ao exemplo em respeito ao raciocínio original e não por sua invocação considerada em atitude meramente didática e novamente rechaçamos como o fizemos em nota anterior que Deus não é tomado como nenhuma entidade. Cf. nesse aspecto D.J. Sullivan, *Fundamentos de filosofia*, trad. Gonzalo Gonzalvo Mainar. Madri: Ediciones Morata, 1920. p. 53.

§4º.

O objeto na Filosofia contemporânea

É na Filosofia contemporânea que as questões relativas ao objeto alcançam, com maior precisão, os objetivos deste trabalho. Franz Brentano, que pode ser qualificado como a mais expressiva e característica das personalidades a por em discussão, em linha originária e inicial, o problema do objeto na contemporaneidade filosófica, preocupa-se em determinar a partir da diferença entre fenômenos psíquicos e físicos, sob a perspectiva da intencionalidade, na caracterização de um objeto (que talvez hoje melhor se chamasse de relação com um conteúdo). Desse modo, provoca as concepções fenomenológicas de Edmund Husserl convencionadas a partir de *essências*. E, finalmente, Alexius Meinong, que não apenas aprofunda a doutrina de intencionalidade e a descrição dos fatos psíquicos proposta por seu mestre Brentano, mas também as modifica radicalmente ao afirmar que o objeto distingue-se do ato que o percebe, e, foi por isso, necessária a concepção de uma teoria, a *Teoria dos Objetos*. Segundo Meinong a *Teoria dos Objetos* deveria analisar os vários tipos de objetos, estudando as relações entre eles e os respectivos atos psíquicos, o que seria uma ciência mais universal, que incluiria, em seu âmbito, tudo aquilo que pode ser percebido pelo pensamento, independente de sua condição ontológica.⁷⁴ Assim, os diversos atos psíquicos possuem objetos que lhe são próprios e, desse modo, à representação do juízo, ao sentimento e ao desejo correspondem outros tantos tipos de objetos.⁷⁵

Uma ontologia entendida como teoria ou descrição geral dos objetos, destinada a estabelecer uma (nova) organização do conhecimento, foi, sem dúvida, uma tarefa desencadeada por Franz Brentano. Conquanto não tenha Brentano batizado a sua filosofia como sendo uma *Teoria dos Objetos*, foi ele que concebeu a gênese da descrição dos conteúdos intencionais da consciência. Seu discípulo Husserl não concluiu ou elaborou os pormenores do

⁷⁴ São contados os seguintes autores que tiveram Brentano como mestre: o próprio Husserl (Viena 1884-1886), Meinong (Viena 1875-1878), Carl Stumpf (Würzburg 1866-1870), Christian von Ehrenfels (), Kazimierz Twardowski (Viena 1885-1889), Anton Marty (Würzburg 1866-1870), Alois Höfler (), Tomás Masaryk () e Sigmund Freud ().

⁷⁵ Meinong, Alexius. *Théorie de L'Objet et Présentation Personell*. Trad. francesa do alemão por Jean-François Courtine e Marc de Launay. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin. 1999, p. 81-82

que seria a arquitetura definitiva da Filosofia, a partir do objeto, de uma forma nominada e declarada, embora sejam os objetos integrantes dos princípios diretivos da Fenomenologia. A Fenomenologia é vocacionada a ser tornar, em certo sentido, uma ciência preliminar para a noção dos objetos que estão ante o sujeito. É digno de nota que não só em Husserl esse fenômeno se manifestou, pois outros filósofos de seu tempo - discípulos como Stumpf ou Charles Sanders Peirce de Brentano - tomaram ou enriqueceram os aportes de sua filosofia a partir da idéia de objeto. É verdade que o pensamento profundo e apurado de Husserl muito se destacou e se distanciou dos outros filósofos, o que torna a sua filosofia muito avançada em relação à qualquer outra citada. Coube a Meinong, entretanto, constituir, de forma estrita, a *Teoria dos Objetos*, cujos materiais e conclusões, é bom que não se olvide, são utilizados até hoje por todos os fenomenólogos.⁷⁶

São essas questões que, em espaço único e em apertada síntese, permitem colher o objeto, entendido como o próprio situar-se para conhecer algo. Ou, mais propriamente: tudo aquilo que se está por conhecer.

⁷⁶ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora Editrice, 1996. p. 47.

PARTE III
 HUSSERL, MEINONG E A ORIENTAÇÃO COMUM DE BRENTANO

§ 1º.

Considerações gerais

A filosofia de Edmund Husserl é, tal como a de Alexius Meinong, derivada da doutrina de Franz Brentano,⁷⁷ professor de ambos na Universidade de Viena. Brentano retomou o conceito escolástico da *intencionalidade* e o reformulou, a partir de uma outra concepção mais moderna e precisa, da qual Edmund Husserl serviu-se para estruturar a sua formulação teórica, que denominou de Fenomenologia.⁷⁸ Inspirada no mestre comum, a *Teoria dos Objetos*, elaborada por Alexius Meinong, em muitos aspectos assemelha-se à Fenomenologia, que é, indiscutivelmente, mais importante e seguida por um movimento ao qual se associaram eminentes representantes, inicialmente na Alemanha e mais tarde em todo o mundo. E a isso se soma o fato de que Husserl foi capaz de orientar as bases de uma outra escola filosófica de grande expressão: o Existencialismo.⁷⁹ A influência de Husserl também espalhou-se por outras direções, dentre as quais se destaca o Realismo inglês, do qual G. E. Moore é o mais proeminente representante, e, de forma diferenciada, na Metafísica de Nicolai Hartmann.⁸⁰

⁷⁷ Conquanto tenha excedido grandemente a ambos, em verdade, Husserl valeu-se não só da Filosofia de Franz Brentano, mas, também de outros filósofos, como, por exemplo, do Psicólogo Carl Stumpf. Cf. Sokolowski. *Op. Cit.* p. 223.

⁷⁸ A influência de Franz Brentano não se limitou aos dois ilustres filósofos citados e nem mesmo à Filosofia, já que participou dos estudos de Sigmund Freud, como seu professor na Universidade de Viena. Brentano influenciou o conhecido pai da Psicanálise, como revela sua correspondência, pelos cinco cursos que fez com Brentano, ao ponto de questionar seu próprio ateísmo, em razão dos argumentos do mestre, e por considerar a possibilidade de um duplo doutoramento de modo a compatibilizar a Filosofia com as ciências naturais positivas, mas sem as contribuições específicas de Brentano à Fenomenologia. Cf. Renato Mezan *in Viena e as origens da psicanálise* e Carlos Doinh *in Literatos e filósofos de língua alemã em Freud*, ambos integrantes da obra coletiva coordenada por Marialzira Perestrello *A formação cultural de Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 89 e 204, respectivamente. Confira ainda Roger Dadoun, *Freud*. Trad. de José Afonso Pedrosa de Oliveira. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986. p. 52. Peter Gay, *Freud*, trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 43, 45 e 477.

⁷⁹ Xavier Tilliette, *Breve introduzione allá fenomenologia husserliana*, trad. de Enrico Garulli. Lanciano: Editrice Itinerari Lanciano, 1993. p. 118.

⁸⁰ Meinong, como exposto adiante, também influenciou Moore, o que se constata na principal obra desse autor *Principia Ethica*, na qual os seus princípios teóricos fizeram-se presentes de forma inegável e inequívoca. Husserl também foi inspirado pela obra de Meinong, como reconhecem diversos estudiosos de sua doutrina. Cf. I. M. Bochenski, *A filosofia contemporânea ocidental*, trad. de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: E.P.U., 1975. p.

Faz-se necessária, para a adequada compreensão do tributo de Husserl à Filosofia hodierna, retornar aos albores do Século XXI.⁸¹ No movimento filosófico iniciado nas primeiras décadas do século passado por Husserl já existiam diferentes tendências, as quais, com efeito, poderiam ser reduzidas a dois grupos: um representado pelo próprio Husserl, que pela experiência fenomenológica pretendia chegar a uma filosofia das essências; e outro, capitaneado por Heidegger, que se valendo do mesmo método, com alguns ajustes, trata de construir uma filosofia existencial.⁸²

Partindo de premissas similares àquelas adotadas por Edmund Husserl, embora de relativa importância, mas de grande influência na Filosofia, merece destaque a obra de Alexius Meinong, o fundador da *Teoria dos Objetos*. Discípulo declarado de Franz Brentano, Meinong desenvolve elementos de concepção do seu mestre de forma coeva a Husserl, pois a sua obra capital, *Ueber die Annahmen*, foi publicada em 1902, e a obra de Edmund Husserl, denominada *Logische Untersuchungen* veio a lume em 1900-1901. A contemporaneidade das idéias de Husserl e Meinong é irretorquível e serve para demonstrar a influência que um exerceu sobre o outro. É de ofuscante nitidez, entretanto, a influência que o professor comum Brentano já havia transmitido a ambos os filósofos-discípulos.⁸³

Dentre as mais relevantes contribuições de Meinong à Filosofia, pode-se salientar, de forma inegável, a influência que exerceu sobre a obra *Principia Ethica*, de Moore.⁸⁴ A teoria de Meinong fez-se sentir também em vários aspectos da obra de Bertrand Russel.⁸⁵ A contribuição de Meinong ao (neo)realismo é destacada e reconhecida, especialmente quando é comparada com a obra de Edmund Husserl. E essa influência chegou ao neo-realismo norte-americano e ao inglês, e, em certa medida, ao materialismo dialético.⁸⁶ A influência de Meinong

⁸¹ Cf. a profunda apresentação de Miguel Garcia-Baró, á obra de Adolf Reinch, *Indroducción a la fenomenologia*, Trad. de Rogério Rovira. Madri: Ediciones Encuentro, 1986. p. 9.

⁸² Sofia Vanni Rovighi, *La fenomenologia di Edmund Husserl: Appunti delle lezioni*. Milão: Celuc, 1973. p. 51.

⁸³ Lilians Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Latrza, 1999. p.29.

⁸⁴ Cf. *Principia Ethica*, de G.H. Moore, trad. de Maria Manuela Rocheta Santos e Isabel Pedro dos Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999. Cf. ainda a obra coletiva *The Philosophy of G. E. Moore*, organizada por Paul Arthur Shilpp, especialmente o texto de Morris Lazerowitz, denominado *Moore's Paradox*, Londres: Cambridge University Press, 1968. p. 371.

⁸⁵ Cf. Michele Lenoci, *La teoria della conoscenza in Alexius Mainong*. Milão: Vita e pensiero, 1972. p. 30.

⁸⁶ A. S. Bogomolov, *A filosofia americana no século xx*, trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 118.

não se limitou à Filosofia, infiltrou-se também na Psicologia, especificamente na noção de *Gestalt* e na própria psicologia gestáltica.⁸⁷

Tanto Husserl como Meinong inspiraram-se de forma manifesta e declarada na obra de seu mestre comum, Franz Brentano. Brentano afastou-se da Igreja em 1873⁸⁸ e deixou a cátedra de Teologia Católica em Würzburg para dedicar-se à Filosofia. Inicialmente, lecionou Filosofia na própria Würzburg, e, posteriormente, em Viena, como professor oficial e depois como auxiliar (1880-1895).⁸⁹ Foi nessa última universidade, como mestre, que conheceu Husserl e Meinong.⁹⁰

O meio intelectual que rodeou Franz Brentano em seus primeiros anos não se faz presente em seus escritos.⁹¹ Não lhe interessaram a literatura, nem a política. Ele também renunciou às benesses e aos privilégios que lhe poderiam advir da posição influente de seus familiares.⁹² Brentano converteu-se em um sacerdote dominicano, mas ao final de nove anos abandonou a Igreja Católica, especificamente em 1873.⁹³ Foi posteriormente professor em Würzburg e em Viena, e passou os últimos vinte anos de sua vida na Itália e na Suíça.⁹⁴

As principais contribuições de Franz Brentano tiveram lugar nos campos da Epistemologia, da Lógica, da Axiologia e da Psicologia.⁹⁵ Proclamou a Psicologia como base da Filosofia e aproximou-se da Metafísica.⁹⁶ Não acreditava em sistemas metafísicos, mas sim na

⁸⁷ Cf. Elmar Holenstein, *Jakobson o Estruturalismo fenomenológico*, trad. de António Gonçalves. Lisboa: Editorial Veja, s/d. p. 68.

⁸⁸ Brentano foi indicado para a defesa de tese de falibilidade papal, rechaçada no Concílio Vaticano I, em 1870. Cf. os pormenores in *Introduzione a Brentano*, Liliana Albertazzi. Roma-Bari: Laterza, 1999.p. 136.

⁸⁹ *Idem*.

⁹⁰ *Ibidem*.

⁹¹ Seu mais importante e notório trabalho foi, sem dúvida, *L'origine de la connaissance moral*, trad. de Marc de Launay e Jean-Claude Gens. Paris: Gallimard, 2003.

⁹² Só travou relações cordiais com seu irmão Lujo, famoso economista político e teórico defensor do livre-comércio. Seu pai, Christian Brentano, devoto católico e autor de obras religiosas, cuidou pessoalmente da educação do filho. Cf. *Introduzione a Brentano*, de Liliana Albertazzi. Bari: Laterza, 1999. p. 5. Além disso era sobrinho do conhecido escritor Clemente Brentano, que certamente muita influencia gerou em Brentano, especialmente por sua conhecida articulação teórica. Cf. ainda Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora, 1996. p.23..

⁹³ Cf. Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*, Roma-Bari: Laterza, 1999. p. 6. Sobre o problema cf.

⁹⁴ Sobre Brentano cf. Francesca Modenato, *Consocienza ed essere in Franz Brentano*. Bolonha: Pàtron Editore, 1979. p. 13.

⁹⁵ Cf. Michele Lenoci, in *História da Filosofia contemporânea*, 3ª. ed., coordenada por Sofia Vanni Rovighi, trad. de Ana Pareschi Capovilla. São Paulo: Edições Loyola, 200. p. 344.

⁹⁶ Uma das mais características contribuições de Brentano foi o seu Psicologismo de fundo epistemológico, cf. Liliana Albetazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma Bari: Laterza, 1999. p. 5.

possibilidade de algum conhecimento metafísico fidedigno⁹⁷ e foi resolutamente contrário ao idealismo alemão, de maneira que chegou a afirmar que as ciências naturais ofereciam o verdadeiro método do pensamento filosófico.⁹⁸ Rechaçou a Psicologia fisiológica de Wilhelm Wundt e de seus seguidores, que intentavam fundar uma escola da Psicologia lastreada em métodos de laboratório, e reabilitou o conceito escolástico de relação intencional da consciência com seu objeto.⁹⁹ Para Brentano, a intencionalidade é precisamente o caráter essencial dos fatos psíquicos, tal como se oferecem a nossa experiência.¹⁰⁰ Acentuou as diferenças fundamentais entre o juízo e a representação, dois modos completamente distintos de conhecer um objeto.¹⁰¹ Sua enérgica oposição aos intentos de reduzir a Lógica à Psicologia foram de grande importância para Husserl e Meinong, a cujo trabalho nos debruçamos, *pari passu*, com outros dos seus mais destacados discípulos, dentre os quais Stumpf¹⁰² e Ehrenfels.¹⁰³

Em um exame mais remoto da concepção de Brentano, pode-se afirmar que sua Filosofia parte da premissa neokantiana do transcendental, que é fundada na estrutura da consciência.¹⁰⁴ E é dessa orientação subjetivista que deriva a obra de Meinong.¹⁰⁵ Na crise do psicologismo, que o aceitou em uma linha objetivista, Meinong expôs a Husserl suas críticas e, como corolário delas, contribuiu para a origem da corrente fenomenológica, com o conceito de intencionalidade da consciência, que foi aperfeiçoado por Husserl.¹⁰⁶ Demais disso, para Edmund Husserl, se a Lógica não obedece nem ao formalismo, nem ao psicologismo,¹⁰⁷ então somente uma experiência purificada proporcionaria a elucidação de qualquer investigação; isso se daria pelo que denominou de redução eidética ou simplesmente *epoché*.¹⁰⁸

⁹⁷ É que parecer sustentar, Cf. Liana Albertazzi, *op. cit.* p. 12.

⁹⁸ Defesa que fez O caráter autêntico de pensamento de Brentano é a maneira desafiadora e contemporaneamente pouco tradicional como sua obra se apresenta, cf. nos seus desafios com a Igreja Católica. Cf. Michele Lenoci, *in*, *História da Filosofia Contemporânea*, 3ª, ed., coordenado por Sofia Vanni Rovighi, trad. de Ana Pareschi Capovilla. São Paulo: Loyola, 2004. p. 343.

⁹⁹ Cf. Michele Lenoci, *História da filosofia, op. cit.* Ver ainda W. Wundt, *Princípios de Filosofia*. trad. de Luis Zulueta. Madri; La Espanha Moderna, 1922. *passim*.

¹⁰⁰ Cf. Juan A. Casaubon, *Historia de la filosofía*. Buenos Aires: Abeledo-Perrot, 1994. p. 212.

¹⁰¹ Gabriele Giannantoni, *Le filosofie e le scienze contemporanee*. Turim: Loescher, 1996. p. 365.

¹⁰² F. Adorno, T. Gregory, V. Verra, *Storia della filosofia*, v. 3, Roma-Bari: Laterza, 1981. p. 456.

¹⁰³ Nicola Abbagnano, *História da filosofia*, trad. de Antônio Ramos Rosa, Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira, Lisboa: Presença, p.

¹⁰⁴ Nesse sentido: Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*, Bolonha: Pitagora, 1996. p. 24.

¹⁰⁵ Conf. Michele Lenoci, *La teoria della conoscenza in Alexius Meinong*, Milão: Vita e Pensiero, 1972. p.25.

¹⁰⁶ *Filosofia da Aritmética*, 1891, *op. cit.*

¹⁰⁷ *Investigações Lógicas (1900-1901)*, *op. cit.*

¹⁰⁸ *Idéias para uma fenomenologia pura*, 1913), *op. cit.*

§2º.

A intencionalidade da consciência

No primeiro plano de sua obra sobre os múltiplos significados do ser em Aristóteles,¹⁰⁹ Franz Brentano dedicou-se, com reformulações, à distinção aristotélica entre o *ser em sentido próprio*, que se articula nas categorias, e o *ser no mundo da verdade*, ou seja, o ser que observa as coisas enquanto são por nós conhecidas.¹¹⁰ Essa é uma distinção bem conhecida, que Brentano desenvolvia de forma magistral em um ensaio que tem por tema a doutrina das categorias de Aristóteles. Nesse estudo, Brentano manifesta intenção expositiva e autêntica preocupação filosófica.¹¹¹ Na *forma regiminis* dessa discussão, toda oriunda de concepções aristotélicas, não é difícil avistar preocupação teórica mais geral que, *grosso modo*, reconduz-se diretamente à essência do conceito de *intencionalidade*; conhecer significa, de fato, reportar-se às coisas, mas a nossa relação com o conhecimento ocorre, necessariamente, sobre terreno da subjetividade.¹¹²

Sustenta Brentano que aos *objetos reais* ladeiam os *objetos conhecidos*, ou mais propriamente aqueles representados pela experiência, que se apresenta como uma relação que se reporta à realidade, e volta a propor uma forma, que compete aos objetos próprios *enquanto* são representados (conhecidos, queridos etc.) pela objetividade, como entidades intencionais, objetos que *in-existem* intencionalmente na consciência.¹¹³ Sublinhar que as coisas, enquanto são experimentadas, adquirem uma forma intencional de existência quer dizer também, para Brentano, reconduzir, sob a marca da intencionalidade, todos aqueles predicados que não pertencem às coisas na sua imediatidade, mas, tão-somente, aos objetos enquanto são experimentados por nós.¹¹⁴ Das propriedades reais que existem nas coisas das quais temos experiência deve-se distinguir as propriedades intencionais dos objetos que *existem* só na mente

¹⁰⁹ Cf. Franz Brentano. *Sui multipli significati dell'essere secondo Aristotele*. Trad. ital. de Giovanni Reale. Milão: Vita e Pensiero, 1995.

¹¹⁰ *Idem*.

¹¹¹ *Ibidem*.

¹¹² *Ibidem*.

¹¹³ *Ibidem*.

¹¹⁴ Franz Brentano. *L'Origine de la connaissance moral*. Trad. do alemão para o francês por Marc de Launay e Jean-Claude Gens. Paris: Gallimard, 2003.

e que são fundamento dos conceitos lógicos e axiológicos.¹¹⁵ Predicados como falso, justo, injusto, bom, mau, bonito, feio etc. não são conceitos reais e, por isso, não dizem nada sobre qualquer coisa em si mesma, mas têm natureza intencional, porque exprimem o modo no qual a subjetividade se refere às coisas, de forma subjetiva e intencional, que pode, também, se não necessariamente, ser exigência da própria natureza daquilo que é ocasionalmente experimentado.¹¹⁶

Sucessivamente ao caminho perseguido por Brentano, Husserl defende tese de doutoramento sobre o conceito de número.¹¹⁷ Nessa obra, o conceito de número é posto na esteira aberta da teoria brentaniana da intencionalidade.¹¹⁸ A partir de uma indagação lógica e psicológica, na qual não se deixa guiar somente pelo desejo de legar aos seus interesses filosóficos à sua formação de matemática, Husserl oferece um método de conhecimento que liga os objetos reais e os conceitos propriamente lógicos aos conceitos que, então, implicam em retorno às coisas *enquanto são por nós conhecidas*.¹¹⁹ Esse nexos deve ser aprofundado para Husserl se se quer compreender a natureza propriamente lógica do conceito de número e a relação que ele restringe com os objetos concretos da nossa experiência.¹²⁰ E isso para Husserl é bem claro: o conceito de número não pode ser desvinculado da *prática simplista de contar* e sua clarificação não conceitual deve, em qualquer circunstância, mostrar a gênese que se permite de fundá-lo sobre a nossa experiência intuitiva.¹²¹

Dessa inclinação teórica do discurso de Husserl e da teoria empirista dos conceitos que dela se extrai – e que é característica da cultura positivista do fim dos anos oitocentos – a prospectiva geral da *Filosofia da Aritmética* nos oferece uma ilustração exemplar.¹²²

O traço empirista que caracteriza a teoria husserliana dos conceitos se afiança, no entanto, como observamos, à compreensão teórica da *especificidade* dos conceitos lógicos, e é próprio dessa compreensão, que reconduz ao problema brentaniano, ao qual já fizemos alusão.

¹¹⁵ F. Brentano. *L'Origine de la connaissance moral*. trad. do alemão para o francês por Marc de Launay e Jean-Claude Gens. Paris: Gallimard, 2003.

¹¹⁶ F. Brentano. *L'Origine*, *op. cit.*

¹¹⁷ *Sobre os conceitos de número* (1807). Os resultados desse escrito configuraram nos primeiros quatro capítulos da *Filosofia da Aritmética*, publicada em 1891. Cf. a trad. italiana, *op. cit.*

¹¹⁸ Cf.

¹¹⁹ Husserl, *op. cit.* p. 22.

¹²⁰ *Idem.*

¹²¹ *Ibidem.*

¹²² F. Adorno, T. Gregory, V. Verra, *Storia della filosofia*, v. 3. Roma-Bari: Laterza, 1981. p. 457.

Na *Filosofia da Aritmética* os números são noções que se aplicam à multiplicidade concreta dos *objetos* e que nos permitem contá-la de modo específico. Essa assertiva, todavia, não significa que os números sejam propriedades reais das coisas que de fato contém: os pés de uma mesa *não* são quatro ao mesmo título quanto são de madeira ou de uma certa cor. Dizer qualquer coisa que é uma unidade não significa ter dito nada sobre a sua natureza; mesmo quando não nos exprimimos sobre uma conexão real entre os *objetos*, quando considerados em conjunto, atribuímos a eles um predicado numérico: estamos aptos a contar quaisquer coisas subordinando-as ao conceito de unidade. Os números naturais, entretanto, referem-se a uma multiplicação qualquer de variados *objetos*; então do número não se poderá dar conta, confiando na capacidade de abstração de liberar das outras uma certa propriedade de fato contida em um conjunto de *objetos*. É possível contar as coisas que vemos, mas no que vemos o número ainda não existe, e é por isso que, ¹²³ postos de frente a uma mesma cena perceptiva (a vista de um palácio, por exemplo), podemos propor razão diversa, atribuindo números, sem que isso implique em mudança no que se vê, que não deve mudar só pelo fato de que varia o mundo no qual aplicamos o conceito de unidade (um palácio, cinco andares, vinte janelas etc.).¹²⁴

Sobre o caminho que Husserl seguiu deve-se entender que se o número não é uma propriedade real sobre coisas e se não é um conceito que possa ser deduzido abstratamente, então é necessário buscar as suas origens sobre terreno das *determinações intencionais*. Dos procedimentos abstratos somos reconduzidos às operações reflexas, que devem dar luz à forma intencional, através da qual devemos pensar os conjuntos concretos dos objetos para contá-los e determiná-los, numericamente. Segundo Husserl, para poder contar os objetos deve-se, antes, subordiná-los ao conceito *formal de unidade* e isso significa que, no contar, nos referimos às coisas específicas só enquanto são postas como objeto em geral ou, ainda, na linguagem brentaniana, só quando são *conteúdos* de uma consciência intencional. Considerar qualquer coisa como uma unidade significa, então, contemplá-la, através da *forma intencional*, por meio, portanto, do seu conteúdo para a consciência. Uma consideração análoga é válida também para a forma de conexão das unidades, que são inerentes ao conceito de número. Nesse caso, o reenvio a uma forma qualquer real de unidade seria imprópria: a lua, um anjo e Napoleão são três elementos dentre os quais não existe qualquer relação real que lhes conecte. À falta de uma

¹²³ Como recordava Berkeley, que disse: “em tudo e por tudo uma criatura da mente... A segunda como a mente variadamente combina com as suas idéias, varia também a idéia de unidade; e assim como muda a unidade, assim mudará também o número que é só uma coleção de unidade (G. Berkley, *Um saggio per una nuova teoria della visione*, trad. de P. Spinicci. Milão: Guerini, 1995. p. 119.

¹²⁴ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 29.

conexão real deve, todavia, fazer eco a presença de uma relação intencional: esses objetos inteiros são unidos, exclusivamente, por uma subjetividade daquele que os pensa em conjunto, que cria uma espécie de unidade intencional. A partir de um conceito de número, pode-se transcender à seguinte reflexão: se os números são formas intencionais através dos quais pode-se pensar os *objetos*, então identificá-los representará a sua projeção e determinação sobre os *objetos*.¹²⁵

Ao delinear a gênese do conceito de número, Husserl, ao que tudo indica, parecia distanciar-se de Brentano, que não os pensava como *forma* do representar e que, de outro lado, não considerou inteiramente necessário distinguir a determinação numérica de um conjunto de objetos da sua propriedade abstrata.¹²⁶

Nas linhas abstratas de fundo a concordância permanece: para Husserl, assim como para Brentano, a constatação de que um elemento não é real não afasta a possibilidade do reconhecimento de sua natureza intencional.¹²⁷ E isso porque a intencionalidade é a *característica essencial dos fenômenos psíquicos*. É possível sustentar que conceitos lógicos como unidade, multiplicidade e número têm a sua origem comum em *operações psicológicas*. Na verdade, sustentar que as origens dos conceitos numéricos é a reflexão representa acolher as origens psicológicas das formas lógicas. E essa proposição consubstancia a recondução da *noção formal de objeto* ao conceito psicológico de conteúdo mental da consciência, que está contemplado no subtítulo da primeira obra de Husserl, *Análises Lógicas e Psicológicas*, na qual ele aproxima e une os dois conceitos que eram tidos como distintos e dissociados até então.¹²⁸

Sob essa perspectiva, é pertinente apontar as considerações críticas de Husserl, e em particular as suas reflexões expostas na obra *Prolegômenos de uma lógica pura*, publicada como primeiro volume das *Investigações Lógicas*. O significativo dessas observações elucidada qual, efetivamente, era o significado da crítica de Husserl ao psicologismo e identifica a

¹²⁵ Manuel Gonzalo Casas, *Introducción a la filosofía*, 3ª, ed. Madri: Gredos, 1967. p.267.

¹²⁶ A filosofia da matemática de Brentano exposta na sua forma mais ampla em *Versush über die Erkenntnis* (Lípsia: Meiner, 1925), repropõe substancialmente as linhas gerais da concepção de Locke do número. Dessa forma, as razões que conduziram Brentano a não dedicar nem mesmo uma linha geral da sua concepção do número, Husserl parece mais vizinho de Sigwart e da sua lógica que da de Brentano. Sobre esse ponto: Spinicci, *Astrazione e riflessione na Filosofia dell'aritmetica di Husserl*, in "Rivista di Storia della Filosofia", 2, 1987.

¹²⁷ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora Editrice Bologna, 1996. p. 27.

¹²⁸ Angela Ales Bello, *Edmund Husserl*. Pádua: Edizione Messaggero, 2005. p. 47.

diferença substancial entre as teorias de Brentano e Husserl. Justificam-se, de igual modo, as razões pelas quais Husserl aproximou-se da teoria desenvolvida pelos *Prolegômenos*.¹²⁹

Duas são a esse propósito as questões que devem ser brevemente enfrentadas. A primeira nos reconduz aos conceitos expostos na *Filosofia da Aritmética*, obra de Husserl, que pode ser classificada como *pré-aritmética*.¹³⁰ Nesse trabalho, o autor apresenta multiplicidade em sentido próprio e está vinculado à lógica das operações sobre conjuntos efetivamente postos e pensados, e um padrão inequivocamente aritmético, pautado por signos numéricos e suas regras. Essa passagem permaneceu necessária para destacar os limites das nossas capacidades representativas, que não permitem pensar distintamente em um conjunto de objetos demasiadamente vasto, mas admite adotar um sistema de notas, construído segundo uma regra tal que corresponda a um só signo para cada conceito numérico diverso. Pode-se, assim, concluir que, se a Aritmética não quer permanecer presa aos limites das capacidades representativas humanas e se quer referir-se também àqueles números que não conseguimos de fato pensar, deve assumir uma nova forma; deve tornar-se um sistema de signos que nos permita substituir os conceitos e as operações por conceitos com os signos e as operações sobre os signos.¹³¹

Não nos parece haver dúvida de que na *Filosofia da Aritmética* a adoção dos signos e dos algorítmicos consubstancia uma concepção da lógica estritamente conexas ao horizonte cultural do positivismo.¹³² De um lado, existem os conceitos que surgem pela experiência; de outro, os métodos lógicos, que as ciências empregam por permitirem ao homem dominar melhor os universos teóricos, nos quais eles competem. Husserl, de um lado, observa que existem os conceitos numéricos, que surgem da experiência, de outro lado, a Aritmética, com os seus métodos lógicos e com as regras que delas dependem. E o método lógico da Aritmética é para Husserl aquele dos signos.¹³³

É esse o horizonte conceitual no qual Husserl está imerso e escreveu o segundo volume da *Filosofia da Aritmética*.¹³⁴ Mas mesmo na tentativa de realizar esse projeto, o quadro conceitual muda e Husserl percebe, com maior clareza, que só sobre terreno dos signos o

¹²⁹ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 39.

¹³⁰ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 53.

¹³¹ *Idem*.

¹³² Cf. Spinicci, *op. cit.*

¹³³ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 64.

¹³⁴ Volume que sabidamente jamais foi terminado. Cf. Renzo Raggiunti, *Introduzine a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: 2002. p. 53.

matemático poderia atingir aquela *liberdade* formal, que é exigida pelo seu mister. À Aritmética como disciplina formal sobre conceito de número substitui a Aritmética como sistema formal, como cálculo privado de uma interpretação e de um significado. O conceito de número - o número como determinação quantitativa de uma multiplicidade de objetos - é necessariamente um número natural e cardinal. A Aritmética, todavia, não é vinculada à quantidade e os números naturais são, somente, o fundamento de outros sistemas numéricos, nos quais estão inseridos os números negativos, os racionais, os reais, dentre outros. Husserl parece, por princípio, sugerir que uma extensão do campo numérico permitiria encontrar a permanência no *terreno dos signos* e, então, identificar um sistema de notas e de regras que nos permita fazer uso dos números que não correspondem a uma possível interpretação sobre o terreno dos conceitos e que devem ser entendidos como meros artifícios de cálculo. Para Husserl, além dos números naturais, existem somente os signos numéricos e as exigências.¹³⁵

Deve-se ter em mente que *intencionalidade* e *intuição eidética* são conceitos que não se confundem. Ou seja, que cada elemento singular tem sua essência presente à consciência. É, pois, necessário descortinar a natureza da consciência e a estrutura de tal essência presente à consciência. A consciência é intencional não somente no sentido restrito e psicológico de Brentano, mas, também, é *transcendente e dirigida ao objeto*. O objeto é transcendente e real, pois é revelado na consciência. Husserl afirmou que o peculiar da consciência de algo é a intencionalidade da consciência, que encerra todas as vivências, de modo que de um lado há simples dados materiais, e de outro está a forma intencional, ou seja, há uma dualidade e unidade da *hylé* sensível e da *morphé* intencional, com uma capa material e uma capa noética.¹³⁶

Conclui-se, pois, que o objeto é, *em si*, - mas os dados *hiléticos* não podem ser intencionais e sempre o são os *noemáticos*, - por isso Husserl chama de conteúdo *noético* o conteúdo subjetivo das vivências e conteúdo *noemático* o conceito objetivo. Mas sempre o objeto aparece ao redor do universo no qual se movem os *noemas*.¹³⁷

As essências, saliente-se, não são formas no sentido kantiano, mas delas temos uma intuição eidética, ao mesmo tempo que as leis dessa estrutura não são extraídas da realidade

¹³⁵ Cf. Angela Ales Bello, *Edmund Husserl*. Pádua: Edizione Messaggero, 2005. p. 16.

¹³⁶ Idéias § 85, com a ressalva de que para Husserl nem todas as vivências são intencionais. Cf. a análise nesse sentido de Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*. 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 48.

¹³⁷ Cf. Caturelli, *op. cit.* p. 476.

experimental, senão imanentes à consciência e aos objetos. Assim, se faz possível construir uma ciência rigorosa e descritiva das essências da consciência pura.¹³⁸

¹³⁸ Daí porque a conclusão é que a *Filosofia é uma ciência rigorosa*. Cf. Caturelli. p. 476.

PARTE IV
FRANZ BRENTANO

§ 1º.

Elementos para uma leitura introdutória e fragmentada

É improvável que tenha existido um pensador mais estimulante e intrigante em seu tempo que Franz Brentano.¹³⁹ Por seus feitos acadêmicos e por sua biografia incomum, não seria de todo impossível afirmar-se sobre ele o que um dia se falou sobre a vida de Napoleão: a história é verdadeiramente um argumento sem fim.¹⁴⁰ Brentano foi um homem capaz de formar algumas das mentes mais férteis e prodigiosas de sua época, como Husserl e Freud,¹⁴¹ de superar os mais injustos e perversos obstáculos criados por quem se beneficiou dos seus mais sinceros esforços, e também teve a aptidão de refutar todos os seus críticos que, aliás, colheram dele próprio as suas primeiras lições de filosofia. Brentano continua, ainda hoje, um enigma tanto estimulante, quanto elusivo. A elaboração de um estudo minucioso sobre sua obra e biografia certamente representaria um dos maiores tributos que se poderia prestar à Filosofia contemporânea.¹⁴² É incompreensível que nenhum dos seletos e competentes alunos de Brentano não lhe tenha prestado homenagem com uma exposição sistemática descritiva de sua obra, fato que, em certa medida, nos permitiria concluir que os trabalhos dos seus alunos não foram outra coisa, senão verdadeiros arrazoados críticos à sua obra.¹⁴³

¹³⁹ São do irmão de Brentano, Lujo, as seguintes obras:

* *Die Arbeitergilden der Gegenwart*. 2 Bde. (Leipzig 1871 und 1872) Duncker und Humblot. Nachdruck 2003 Elibron Classics.

* *Ethik und Volkswirtschaft in der Geschichte. November 1901*. (München 1901): Wolf.

* *Wie studiert man Nationalökonomie*. (München 1919): Reinhardt.

* *Der wirtschaftende Mensch in der Geschichte*. (Leipzig 1923): Meiner.

* *Konkrete Bedingungen der Volkswirtschaft*. (Leipzig 1924): Meiner. Neuauflage herausgegeben von Hans G. Nutzinger (Marburg 2003): Metropolis.

* *Das Wirtschaftsleben der antiken Welt*. (Jena 1929): Fischer.

* *Mein Leben im Kampf um die soziale Entwicklung Deutschlands*. (Jena 1931): Diederichs. Neuauflage herausgegeben von Richard Bräu und Hans G. Nutzinger (Marburg 2004): Metropolis.

¹⁴⁰ Chamblor, David G. *Le campagne di Napoleone*. Trad. do inglês para o italiano de Maurizio Pagliano. Milão: Rizzoli, 1968. p. 17.

¹⁴¹ Cf. Marialzira Perestrello, *A formação cultural de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 89.

¹⁴² Não foram até hoje coligidas em uma única e completa edição as principais obras de Franz Brentano, o que mostra a falta de cuidado e de reverência na obra de um dos mais prodigiosos filósofos de todos os tempos.

Brentano nasceu no ano de 1838, em Marienberg-sobre-o-Reno, e recebeu o nome de Franz Clemens Brentano.¹⁴⁴ Estudou Teologia em Munique e Würzburg, frequentou o Liceu de Aschaffenburg e cursou Filosofia na Universidade de Munique, na Universidade de Würzburg, na Universidade de Münster, e, também, na Universidade de Berlim, na qual foi aluno de Trendelenburg.¹⁴⁵ Cultivou a paixão pelos problemas da existência humana, que tiveram a primazia da sua atenção, mas jamais abandonou o seu ostensivo interesse pelas questões matemáticas. Paralelamente a essa dedicação aos estudos científicos mais aprofundados, Brentano cedeu ao seu pendor religioso¹⁴⁶ e fez votos de frade dominicano. Manifestou forte interesse pela Filosofia grega, especialmente pela obra de Aristóteles, sobre a qual inicia uma série de pesquisas, que o acompanharam durante toda a sua atividade filosófica. Brentano também dedicou particular atenção ao pensamento filosófico e teológico da Escolástica medieval, e, sobretudo, à doutrina de Santo Tomás de Aquino, a quem é dedicou um ensaio de 1908. Ao que parece, os estudos de Aristóteles forjaram a personalidade incomum de Brentano e espalharam-se por toda a sua obra, influenciada pelo preceito contido na célebre frase do filósofo grego: “Somos o que refletidamente fazemos. A excelência não é, portanto, um feito e sim um hábito.”¹⁴⁷

Brentano obteve a *habilitação* em Filosofia através da apresentação de um estudo sobre Schelling, em Würzburg. Nesse trabalho, apresentou uma crítica enérgica às ciências especulativas e defendeu o valor das ciências exatas.¹⁴⁸ Brentano lecionou Teologia católica e, posteriormente, Filosofia em Würzburg por seis anos. E foi nesse período que ele sofreu o maior revés de sua vida espiritual, que se deu pela proclamação, pela Igreja Católica Apostólica Romana, no Concílio Vaticano I, em 1870, do dogma da infalibilidade papal, contra o qual ele, alguns anos antes, havia manifestado-se em uma anotação para a conferência episcopal alemã, por encomenda de uma autoridade eclesiástica: Dom Ketteler.¹⁴⁹

¹⁴³ Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999. p. 25.

¹⁴⁴ Uma evidente homenagem ao seu conhecido e próximo tio Clemens, conhecido escritor alemão de origem italiana. Cf. Adriano Bausola, *Conoscenza e moralità in Franz Brentano*. Milão: Vita e Pensiero, 1968. p. 15.

¹⁴⁵ Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999. p. 20.

¹⁴⁶ Textos bibliográficos atuais mostram que Freud oscilou nas suas convicções não-religiosas após ouvir Brentano nas suas preleções universitárias. Cf. *A Formação cultural de Freud. Op. Cit.*

¹⁴⁷ André Marc, S. J. *El ser y el espíritu*, Trad. de Antonio Puigcerver. Madri: Gredos, 1962. p. 13.

¹⁴⁸ Angela Marocco, *Brentano Le prove dell'esistenza di Dio*. Roma: Edizioni Studium, 1998. p. 93.

¹⁴⁹ Esse personagem pouco citado é a figura central dos conflitos de Brentano com a Igreja Católica. Cf. Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma Bari: Laterza, 1999. p. 9.

Conquanto tenha sido oferecida a Brentano a oportunidade de refletir sobre os dogmas do catolicismo que pudessem não ser compatíveis com a sua impostação filosófica - cada vez mais orientada para a consideração dos procedimentos racionais e científicos, como o único modo de solucionar os problemas fundamentais de toda compreensão humana – ele decide, em 1873, abandonar o sacerdócio e, mais tarde, a Igreja Católica. Nessa mesma ocasião, Brentano também deixa a cadeira de Filosofia, que lhe foi conferida um ano antes, a fim de evitar que suas convicções criassem embaraços ao ambiente católico da Universidade de Würzburg.¹⁵⁰

Em 1874, Brentano assume a cátedra da prestigiosa Universidade de Viena, na qual permanece por vinte e um anos. Em Viena, não só foi produzida a maior parte de sua obra como, também, foi nessa capital que conheceu discípulos ilustres, dentre os quais se destacam Edmund Husserl e Alexius Meinong.¹⁵¹ No mesmo ano, Brentano publicou as duas primeiras partes da obra *A psicologia do ponto de vista empírico*.¹⁵² Inicialmente, Brentano causou certa desconfiança entre os alunos pela forma como desenvolvia a sua filosofia; entretanto, todos mostraram-se impressionados com suas idéias. Em Viena, Brentano encontrou inspiração para redigir *Sobre a origem do conhecimento moral*,¹⁵³ *Sobre o futuro da filosofia*,¹⁵⁴ *As quatro fases da filosofia e a sua atual condição*,¹⁵⁵ e, também, foi nessa cidade que ele se casou. Por conta de uma peculiar lei austríaca, relativa ao casamento de ex-clérigos, teve que deixar o cargo de professor efetivo e prosseguir como *Privatdozent*.¹⁵⁶

¹⁵⁰ Michele Lenoci, in Sofia Vanni Rovighi. *História da filosofia contemporânea*. trad. de Ana Pareschi Capovita. São Paulo: Loyola, 1999. p. 345.

¹⁵¹ Os estudantes de Brentano desdobraram-se aparentemente da seguinte forma: o aluno Carl Stumpf (Würzburg 1866-1870) ensinou a Aron Gurwitsch e se transformou na cabeça da chamada Escola de Berlim com Wetheimer, Kurt Koffka e Wolfgang Köhler; Husserl fundou o movimento fenomenológico de Munique com Joannes Daubert e Adolf Reinach e a fenomenologia existencial com Heidegger, Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty; Meinong era o cabeça da Escola de Graz que influenciou Stephan Witasek, Alois Höfler, e Bertrand Russell; Christian von Ehrenfels apresenta a noção de Gestalt e a psicologia da Gestalt; Kazimierz Twardowski foi professor de Tadeus Kotarbinski e tornou-se o pai da Lógica polonesa e patrono da Escola de Lwów-Varsóvia de Lógica dos quais se sobressaíram Lukasiewicz, Kazimierz Ajdukiewicz e Alfred Tarski; Marty e seu discípulo Karl Bühler desenvolveu detalhada teoria dos atos do discurso e autores como Bertrand Russell, Roderick Chisholm, George Edward Moore, Gilbert Ryle e John Searle propagaram a influência de Brentano à Filosofia Analítica através de suas pesquisas, edições e publicações. Cf. Rovighi, *op. cit.* p. 354. Cf. ainda Wolfgang Köhler, *Psicologia da gestalt*. 2 ed. trad. de David Jardim. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. Cf. Kazimierz Ajdukiewicz, *Problemas e teorias da filosofia*. trad. da ed. Inglesa por Pablo Rúben Mariconda e Regina Correa Rocha. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979. *passim*.

¹⁵² Cf. a trad. Italiana de Giovanni Gurisatti. Bari: Laterza, 1997.

¹⁵³ Cf. a trad. Francesa de Marc de Launay e Jean-Calude Gens. Paris: Gallimard, 2003.

¹⁵⁴ Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma Bari: Laterza, 1999. p. 13.

¹⁵⁵ *Idem*.

¹⁵⁶ Lenoci, *História da filosofia*, *op. cit.*

Brentano deixou a Áustria em 1895 e seguiu para a Itália, onde morou por muitos anos em três cidades: Roma, Palermo e Florença.¹⁵⁷ Na Itália, ele também conviveu com personalidades conhecidas, cientistas e filósofos, como Enriquez, Vailati, De Sarlo e Amato Projeto.¹⁵⁸ Nesse período Brentano reeditou, em parte, a *Psicologia* e publica as *Pesquisas de psicologia da sensação*, além de dois estudos sobre Aristóteles (1911).¹⁵⁹ No final de sua vida, a cegueira o obrigou a diminuir o seu ritmo de trabalho e não lhe restou outra alternativa senão ditar as suas reflexões e considerações filosóficas para um dos seus alunos. Por ocasião do primeiro grande conflito mundial, que contou com a participação da Itália, Brentano mudou-se para Zurique, onde veio a falecer em 1917.¹⁶⁰

¹⁵⁷ Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999. p. 9.

¹⁵⁸ Michele Lenoci, *História da Filosofia*, *op. cit.*

¹⁵⁹ Os dois primeiros em 1907, sendo que para os seguintes cf. a trad. italiana *La psicologia de Aristóteles, com particular riguardo alla sua dottrina nel moüs poietikós*, feita por S. Besoli (Bolonha: Pitagora, 18989) e *Sui Multipli significati dell'esser secundo Aristóteles*, trad. de Stefano Tognoli (Milão: Vita e Pensiero, 1995).

¹⁶⁰ Lenoci, *História da filosofia*, *op. cit.*

§2º.

As idéias de Brentano

Brentano é considerado mestre da racionalidade analítica.¹⁶¹ Propôs uma nova concepção filosófica, que foi definida como *proto-analítica*, pautada por instâncias de clareza e objetividade, inspirada no sentido anti-idealista, refratária à construção sistemática e inclinada a um trabalho minucioso sobre problemáticas circunscritas.¹⁶²

Brentano favoreceu a difusão do empirismo inglês e dos positivistas Mill e Spencer no ambiente filosófico austríaco e, sobretudo, inaugurou as reflexões lógicas e psicológicas das quais tiveram origem tanto a Fenomenologia, quanto o Empirismo lógico, e daí, sucessivamente, a Filosofia analítica.¹⁶³

O filósofo dedicou a sua vida à pesquisa científica e, também, ao magistério, desde 1866, ano de sua habilitação à docência na Universidade de Würzburg. Brentano produziu um grande número de manuscritos que ainda permanecem intactos. Suas obras publicadas são poucas se comparadas a toda a sua produção, fato que se deve certamente ao desinteresse de Brentano pela publicação de livros. Como se verifica do testemunho dos seus alunos, o que mais o preocupava era a transmissão de sua doutrina aos discentes, e seu maior orgulho estava na constatação de que as suas aulas tinham um número crescente de ouvintes.¹⁶⁴

Sem dúvida, o interesse e o fascínio singular que Brentano provocava nos jovens que se aproximavam dele, profeta das palavras e idéias, podem ser atribuídos à sua presença e genialidade. A sua nova Filosofia, inspirada em convenção fundamental, gerava a certeza de que

¹⁶¹ Numa recensão não-assinada sobre a *Introdução às ciências do espírito*, Wilhelm Dilthey, que foi pioneiro na tradição continental, denuncia Brentano a “obscuridade” das argumentações diltheyanas, a falta de “precisão lógica”, os muitos “erros” do texto. Cf. Franca D’Agostini. *Analitici e continentali – Guida alla filosofia degli ultimi trent’anni*. Milão: Cortina, 1997. p. 21.

¹⁶² Como se vê estão presentes todas as características reconhecidas como “típicas” do labor analítico. Cf. D’Agostini, *op. cit.* P. 307.

¹⁶³ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*, Bolonha: Pitagora, 1996. p. 13.

¹⁶⁴ Albertazzi, *op. cit.* p. 15.

se estava a tratar de uma verdadeira Filosofia científica e, portanto, indubitável o seu caráter de doutrina sistemática e consistente.¹⁶⁵

Para a consecução de sua missão, Brentano vislumbrava a necessidade de criar, em torno de si, uma escola fiel de continuadores, e, em certa medida, esse objetivo foi alcançado.¹⁶⁶ Recorde-se a atividade paciente, difícil, que se tornou sem dúvida aventurosa no período que se seguiu à sua morte, adotada por alguns dos seus discípulos como Enkelschüler, Oskar Kraus, Alfred Kastil e, em seguida, Franziska Mayer-Hillebrand, que se dedicaram a recolher, ordenar, comentar e publicar os manuscritos e as letras de temas científicos do mestre.¹⁶⁷

O influxo mais consistente do pensamento de Brentano foi indireto, e permanece relevante na obra de seus discípulos que, sem renegar o próprio débito de ensinamento do mestre, têm variadamente assumido perante ele uma atitude crítica, pela re-elaboração sob diversas perspectivas os múltiplos temas propostos.¹⁶⁸

Deve-se destacar, sobretudo, aquele que talvez seja o mais ilustre dos alunos de Brentano e que é de obrigação citar *ex ante*, mesmo em uma síntese da teoria de seu mestre: Edmund Husserl. A Fenomenologia como ciência descritiva do objeto, nos seus modos de se oferecer à consciência, é a grande conseqüência das proto-indagações brentanianas, consideradas nas suas relações com a obra de Husserl.¹⁶⁹ É evidente a diversidade de interpretações husserlianas do objeto,¹⁷⁰ que para alguns se inspiraram na primeira fase da especulação de

¹⁶⁵ Francesca Modenato, *Franz Brentano e il problema do metodo in filosofia*, in *Saggi e ricerche su Alessandro di Afrodisia, Avicena, Miceli, Brentano, Jaspers, Ingrade, Carr, Stotigrafia filosofica italiana, Ebraismo*, organizado por Carlo Giacon. Pádua: Editrice Antenore, 1970. p. 277.

¹⁶⁶ J.C.M. Brentano, *The manuscripts of F.B.*, in *Revue Internationale de Philosophie*, 1966. p. 477.

¹⁶⁷ Tratam-se de brentanianos de estrita observância, ao menos nas intenções. Cf. F. Modenato, *op. cit.* p. 78.

¹⁶⁸ Deve-se reconhecer que não seria possível uma verdadeira e própria corrente brentaliana, impondo-se com autonomia e com algum peso no mundo filosófico contemporâneo não seria possível de falar. Foi provavelmente essa compreensão, junto com o penoso agravamento da sua doença nos olhos, que redundou na sua cegueira, a causa de seu enfraquecimento como filósofo nos últimos anos da sua vida. E, com isso, o velho filósofo, nos anos derradeiros da sua vida, recebeu com resistência as críticas e dissensos. Cf. C. Stumpf, *Erinnerung na F.B., e E. Husserl*. Munique: ,1919. p. 160.

¹⁶⁹ Basta um rápido aceno a algumas das orientações que teve Brentano para se entender que foi a mais direta fonte de inspiração, para valorar sua posição, sempre relevante, que realmente ocupou, na história da filosofia, e em especial pela contribuição reconhecida nas filosofia de Husserl e Meinong. Cf. a esse respeito o artigo de F. Mayer-Hillebrand, *F.B.s Einfluss auf die Philosophie seiner Zeit und der Gegenwart*, in *Revue Internationale de Philosophie*, 1966, p. 373.

¹⁷⁰ Cf. F. Modenato, *op. cit.*, p. 79.

Brentano.¹⁷¹ Mas, na verdade, Husserl parece ter-se conduzido por considerações de todo originais.¹⁷²

¹⁷¹ Vincenzo Fano, *La filosofia dell'evidenza Saggio sull'epistemologia di Franz Brentano*. Bolonha: Editrice Bologna, 1993. p. 123.

¹⁷² *Idem*.

§3º.

Panorâmica do legado de Brentano

Na *Psicologia de um Ponto de Vista Empírico*, Brentano sustenta que a intencionalidade é a marca característica do aspecto mental. Toda experiência psíquica, segundo ele, contém um objeto – também chamado objeto intencional –, que se refere ao pensamento ou aquilo a que ele se dirige. De acordo com a teoria da intencionalidade imanente, o objeto desejado está efetivamente incorporado à experiência psicológica do desejo. Brentano sustenta que isso só é válido para o processo mental, que se opõe ao físico e aos fenômenos não psicológicos, de tal modo que é a intencionalidade do fenômeno psicológico o que diferencia os estados mentais dos físicos. A teoria da intencionalidade imanente, que representa um marco na doutrina de Brentano, identifica três categorias de fenômenos psicológicos: os pensamentos (*Vorstellungen*), os juízos e os fenômenos emotivos. Reafirma, ademais, que cada pensamento é o autoconscientemente refletido em si mesmo, como objeto secundário do desejo, denominado de *eigentümliche Verflechtung*.¹⁷³

De 1905 até 1911, com a publicação da obra *Classificação dos Fenômenos Psíquicos*, Brentano abandonou a teoria da intencionalidade imanente e desenvolveu filosofia concretista ou reista, segundo a qual só devem ser considerados os indivíduos, excluindo-se a *irrealia* não existente, tal como carências, ausências e meras possibilidades.¹⁷⁴

Twardowski, Meinong e Husserl, discípulos de Brentano, em reação ao idealismo, o psicologismo e outros problemas filosóficos associados à teoria da intencionalidade imanente, desenvolveram teses que consubstanciaram aproximações alternativas ao imanentismo e à intencionalidade. No caso de Twardowski, Meinong e seus alunos da Escola de Psicologia Fenomenológica de Graz, essa construção doutrinária redundou na Teoria dos Objetos,

¹⁷³ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenologico Psicologia e metafisica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora Editrice Bologna, 1996. p. 103.

¹⁷⁴ Vincenzo Fano, *La filosofia dell'evidenza Saggio sull'epistemologia di Franz Brentano*. Bolonha: Editrice Bologna, 1993. p. 94.

transcendentes, existentes e desejados não existentes; Husserl, por sua vez, desenvolveu a fenomenologia transcendental.¹⁷⁵

A intencionalidade no fenômeno mental - repriminção que faz Brentano do aristotelismo medieval - é uma das suas mais importantes contribuições às teorias contemporâneas não mecanicistas da mente e às teorias do significado e da expressão. E, embora a teoria da intencionalidade imanente tenha sido rechaçada por filósofos que sucederam Brentano, é inegável a sua influência em suas obras, notadamente na idéia de que o pensamento está essencialmente dirigido ao objetual.¹⁷⁶

A Teoria dos Valores de Brentano (*Werttheorie*) confere à valoração tratamento pluralista, ao permitir que objetos de tipos e características distintos sejam classificados como valiosos, ainda que, influenciado por seu reísmo, o filósofo negue a existência de um domínio abstrato de valores. O valor intrínseco, segundo Brentano, é mais objetivo do que o subjetivo, e isso porque as emoções favoráveis e desfavoráveis com relação a um determinado ato são objetivamente corretas se são capazes de apresentar, por si só, uma preferência emocional, com a mesma apoditicidade, ou seja, com o mesmo sentido de inquestionável correção, que apresentam outras atitudes auto-evidentes de caráter não ético.¹⁷⁷

Dentre as conseqüências controvertidas, inspiradas na Teoria dos Valores de Brentano, está a conclusão de que não se pode conceber que exista algo como o conceito de mal absoluto. Essa conseqüência decorre da constatação de que o mal precisa ter consciência do mal e de que essa inclui a pior parte das malícias imagináveis, ou seja, a vontade mais malévola. Mas a consciência, considerada em si mesma, é intrinsecamente boa.¹⁷⁸ Isso significa que sempre há, necessariamente, uma parcela de bem intrínseco, mesmo nos mais maliciosos estados conscientes da mente, de modo tal que o puro mal nunca é possível. A Teoria dos Valores de Brentano não admite, pois, defesa possível contra aqueles que não compartilham as mesmas atitudes emocionais corretas nas situações que ele descreve.¹⁷⁹ Se se argumentar que para as preferências emocionais de outra pessoa só a boa consciência é intrinsecamente boa, enquanto que a má consciência, apesar de ser um estado de consciência, não parece conter nenhum bem

¹⁷⁵ Adriano Bausola, *Conoscenza e moralità in Franz Brentano*. Milão: Vita e Pensiero, 1968. p. 8.

¹⁷⁶ G. Rossi, *Giudizio e raziocinio, Studi sulla logica dei brentaniani*. Milão: La cultura filosófica, 1926. p. 53.

¹⁷⁷ Vincenzo Fano, *La filosofia dell'evidenza Saggio sull'epistemologia di Franz Brentano*. Bolonha: Editrice Bologna, 1993. p. 36.

¹⁷⁸ Francesca Modenato, *Coscienza ed essere in Franz Brentano*. Bolonha: Pàtron Editrice, 1979. p20.

intrínseco, sendo inteiramente má, não há recurso dentro da ética de Brentano para permitir o reconhecimento de que essa atitude emotiva contrária possa ser também correta, inclusive quando contradiz sua análise.¹⁸⁰

A Psicologia empírica de Brentano e os princípios que norteiam a sua Teoria da Intencionalidade; sua filosofia moral e a Teoria dos Valores; seus estudos sobre a metafísica aristotélica, em momento histórico no qual o realismo de Aristóteles era pouco apreciado e havia a preponderância do idealismo pós-kantiano; sua teoria epistêmica sobre os juízos de evidência; suas sugestões para a reforma da silogística; seu tratamento do princípio da razão suficiente e da existência de Deus; sua interpretação de etapas e tendências sucessivas da história da filosofia; todas essas contribuições, somadas à sua docência e ao exemplo moral que legou, continuam a influenciar o pensamento filosófico, como fonte relevante de inspiração para numerosas tradições e variadas correntes doutrinárias.¹⁸¹ A filosofia de Brentano, na verdade, não só está infiltrada no pensamento filosófico contemporâneo, como, também, propiciou o desenvolvimento de distintas e relevantes correntes filosóficas, que ainda estão em voga neste século.¹⁸²

¹⁷⁹ Adriano Bausola, *Conoscenza e moralità in Franz Brentano*. Milão: Vita e pensiero, 1968. p. 30.

¹⁸⁰ Lilians Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma Bari: Laterza, 1999. p. 50.

¹⁸¹ Vincenzo Fano, *La filosofia dell'evidenza Saggio sull'epistemologia di Franz Brentano*. Bolonha: Editrice Bologna, 1993. p. 63.

¹⁸² Lilians Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma Bari: Laterza, 1999. p 54.

§4º.

A dupla perspectiva estrutural
do psicologismo de Franz Brentano

No curso ininterrupto do seu trabalho de elaboração filosófica, Brentano adotou postura chamada de Psicologismo, que, posteriormente, chegou a ser criticada por ele próprio.¹⁸³ Esse psicologismo a que se pautou Brentano mais tarde foi classificado como de cariz concretista ou, como é mais conhecido, de reísta.¹⁸⁴ Dentre as muitas interrogações que essa posição suscita, há aquela relativa à possibilidade de conciliar a sua perspectiva reísta com a constante inspiração que Brentano achou nas obras de Aristóteles.¹⁸⁵

Se Brentano revelou-se intérprete original de Aristóteles, como se extrai de sua tese, a divergência entre os ditames da filosofia aristotélica e o extremo nominalismo de sua posição reísta parece evidentemente insuperável.

Os dois principais primados da Filosofia de Brentano são:

- (i) a Tese do Primado da Percepção Interna e,
- (ii) a Teoria das Predicações Concretas.

Quanto à primeira, a das predicções internas, recordamos que é precisamente nos fenômenos que a caracterizam que Brentano individua o fundamento do uso do primário da ligação. O outro fundamento da posição reísta de Brentano é a Teoria das Predicações Concretas. Por essa última, todos os predicados da linguagem vão transformar-se em termos concretos. Em tal sentido, não se dirá, por exemplo, “as rosas são vermelhas”, mas “as rosas são coisas vermelhas”.¹⁸⁶

¹⁸³ F. Modenato, *Coscienza ed essere in Franz Brentano*. Bolonha: Pàtron Editore, 1979. 23.

¹⁸⁴ Adriano Bausola, *Conoscenza e moralità in Franz Brentano*. Milão: Vita e Pensiero, 1968.

¹⁸⁵ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel Giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora Editrice, 1996. p. 54.

¹⁸⁶ *Idem.* p. 103.

Uma simples tradução deverá intervir para todos os predicados da linguagem e, de modo particular, deverá aplicar-se a todos os termos abstratos. Assim operando, a tradicional concepção, segundo a qual em um juízo se atribui propriedade às coisas, vem substituída pela nova concepção pela qual em um juízo se conectam coisas e coisas.¹⁸⁷ Por quanto dissemos, é patente que a Teoria das Predicações e o Primado da Percepção Interna convergem na particular atenção que vem dedicada ao problema da ligação.¹⁸⁸

O repúdio ontológico dos abstratos deriva, seja do forte destaque que vem dado ao problema das coisas individuais e concretas, seja da interpretação unívoca do conceito de existência, que se extrai da interpretação paradigmática da ligação. Ao refutar em grau de abstração, os temas ontológicos, Brentano acaba por prescindir daquilo que seria o nível da linguagem. Em substância, as expressões lingüísticas da linguagem ordinária podem ser traduzidas ou deveriam poder ser traduzidas em expressões a ela equivalentes evitando-se termos abstratos. Segue disso que a linguagem obtida operativa de tais traduções seria uma linguagem ontologicamente transparente.¹⁸⁹

A Tese da Predicação concreta avançada de Brentano funda-se na teoria ontológica, segundo a qual as substâncias existem no interior dos acidentes dos quais são constantes. Isso equivale a dizer que, do ponto de vista ontológico, temos só inteiros (mais eventualmente agregados de inteiros e partes de inteiros). Se ora passamos ao correlato psicológico – no sentido de Brentano – de tais teses ontológicas, devemos considerar o plano dos juízos, aquele no qual se fala de ser e existir e das características disso que é.¹⁹⁰

Para Brentano, os juízos se dividem em téticos e sintéticos ou predicativos. Os juízos téticos são juízos existenciais não predicativos. A toda vista, a teoria carece de diversos ajustamentos para ser defendida e não existe, até hoje, uma adequada reconstrução. De todo modo, é relevante salientar o fato que a nós serve relevar é o fato de que para Brentano todos os juízos predicativos são transformáveis em juízos téticos e esses últimos são manifestamente o

¹⁸⁷ Liliansa Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma Bari: Laterza, 1999. p 123.

¹⁸⁸ G. Rossi, *Giudizio e raziocinio, Studi sulla logica dei brentaniani*. Milão: La cultura filosófica, 1926. p. 5.

¹⁸⁹ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel Giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora Editrice, 1996. p. 153.

¹⁹⁰ Gulgielmo Forni, *Fenomenologia*. Milão: Marzorati, 1973. p. 12.

correlato lingüístico dos juízos ontológicos, que obtinha utilizando as teses de predicação concreta e a teoria brentaniana da substância e do acidente.¹⁹¹

Brentano tinha em mente o que se poderia chamar de senso analítico, embora um tanto diverso daqueles desenvolvidos nas perspectivas normais de tipo lógico. O contato com a obra de Brentano nos conduz ao problema da clássica relação entre o sujeito e o objeto. Esse problema do conhecimento sofre sensíveis mudanças na base da notória forma intencional de conhecer, segundo o aspecto objetivo ou noemático e subjetivo ou noético, de acordo com o mais conhecido vocabulário husserliano.¹⁹²

A obra de Brentano, na sua sistemática e na sua *ratio studiorum*, por assim dizer, é marcada por uma autêntica revolução de indagações e afirmações sobre o problema do conhecimento.¹⁹³ Para Brentano, a sua Psicologia descritiva seria a Ciência do Futuro e deveria apresentar-se nos seus propósitos como a ciência ou a Filosofia enquanto tal, destinada a assimilar toda a outra disciplina e a dar solução aos problemas mais específicos da Lógica à esfera moral.¹⁹⁴

A *Psicologia, do ponto de vista descritivo*, orienta-se pela aquisição não indutiva e imediata do conhecimento *a priori* apodítico. A função vem exercitada pela consciência que ela vem representar, de modo que qualquer coisa assume em tal modo o absoluto e a universalidade. Pensava Brentano que, em um só golpe, estava para superar o objetivo posto pelo conhecimento demonstrativo e, direta ou indiretamente, superaria os lógicos, os matemáticos e os psicologistas.¹⁹⁵

A proposta de Brentano concernia às origens e à natureza, como asseveram as provas dos nossos conhecimentos mais intuitivos e dos nossos juízos mais instintivos e espontâneos. Na elaboração de uma teoria do conhecimento que se distanciava do esquema de aquisição ou de orientação metafísica – não se trata mais, evidentemente, de uma simples

¹⁹¹ G. Rossi, *Giudizio e raziocinio, Studi sulla logica dei brentaniani*. Milão: La cultura filosófica, 1926. p. 5.

¹⁹² Guglielmo Forni, *Fenomenologia*. Milão: Marzorati, 1973. p. 12.

¹⁹³ Para alguns trata-se de uma evolução. Cf. G. Holton, *Gli scienziati hanno bisogno de una filosofia?*, Il mulino, 40, maio-junho, 1991. p. 404.

¹⁹⁴ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel Giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora Editrice, 1996. p. 156.

¹⁹⁵ *Idem*.

gnoseologia – e que se anela de novas modalidades de insumos à realidade e ao objeto do conhecimento ou melhor torna atividades cognoscitivas.¹⁹⁶

Brentano indicava nos estados da consciência aqueles momentos essenciais do processo do conhecimento, que implicavam nas expectativas e são coordenados, metodicamente, a uma representação (*Vorstellung*) ou a uma volição. Isso que emerge da aplicação da Psicologia à Lógica prática e normativa é aquilo que para os lógicos torna propriamente um problema de significado e revisa as diferentes espécies de proposições analisadas ou ainda a ambigüidade ou imperfeições de linguagem que se deve adotar.¹⁹⁷

São três as categorias de proposições conexas: as categorias das representações, das expectativas e, por último, a das volições, correspondente às definições (em Kant, juízos analíticos, as afirmações e os juízos de valor não devem, de algum modo e sentido, ser trocados entre eles).¹⁹⁸

As funções resolutivas, no âmbito cognoscitivo da categoria das ações voluntárias e dos juízos de valor (*Werturteil*), que legitimam a operatividade da consciência, liberando-a de sua abstração e reprimam, ao mesmo tempo, deduções e irradiações corretas. A distinção apresentada por Brentano entre os fatos mentais da segunda e terceira das três categorias por ele estabelecidas evita imputar ao procedimento da ciência uma impotência no plano cognoscitivo ou queda em forma de cientificismo.¹⁹⁹

¹⁹⁶ Adriano Bausola, *Conoscenza e moralità in Franz Brentano*. Milão: Vita e Pensiero, 1968. p. 71.

¹⁹⁷ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel Giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora Editrice, 1996. p. 45.

¹⁹⁸ Vittorio de Palma, *Il soggetto e l'esperienza La critica di Husserl a Kant e il problema fenomenológico del trascendentale*. Macerata: 2001. Quodilibet, p. 223.

¹⁹⁹ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel Giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora Editrice, 1996. p. 79.

§5°.

Aspectos do objeto no psicologismo de Brentano
sob o ponto de vista das suas obras

I

A psicologia de Aristóteles com particular atenção
à sua doutrina do *noûs poietikós*

A psicologia de Aristóteles, com particular atenção à sua doutrina do *noûs poietikós*, contém na sua parte terceira uma dedicada análise da alma sensitiva, que encerra três gêneros de funções vitais: (i) a *sensação*, (ii) a *imaginação* e (iii) o *intelecto*. Essa doutrina mantém distância das concepções aristotélicas da sensação em geral e sobre número de sentidos, e em particular das sensações e do sujeito das sensações.²⁰⁰

Como é sabido, aristotelicamente, o ter sensação é a submissão do sujeito ao objeto sentido, em um processo de assimilação entre percipiente e percebido, que torna esse último conhecido. Por outro lado, a ação praticada pelo sujeito submete o fato por ele gerado, que, por conseguinte, de forma recíproca, consubstancia outra modalidade de sujeição.²⁰¹

De outro lado, assim como são variadas as capacidades sensitivas de diversos sujeitos, também os objetos sensíveis podem ser infinitamente diversos. Em particular, um objeto de sensação pode ser dito sensível de modo diverso. Aristóteles distingue entre objeto sensível enquanto tal (objeto dos sentidos individuais) e um objeto sensível *per accidens* (o objeto comum a mais de um sentido).²⁰²

²⁰⁰ Francesca Modenato, *Coscienza ed essere in Franz Brentano*. Bolonha: Pàtron Editore, 1979. p. 53.

²⁰¹ Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999. p. 9.

²⁰² Adriano Bausola, *Conoscenza e moralità in Franz Brentano*. Milão: Vita e pensiero, 1968. p. 53;.

A esse respeito, observou Brentano que com o objeto próprio do sentido, Aristóteles considera aquela qualidade de objeto perceptivo, que é o princípio agente da alteração do sentido, e segundo o qual, sendo ele o correlato natural da capacidade de sujeitar-se, devemos determinar a essência do sentido. Dizia Brentano, todavia, que se compreende que de si mesmo esse objeto não pode ser comum aos sentidos diversos. Atribuiu Brentano o nome de *objeto comum* do sentido àquilo que ele designava, ao contrário de tais particularidades, de objetos que modificam, em verdade, a percepção dos sentidos, mas só através da efetiva propriedade do agente.²⁰³

De particular importância é a distinção *per accidens*, enquanto diz respeito assim ao objeto próprio de cada sentido que é perceptível pelos outros sentidos, e que então não pode ser sentido em sentido próprio. A definição de sentido *per accidens* é relevante também do ponto de vista da percepção de uma sensação, e evita o multiplicar indefinido dos sentidos; evita, por exemplo, postular um sentido do “ver pelo ver”, do “sentir pelo sentir”, e assim vai.²⁰⁴

Esses passos são de grande importância teórica no desenvolvimento da concepção de Brentano que, no comentário a Aristóteles evidencia e enfrenta em primeira instância alguns dos problemas cruciais da teoria do conhecimento, como a *unidade múltipla dos objetos* da percepção, a extensão do *momento ora*, a *simultaneidade das percepções sucessivas* e a percepção da sua diferença dada na duração atual. Brentano trabalhou toda a vida sobre esses temas, que resguardam a diferença entre *classes de fenômenos* psíquicos diversos, e, em particular, entre as apresentações e juízos, como também fizeram seus melhores alunos, de Stunpf a Husserl a Meinong. A versão decisiva será dada pelo encontro com as teses da então nascente psicologia experimental.²⁰⁵

Em prosseguimento à análise e ao comentário da tese aristotélica, Brentano identifica o objeto do sensível próprio, que é diverso do objeto de cada um dos singulares sentidos individuais em uma mesma sensação. Brentano esclarece um outro ponto teórico importante: que seria o fato de *não se tratar de objeto externo*. Diz Brentano que os objetos (*Objecte*) externos não são o seu (do sensível próprio) objeto (*Gegenstand*). Em outras palavras, há diferença entre as múltiplas e infinitas sensações, assim como também há as intérminas diferenças entre os objetos. Também há diferença entre os objetos homogêneos unidos para uma percepção conjunta, assim como também há diversidade entre os objetos heterogêneos reunidos

²⁰³ Brentano, p. 97-98.

²⁰⁴ Francesca Modenato, *Coscienza ed essere in Franz Brentano*. Bolonha: Pátron, 1979. p. 51.

por consciência única. Há, ademais, discrepâncias entre o objeto e aqueles que derivam deles. As contradições na percepção dos objetos que a nossa assunção pode produzir podem decorrer da diversidade de objetos ou da sua unidade. Se o objeto próprio é unicamente moldado na consciência pelas sensações, assim como as cores são o objeto próprio da vista, as discrepâncias de sensações nos ensinam a conhecer a diferença entre ver o branco e de degustar o doce, e distinguindo essas sensações, elas, ao mesmo tempo, nos ensinam a conhecer a análoga diferença entre o branco e o doce.²⁰⁶

²⁰⁵ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p.19.

²⁰⁶ Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999. p. 55.

II

A psicologia sob o ponto de vista empírico

Entre o fim dos anos oitocentos e o início dos anos noventa, a relação entre a Psicologia e a Filosofia tornou-se muito estreita, notadamente no mundo germânico. Tanto foi assim que, progressivamente, as cátedras de Filosofia foram ocupadas por psicólogos, que trabalhavam no campo da psicofísica e da neurofisiologia.²⁰⁷

A acentuação psicológica, ou seja, a atenção para os processos do pensamento, predominou na teoria filosófica dos fins do Século XIX²⁰⁸ e é denominada a Psicofisiologia.²⁰⁹ Essa mesma tendência também se infiltrou pela Lógica, Estética, Ética, Matemática e teoria da linguagem.²¹⁰ Historicamente, essa tendência vem sendo identificada com a etiqueta de regra de validade negativa do psicologismo, entendido como a concepção segundo a qual as relações lógicas dependem do indivíduo que pensa, imagina, crê ou conhece subjetivamente.²¹¹

A complexidade dos estatutos teóricos da psicologia e filosofia aos fins dos anos oitocentos é tal que, quando em março de 1874 foi publicada a *Psicologia do ponto de vista empírico*²¹² de Franz Brentano e os *Grundzüge der physiologischen Psychologie*²¹³ de Wilhem Wundt, ambas as obras, não obstante as diferenças de impostação, receberam críticas positivas e gozaram de ampla difusão.²¹⁴

Ao longo dos anos, coexistiram de fato uma psicologia do conteúdo sobre bases experimentais e fisiológicas (de caráter wuntiano e lotzeano) e uma psicologia do ato (de caráter

²⁰⁷ Gabriele Giannantoni, *Le filosofie e le scienze contemporanee*. Turim: Loescher, 1996. p.371.

²⁰⁸ Um traço variamente presente também no associacionismo britânico de Hume a Stuart Mill. Cf. F. Adorno, T. Gregory e V. Verra, *Storia della Filosofia*. Roma-Bari: Laterza, 1981. p. 457.

²⁰⁹ De Lotza a Horwicz e desse último a Madsley a até a Weber e Fechner.

²¹⁰ Cf. Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999. p. 19.

²¹¹ Cf. Thomas Ramsom Giles, *Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau Ponty*, Petrópolis: 1979.

²¹² Cf. a trad. italiana de Giovanni Gurisatti (Bari: Laterza, 1997).

²¹³ Cf. Maria Sinatra, *Storia della psicologia poscientifica. Lo sperimento prima Wundt*. Bari: Progreddit, 2005.

²¹⁴ Liana Albertazzi, *op. cit.* p. 39.

brentariano), que sustentam uma descrição fenomenológica nativística da percepção e que, a título variado, é representada por Mach, Stumpf e Hering.²¹⁵

Antes da publicação dos *Elementer der Psychophysik* de Flechner, em 1860, a tendência psicofísica e a psicofisiológica era difusa e operava a partir de autores como Herbart, Bain, Stuart Mill, Lotze e Helmholtz. De diversos pontos de vista, os autores mencionados enfrentaram o problema de uma psicologia sobre bases científicas e sobre perspectivas filosóficas.²¹⁶

Um dos principais problemas na estrutura da psicologia como ciência é aquele da aplicabilidade da matemática à medida dos fenômenos psíquicos, argumento que, a seu tempo, foi considerado e resolvido negativamente por Kant.²¹⁷ Em geral, os problemas que a psicologia científica enfrenta, de modo preliminar, são os seguintes: antes de pensar em uma aplicação da matemática aos fatos psíquicos, em primeiro lugar se deve demonstrar que os fatos psíquicos são grandezas mensuráveis; em segundo lugar, se deve verificar se são grandezas extensivas, e então mensuráveis no espaço, ou intensivas. Nesse último caso, não se pode medir a intensidade, se não diretamente, ao menos indiretamente, mensurando, assim, os fenômenos físicos sob os quais se fundam.²¹⁸

A primeira formulação de uma lei matemática da medida da relação entre as diferenças nos estímulos e as diferenças na sensação foi elaborada por H. Weber. Segundo a lei de Weber, se um mesmo estímulo é aplicado a um órgão de sentido com intensidade diversa, as diferenças, para serem perceptíveis, devem ter um certo valor, que é proporcional para cada indivíduo e para cada órgão de sentido de acordo com a intensidade do estímulo e o momento que as sensações possam produzir efeitos.²¹⁹

Essas últimas questões, em particular, foram sustentadas por Fechner, que sugeria a aplicação da lei de Weber sobre a percepção de sensações de diferenças em uma lei sobre a percepção da diferença de sensações. Historicamente, a evolução do problema conduziu à

²¹⁵ Liliana Albertazzi, *op. cit.*, p. 38.

²¹⁶ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora, 1996. p. 62.

²¹⁷ Francesca Modenato, *Coscienza ed essere in Franz Brentano*. Bolonha: Pàtron Editore, 1979. p. 45.

²¹⁸ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora, 1996. p. 63.

²¹⁹ Gabriele Giannantoni, *Le filosofie e le scienze contemporanee*. Turim: Loescher, 1996. p. 364.

formulação da lei de Weber-Fechner, segundo a qual a intensidade das sensações vêm expressas como função da intensidade dos estímulos. Também nessa formulação, a lei não resolve alguns problemas estruturais. A percepção da diferença de sensações, por exemplo, é quantitativa (como entre duas superfícies) ou qualitativa (como entre dois tons de vermelho), e, de outro lado, a percepção de diferença se aplica (i) à intensidade das próprias sensações, ou aos processos de apreensão, (ii) ao seu conteúdo ou mesmo ao correlato vermelho, escuro etc. Enfim, quanto à sua pertença no nível fisiológico e no nível fenomenológico, o seu importe é eventualmente cognitivo.²²⁰

Brentano foi um dos primeiros críticos da psicofísica fechneriana, valendo-se de algumas das observações sobre a ordem e o trato qualitativo da experiência fenomênica. Limitou-se a introduzir os conceitos de fenômeno psíquico e ciência psicológica ao tratar da psicologia como ciência da psiquê. Em uma distinção entre fenômenos físicos e fenômenos psíquicos, observou que os objetos dos nossos sentidos, como os fenômenos de cor, som, calor e gosto, manifestam caráter fenomênico. Isso particularmente significa que, por permanecer a qualquer coisa existente do qual são signos, eles têm caráter de realidade no interior das nossas sensações. Os objetos da experiência interna, ou seja, os estados psíquicos, como são representativos, judicativos ou emotivos, manifestam um caráter imediatamente de nítida consciência e de suma correção, que os torna indubitáveis para a sua atualidade e para a modalidade da sua presença.²²¹

Se, pois, os fenômenos singularmente considerados são caracterizados pela evidência e indubitabilidade, não o são, entretanto, o conceito de psique, como seu portador substancial. Sobre esse tema, Brentano diverge seja da posição de Lange, a favor de uma ciência psicológica sem psique, seja da posição de Stuart Mill, que considera, simplesmente, tarefa da Psicologia a análise das leis de sucessão e de coexistência dos fenômenos psíquicos.²²²

Em Brentano, a definição do estatuto do objeto psíquico assume importância fundamental, já que, no seu entendimento, ela consubstancia a própria Psicologia, sendo ciência teórica por excelência, em sentido aristotélico, mas também ciência empírica.²²³

²²⁰ Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999. p. 39.

²²¹ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora, 1996. p. 60.

²²² Brentano, *A psicologia do ponto de vista empírico*, *op. cit.*, p. 71.

²²³ Francesca Modenato, *Coscienza ed essere in Franz Brentano*. Bolonha: Pàtron Editore, 1979. p. 40.

Quanto ao método e fundamento da Psicologia, segundo Brentano, a Psicologia e a Ciência Natural têm fundamento comum. Elas partem da percepção e experiência, mas com algumas diferenças que resguardam os seus respectivos objetos e método de análise. No caso da Psicologia, em primeiro lugar, porque se faz necessária uma percepção interna e, em segundo lugar, porque não é possível a observação dos fenômenos psíquicos.²²⁴

A diferença entre percepção interna e observação interna dos fenômenos psíquicos está no fato de que, enquanto é possível fixar a atenção e observar os objetos percebidos externamente, esse exercício, entretanto, não pode ser com relação aos objetos da experiência pelo interno. A única possibilidade de observação dos nossos estados psíquicos é através de seus registros na memória, uma vez que a sua presença não é atual, e sofre todas as modificações objetuais que a situação comporta.²²⁵

Brentano enfrentou, passo a passo, o problema da diferença entre ato e objeto (e conteúdo) das apresentações; as diferenças entre fenômenos físicos (como som e cor) e fenômenos psíquicos (como ver e ouvir); a distinção entre apresentação e juízo (ou seja, na apresentação, ela mesma, sob a forma de reconhecimento ou não do objeto); a diversidade dos modos diretos e indiretos da apresentação, em relação aos diversos tipos de objetos das suas respectivas apresentações; o problema da diferença entre apresentação atual e memória, ao qual correspondem modalidades diversas, como ver no primeiro caso e observar no segundo e assim sucessivamente.²²⁶

Relevante questão suscitada por Brentano foi a distinção entre os fenômenos psíquicos e os fenômenos físicos, que ele individualizou, de acordo com o seu caráter intencional. Dizia Brentano que todo fenômeno psíquico é caracterizado por aquilo que os escolásticos denominavam de inexistência intencional (ou seja, mental) de um objeto, e que nós também, com expressões que contém primitivas ambigüidades, queremos definir fazendo referência a um conteúdo, e na perspectiva de um objeto (*Objectum*), que não vai entendido como uma realidade, ou seja, o objeto imanente. Cada fenômeno psíquico possui relação com o objeto, mas cada um ao seu modo. Na apresentação de qualquer objeto ao juízo, qualquer coisa

²²⁴ Francesca Modenato, *Saggi e ricerche*, op. cit. p.79.

²²⁵ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora, 1996. p. 38.

vem aceita ou refutada, no amor qualquer coisa vem amada, no ódio odiada, no desejo desejada etc.²²⁷

Essas são as questões que constituem os antecedentes da *Psicologia do ponto de vista empírico*, que foi escrita por Brentano no retorno de uma viagem à Lípsia, onde teve acesso a obras de alguns dentre os mais conhecidos expoentes da Psicologia dos idos dos anos oitocentos, Fechner, Drobisch e Weber.²²⁸

²²⁶ Adriano Bausola, *Conoscenza e moralità in Franz Brentano*. Milão: Vita e pensiero, 1968. p. 37.

²²⁷ Brentano, *A psicologia, op. cit.* p. 154-155.

²²⁸ Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999. p. 25.

III

A classificação dos fenômenos psíquicos ou a Psicologia II

A classificação dos fenômenos psíquicos, conhecida como *Psicologia II*, foi publicada pela primeira vez em alemão, em 1911. Naquele momento, Brentano já estava há seis anos na Itália e estabeleceu sua residência habitual em Florença, sobre as colinas de Bellosguardo.²²⁹

A primeira sessão do volume é inteiramente dedicada a um aprofundamento da classificação dos fenômenos psíquicos apresentados em 1874. Algumas mudanças menores, a respeito da subdivisão proposta em 1874, resguardaram a teoria do juízo e, em particular, a relação entre o objeto do juízo e entre referência emotiva e juízo. Na reedição da obra, Brentano buscou enfrentar e discutir as objeções recebidas no entretanto, e expõe um novo ponto de vista sobre o objeto da referência intencional. Afirma que, uma das mais importantes inovações em sua obra consiste na constatação de que a consciência psíquica pode ter por objeto qualquer coisa irreal e inexistente.²³⁰

Em ulterior apêndice para outra edição, Brentano apresenta mais uma inovação: a metafísica do realismo, segundo a qual só existem realmente coisas, assim entendidas como eventos tempo-espaciais atuais do ato de referência, que preluda o que seria a sua monografia intitulada *Psicologia III*.²³¹

Na *Psicologia I*, Brentano considera o fenômeno psíquico como um fenômeno unitário, caracterizado pelo referimento intencional a um objeto. E essa unidade não exclui a multiplicidade de elementos (*rectius*: partes distintivas), que podem integrar o mesmo objeto de investigação. Na tentativa de fazer luz sobre o objeto de referimento, nas lições mencionadas, Brentano distingue: (a) as partes realmente separáveis (por exemplo, ver e sentir, ver e recordar-

²²⁹ Liliana Altertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999.p.65.

²³⁰ Francesca Modenato, *Coscienza ed essere in Franz Brentano*. Bolonha: Pàtron Editore, 1979. p. 37.

²³¹ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora, 1996. p. 38.

se de ter visto etc.); (b) partes separáveis unilateralmente (ver e notar, ver uma certa cor e apresentar o conceito etc.); e, (c) partes distintivas.²³²

As partes distintivas do objeto são de diversas naturezas. São denominadas também partes impróprias e dividem-se em quatro tipos: (i) internas; (ii) lógicas; (iii) relativas à estrutura relacional da consciência (correlatos) e (iv) relativas à *Diplossenergie* do ato (consciência primária e secundária).²³³

Em particular, as partes internas do objeto ostentam o interior da sua apresentação (como a extensão no campo visual e a qualidade do ato); as partes lógicas podem ser de gêneros e espécie (por exemplo, uma experiência preceptiva do vermelho contém como uma parte lógica a dimensão “cor”); as partes de correlato intencional resguardam a atualização de uma forma a parte do ato (por exemplo, ver, ouvir e amar) e o correlato objetual do ato mesmo (ou seja, a forma que vem atualiza o ver, o ouvir, o amar). Enfim, as partes relativas à dupla energia do ato se dividem em: (i) primárias (atenção no ato e o correlato objetual geral imanente) e (ii) secundárias (atenção no ato em si mesmo).²³⁴

Quanto à natureza do objeto de referência, a partir dos anos 1890-1891, Brentano distingue um duplo correlato da referência intencional: (a) o ato psíquico (ver, apresentar, querer, amar, negar) que é real; e (b) o objeto ao qual o ato é voltado (isto é, visto, apresentado, querido, amado, negado etc.).²³⁵

Brentano, então, nos fins dos anos oitocentos, mantinha o aspecto de intencionalidade do ato, enquanto o objeto assume sempre mais características de um elemento fictício. Essa patinagem progressiva para o caráter sintomático do objeto ocorre também sob os fundamentos de uma análise sempre mais pormenorizada da natureza e do papel dos *modi temporali* da apresentação, e em particular do seu papel modificante nos confrontos dos objetos. As diversas partes do correlato do ato de apresentação intencional, sendo partes distintivas de um inteiro unitário, não são separáveis. Qualquer um que pensa ou apresenta qualquer coisa tem sempre um objeto pensado ou apresentado, e esse objeto não será, necessariamente, real e

²³² Francesca Modenato, *Saggi e ricerche*, op. cit. p.82.

²³³ Francesca Modenato, *Coscienza ed essere in Franz Brentano*. Bolonha: Pàtron Editore, 1979. p. 37.

²³⁴ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora, 1996. p. 35.

²³⁵ *Idem*.

existente. Brentano afirmava que a realidade capturada pela nossa percepção é psíquica, isto é, mostra uma referência intencional, uma referência a um objeto imanente. E essas realidades são possíveis sem um correlato na realidade.²³⁶

Essa é uma passagem crucial na evolução da teoria da referência intencional. De fato, também se Brentano em seguida abandona a teoria do duplo correlato da consciência, a ficção do objeto de referência a respeito do ato não será mais posta em discussão. A passagem tornou possível a análise natural dos modos temporais do ato intencional.²³⁷

O problema se apresenta nas diferentes temporalidades dos objetos de apresentação, seja na diferença entre eles, seja nos modos de sua apresentação. Brentano empenhou-se sobre esse tema por toda a sua vida acadêmica e seus melhores alunos, Husserl e Meinong, também se dedicaram ao assunto.²³⁸

²³⁶ Lilitana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999. p. 37.

²³⁷ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora, 1996. p. 32.

²³⁸ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 223.

§6°.

Consciência sensível, consciência noética ou Psicologia III

Publicada sob o título *Consciência sensível consciência noética, a Psicologia III* foi publicada por Brentano em 1928. *Psicologia III* é um volume composto e constituído em torno de um certo número de textos ditados por Brentano e interpolados por explicações de Oskar Kraus, a quem foi enviada uma carta de autorização nesse sentido mais de uma década antes (1916).²³⁹

Nessa obra, Brentano estrutura suas observações sobre um original conceito de extensão perceptiva, que vem analisado, sobretudo, nos escritos que se seguiram. Brentano também investiga a natureza dos objetos dos fenômenos psíquicos, aos quais tanto se dedicou na *Psicologia II*. Passagem importante dessa obra é aquela na qual Brentano enfrenta a diferença entre intuição e pensamento abstrato, um dos núcleos conceituais de *Psicologia III*, e que retoma os temas da *Psicologia de Aristóteles*. Igualmente trata da questão do número dos sentidos e, sobretudo, da homogeneidade e da heterogeneidade das sensações.²⁴⁰

Brentano nesse trabalho, embora não se possa falar de um sentido de espaço, que dá em cada intuição externa, concretamente, menciona uma percepção espacial, com determinação qualitativa, que prescinde dessa última, através de um pensar noético.²⁴¹

Brentano constatou que todos os objetos que desafiam a intuição sensível se manifestam limitados na forma: parados ou em movimento, únicos ou múltiplos. Esses objetos são qualificados pela consciência de modo heterogêneo, por meio de cada sentido. Aristóteles para Brentano quis tornar possível o princípio da subdivisão. Ou seja, constatou que a particularidade do gênero da qualidade própria separa o sentido colorido do sentido do sonoro

²³⁹ Brentano já se encontrava cego por ocasião desse trabalho e por isso ditava os textos. Lilians Albetazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999. p.83.

²⁴⁰ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora, 1996. p. 62.

²⁴¹ Lilians Albetazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999. p 16.

etc. O pensamento estava correto, mas não elucidava se certa quantidade sensível seria homogênea ou heterogênea.²⁴²

Brentano aprimorou os conceitos aristotélicos ao reconduzir a pergunta sobre a homogeneidade ou heterogeneidade das sensações dos diversos âmbitos sensíveis à questão da existência análoga nos diversos campos, de dois extremos qualitativos de clareza e obscuridade, que correspondem ao quente e frio, doce e amargo, a segunda caracterizada como intuição sensível. Sempre, segundo Brentano, ao se analisar os objetos primários das intuições sensíveis, o pensar noético leva à constatação de que os objetos não são simplesmente qualificados e determinados de modo genérico e específico por qualidade, mas são também constituídos e determinados pelo sujeito de modo genérico e específico.²⁴³

O problema da localização dos objetos das intuições sensíveis está relacionado à assimilação da sua intensidade e extensão. Negar a localização quer dizer também negar a forma e extensão dos objetos fenomênicos, e aceitar, em linha de princípio, uma teoria do conhecimento do tipo associativo, baseada sobre a experiência passada, enquanto Brentano sustenta o nativismo. Em relação à controvérsia se os objetos da intuição sensível são intensivos ou extensivos, Brentano propende pela segunda hipótese, e o faz com fundamento em consideração do tipo mereológico.²⁴⁴

²⁴² Francesca Modenato, *Coscienza ed essere in Franz Brentano*. Bolonha: Pàtron Editore, 1979. p.50.

²⁴³ Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999. p. 18.

²⁴⁴ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora, 1996. p. 86.

§7º.

Algumas notas comparativas entre Brentano e Bolzano

Nenhum estudo sobre a influência dos mais conhecidos pensadores na Fenomenologia de Husserl poderia ignorar a figura de Bolzano.²⁴⁵ Não obstante Brentano e Bolzano terem sobrenome italiano, ambos são austríacos.²⁴⁶ Os dois filósofos foram religiosos, sendo que Brentano foi sacerdote dominicano, e foi na Ordem de São Domingos que conheceu a obra de São Tomás de Aquino, sua escola e o seu predecessor Aristóteles, a quem dedicou um auspicioso trabalho. Brentano afastou-se da Igreja Católica e até mesmo do cristianismo, mas continuou sendo teísta e de, algum modo, aristotélico. Bolzano também foi católico e sacerdote. Foi matemático, metafísico e filósofo da religião. Embora não tivesse travado conflitos com a Igreja, os teve com o Estado, fato que o levou a ser demitido da Cátedra de Religião da Universidade de Praga, em 1819, e, então, dedicou-se somente ao estudo, ou, de modo mais simples, ao saber.²⁴⁷

A obra *Paradoxos do Infinito*²⁴⁸ de Bolzano teve grande importância no desenvolvimento do pensamento matemático do Século XIX e constitui um precursor da obra de Cantor.²⁴⁹ Os seus escritos de filosofia religiosa foram quase todos publicados como anônimos, devido ao seu afastamento, em 1819, da cátedra de doutrina filosófica da religião, que ocupava desde 1805 na Universidade de Praga. A sua metafísica (*Athanasia* ou *Provas para a Imortalidade da Alma*, de 1827) nada tem de original e remete, sobretudo, a Leibniz.²⁵⁰ A sua obra verdadeiramente notável é a *Doutrina da Ciência*,²⁵¹ a qual, mesmo admitindo uma certa dependência da Lógica, relativamente à Psicologia, na medida em que a Lógica deve ensinar o homem a atingir a verdade (*Wissenschaftslehre*, § 13), concentra-se na elaboração da doutrina da

²⁴⁵ Cf. Paolo Bucci, *Husserl e Bolzano. Alle origine delle fenomenologia*. Milão: Unicopoli, 2000.

²⁴⁶ Certamente se deve tal fato ao conhecido aspecto multinacional do Império Austro-Hungaro. Entretanto, deve ser lembrado que Brentano era neto de italianos e obteve nacionalidade dos seus avós no período que esteve na Itália. Sobre os pormenores cf. Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999. p.35.

²⁴⁷ Liliana Albertazzi, -, Roma-Bari: Laterza, 1999. p.19.

²⁴⁸ Os *Paradoxos do Infinito* são datados de 1851. Cf. a ed. francesa, trad. por Hourya Sinaceur, *Les paradoxes de l'infini*. Paris: Seuil, 1999. Cf. ainda E. Melandri, *I paradossi dell'infinito nell'orizzonte fenomenologico in Omaggio a Husserl*, Milão: Il Saggiatore, 1960. p. 95.

²⁴⁹ Cf. Abbagnano, *op. cit.* v. 11, p. §

²⁵⁰ Cf. Abbagnano, *op. cit.* v. 12. p. 9.

²⁵¹ Que é datada de 1837. Cf. a tradução de Giovanni Reale, Milão: Vita e Pensiero, 1984.

proposição em si, da *representação em si*, da *verdade em si*.²⁵² A *proposição em si* é o puro significado lógico da proposição, enquanto independente de ser verdadeiro ou falso, de ser ou não expresso por palavras e de ser ou não pensado por um espírito.²⁵³ A *representação em si* é o aspecto objetivo da representação, que não exige nenhuma relação com o sujeito e constitui a matéria da representação subjetiva, isto é, da representação como ato de um sujeito pensante.²⁵⁴

A verdade em si é toda proposição válida, quer seja expressa e pensada ou não. As proposições em si não têm nenhuma existência real: são adquiridas quando são reconhecidas e, portanto, pensadas, tornando-se verdades em sentido subjetivo. Mas a matéria dessas verdades subjetivas é sempre uma verdade *em si*, que é válida, independentemente do seu reconhecimento.²⁵⁵ Proposições e verdades em si constituem o domínio das matemáticas puras, enquanto que o conhecimento verdadeiro adentra no campo do subjetivismo, porque lhe é essencial o aspecto subjetivo das representações e dos juízos.²⁵⁶ O *em si* de que fala Bolzano é a dimensão lógico-objetiva da experiência, que é independente das condições subjetivas do conhecer.²⁵⁷

A originalidade dos estudos de Husserl está nas críticas à concepção empirista ou psicologista da Lógica, e, *grosso modo*, da teoria do conhecimento da época.²⁵⁸ Deve-se levar em conta que a polêmica anti-empirista e anti-psicologista, e a distinção entre os problemas de fato relativos à origem e ao desenvolvimento do conhecimento e o problema de direito da validade do próprio conhecimento encontram a sua origem na obra de Kant e são posteriormente retomados e desenvolvidos por todas as formas do neocriticismo contemporâneo.²⁵⁹ Essa polêmica chega a Husserl por meio da obra dos lógicos matemáticos, especialmente de Frege e de Bolzano, nos quais se baseia explicitamente.²⁶⁰

²⁵² Cf. Paulo Bucci, *Husserl e Bolzano Alle origini della fenomenologia*. Milão: Unicopoli, 2000.p 73.

²⁵³ Cf. Abbagnano, *op. cit.* v. 12. p. 9.

²⁵⁴ Cf. Edoardo Fugali, *Anima e movimento Teoria della conoscenza e psicologia in Trendlenburg*. Milão: Vita e Pensiero, 2002. p. 9.

²⁵⁵ Cf. J. Danek, *Les projets de Leibniz et Bolzano: deux sources de la logique contemporaine*. Québec: Presses de l'Université Laval, 1975. 80.

²⁵⁶ Cf.F. Voltaggio, *Fondamenti della logica di Husserl*. Milão: Comunità, 1965. p. 26.

²⁵⁷ Cf. Paulo Bucci, *Husserl e Bolzano Alle origini della fenomenologia*. Milão: Unicopoli, 2000.p 72.

²⁵⁸ Conquanto se baseie no conceito de intencionalidade tão condensado por Brentano. Cf. Abbagnano. *História da Filosofia*. 4ª ed., v. 12. trad. de Conceição Jardim, Eduardo Lúcio e Nuno Valadas. Lisboa: Editorial Presença, 2001. p. 8.

²⁵⁹ Cf. Paulo Bucci, *Husserl e Bolzano Alle origini della fenomenologia*. Milão: Unicopoli, 1999. p. 25.

²⁶⁰ Mauro Mariani, *Introduzione a Frege*, 3ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2004. p. 55.

§8°.

Brentano e Trendelenburg: a relação docente
que indiretamente influenciou Husserl

Adolf Trendelenburg, nascido em 1802 e morto em 1872, foi um dos mestres de Franz Brentano.²⁶¹ Professor em Berlim, advertiu que, no âmago de todas as inovações filosóficas, sempre estarão presentes os valores perenes da filosofia platônico-aristotélica.²⁶² Escreveu *Investigações Lógicas*,²⁶³ em 1840, obra na qual se afasta da lógica idealista de Hegel, e, também, da psicologia empírica, para voltar à tradição de Aristóteles.²⁶⁴ Trendelenburg afirmou²⁶⁵ que a filosofia, em suas linhas fundamentais, está inserida na concepção orgânica do mundo, fundada por Platão e Aristóteles, desenvolvida a partir deles e capaz, ainda, de ulterior desenvolvimento e aperfeiçoamento, que se conseguirá investigando mais profundamente os conceitos fundamentais e os aspectos particulares, mediante fecundo intercâmbio com as ciências empíricas.²⁶⁶

A filosofia de Trendelenburg, como a de Aristóteles, está direcionada à idéia de fim; tem, pois, uma visão teleológica do ser, que culmina em um espírito dividido, fim último e causa universal.²⁶⁷ Desenvolveu também o autor, sobre as bases indicadas, uma ética e uma filosofia do direito.²⁶⁸ É Trendelenburg jusnaturalista à maneira de Santo Agostinho.²⁶⁹ Escreveu a respeito desse tema na obra *O direito natural na base da Ética* e constitui-se um representante

²⁶¹ Cf. Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999. p. 5. Cf. ainda os aspectos mais pessoais dos contatos em A. Kastil, *Die Philosophie Franz Brentano. Eine Einführung in seine Lehre*. Munique: Lehnen, 1951. p. 5.

²⁶² E. Riondato, *L'Aristotelismo di Franz Brentano e il suo influsso sulla cultura filosofica italiana*, in atti del Convegno Internazionale di Studi italo-tedeschi, Bonzano: Merano, 1965. p. 341.

²⁶³ *Logische Untersuchungen*. Lípsia: S. Hirzel, 1862.

²⁶⁴ Cf. M. Mangiagalli, *Logica e metafísica nel pensiero di Friedrich Adolf Trendelenburg*. Milão: Vita e pensiero, 1983. p. 12. Cf. ainda R. Giannetti, La presenza di Franz Brentano in Italia agli inizi del Novecento, *Rivista Filosofica Neoscolastica*, n°69, 1977. p. 8.

²⁶⁵ Cf. Ernst Bratuscheck, *Adolf Trendelenburg*. Berlim: F. Heinschel, 1873. p. 13.

²⁶⁶ J. Hirschirberger, *op. cit.* P. 329.

²⁶⁷ Cf. a síntese prefacial de Pierre Aubenque na obra coletiva sob sua direção *Concepts et catégories dans la pensée antique*, Paris: J. Vrin, 1980. p. IX.

²⁶⁸ Cf. M. Mangiagalli, *Logica e metafísica nel pensiero di Friedrich Adolf Trendelenburg*. Milão: Vita e pensiero, 1983. p. 32.

²⁶⁹ Cf. Edoardo Fugali, *Anima e movimento Teoria della conoscenza e psicologia in Trendelenburg*. Milão: Vita e Pensiero, 2002. p. 22.

da antiga cultura cristã do Ocidente.²⁷⁰ Além de Brentano, foram seus discípulos J. von Herting, O. Tillmann, G. Teichmüller e Rudolf Eucken, além de Kierkegaard e Dillthey.²⁷¹ Foi, desse modo, um precursor da reestruturação escolástica no Século XIX, e, por meio de Brentano, influenciou a Fenomenologia de Husserl.²⁷²

O encontro de Brentano com os textos aristotélicos, depois das primeiras leituras no liceu de Aschaffenerburg, sob a batuta do filósofo Josef Merkel, ocorreu em Berlim, para onde, ainda estudante universitário, transferiu-se por um semestre para estudar com F. A. Trendelenburg.²⁷³ Historicamente, Trendelenburg apresenta-se como um intérprete protestante de Aristóteles.²⁷⁴ Como recordam Paulsen e Prantl, os seminários de Trendelenburg obrigavam os estudantes a um árduo trabalho sobre os textos aristotélicos.²⁷⁵

Sucessivamente, Brentano apresenta-se por dois semestres na Universidade de Münster para obter aulas do neoescolástico F.J. Clemens.²⁷⁶ Por não ser teólogo de profissão, Clemens, ao contrário de Trendelenburg, é expoente de um catolicismo intransigente e combativo.²⁷⁷ São as suas teses publicadas na revista *Katholik*, que provocaram uma divergência entre alguns teólogos alemães.²⁷⁸ A influência de Trendelenburg e de Clemens é muito forte em Brentano, e pode ser constatada, de modo evidente, nas suas primeiras obras de carácter aristotélico, como se vê na obra *Sobre os múltiplos significados do ser segundo Aristóteles*, dedicada ao próprio Trendelenburg, e, também, na *Psicologia de Aristóteles, com particular atenção à sua doutrina do noûs poietikós*, dedicada a Merkel.²⁷⁹

Em verdade, Brentano escolheu habilitar-se com Clemens, e inicialmente pensava em fazê-lo com uma tese sobre Suarez.²⁸⁰ O contato com Clemens parece ter sido determinante também na decisão de Brentano de seguir a sua vocação religiosa. Em 6 de agosto de 1864,

²⁷⁰ Cf. a trad. espanhola, *op. cit.*

²⁷¹ Cf. Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999. p. 6.

²⁷² Cf. Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Bari: Laterza, 1999. p. 26.

²⁷³ Cf. Werle, J.M., *Franz Brentano und die Zukunft der Phiklosophie*. Amsterdã: Rodopi, 1989. p. 64.

²⁷⁴ O próprio Brentano trabalhou com as teses da categoria em Aristóteles, que são justamente as teses de Trendelenburg. Edoardo Fugali, *Anima e movimento Teoria della conoscenza e psicologia in Trendelenburg*. Milão: Vita e pensiero, 2002. p.31.

²⁷⁵ Cf. Francesca Modenato, *Coscienza ed essere in Franz Brentano*, Bolonha: Casa Editrice Pàtron, 1979. p69.

²⁷⁶ Cf. Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Bari: Laterza, 1999. p. 25.

²⁷⁷ Cf. Paolo Bucci, *Husserl e Bolzano Alle origini della fenomenologia*. Milão: Unicopoli, 1999. p. 52.

²⁷⁸ Cf. Adriano Bausola, *Conoscenza e moralità in Franz Brentano*. Milão: Vita e Pensiero, 1968. p32.

²⁷⁹ Cf. as tradução italiana de Stefano Tognoli. Milão: Vita e Pensiero, 1995.

depois de breve período de reflexão junto ao claustro dominicano em Graz, Brentano ingressou na ordem dominicana e dedicou-se ao monacal.²⁸¹

Naquele período, a academia nas universidades alemãs era sistematicamente dominada por expoentes protestantes, e suscitava vivazes discussões e notórios panfletos ideológicos.²⁸² Brentano residia em Münster nesse período de lutas e decidiu habilitar-se em faculdade na qual poderia “achar-se em harmonia com as teses do examinador”.²⁸³ No ano de 1862, então, Brentano habilita-se em Tübingen *in absentia*,²⁸⁴ com a já mencionada tese sobre os múltiplos significados do ser em Aristóteles.²⁸⁵

A tese trata de um argumento de Trendelenburg, *a doutrina das categorias de Aristóteles*, mas sob ponto de vista diverso: ao invés de partir da análise lingüística da predicação, Brentano escolhe uma perspectiva que poderia ser resumida e designada como ontológico-principiológica.²⁸⁶

²⁸⁰ “É o professor do meu coração”, escreveu ao tio Gunda von Savigny, descrevendo sua passagem com Clemens. Cf. Münchm D. *Der frühe Franz Brentano. Materialien zum Verhältnis von Philosophie und Katholizismus*. Amsterdã: Rodopi, 1983. p. 3.

²⁸¹ Angela Marocco, *Brentano le prove dell'esistenza di Dio*. Roma: Edizioni Studium, 1998. p. 9.

²⁸² Münchm D. *op. cit.*

²⁸³ Carta escrita ao tio Gunda von Savigny, *op. cit.* – a carta é de 29.06.2859.

²⁸⁴ Cf. Lilians Albertazzi, *op. cit.*, p.7.

²⁸⁵ Cf. a trad. italiana de Stefano Tognoli. Milão: Vita e Pensiero, 1995.

²⁸⁶ Cf. Pierre Aubenque, *op. cit.*, p. xi.

PARTE V
O PENSAMENTO DE HUSSERL

§1º.
Introdução

A Fenomenologia constitui uma das mais significativas correntes de pensamento e a ela é atribuída, em parte,²⁸⁷ a verdadeira ruptura com o Século XIX.²⁸⁸ A exata significação de sua importância e alcance é revelada pela quantidade de autores e obras marcadas pelos seus traços fundamentais e, ainda, especialmente pela comparação que se faz com o Cartesianismo.²⁸⁹ Importa sublinhar, entretanto, que se, por um lado, ela constitui uma das correntes filosóficas mais decisivas do Século XX, inegavelmente, ingressou vigorosa no Século XXI. É também, sem dúvida alguma, uma das mais complexas, a ponto de seu fundador e principal representante, Edmund Husserl, ter demonstrado, em sua obra, sua plena consciência de tal dificuldade, desde os primeiros anos em que empreendeu seus trabalhos até o fim de sua vida.²⁹⁰

Segundo concepção ordinariamente aceita e destacada por Heidegger, no §7º de *Ser e Tempo*,²⁹¹ a Fenomenologia constitui: uma (a) filosofia e (b) um método. Como manifestação filosófica, buscou determinar o conteúdo inteligível ideal dos fenômenos, captados em visão imediata, o que redundou na máxima conclusiva de retorno às essências das coisas. E como método, a Fenomenologia propõe-se a estabelecer fundamentos seguros para todas as ciências, desprovida de qualquer pressuposição, afastando-se da dedução e do empirismo, a fim de elucidar e esclarecer o que é dado.²⁹²

²⁸⁷ Especialmente por conta dos trabalhos de Bergson, Dilthey, James e Dewey. A nomenclatura é extraída de I.M. Bochenski in *Filosofia Contemporânea Ocidental*, trad. de Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1975. p.107 e seguintes.

²⁸⁸ Bochenski, I.M. *Op. cit.* p.131.

²⁸⁹ Lyotard, J.F. *A Fenomenologia*. trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. p.8.

²⁹⁰ San Martín, Javier. *La Fenomenologia de Husserl como utopia de la razón*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1987. p. 7.

²⁹¹ Heidegger, Martin. *Ser e Tempo*. Parte 1. 8ª ed. trad. de Marcia Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1999.

²⁹² Phippe Huneman e Estelle Kulich, *Introduction à la phénoménologie*. Paris: Armand Colin, 1997. p.9.

A Fenomenologia de Husserl não é uma descrição da consciência,²⁹³ nem uma ciência das aparências ou fenômenos enquanto contrapostos aos números,²⁹⁴ nem a descrição dos diversos graus de consciência, aos quais recorre o espírito desde a experiência vulgar até o saber absoluto.²⁹⁵ é o estudo dos fenômenos considerados como atos *noéticos-noemáticos* (formal-objetivos), para aquilatar o valor dos *noemas*, objetos intencionais da consciência transcendental ou *fenômenos puros transcendentais*.²⁹⁶

Husserl extrai do Cartesianismo uma dúvida metódica, mas fenomenológica, pela qual *põe entre parênteses* ou suprime, não só as ciências objetivas, mas, também, até mesmo a Lógica, já que trata de constituí-la em fundamento da Filosofia e de toda a Ciência e, independente da Psicologia, contra a pretensão do psicologismo então contemporâneo.²⁹⁷ Em razão dessa dúvida, mais radical e implacável ainda que a cartesiana, pois o *eu* psicológico ou experimental o põe entre parênteses (redução fenomenológica) e, em sua obra, o elemento fenomenológico sobrepõe ao psicólogo, ao *eu* transcendental. Não obstante esse voto solene de pobreza cognitiva, que reduz o mundo conhecido ao nada, ele, em virtude de sua intencionalidade, persiste em apresentar-se como existente.²⁹⁸ Ao refletir sobre essas aparências e com juízos existenciais (*Seinsphänomen, Seinsausspruch*), com uma evidência apodítica, que é o critério da certeza, descobrimos o *eu* transcendental, o *eu* expectador (*waches*) da corrente vital de fenômenos imanentes existenciais, os quais, considerados como imanentes, se convertem em fenômenos puros.²⁹⁹

Para Husserl, o primeiro princípio da consciência universal não é o *cogito*, mas a posse consciente de si mesmo, plena inteira e universal, inconfundível com a do psicólogo, que considera os fenômenos psíquicos como objetivos.³⁰⁰ Para a explicação do seu *eu* transcendental, - que não se reduz à existência do *eu cogito* (*cogito ergo sum*), que é a estrutura (corrente)

²⁹³ Como defendeu William Hamilton, Cf. F. Adorno, T. Gregory e V. Verra, *Storia della Filosofia*, v. 2. Roma-Bari: Laterza, 1982. p. 109.

²⁹⁴ Como disse H. J. Lambert, Cf. Gabriele Giannantoni, *La ricerca filosofica La razionalità Moderna*. Turim: Loescher, 1996. p.273.

²⁹⁵ Concepção de Hegel. Cf. Hypolite, *op. cit.* Cf. ainda Luis Mariano de la Maza, *Lógica, Metafísica, Fenomenologia*. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile, 2004. p. 73.

²⁹⁶ Jean Toussaint, *Introduction à la phenomenology*. Paris: Gallimard, 1994. p. 22.

²⁹⁷ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. 45.

²⁹⁸ Esta propriedade dos atos psíquicos e representativos a copiou Husserl de seu mestre Brentano e este por sua vez da Escolástica. Quer dizer referência a algo distinto do ato representativo a um *objeto* distinto do ato subjetivo. Cf. a esse respeito Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel Giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora Editrice, 1996. p. 34.

²⁹⁹ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p.83.

³⁰⁰ *Idem*.

universal apodítica da sua experiência – nos apresenta todos os modos de consciência ou vivências (*Erlebnisse*) intencionais (percepção, recordação, juízo, imagens, ficções). E seus correspondentes correlatos ou noemas são a síntese constitutiva do universo, que é a tarefa da fenomenologia transcendental.³⁰¹

O método para se chegar a tal conclusão é a intuição eidética ou das essências (*Wesensschau*), que constitui uma espécie de abstração ou apreensão do inteligível no empírico, do universal no singular, da essência no dado singular, da essência da cor, *verbi gratia*, na percepção de uma cor, recebida no *eu* transcendental, que prescindir de todas as circunstâncias empíricas nas quais se nos apresenta ou é dada essa cor. O resultado da investigação das essências: (a) não é geral, nem individual e não necessita de provas, (b) equivale às verdades da razão leibniziana,³⁰² e seu estudo constitui a ciência das ciências, contraposta à ciência dos fatos ou das essências experimentais, porque (c) das idéias platônicas, formam um terceiro reino, uma esfera válida, existam ou não os objetos investigados e ainda que sejam impossíveis, como, por exemplo, um círculo quadrado.³⁰³

Husserl defendeu, ardorosamente, a validade e independência do pensamento lógico em oposição aos psicologistas como Fries,³⁰⁴ Stumpf,³⁰⁵ Erdmann,³⁰⁶ Sigwart,³⁰⁷ Jerusalem,³⁰⁸ dentre outros. Sua posição empirística e evidencialística combateu o idealismo da intencionalidade dos atos psíquicos, que é a premissa da Fenomenologia.³⁰⁹

Cinquenta anos transcorreram de contínuo labor entre os trabalhos iniciais e a conclusão da filosofia de Husserl.³¹⁰ Ao dar sua formulação mais plena, Husserl expressou sua

³⁰¹ Patocka, Jan, *op. cit.* p. 46.

³⁰² Renato Cristin, *Invito al pensiero di Husserl*, Milão: Mursia, 2002. p. 21.

³⁰³ *Idem.*

³⁰⁴ S. Fries (1773-1843), Professor de Heidelberg e Jena, teve numerosos discípulos que se agrupam na Escola Antiga (E.F. Apelt [1815-1859], E.S. Mirbit [], Gauss [], J. Schleiden [], dentro outros) e a moderna (Nalsom [1882-] e Otto Apelt [.....]). Seu principal texto está na *Abhandlungen der Frieschen Schule*. Na sua concepção a Filosofia ideal é a kantiana, mas com a substituição do apriorismo transcendental pelo empirismo psicológico. Cf. Angela Ales Bello, *L'universo nella coscienza, Introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl*, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius. Pisa: Edizione ETS, 2003. p. 85. Cf. ainda, Franca D'Agostini, *Analitici e continentali*. Milão: Raffaello Cortina, 1997. p. 130;

³⁰⁵ Angela Ales Bello, *L'universo nella coscienza, Introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl*, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius. Pisa: Edizione ETS, 2003. p. 85.

³⁰⁶ *Idem.*

³⁰⁷ *Ibidem.*

³⁰⁸ *Ibidem.*

³⁰⁹ Tomada mesmo antes da Escolástica, e considerada por Brentano a base da sua filosofia. Cf. Vincenzo Fano, *La filosofia dell'evidenza Saggio sull'epistemologia di Franz Brentano*. Bolonha: Editrice Bologna, 1993. p. 73.

³¹⁰ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 23.

confiança em haver estabelecido a Filosofia como ciência rigorosa e disciplina independente, e classificou todas as precedentes como superficiais e imperfeitas ou vagas e estéreis. No começo, ao contrário, Husserl sentia-se atormentado por duvidar de que seu talento seria suficiente para alcançar as suas aspirações e se a Filosofia poderia satisfazê-las. Foi seu mestre Franz Brentano, a quem não só deve Husserl o incentivo para consagrar-se à Filosofia, mas também por fazê-lo se sentir seguro de que era através da Filosofia que podia aclarar todas as suas dúvidas.³¹¹ Husserl não se encaminhou a Brentano espontaneamente, mas foi posto em contato com ele por Thomas G. Masaryk, o futuro fundador e primeiro presidente da então República Checoslovaca.³¹²

³¹¹ Cf. Angela Ales Bello, *Edmund Husserl*. Pádua; Edizione Messaggero, 2005. p. 57.

³¹² Vincenzo Costa, Elio Franzini e Paolo Spinici, *La fenomenologia*. Turim: Einaudi, 2002. p. 59.

§2º.

As bases do pensamento de Husserl

O fim imediato a que se propôs Husserl foi o de construir uma Lógica pura, que ofereça fundamentos firmes para a construção de uma Filosofia rigorosamente científica. Está expresso em sua obra que julga indispensável *por entre parênteses todo o mundo objetivo existencial*, revalorando a *epoché* metódica cartesiana no sentido de uma inibição total que, na expressão de Husserl, é uma espécie de voto de pobreza em matéria de conhecimento.³¹³ Libertado desse modo o fenomenólogo de toda classe de conhecimento *ex ante*,³¹⁴ é preciso investigar, de uma maneira científica, os objetos em sua qualidade de fenômenos, ou seja, tais como eles se manifestam imediatamente à consciência.³¹⁵

As obras de Husserl exerceram uma influência capital na filosofia do Século XX. O objetivo da obra se cifra contra o psicologismo e na constituição de uma lógica de caráter apodítico. Husserl imputa ao Psicologismo ter desnaturado as leis lógicas, reduzindo-as a regularidades empíricas de valor amesquinhado.³¹⁶ A interpretação psicológica da lei falseará o seu autêntico sentido, e o princípio da contradição, *verbi gratia*, enuncia e se faz necessário para salientar a impossibilidade de que juízos contraditórios sejam ocasionalmente verdadeiros.³¹⁷

³¹³ *Meditações cartesianas*, p. 130-134.

³¹⁴ Conhecimento *ex ante*, que não deve ser confundido com o *a priori* das essências e das estruturas lógicas e objetivas que estão presentes, independentemente da natureza do sujeito que as pensa. E, desse modo, mais além do conhecimento da indicação singular e própria das ciências da experiência sensível, haja esse saber das essências dadas na consciência pura, as que são objeto de uma intuição eidética. Cf. Alberto Caturelli *La filosofia*. Madrid: Gredos, 1966. p. 478.

³¹⁵ *Idem*.

³¹⁶ Cf. No 11º Apêndice à *Klassifikation der psychischen Phänomene* disse Brentano: “A minha teoria do conhecimento é acusada de psicologismo: uma palavra de uso recente que induzia alguns a fazer o sinal da cruz, como os católicos zelosos quando ouvem nominar o modernismo. Disso fez registro Antonio Santucci ao dizer que se com isso se entendia negar a validade universal do saber, ninguém o havia combatido com mais validade que Brentano. Mas talvez as suspeitas nascessem disso que devendo corresponder ao verdadeiro juízo qualquer coisa fora do espírito, ele observava que nos juízos negativos e naqueles concernentes isso que é possível, passado e futuro, isto qualquer coisa não pode ser real. Se tal era o caso, eles não pareciam justificados. Não é pelo fato evidente, também sem adiantar esses não reais, que tais juízos da qual um afirma em certo modo aquele que outro nega não são justos? Que não o são se vem enunciados por uma ou das duas diversas pessoas? Somente a percepção do real, imediatamente evidente, nos fornece um sustento nossos e nos outros fenômenos.” Cf. Antonio Santucci, *Franz Brentano e i pragmatista italiani*, in *Brentano in Italia. Una filosofia rigorosa contra positivismo e actualismo*, organizado por Liana Albertazzi e Roberto Poli, Milão: Angelo Guerini e Associati s.r.l., 1993. p. 21.

³¹⁷ J. C. Artau, *Introducción a la filosofía*, 9ª. ed. Barcelona: Ediciones Alma Mater, 1950. p. 294.

De toda a vasta e ainda largamente desconhecida obra de Husserl, o método fenomenológico é, com certeza, o produto mais refinado de sua inteligência incomum e constitui a figura-chave da qual depende toda sua filosofia. O método fenomenológico consiste no exercício da penetração mental, em grande parte introspectiva, pelo qual logramos captar a essência dos objetos em um ato de visão imediata, prescindindo de sua realidade ou irreabilidade. É de Husserl o êxito notório de ter aplicado esse método à descrição das vivências e da consciência.³¹⁸

³¹⁸ Artau. *op. cit.* p. 295.

§3º.

A contribuição de Brentano a Husserl

Brentano ensinou a Husserl a importância de três aspectos que seriam características permanentes do pensamento do pai da fenomenologia, apesar de todas as modificações e inclusões de mudanças radicais que sua Filosofia experimentaria no transcurso do tempo. Em primeiro lugar, o ensinou a distinguir entre as leis lógicas e as leis do pensamento psíquico, distinção que redundou na firme oposição ao “psicologismo” (interpretação das noções lógicas como formações de origem psíquica, e suscetíveis, portanto, de explicar-se geneticamente). Em segundo lugar, Husserl tomou a distinção escolástica entre “essência” e “existência”, e em terceiro lugar, o conceito de “intencionalidade” da consciência, que significa que essa se dirige sempre a conteúdos distintos do mesmo objeto.³¹⁹

Foi a partir dessas premissas que Husserl estruturou a sua fundamentação da Fenomenologia e se, antes dele, essa expressão sugeria uma “teoria das aparências”, para Husserl significava uma filosofia completa, que consegue penetrar nas essências desconsideradas as condições empíricas da sua perceptibilidade e inclusive da sua existência. O critério da verdade é a evidência intuitiva, que não deve confundir-se com a “certeza” psicológica. Husserl não queria fazer considerações metafísicas de nenhuma natureza, mas estava convencido de que sua fenomenologia proporcionaria resposta a qualquer questão metafísica legítima, e mantinha que o reconhecimento e a persecução da análise fenomenológica por ele desenvolvido produziram conhecimento, com inteira independência da adesão fenomenológica a uma ou outra filosofia (em matéria fenomenológica). Husserl pretendia haver estabelecido uma doutrina das condições ideais da possibilidade da ciência, e haver servido à verdade por um caminho mais seguro que o de qualquer sistema filosófico.³²⁰

As análises das operações mentais, relativas aos conceitos elementares da Aritmética, são marcadas fortemente pelo conceito de intencionalidade desenvolvido por seu

³¹⁹ Jean Toussaint Desanti, *Introduction à la phénoménologie*. Paris: 1994. p. 130.

³²⁰ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 100.

mestre Franz Brentano.³²¹ O conceito de intencionalidade sobre o qual se funda a Fenomenologia de Husserl deriva da concepção psicológica de Brentano, que se inspirou na Lógica medieval e mais precisamente na Escolástica.³²² Para Brentano, o caráter específico dos fenômenos psíquicos é a sua *intencionalidade*, isto é sua *direção para o objeto*.³²³ Por *objeto* deve se entender um *objeto real*, dotado de absoluta autonomia relativamente às representações.³²⁴

Merece registro que o conjunto do chamado pensamento analítico, em suas origens austríacas e brentanianas, é considerado com atenção por Husserl, porque permite entender as afinidades com a conhecida ontologia continental européia. Não apenas Husserl partiu de premissas brentanianas, mas também o próprio nascimento do interesse ontológico em Heidegger se deve à leitura juvenil das teses de láurea de Brentano *Sobre o múltiplo significado do ente em Aristóteles*.³²⁵

O outro pressuposto fundamental da Fenomenologia, a intencionalidade da consciência, foi absorvido por Husserl em Franz Brentano. A tese fundamental de Brentano é a do caráter *intencional* da consciência ou da experiência em geral. *Intentio* é um termo escolástico e foi usado na última fase da escolástica para indicar o conceito, quando esse se refere a alguma coisa diferente de si e lhe toma o lugar. A lógica terminista³²⁶ baseia-se, inteiramente, no caráter intencional do conceito, que substituiu o conceito como *species*. Segundo Brentano, a intencionalidade é o caráter específico dos fenômenos psíquicos enquanto se referem, todos eles, a um objeto imanente. Brentano baseia a classificação dos fenômenos psíquicos nas diversas formas de intencionalidade. A representação, o juízo e o sentimento, que são precisamente as três classes fundamentais de tais fenômenos, distinguem-se entre si pela natureza do ato intencional que os constitui. Na representação, o objeto está simplesmente presente; no juízo, é afirmado ou negado; no sentimento, é amado ou odiado. Todos esses atos se referem a um *objeto imanente* e são, portanto, intencionais; mas a sua intencionalidade, isto é, a sua referência ao objeto, é diferente para cada um deles. O objeto do ato intencional é imanente

³²¹ Angela Ales Bello, *Edmund Husserl*. Pádua: Edizioni Messaggero, 2005. p. 12.

³²² Pierre Jacob, *L'intentionnalité Problèmes de philosophie de l'esprit*. Paris: Odile Jacob, 2004. p. 25.

³²³ Jean Toussaint Desanti, *Introduction à la phénoménologie*, Paris: Gallimard, 1994. p. 86.

³²⁴ Ernesto Mayz Vallenilla, *Fenomenologia del conocimiento*. Caracas: Universidade Central de Venezuela, 1956. p.52

³²⁵ Cf. a trad. italiana de Brentano, *op. cit.* A questão sobre o que é simples no múltiplo do ser, que então se movia em mim ainda obscuramente, vacilando sem encontrar ajuda, permaneceu, por meio de muitas evoluções, erros e aporias, o ponto de partida constante do tratado *Ser e Tempo*, que apareceu vinte anos depois. Cf. D'Agostini. *op. cit.* p. 308.

³²⁶ Dentre as quais a de Ockham. Cf. *História da Lógica* Boshenki, *op. cit.*.

enquanto cai no âmbito do próprio ato, ou seja, no âmbito da própria experiência psíquica. Brentano defende, pois, numa primeira fase (*Psicologia*, 1874), que o objeto da intencionalidade pode ser indiferentemente real ou irreal; e a essa fase do seu pensamento vinculam-se Husserl e Meinong. Depois, o seu entendimento sobre essa questão foi alterado. Na *Classificação dos fenômenos psíquicos* (1911), afirma que o objeto da intencionalidade é sempre um objeto real e que a referência a um objeto real é sempre uma referência indireta, isto é, feita por meio de um sujeito que afirme ou negue o próprio objeto.³²⁷ A referência ao objeto é apenas a relação primária do espírito, que tem no próprio ato uma relação secundária consigo mesmo. Isso implica que na atividade psíquica haja uma multiplicidade de relações e de objetos.³²⁸ Brentano afirmava, ainda, resolutamente o princípio de que, enquanto toda a realidade é sempre individual ou singular, todo o conhecimento apreende o real na sua generalidade.³²⁹

Brentano permaneceu no âmbito da investigação psicológica; de fato, as suas outras especulações não evidenciam nenhuma conexão sistemática particular com o princípio da intencionalidade da consciência. Por exemplo: pensa que os conceitos de substância e de causa derivam da experiência, que as partículas ou os eventos materiais são manifestações de uma única substância imóvel; que o espaço e o tempo têm caráter substancial e constituem determinações das coisas como tais. Essas especulações têm o valor de demonstrar que a intencionalidade da consciência era para Brentano um princípio limitado à explicação dos fenômenos psíquicos, tal como se revelam na chamada psicologia empírica, mas que não representam, de modo algum, o fundamento de um método filosófico verdadeiro. A originalidade de Husserl consiste, precisamente, em ter adotado esse ponto de vista, e ele tinha plena consciência de tal idéia, tanto que a expõe como base de seu raciocínio mais elementar nas *Meditações*.³³⁰ Subtraiu a intencionalidade da consciência e da esfera da experiência psíquica e atribuiu-a à esfera da simples validade lógico-objetiva, que lhe tinha sido revelada pelo neocriticismo e por Bolzano.³³¹

³²⁷ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora Editrice Bologna, 1996. p. 53.

³²⁸ Cf. *Classificação dos fenômenos psíquicos*, 1911, *op. cit.*, p. 127.

³²⁹ Cf. Abbagnano, *op. cit.*, v. 12. p. 10.

³³⁰ Cf. Angela Ales Bello, *Edmund Husserl*. Pádua: Edizioni Messaggero, 2005. p. 15.

³³¹ Cf. Abbagnano, *op. cit.* v. 12. p. 10.

§4°.

A evolução do pensamento de Husserl

Os trabalhos filosóficos de Edmund Husserl iniciaram-se em 1891 com um texto de matemática designado *Filosofia da Aritmética*.³³² Um distintivo característico dessa obra é o fato de que ela não antecipa, de forma alguma, o que os seus futuros trabalhos destacaram.³³³ Segue-se a isso a publicação de um dos seus mais notórios trabalhos, *Investigações Lógicas*,³³⁴ que é apresentado em dois volumes, respectivamente em 1901 e 1902, na qual Husserl se dedica aos fundamentos da Lógica. Extrai-se desse texto que a Lógica é compreendida em duas partes: (a) a primeira contendo uma crítica ao psicologismo e ao relativismo e a (b) segunda destinada à aplicação dos princípios enunciados na primeira. Foi publicada, em 1911, sob a forma de artigo, *A Filosofia como ciência rigorosa*,³³⁵ e em 1913 *As idéias relativas a uma fenomenologia pura*.³³⁶

É de todo relevante lembrar que Husserl publicou somente seis livros durante toda a sua vida:

Filosofia da aritmética (1891);³³⁷

As investigações lógicas (1900-1901);³³⁸

Idéias I (1913);³³⁹

Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo interno (1928);³⁴⁰

Lógica formal e transcendental (1929);³⁴¹

³³² Cf. a trad. italiana de Giovanni Leghissa. Milão: Bompiani, 2001.

³³³ Essa assertiva não é pacífica e encontra opinião contrária em Robert Sokolowski que afirma já existir nessa obra elementos nos quais a destacada obra de Husserl iria se pautar. Cf. *Formatio of Husserl's concept*. Boston: Kluwer Academic Publication, 1970. p. 18.

³³⁴ Cf. a trad. de Manuel Garcia Morente e José Gaos, Madri: Revista do Occidente, s/d.

³³⁵ Cf. a trad. italiana de Giuseppe Semerari. Roma-Bari: Laterza, 2005.

³³⁶ Não é demais lembrar que a fenomenologia de Husserl compartilha com a Filosofia da Vida (leia-se Dilthey e Bérqson) e a importância para o Século XX e se desenvolverá em diversos âmbitos: o próprios transcendentalismo de Husserl, o ontológico de Heidegger, o existencial de Scheler, ao qual poderia também se incluir Heidegger, e aquele social e político de Schultz e Sartre. Cf. Bochenski, *op. cit.*, p.

³³⁷ Cf. a trad. Italiana de Giovanni Leghissa. Milão: Bompiani, 2001.

³³⁸ Cf. a trad. de Manuel Garcia Morente e José Gaos. Madri: Revista do Occidente, s/d.

³³⁹ Cf. a trad. italiana de Vincenzo Costa. Turim: Einaudi, 2002.

³⁴⁰ Cf. trad. portuguesa de Pedro M. S. Alves. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1994.

³⁴¹ Cf. trad. italiana de Alfredo Marini. Milão: La nuova italia, 1998.

Meditações cartesianas (1931).³⁴²

³⁴² publicada inicialmente na França. Cf. nos pormenores: Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002, p. 25.

§5º.

A Filosofia da Aritmética

Em sua obra inicial, *A Filosofia da Aritmética*,³⁴³ Edmund Husserl investiga o conceito de número e de numeral de um ponto de vista que a maior parte dos autores havia definido como de cunho ou natureza psicológica.³⁴⁴ O significado do termo psicológico, identificado e associado ao de intencionalidade, é de grande importância para a interpretação do pensamento de Husserl.³⁴⁵

A objetividade autêntica do ato intencional resulta da absoluta autonomia dos objetos nos confrontos das representações. Se o caráter específico de um fenômeno psíquico é constituído pelo seu ser como representação, dirigida para um objeto, cada fenômeno psíquico deve ser definido como consciência de alguma coisa. Tal correlação, que se estabelece entre a consciência e o objeto, remete a uma série de dificuldades que se manifestam no interior da psicologia de Brentano, e que tomam em consideração a necessidade de determinar, sob o plano da psicologia científica, o conceito de consciência e de unidade da consciência. Da idéia de consciência surge, sobretudo, a antinomia que é própria da autoconsciência, que implica no fato de que a consciência se torne objeto de si mesma.³⁴⁶

A estrutura intencional dos fenômenos psíquicos remete à perspectiva de Brentano, a uma única e mesma realidade: a uma consciência unitária, que se torna constante em todo momento da vida psíquica. Na tentativa de por a prova científica o fundamento dessa realidade, o psicólogo austríaco busca sustentar teses que estão antagonizando com os princípios da sua teoria da intencionalidade. Não examinaremos essas teses e as contradições que a ele são conexas. Acreditamos que seja suficiente indicar as principais dificuldades que surgem da análise brentaniana pela identificação da autoconsciência, com a percepção imediata que cada ato psíquico tem de si mesmo, como um dado atual. Essa dação atual e inseparável da consciência nos conduz a uma verificação, a um fundo físico ou fisiológico, que constitui a sua

³⁴³ Que veio a luz em 1891. Cf. a trad. italiana, *op. cit.*

³⁴⁴ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 58.

³⁴⁵ Cf. a trad. italiana, *op. cit.*

própria manifestação. É próprio desse fundo, que priva a consciência daquele caráter que a leva a fazer a relação intencional, de maneira que o conceito original da relação é comprometido se a consciência não faz a distinção dos *objetos* para os quais é dirigida.³⁴⁷

Husserl reagiria ao que se poderia chamar de “tendência ingenuamente naturalística” da psicologia de Brentano, por isso ele é tão preocupado em restituir o sentido da relação intencional ao que se poderia compreender como genuína e irreduzível fisionomia. Não é, então, na *Filosofia da Aritmética*³⁴⁸ que Husserl faz uma análise dos atos psíquicos, que estão em correlação com alguns conceitos elementares da aritmética. Parece estar Husserl convencido de que não há outro modo para explicar a formação de tais conceitos, senão o de definir qual o tipo de operações subjetivas que estão a fundamentá-lo. O recurso a uma atividade psíquica que se apresenta com as características da espontaneidade, exclui uma solução puramente lógica do problema da formação dos conceitos da aritmética e alça a indagação do autor aparentemente ao mesmo plano da psicologia de Brentano. Em um escrito de 1891, a análise dos conceitos elementares como agregados, multiplicados, nos leva, implicitamente, a um campo teórico muito mais completo, que toma em consideração, em primeiro lugar, a *Teoria das Funções* de Weierstrass.³⁴⁹ Não nos parece que examinar a complexa problemática do matemático que foi professor de Husserl na Universidade de Berlim³⁵⁰ poderia ser suficiente para precisar que a indagação husserliana sobre o conceito de agregado conserva o seu valor e o seu significado, também no interior daquela problemática. E, ao que parece, a aritmética do infinito de Weierstrass é, em última análise, fundada sobre o conceito de agregado, entendido como um conceito aritmético elementar.³⁵¹

A formação de um agregado (*Inbegriff*) depende diretamente de operação essencialmente psicológica, que é denominada vínculo coletivo (*kollektive Verbindung*).³⁵² Trata-se de um interesse (*Interess*) unitário do sujeito dirigido para conteúdos diversos.³⁵³ De fato, uma das condições formais que torna possível a constituição de um agregado é que cada

³⁴⁶ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 31.

³⁴⁷ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 25

³⁴⁸ Cf. a trad. italiana, *op. cit.*

³⁴⁹ Para uma ampla visão da obra de Weierstrass na influência de Husserl. Cf. Voltaggio. *op. cit.* p. 62.

³⁵⁰ Instituição que Husserl frequentou e se dedicou à pesquisa matemática. Na Universidade de Berlim Husserl foi aluno de outro professor conhecido, além de Weierstrass: o Prof. Kronecker. Cf. Ludovic Robberechts, *Husserl*. Paris: Editions Universitaires, 1964. p.13.

³⁵¹ Como é referido na totalidade das obras sobre a Filosofia da Aritmética de Husserl foi de Weierstrass que Husserl extraiu. Cf. A. Peruzzi, *Noema. Mente e logica attraverso Husserl*. Milão: Angeli, 1994. p. 34.

³⁵² Cf. a respeito F. Bosio, *Fondazione della logica in Husserl*. Milão: Lampugnani Nigri, 1966. p.50.

³⁵³ *Idem.*

elemento se apresente distinto dos outros. Os elementos que entram em um agregado podem ser indiferentemente homogêneos e heterogêneos;³⁵⁴ e, além disso, é indiferente o modo da sua combinação. Na verdade, tem-se um agregado tanto se a multiplicidade dos elementos é determinada (*numero*), quanto se é indeterminada (*multiplicidade*). Entre multiplicidade e número há distinções só no sentido da indeterminação e determinação da multiplicidade. Por isso, o conceito de agregado é o conceito geral do qual multiplicidade e número são casos particulares. De um ponto de vista estritamente lógico, o conceito husserliano de agregado foi definido como antinômico ao mesmo modo que o conceito de classe; trata-se de uma antinomia não dissimilável daquela que achamos no conceito de agregado de Weierstrass e naquela da teoria de Cantor.³⁵⁵ De outra parte, ao que tudo indica, Husserl evita uma explicação lógica da noção de agregado, uma vez que³⁵⁶ o vínculo coletivo é definido com base em uma operação psicológica. E a posição de Husserl em referência a esse problema torna-se antitética não somente diante de uma solução puramente lógica, mas, também, nos confrontos do psicologismo. É muito importante, por isso, determinar, mais exatamente possível, o significado daquela operação psicológica, que é o fundamento dos conceitos aritméticos elementares, pois, assim, poderemos identificar o conceito de intencionalidade, o qual se revela nessa obra de 1891.³⁵⁷

Husserl afirmou que viu, de modo especial, a *intencionalidade brentiana*.³⁵⁸ A operatividade que é fundamento do vínculo coletivo assume um caráter que não achamos no tipo de atividade psicológica definida por Brentano; tal operação parece condicionada pela qualidade do objeto para o qual ela é dirigida. Um objeto que revela estrutura lógico-matemática e que se apresenta como uma verdade imutável e faz vir à mente a objetividade lógica de Bolzano, que Husserl ainda ignorava.³⁵⁹ O objeto da intencionalidade brentiana apresenta-se tal como os caracteres do *objeto empiricamente real*, e, então, o correlato ato intencional da consciência é

³⁵⁴ O agregado é por isso um conceito geral de ligação no qual reentra como um caso particular de agregado os quais elementos são homogêneos, como aquilo que De Morgan e Boole vêm definido como classe. Cf.

³⁵⁵ Para um exame rigorosamente crítico dos aspectos matemáticos e lógicos das indagações de Husserl sobre a aritmética cf. Franco Voltaggio. *Fondamenti della logica di Husserl*. Milão: Ed. Comunità, 1965. *Op.* p. 49-50.

³⁵⁶ Diz Voltaggio, *op. cit.*, que, Husserl pode ter sido conduzido a descartar uma solução propriamente lógica da ligação coletiva dos escritos de Boole e de Schröder dos quais teria tomado o fundamento antinômico do conceito de classe. Cf. p. 50.

³⁵⁷ *A Filosofia da Aritmética*. Cf. trad. italiana, *op. cit.*

³⁵⁸ Cf. *Meditações*, *op. cit.*

³⁵⁹ O próprio Husserl declarou haver lido os escritos de Bolzano somente poucos anos antes da publicação das *Investigações Lógicas*, que saíram nos anos 1900 e 1901. Cf.

psicologicamente condicionados pelos limites do espaço-temporal de tal objeto.³⁶⁰ O *objeto matemático*, ao contrário, que se revela a Husserl na sua idealidade, tem uma estrutura necessária e imutável, que repercute sobre o correlato ato da consciência unificante, e nessa operação ambos parecem assumir a mesma necessidade e idealidade. Demais disso, o objeto ideal parece adquirir um maior grau de autonomia e independência a respeito da mesma consciência; essa necessidade do objeto ideal fará, mais tarde, Husserl afirmar que existem proposições lógicas e matemáticas que são verdadeiras também se nenhuma mente as tenha pensado.³⁶¹

A estrutura lógico-matemática de em certo objeto, como o conceito de número, condiciona à teorização de uma atividade psicológica correspondente.³⁶² Se o número é uma espécie de agregado, mais exatamente uma multiplicidade determinada, tudo isso faz parte da estrutura de uma multiplicidade. O fato, por exemplo, de que há elementos distintos dos demais e que o conjunto dos elementos constitui uma totalidade determinada, prefigura no sentido unívoco o tipo de atividade unificadora da consciência, que é particular do vínculo coletivo, e é a origem do conceito de número. Husserl admite que os conceitos matemáticos elementares podem ser compreendidos como conceitos indefiníveis.³⁶³ Diante da atividade da consciência, tais conceitos configuram-se como objetos e, precisamente, como objetos ideais em direção aos quais se orienta o interesse do sujeito, a sua atividade intencional.³⁶⁴

A atividade psicológica que se desenvolve em direção dos conceitos matemáticos é definida por Husserl, não somente no sentido de um destaque do psicologismo naturalístico de Brentano, mas, também, no intento de uma distinção e determinação exata da própria posição em relação à gnoseologia transcendental kantiana. Essa atividade psicológica segue em direção à determinação das formas *a priori* da intuição espacial e temporal, são postas por Kant com fundamento, respectivamente, nos juízos sintéticos *a priori* da geometria e da aritmética.³⁶⁵

O tempo e o espaço, segundo Husserl, como condição psicológica ou formal não são suficientes para explicar qual o vínculo coletivo que constitui o conceito de multiplicidade. Tempo e espaço podem ser considerados como condições psicológicas de formação de um

³⁶⁰ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora Editrice, 1996. p.153.

³⁶¹ Husserl. *A Filosofia da Aritmética*. Trad. italiana de Giovanni Leghissa. Milão: Bompiani, 2001. p.

³⁶² R. Raggiunti, *Husserl dalla logica alla fenomenologia*, Florença: Lê Monier, 1967. p. 53.

³⁶³ S. Bachelard, *La logique de Husserl*. Paris: PUF, 1957. p 125.

³⁶⁴ Husserl, *A Filosofia da aritmética. op. cit.*

³⁶⁵ Cf. Voltaggio em torno da gnoseologia kantiana em referência aos conceitos matemáticos. *Op. Cit.*, p. 61-62.

agregado, mas não são a sua causa. O tempo e o modo da sucessão ou da contemporaneidade dos elementos de uma multiplicidade, e o diverso tipo da multiplicidade (determinada ou indeterminada), nos conduz a uma específica operação na qual vem determinado o tipo particular de temporalidade. Nesse sentido, o tempo pode ser definido como uma condição psicologicamente preliminar para a formação dos conceitos elementares da aritmética e como puro e simples fundo da aparição.³⁶⁶

É discutível que esse modo de Husserl interpretar as operações do sujeito cognoscente em direção dos conceitos da aritmética não seja conforme o espírito da gnoseologia kantiana. Também por Kant os juízos da Aritmética (deve-se pensar no célebre exemplo $7+5=12$) não têm o seu fundamento somente na intuição temporal.³⁶⁷ Pode-se dizer, que nesse caso, a intuição temporal, a forma temporal, como pela geometria a forma espacial, são condições necessárias à origem do conceito, mas não são as únicas. À base de qualquer conceito há também uma síntese intelectual: nos exemplos dos conceitos aritméticos e geométricos, a síntese segundo a categoria de quantidade. Deve-se por a questão na diferença entre a maneira pela qual Kant define a síntese categorial em referência aos objetos da aritmética e aquela na qual Husserl teoriza o vínculo coletivo. É certo que a base filosófica na qual se apresenta o problema lógico-husserliano é o neokantismo.³⁶⁸ A sensibilidade de Husserl para o problema lógico-matemático o avizinha da mentalidade de Leibniz, com uma preferência pela verdade da razão, relacionada à verdade de fato. É neokantiana a exigência, profundamente sentida por Husserl, de pôr o sujeito das operações aritméticas além dos limites de um sujeito psicológico, que se tornou mutável e contingente pelos seus liames destinados ao objeto empiricamente determinado.³⁶⁹ A sua polêmica, com a imposição dada por Mill ao problema lógico, é o testemunho seguro da sua convicção que as operações psicológicas, que se explicam nos conceitos de aritmética, são operações universais e necessárias de um objeto que tem características semelhantes àsquelas do *eu* kantiano.³⁷⁰

³⁶⁶ Husserl, *A filosofia da aritmética*. Cf.

³⁶⁷ Em paralelo aos textos de Kant, Reinach construiu uma argumentação sob a forma fenomenológica. Cf. *Introducción a la fenomenología*, trad. de Rogelio Rovita. Madri: Ediciones Encuentro, 1986.

³⁶⁸ Vittorio de Palma, *Il soggetto e l'esperienza La critica de Husserl a Kant e il problema fenomenológico del trascendentale*, Macerata: Quodlibet, 2001. p. 27.

³⁶⁹ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 98.

³⁷⁰ Cf. a respeito Vittorio de Palma, *Il soggetto e l'esperienza. La critica e il problema fenomenológico dei trascendentale*. Macerata: Quodlibet, 2001. p. 29.

§ 6º.

As investigações lógicas

A lógica do discurso de Husserl era inflexível e fundada sobre a noção de intencionalidade. Estava Husserl disposto a reconhecer e aprovar a exigência própria dos lógicos puros, que queriam apresentar-se com a segurança dos empiristas, especificamente quanto aos valores da objetividade e da idealidade dos princípios lógicos e matemáticos. Mas, na verdade, estava em desacordo com eles. Os valores de necessidade e idealidade dos objetos da lógica e da matemática não podiam permanecer suspensos no vazio, separado e absolutamente privado de qualquer liame com a atividade dos sujeitos. Já se falou em “platonismo” de Husserl, e, em certo sentido, a expressão justifica-se: a posição assumida no volume primeiro das *Investigações Lógicas*,³⁷¹ sob influência do pensamento de Bolzano, autoriza, em parte, o uso da referida expressão.³⁷²

No segundo volume das *Investigações Lógicas*, que compreende seis investigações, Husserl retorna, de certo modo, os problemas dos aspectos subjetivos do conhecimento lógico. A consciência, a subjetividade, com as suas operações que se desenvolvem em direção ao objeto, vêm consideradas como um componente essencial e ilimitado para a determinação do caráter de tal consciência. A junção das objetividades ideais da lógica, afirmada nos prolegômenos, tornou enigmática e misteriosa, como Husserl havia declarado em um escrito de 1913,³⁷³ a relação que deveria verificar-se entre a consciência e aquela objetividade ideal. Husserl assume ora uma dúplice tarefa de fundar o conhecimento da objetividade ideal, ora de reconstituir a psicologia sobre bases diversas. A satisfação de tais exigências atua sobre o plano de uma teoria do conhecimento.³⁷⁴

Na *Introdução* daquela obra Husserl declara que o exame da linguagem constitui um elemento preparatório indispensável à “construção da lógica pura”, mas precisa que tal

³⁷¹ René Schérer, *La fenomenologia de las “investigaciones lógicas” de Husserl*. Madri: Gredos, 1969. p. 59.

³⁷² Como se vê no volume II, o tema dos sujeitos cognoscente da consciência e das operações retorna em primeiro plano. Cf. a trad. ital., *op. cit.*

³⁷³ *Entwurf einer Vorrede zu den logischen Untersuchungen* (Esboço de um prefácio das *Investigações Lógicas*) que saírem em 1939, “Tijdschrift voor Philosophie”, fevereiro, p. 106-133, e maio, p. 319-39.

investigação lingüística não possa ser entendida em sentido gramatical-empírico, como se fosse a indagação sobre uma língua historicamente dada. O exame lingüístico, que se deve cumprir, deve ser do tipo mais geral, deve ter por *objeto* não os específicos atos lingüísticos historicamente determinados, mas a essência geral do ato lingüístico. Por isso, deve-se regressar a uma *fenomenologia pura das experiências vividas do pensamento e do conhecimento*.³⁷⁵

O objeto da indagação fenomenológica é a experiência vivida, que se pode colher e analisar mediante a intuição, mas depois de ser apreendido, através da intuição, o objeto passa a ser uma *species* de experiência vivida. O exame lingüístico cumprido sobre plano da fenomenologia atinge, por isso, a essência das expressões e dos enunciados, colhidos diretamente em uma intuição essencial. A Teoria do Conhecimento das verdades lógicas tem, então, como pressuposto subjetivo, o ato intuitivo e, como pressuposto objetivo, a essência como conteúdo da intuição. A Fenomenologia pura constitui um campo de pesquisa neutro, no qual as diversas ciências têm a sua raiz, pois, se por um lado, ela é útil à Psicologia como ciência empírica, porque estuda, sob um perfil de generalidade essencial, aquelas experiências vividas (representação, juízo, conhecimento), que a Psicologia submete a uma indagação de caráter empírico; de outro lado, a Fenomenologia, como Teoria do Conhecimento, revela as fontes da qual derivam os conceitos fundamentais e as leis ideais da Lógica pura.³⁷⁶

O significado autêntico das formações lógicas parece que se revela à investigação husserliana, além daquele sentido que é o particular revestimento gramatical e lingüístico no qual essas proposições se manifestam.³⁷⁷ Os *objetos* de investigação lógica são dados como incorporados, por assim dizer, em experiências vividas concretas as quais, na sua função de *intenção de significado* ou de *preenchimento de significado*, resultam de certas expressões lingüísticas e formam com ela uma *unidade fenomenológica*.³⁷⁸ Sabemos que a investigação fenomenológica é claramente orientada para o que é essencial, idêntico, imutável, e que o objeto da sua descrição não é a experiência vivida concreta e particular.³⁷⁹

³⁷⁴ *Introduzione a Husserl*, Roma-Bari: Laterza, 1999. p. 12.

³⁷⁵ Cf. McTaggart, John Ellis, *L'irrealità del tempo*, trad. de Luigi Cimmino. Milão: RCS, 2006. p. 96.

³⁷⁶ Uma análise fenomenológica da linguagem em *pode vista* em D. Conci, *L'universo artificiale, Per una epistemologia fenomenológica*. Roma: Spada, 1978. p. 80.

³⁷⁷ Franco Voltaggio, *Fondamenti della logica di Husserl*. Milão: Ed. Comunità, 1965. p. 26.

³⁷⁸ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 89.

³⁷⁹ Ludovic Robberechts, *Husserl*. Paris: Editions Universitaires, 1964.p. 16.

É oportuno observar que o terreno próprio da indagação fenomenológica, que se apresenta como uma Teoria do Conhecimento, é aquele da abstração.³⁸⁰ Uma das tarefas fundamentais dessa teoria será a de definir, ainda em polêmica com as interpretações empirísticas e psicológicas, o conhecimento do abstrato, a intuição e a visão em abstrato. Veremos que a distinção, que constitui o critério fundamental da teoria husserliana do conhecimento, entre o ato de conhecimento que tende ao *objeto* sem intuí-lo diretamente, dando-lhe simplesmente o significado vazio, e o ato que representa o objeto diretamente, mediante o preenchimento do seu significado, se achará à base da discussão sobre a visão do abstrato. E é através dessa perspectiva que se poderá distinguir entre um abstrato, uma *species*, simplesmente de significados, e um abstrato, uma *species* de dados como presentes, isto é, diretamente intuídos ou vividos. Os problemas demasiadamente complexos que se desenvolvem em torno desse argumento vêm tratados por Husserl na *Primeira*, na *Segunda* e, em especial, na *Sexta Investigação*. Mas antes de afrontar tais questões, é necessário esclarecer alguns aspectos mais gerais da investigação fenomenológica, e, em primeiro lugar o conceito de intencionalidade, que é *objeto* das análises e descrições da *Quinta Investigação*.³⁸¹

Toda atividade de pensamento e de conhecimento tende aos *objetos*, aos *estados de coisas*, e é determinada a colher de maneira tal que o seu *ser-em-si* deva manifestar-se como uma unidade identificável em uma multiplicidade de atos do pensamento, ou de significações, reais ou possíveis.³⁸² Essa unidade ou identidade de significado, que é *objeto* da intenção cognoscitiva da consciência, vem tomada em exame através de uma análise da relação que se poderia constituir em expressão-significado.³⁸³ Em Husserl, a expressão é aquela que confere um significado a um objeto de investigação, ou seja, ela exprime uma relação objetiva. Mas expressão, enquanto animada por um sentido (*sinnbelebten*), distingue-se, de um lado, como *fenômeno* físico, no qual se constitui segundo o seu aspecto físico, e, de outro, junto dos atos que dão a ela um significado (*Bedeutung*).³⁸⁴ Em virtude desses atos, pode-se dizer que a expressão toma como objetivo ou finalidade qualquer coisa, ou seja, se refere a algo objetivo. E tal referência da expressão ao *objeto* pode ser realizada ou não, pois quando a referência da expressão *objeto* é realizada, o *objeto* é dado como atualmente presente, em virtude das intuições que se referem a ele, ou, ao menos, é presentificado mediante a imaginação e quando não é

³⁸⁰ Angela Ales Bello, *Husserl e le scienze*. Roma: La Goliardica, 1986. p. 112.

³⁸¹ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 38.

³⁸² Roberta Lanfredini, *Husserl La Teoria dell'intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 71.

³⁸³ *Idem*.

³⁸⁴ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 145.

realizado, a expressão tem uma simples *intenção* de significado. A expressão, nesse caso, exercita igualmente a sua função enquanto tem um sentido, se bem que seja privada da intuição que lhe dá o objeto como presente.³⁸⁵ Só os atos que conferem significado ou intenção de significado são essenciais à expressão: uma expressão é tal se tem somente um sentido (uma intenção de significado), também se tal sentido permanece vazio ou não preenchido. Quando a intenção de significado se realiza, os atos que dão unidade de conhecimento ou de preenchimento reúnem-se aos atos conferentes do significado e, assim, a expressão que representava simplesmente uma intenção de significado, busca o seu complemento e exprime diretamente o *objeto* dado pela intuição.³⁸⁶

A referência da expressão do *objeto*, ou seja, o seu significado, assume particular valor fenomenológico enquanto o significado se determina, em uma sua unidade e identidade ideal, a unidade e identidade da espécie. Diante de tal unidade e identidade de significado, os atos subjetivos que conferem significados, os específicos atos expressivos, apóiam, como uma comporta, cada um dos atos do significante, em certo modo como o vermelho *in specie* em relação à risca de carta que eu tenho diante dos meus olhos e que têm todas o mesmo vermelho.³⁸⁷ Como as espécies de atos do significante têm qualquer coisa de individual em relação ao significado, em si uno, cada risco tem o seu vermelho individual, que é um *caso particular* da espécie de cor vermelha.³⁸⁸ Eis que tal identidade de significado, que é o significado da *species*, constitui para Husserl uma objetividade puramente ideal e irreal. Da espécie vermelho se poderá dizer que não existe realmente nem nessa risca, nem em qualquer lugar do mundo; nem sobretudo *no nosso pensamento*, pois que ele mesmo faz parte da esfera de ser real, da temporalidade. Pode-se dizer que tais significados formam uma classe de objetos gerais.³⁸⁹ Isso não significa, todavia, que existam de qualquer modo, ao menos em um espírito divino, pois o seu ser coincide com o seu ser irreal. Mas observa Husserl que somos em grau de exprimir juízos verdadeiros sobre números ou entidades lógicas, somos autorizados a falar de números e de entidade lógica como de *objetos*.³⁹⁰

³⁸⁵ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 121.

³⁸⁶ *Idem*.

³⁸⁷ *Investigações Lógicas*, cit. v. 1, p. 369.

³⁸⁸ *Idem*.

³⁸⁹ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 51.

³⁹⁰ “O princípio do paralelogramo das forças, é um objeto tanto quanto à cidade de Paris”. Cf. Angela Alles Bello, *Edmund Husserl*. Pádua: Edizione Messaggero, 2005. p. 63.

A teoria do conhecimento está fundada sobre a intuição, que não é somente intuição do concreto, do objeto dado individualmente na esfera espaço-temporal da percepção sensível, porém também do abstrato.³⁹¹ A intuição do abstrato dos objetos gerais é fundamental na perspectiva fenomenológica a respeito da intuição do concreto, do objeto empiricamente dado como real, assim como a cognição do possível é fundamental a respeito do conhecimento do real. Veremos que o objeto geral assumirá, na filosofia husserliana, o significado do *a priori*, um *a priori* demasiadamente diverso do *a priori* kantiano, que consubstanciará uma característica singular da indagação fenomenológica. Podemos antecipar que o aspecto mais significativo de tal *a priori* é o fato que ele não é um *a priori* discursivo e dedutivo, mas, sim um *a priori* intuitivo. E esse valerá tanto para o *a priori* levado aos campos das ciências específicas - cada uma delas com seu conteúdo - e que assumirá a denominação de *a priori material*, quanto para o *a priori* posto a serviço da Lógica, com a denominação de *a priori formal*.³⁹²

O objeto geral nos conduz à idéia de uma Teoria do Conhecimento como intuição, e a Teoria do Conhecimento como intuição nos remete, por sua vez, ao conceito-chave da fenomenologia, que é a *intencionalidade*. Dessa forma, a exigência de definir rigorosamente esse conceito põe novamente Husserl em contraste com o psicologismo naturalístico. Nas primeiras quatro *Investigações*, ele demonstrou que o significado é uma unidade objetiva ideal que não se acha nem de fora do conhecimento, nem nos atos reais do conhecimento, mas na consciência como ato intencional.³⁹³ Dizer que a consciência é *essencialmente* intencional significa afirmar que ela nos conduz a qualquer coisa de diferente de si, que ela é sempre dirigida para um conteúdo que é o seu oposto.³⁹⁴ A introdução do critério intencional em uma teoria do conhecimento e da experiência, de qualquer experiência, imaginativa ou fantástica, emotiva, prática, moral e religiosa, implica, necessariamente, em um conjunto de análises e de investigações de tudo novo por atuar, seja na direção dos atos intencionais da consciência, seja na direção dos significados intencionais.³⁹⁵ Nessa perspectiva, tudo começa somente com a análise fenomenológica que é a análise intencional. Husserl convenceu-se de que tinha um

³⁹¹ Ludovic Robberechts, *Husserl*. Paris: Éditions Universitaires, 1964. p. 65.

³⁹² G. Scrimieri, *Algoritmo e calcolo in Edmund Husserl*. Bari: Edizioni Levante, 1974. p.13.

³⁹³ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 89.

³⁹⁴ Roberta Lanfredini, *Husserl La Teoria dell'Intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 91.

³⁹⁵ Um estudioso de Husserl, Quintin Lauer, determina em tal modo o sentido e os limites da indagação em relação ao ato intencional: "E como a unidade ideal de significação objetiva não tem nada em comum com o *conteúdo real* dos atos psicológicos, por meio dos quais vem efetuada a significação, assim o ato intencional do significar não tem nada em comum com as funções psicológicas que acompanham o inevitavelmente. É propriamente pelo fato que esses atos são a origem espontânea da significação objetiva que eles devem ser analisados, a fim de que nós estejamos em grau de progredir na análise da significação objetiva enquanto tal" (Q. Lauer, *Phénoménologie de Husserl*, Paris: Puf, 1955. p. 70-71).

campo de investigação em relação ao qual cada convencimento filosófico herdado pela tradição não deve nem mesmo ser levado em consideração e isso explica a sua indiferença com relação aos confrontos da história das idéias. Para Husserl uma indagação tem sentido só enquanto tem uma base intencional, e essa análise inicia-se com a Fenomenologia.³⁹⁶

O ato de consciência, em conformidade com esse critério, não é pensável e analisável senão em uma relação ao objeto, e o mesmo objeto não é pensável e analisável senão que em relação ao sujeito, à consciência.³⁹⁷ Nas *Investigações Lógicas*, o conceito de intencionalidade vem sotoposto para uma compreensível elaboração, que atinge o seu ponto culminante na *Quinta Investigação*. Aqui se tem, todavia, somente o início de uma teoria, que terá o seu pleno desenvolvimento em obras sucessivas.³⁹⁸

Por se mover de uma determinada concepção da consciência, Husserl considera que liberou a Filosofia de todas aquelas tendências, empirismo, positivismo, subjetivismo, psicologismo, que põem, mais ou menos conscientemente, as bases do conhecimento na relação de um *eu* com a realidade externa e transcendente da natureza. Sob a perspectiva intencional, consubstancia absurdo o pressuposto teórico de que o *eu* e o mundo objetivo devam entrar em relação, no ato cognoscitivo.³⁹⁹

Os dois elementos que caracterizam a intencionalidade da consciência são a sua tendência objetiva centrífuga e o caráter de idealidade ou irrealidade psicológica essencial. A noção central que é, sobretudo, levada em consideração e definida em sentido de tudo novo é aquela de *Erlebnis*, de experiência vivida.⁴⁰⁰ É no interior dessa experiência vivida que se dá a distinção-relação da consciência e do seu *objeto*, de maneira que, assim que é vivido, através da *Erlebnis*, não é nem um objeto externo pré-existente ao ato da experiência vivida, nem um elemento psicologicamente real, por exemplo, uma sensação, como elemento real da atividade concreta do ver.⁴⁰¹ Podemos exemplificar da seguinte forma: que o vivido seja uma aparência de

³⁹⁶ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 80.

³⁹⁷ *Idem*.

³⁹⁸ Cf. a trad. italiana, *op. cit.*

³⁹⁹ Angela Ales Bello, *Edmund Husserl*. Pádua: Edizioni Messaggero, 2005. p. 23.

⁴⁰⁰ Roberta Lanfredini, *Husserl La Teoria dell'Intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 81.

⁴⁰¹ *Idem*.

cor, ele é somente uma aparência de cor, e é tal que não existe um *objeto* perante aquela cor. O vivido fenomenológico é precisamente essa aparência vivida.⁴⁰²

Nas *Investigações Lógicas* o conceito do *ego* assume uma primeira formulação: o *ego* fenomenológico não é um objeto, nem um sujeito puro; só se tornará um sujeito puro mais tarde. A totalidade da experiência vivida de um sujeito é uma multiplicidade de fenômenos unificados em uma corrente de consciência para formar um fenômeno que é o *ego*.⁴⁰³ E, nesse sentido, não se pode falar de uma distinção entre o *ego* e as suas experiências vividas, porque o *ego* é o conjunto de todas as experiências vividas.⁴⁰⁴

Um outro conceito de consciência que resulta das páginas da *Quinta Investigação* é aquele que coincide com a reflexão, o qual objeto se configura como objeto adequado. De fato, enquanto a percepção externa é essencialmente percepção por aspectos (*Abschattungen*), e, por isso, não pode nunca ser percepção da totalidade do objeto, a percepção interior, por essência, pode ser adequada à realidade (um estado interior) da qual é percepção, porque nela se verifica, de certo modo, uma coincidência objetiva entre a consciência percipiente e o objeto percebido. Mas mesmo em relação a essa distinção, revela-se uma notável diferença entre a posição de Husserl e aquela de Brentano, já que esse último distingue entre fenômeno físico e fenômeno psíquico. Os fenômenos físicos são constituídos pela aparência das coisas, pelas suas qualidades, como cores, extensão, tom etc. Os fenômenos psíquicos, por sua vez, são resultantes das aparências dos estados do sujeito, como percepção, amor, esperança, desejo etc.⁴⁰⁵ Segundo Brentano, os primeiros objetos não têm na consciência existência real, mas somente uma existência intencional (*vermeinte*); para Husserl, ao contrário, tanto os objetos ditos externos, quanto os objetos ditos internos (ele repele essa denominação, que considera de molde naturalístico e positivístico) são igualmente intencionais, mas não só no sentido de que eles decorrem das mesmas intenções vazias, incapazes de nos dar o objeto em pessoa (*leibhaftig*), que é o sentido em base a qual Brentano define os fenômenos físicos.⁴⁰⁶ Se intencional vem contraposto a real, e se às qualidades das coisas físicas vem atribuída uma existência puramente intencional (no sentido de uma intenção vazia, que não atinge o próprio objeto), enquanto às

⁴⁰² Assim que resulta, em tal modo, é a essência pura da “experiência vivida”, porque dá ela é eliminado cada fator contingente. Cf. Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: 2202. p. 101.

⁴⁰³ Lauer, *op. cit.*, p. 79.

⁴⁰⁴ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 78.

⁴⁰⁵ *Idem*.

⁴⁰⁶ Angela Ales Bello, *Husserl e le scienze*. Roma: La Goliardica, 1980. p 155.

aparências dos estados do sujeito vem atribuída uma existência real na consciência, uma tal distinção vem necessariamente repelida por Husserl, porque, ao que parece, para o pai da Fenomenologia, a distinção entre fenômenos físicos e fenômenos psíquicos não pode ser fundada nem sobre a transcendência, nem sobre a imanência dos respectivos objetos.⁴⁰⁷ Em Husserl, tanto o objeto físico, quanto o objeto psíquico são igualmente imanentes, no sentido de que um discurso sobre objetos físicos e sobre objetos psíquicos só poderia se dar no interior do conceito de intencionalidade. Pode-se concluir, em certo sentido, que todos os objetos são psíquicos, pois a aparência das qualidades físicas é ditada pela consciência e é independente da existência ou da inexistência real transcendente dessa qualidade.⁴⁰⁸

Um terceiro conceito de consciência, constante da *Quinta Investigação* e que é o mais importantes para a determinação do significado intencional, é aquele do ato de consciência. A sua principal característica é a relação a um conteúdo, a direção para um *objeto*, ou seja, a objetividade imanente do ato de consciência. Tal característica coincide com a *intencionalidade* do ato, mas a relação que, no ato, se constitui entre a consciência e o objeto tem forma e modalidade diversas. Os atos de consciência diferenciam-se pela maneira através da qual são intencionais (percepção, juízo, suposição, dúvida, esperança, temor, satisfação, a qual correspondem do lado objetivo, o percebido, o julgado, o suposto, o objeto de dúvida, de esperança etc).⁴⁰⁹ As maneiras ou formas específicas da intencionalidade não devem ser compreendidas com as noções de origem empírica, pois a unidade do gênero descritivo intencional apresenta diversidades específicas, fundadas na essência desse gênero e procede, assim, como um *a priori*.⁴¹⁰

Vimos qual importância assumem, na teoria do conhecimento, os objetos gerais, as *species*.⁴¹¹ Um dos problemas mais característicos e, porque não dizer, mais complexo das *Investigações Lógicas* é aquele da intuição ou visão dos objetos gerais.⁴¹² De fato, para Husserl, não se poderia falar de conhecimento, se não fosse possível um conhecimento dos objetos gerais, dos universais. Mas um verdadeiro conhecimento, na sua perspectiva fenomenológica, identifica-se, precisamente, com a intuição, na qual o objeto é dado na sua presença autêntica.⁴¹³ A

⁴⁰⁷ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: 2202. p. 99.

⁴⁰⁸ Ludovic Robberechts, *Husserl*. Paris: Éditions Universitaires, 1964. p. 65.

⁴⁰⁹ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed., Roma-Bari: 2202. p. 105.

⁴¹⁰ Roberta Lanfredini, *Husserl La Teoria dell'Intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 80.

⁴¹¹ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 78.

⁴¹² *Idem*.

⁴¹³ Sousa, Daniel de. *Espistemologia das Ciências Sociais*. Lisboa: Livros horizonte, 1978. p. 62.

determinação do conceito da visão das espécies é condicionada por uma crítica às concepções psicológicas sobre abstração e sobre apreensão do universal.⁴¹⁴ Também para objetos gerais valem as distinções de significados vazios, de intenções nas quais a referência ao objeto é simplesmente indireta, e de significados preenchidos, de significados realizados completamente mediante a representação direta do objeto. Trata-se de constatar qual é, exatamente, o significado para os objetos gerais, para as espécies, o *erfüllter Sinn*, o sentido preenchido, que se identifica com a intuição.⁴¹⁵

Para Husserl, as expressões absurdas, - para as quais é *a priori* excluída toda possibilidade de preenchimento intuitivo – também têm um significado. O exemplo do decaedro regular nos dá, de modo específico, um conceito geométrico, ao qual está preclusa a referida possibilidade, e que, todavia, tem um significado. Estamos na presença de um significado, e certamente de um significado (ou *objeto*) geral, para o qual não é possível a intuição. Husserl nos põe diante da possibilidade de confundir aquelas imaginações intuitivas, que acompanham o significado geral de certas expressões, também daquelas que não possam pretender a dos preenchimentos adequados, com os autênticos preenchimentos intuitivos, nos quais o objeto é dado em pessoa. Husserl refere-se, sobretudo, aos exemplos da geometria, aos quais, também no caso dos significados coerentes, é atribuível o caráter de inadequação da ilustração intuitiva.⁴¹⁶

É oportuno observar que Husserl identifica, por ora, a intuição com a intuição sensível perceptiva. Já na *Sexta Investigação* ele buscará resolver o problema da adequação intuitiva em relação aos objetos gerais, fazendo uso de um tipo de intuição não sensível, que denomina de intuição categorial.⁴¹⁷

⁴¹⁴ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Piatagora Editrice, 1996. p. 71.

⁴¹⁵ Roberta Lanfredini, *Husserl La Teoria dell'Intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 76.

⁴¹⁶ Ludovic Robberechts, *Husserl*. Paris: Éditions Universitaires, 1964. p. 64.

⁴¹⁷ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: 2202. p. 55

§ 7º.

Lógica formal e transcendental

Uma das obras mais complexas e originais de Husserl desenvolveu-se no sentido de que a Fenomenologia, com sua análise crítica e transcendental, exige uma fundação e uma justificação na Lógica.⁴¹⁸ Em um exame incidente dessa obra é possível por em evidência aspectos significativos do quadro geral do desenvolvimento das indagações fenomenológicas.⁴¹⁹

Sob a expressão *lógica tradicional*, Husserl constrói um núcleo central do pensamento lógico, que permanecesse invariado nas sucessivas formulações ou interpretações históricas, e que constitui uma lógica incompleta, unilateral, só destinada a elaborar, tecnicamente, as próprias objetividades.⁴²⁰ Tal lógica, cuja orientação é definida como ingênua e natural, porque ignora o ponto de vista transcendental, é uma lógica formal, que tem em comum com as ciências a autonomia e o caráter não filosófico.⁴²¹ O caráter ingênuo dessa lógica, incapaz de proporcionar a compreensão e a justificação de si mesma, reflete-se sobre ciências que dela desenvolvem os seus princípios formais, sem o significado autêntico do seu campo de indagação e dos conceitos que o exprimem.⁴²²

A lógica formal, no seu núcleo de pensamento constante, resiste a todas as transformações, e apresenta-se articulada em três graus. O primeiro é aquele da morfologia pura dos juízos, que introduz uma multiplicidade de distinções (simples, composta, singular, particular, universal, conjuntiva, disjuntiva, hipotética etc.), que estabelecem somente quais elementos lingüísticos constituem logicamente um juízo.⁴²³ A morfologia pura abstrai completamente daquelas questões concernentes a não-contradição e a verdade dos juízos.⁴²⁴ O segundo grau da lógica formal pressupõe e implica no primeiro, e se refere ao ponto de vista da

⁴¹⁸ Ludovic Robberechts, *Husserl*. Paris: Éditions Universitaires, 1964. p. 24.

⁴¹⁹ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: 2202. p. 25

⁴²⁰ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 68.

⁴²¹ *Idem*.

⁴²² *Ibidem*.

⁴²³ A bibliografia a esse respeito é vasta e tradicional, Cf. Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: 2202. p. 115.

⁴²⁴ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 61.

forma, a simples não contradição dos juízos.⁴²⁵ Um juízo contraditório, que é realizado sob o plano da morfologia pura, não resulta como propriamente efetuado sob plano da não contradição.⁴²⁶ O terceiro grau da lógica formal tem como objeto as leis formais da verdade possível. A fim de que um juízo seja verdadeiro (a verdade se identifica com a clareza do juízo) não é suficiente que ele seja não contraditório (a não contradição se identifica com a distinção), mas, juntamente, o juízo deverá se referir ao estado de coisas na sua autêntica presença.⁴²⁷

Os três graus da lógica formal são: (1) morfologia pura; (2) não-contradição; e (3) lógica da verdade, que têm como conteúdo sempre o juízo, mas na sua forma pura.⁴²⁸ Afigura-se algo assaz difícil estabelecer, de modo unívoco, o que Husserl queria alcançar com essa expressão, já que ele faz uma espécie de interpretação substitutiva aristotélica das letras para as palavras, no sentido de que, no juízo, o núcleo concreto é substituído pelo elemento (*Moment*), a qualquer coisa a vontade, o que nos conduziria, *summo rigore*, a adoção, sobre o plano lingüístico, de uma linguagem simbólica e artificial, que deveria ser perfeitamente formalizada.⁴²⁹

Husserl preocupa-se em descobrir o fundamento sobre plano da atividade concreta do objeto, e estabelecer assim as modalidades subjetivas e concretas na qual se vem constituindo, nos seus diversos graus, o juízo.⁴³⁰ Um juízo pode ser dado a um sujeito de outra maneira completamente vaga, confusa; nessa maneira ocorre qualquer coisa de similar à leitura desatenta e passiva, na qual os signos lingüísticos venham colhidos como puras e vagas indicações, sem que se verifique uma concomitante articulação do pensamento efetivo.⁴³¹ Não

⁴²⁵ *Idem.*

⁴²⁶ *Ibidem.*

⁴²⁷ A lógica da não contradição ou da consequência, que se identifica com a analítica apofânica pura, tem um campo de indagação que é constituído da indagação das relações que tornam possível a unidade de um juízo. Tais relações pertencem a priori aos juízos distintos enquanto tais, e se classificam em três formas: “a consequência (o ser implícito), a não consequência (a contradição analítica, o ser excluído), e a terceira possibilidade”, a qual última é denominada por Husserl não contradição vazia, porque, não sendo nem consequência nem não-consequência, é a simples compatibilidade dos juízos, vale dizer, associação dos juízos que “não têm nada que fazer o um com o outro. As leis da lógica da consequência ou não contradição são válidas também para a lógica da verdade: isto é que é incompatível na unidade de um juízo distinto, é também incompatível na verdade, observado uma contradição no mero julgar exclui obviamente a possibilidade da adequação”. (*Lógica, op.cit.*, p. 80). No § 20 Husserl procede a duas diversas interpretações ou formulações do princípio da contradição e do terceiro excluído, no *modus ponens* e do *modus tollens*, e uma pertinente à lógica da consequência ou contradição, a outra lógica da verdade. Cf. Wesley Salmon, *Lógica*, 4ª ed., trad. de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 41.

⁴²⁸ Angela Ales Bello, *Husserl e le scienze*. Roma: La Goliardica, 1980. p. 54.

⁴²⁹ *Idem.* p. 103.

⁴³⁰ Ludovic Robberechts, *Husserl*. Paris: Éditions Universitaires, 1964. p. 25.

⁴³¹ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 58.

tem lugar minimamente uma explícita efetivação da espontaneidade judicante, a explícita posição de um sujeito, a junção de qualquer coisa em qualidade de predicado.⁴³² O mesmo juízo pode ser dado a um sujeito em uma maneira distinta, quando o juízo vem propriamente efetuado, e em uma maneira clara, enquanto o juízo, que antes era somente dado como juízo na distinção é dado na presença das coisas que julga.⁴³³

Os três graus do juízo vago, do juízo distinto e do juízo claro, que são obviamente definidos e tomam como base o pensamento que se exprime na linguagem não formalizada, representam, do ponto de vista da subjetividade constituinte, o fundamento e a razão dos três graus formais da Lógica. Não nos parece fácil estabelecer, em uma interpretação rigorosa do pensamento husserliano, o fundamento, ou talvez sob outra perspectiva de análise, a legitimidade da relação genérica que Husserl estabelece entre as modalidades subjetivas e concretas, nas quais se vem constituindo, nos seus diversos graus, o juízo, e as modalidades abstratas e puramente formais da Lógica.⁴³⁴

Expomos a tríplice estratificação da Lógica formal na construção mais simples que nos é dada por Husserl, de modo a evitar indesejáveis intervenções no seu âmbito. Essa extratificação, denominada apofânica formal, é descrita tal como foi definida até agora e alargada na Matemática formal.⁴³⁵ Esse alargamento, que constitui aquela disciplina lógica específica, é a ontologia formal, a lógica do *objeto em geral*, de qualquer coisa em geral, e dá lugar a uma problemática muito mais difícil, na qual a estratificação permanece, mas assume uma articulação mais complexa, que tem o seu culminante na formulação da idéia de uma teoria da multiplicidade ou teoria dos sistemas dedutivos.⁴³⁶ Não se nos apresenta possível acenar os vários aspectos desse complexo desenvolvimento do conceito husserliano de lógica formal nas linhas restritas e limitadas da comparação desenvolvida neste trabalho. Talvez bastasse aqui recordar que Husserl quis dar à sua teoria dos sistemas dedutivos um caráter de completude absoluta, que está em contraste, por muitos aspectos, com o endereço lógico do seu tempo.⁴³⁷ Na Lógica Formal moderna, o estudo das formas possíveis de sistemas dedutíveis assume uma plena liberdade e independência e, em conformidade com o critério de intolerância afirmado por

⁴³² *Lógica, op. cit.* p. 69.

⁴³³ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 60.

⁴³⁴ Cf. Raggiunti, *op. cit.* p. 38-45.

⁴³⁵ Ludovic Robberechts, *Husserl*. Paris: Éditions Universitaires, 1964. p. 89.

⁴³⁶ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 48.

⁴³⁷ *Idem*.

Rudolfo Carnap,⁴³⁸ a possibilidade de elaboração de sistemas formais é praticamente infinita.⁴³⁹ Salta aos olhos que, no pensamento do filósofo Husserl, essa disciplina assumiu um significado mais vasto e mais audaz, pois à possibilidade infinita de construção dos sistemas dedutivos, ele contrapõe o desenho da formulação de uma teoria dos sistemas dedutivos, que tem um significado geral em sentido absoluto, e que seja tal a subordinar a si, como casos menos gerais ou particulares, todas as formas organizadas de sistemas dedutivos. O audaz programa husserliano está contido no que ele chama de o conceito de multiplicidade definida, que, sobre o plano técnico lógico-formal em sentido estrito, encontra, obviamente, graves dificuldades de formulação.⁴⁴⁰ Deve ser lembrado que a idéia husserliana não deve ser considerada exclusivamente do ponto de vista técnico-formal, pois sob o plano filosófico mais vasto, que é aquele de uma teoria do conhecimento, a teoria completa e definitiva poderia ser interpretada plausivelmente como um ideal, uma idéia regulativa, idéia da ciência formal perfeita, perseguível *ad infinitum*. Deve ser lembrado que essa interpretação, de resto, exige muitos consensos.⁴⁴¹

Porque não se pretendeu enfrentar, nesta breve análise, os variados problemas que são conexos às últimas formulações do conceito de Lógica formal (um dos quais poderia ser à estratificação da lógica da contradição e à lógica da verdade, no interior da teoria da multiplicidade), passamos às questões concernentes à fundação transcendental da *Lógica*.⁴⁴² No capítulo IV da seção I, que é dedicada ao estudo de uma doutrina analítico-formal da ciência, é realizado por Husserl um exame da intencionalidade do julgar científico; um exame fenomenológico, que não se limita a determinar o significado da objetividade ideal da ciência, mas é voltado para a subjetividade judicante, com o propósito de lhe esclarecer a direção e o sentido.⁴⁴³ Da análise da intencionalidade do julgamento científico se buscam as razões das diversas articulações da Lógica formal. Essa última indagação, se bem que tematizada em direção da subjetividade, não constitui ainda aquela busca fenomenológico-transcendental que será percorrida no sentido e no direito.⁴⁴⁴

⁴³⁸ Rudolf Carnap, *Sintasse logica del linguaggio*, trad. italiana de A Pasquinelli. Milão, 1961. § 17.

⁴³⁹ Cf. Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 47.

⁴⁴⁰ Sabe-se que poucos depois da publicação da Lógica de Gödel formulou a sua teoria da presença de proposições formalmente indecidíveis no âmbito de cada sistema axiomático que tenha uma complexidade ao menos paralela aquela da aritmética. Cf. Evandro. Agazzi, *Introduzione ai principi della assiomatica*. Milão: Mondadori, 1961.

⁴⁴¹ Parecerem fundamentalmente orientados nesse sentido: Tran-Duc-Tao, *Phénoménologie et matérialisme dialectique*, Paris: 1951. p. 35. Suzanne. Bachelard, *La logique de Husserl*, Paris: Presses Universitaires de France, 1957, p. 111-1113. Filippo. Costa, *Che cos'è fenomenologia. Husserl e la corrente filosofica più attuale e rigorosa*. Milão: Silva Editore, 1962. p. 202-204.

⁴⁴² Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 61.

⁴⁴³ *Idem*.

⁴⁴⁴ *Ibidem*.

Em uma indagação fenomenológica concluída entre os limites de uma epistemologia intencional, que Husserl define também com a expressão “crítica analítica da consciência”, a exigência de verificar o juízo com a evidência das coisas, a cujo juízo se refere, por exemplo, não é reintroduzida na esfera da investigação transcendental pelo fato de que aquela exigência não é livre de pressupostos, que são próprios da atitude natural e ingênua da pesquisa científica.⁴⁴⁵ A estrutura teleológica universal da consciência consubstancia a sua tendência de transformar as puras opiniões em percepção (um objeto é antecipado de maneira puramente presuntiva). Ela assume, todavia, um significado diverso, quando estão em jogo as objetividades ideais e as objetividades reais ou não.⁴⁴⁶

Se do ponto de vista crítico-analítico se apresenta a exigência de salvar a identidade das objetividades lógicas contra as interpretações empírico-psicológicas, de um ponto de vista fenomenológico-transcendental cabe a tarefa de indagação da constituição originária das identidades objetivas irrealis e reais.⁴⁴⁷ Trata-se de afrontar e resolver o problema de como se constitui a identidade transcendental do objeto real e ideal, através das experiências particulares vividas.⁴⁴⁸ A transcendência do objeto está inserida na essência da própria experiência, uma vez que o *objeto* não se identifica com o processo de experiência que o constitui e não é tal processo que torna possível o repetir-se da experiência e as sínteses concordantes dele.⁴⁴⁹ O processo de constituição do *objeto* da experiência externa (real) apresenta-se diversamente do processo de constituição do *objeto ideal*. É sabido que a percepção do objeto real ou externo é uma percepção por perfis, por sombras, embora em um caso ou em outro, a transcendência do *objeto* coincida com o seu permanecer idêntico diante da multiplicidade e variedades dos atos perceptivos.⁴⁵⁰

No interior do conceito maior de transcendência, Husserl introduz a distinção de objetos imanentes (irrealis) e transcendentis (reais), mas com a advertência de que os mesmos objetos transcendentis ou reais constituem-se, exclusivamente, na esfera imanente, esfera das multiplicidades de consciência, e isso implica que a transcendência do objeto real, próprio

⁴⁴⁵ *Ibidem.*

⁴⁴⁶ *Ibidem.*

⁴⁴⁷ *Ibidem.*

⁴⁴⁸ *Ibidem.*

⁴⁴⁹ *Ibidem.*

⁴⁵⁰ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 65.

enquanto tal, seja uma forma particular de *idealidade*, ou melhor, de irrealidade psíquica.⁴⁵¹ Afirmou-se que à crítica analítica do conhecimento segue uma segunda crítica do tipo transcendental, uma crítica necessariamente para todas as ciências, compreendida a Lógica que aspira tornar-se ciência autêntica.⁴⁵² Só em virtude dessa crítica - que se propõe a explicar a intencionalidade, que é o fundamento da evidência das formações lógicas -, a Lógica poderá estabelecer uma relação com as outras ciências e lhes autenticar no seu sentido, descobrindo o fundamento último da sua possibilidade. A crítica analítica definiu o sentido dos três graus da lógica formal, mas só uma crítica transcendental poderá colher, com exatidão, e determinar, de maneira genuína, esse sentido e garantir a sua identidade contra “cada escorregão ou desfiguração que pode verificar-se na atitude ingênua.”⁴⁵³

A insuficiência da crítica analítica depende, antes de tudo, de haver acolhido, sem consciência, no exercício ingênuo da pesquisa, uma série de pressupostos idealizantes. Porque não podemos tomar em exame todos os *pressupostos* que estão a fundar a intencionalidade objetiva do pensamento lógico, nos limitamos a considerar o pressuposto da identidade, base da Lógica da consequência analítica dos juízos possíveis. Cada um de tais juízos é visto como uma formação que permanece idêntica, mas, no patamar da crítica analítica, falta a compreensão do fundamento subjetivo-transcendental da identidade. A transcendência do ser ideal das formações lógicas não pode ser motivada pelo repetir-se contínuo de evidências confirmadoras, que exigem um processo ao infinito.⁴⁵⁴

A transcendência que coincide com a *identidade* das formações lógicas é constituída em virtude dos atos de idealização do sujeito transcendental.⁴⁵⁵ É tarefa da indagação transcendente tornar explícitos esses atos, que, de outro modo, permaneceriam escondidos na ingenuidade da pesquisa lógica positiva. Um dos aspectos mais importantes da nova crítica é aquele de dar luz às estruturas subjetivas que caracterizam um *a priori* correlativo ao *a priori* objetivo. Essa análise, colhida pelo deslustre dos pressupostos idealizantes, é tarefa sobre forma fundamental, sobre as leis da consequência analítica, da contradição, do terceiro excluído, do

⁴⁵¹ *Lógica, op. cit.* p. 206.

⁴⁵² Ludovic Robberechts, *Husserl*. Paris: Éditions Universitaires, 1964. p. 89.

⁴⁵³ *Lógica op. cit.* p. 219.

⁴⁵⁴ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 82.

⁴⁵⁵ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 47.

modus ponens e do *modus tolles*, e, em fim, sobre o princípio da decidibilidade de cada juízo, pelo qual cada juízo é, em linha de princípio, verdadeiro ou falso “em si”.⁴⁵⁶

Toda explicação da evidência dos princípios lógicos é realizada, também, em uma perspectiva genética, na qual a evidência dos princípios lógicos é colhida à evidência da experiência, de modo que todo juízo concebível tem, de maneira direta ou indireta, uma relação com o mundo real. O ponto de vista da redução diz respeito, na perspectiva do sujeito julgante, às implicações intencionais ocultas que estão fechadas no julgar. De modo mais simples, podemos sintetizar que, a cada juízo ou proposição, na sua forma inteira e manifesta, implica toda uma série de formações lógicas de diversos níveis, e, enfim, a experiência precategorial: todas essas experiências lógicas e a simples experiência perceptiva constituem o fundamento oculto de sua gênese.⁴⁵⁷

Depreende-se, então, das premissas anteriores que, em referência à evidência individual, à *experiência*, não se pode ser indiferente pelo sentido e à evidência possível dos princípios analíticos, e, no nível superior, dos princípios lógicos.⁴⁵⁸ Husserl retorna à perspectiva da gênese dos sentido das formações lógicas, dos princípios lógicos, no nível da lógica da contradição e da lógica da verdade. O capítulo IV da *Lógica* é todo dedicado a esse assunto, que é a necessidade de reconduzir a lógica à *base primitiva da experiência*.⁴⁵⁹ A experiência, a qual estivemos juntos por meio da análise genética do sentido de juízo, nos dá as coisas reais, em pessoa, quais realidades (*Realitäten*) que são *individuáveis*, mediante as simples percepções sensíveis, no nível do conhecimento antepredicativo.⁴⁶⁰ Sob a perspectiva de uma lógica fenomenológica e transcendental, aquelas realidades não podem ter um significado ingenuamente mundano. A Lógica tradicional, ao contrário, é uma lógica – apofântica formal e ontológica formal – para um mundo real pensado como já dado.⁴⁶¹ Essa é a teoria da ciência em relação as ciências que se referem aos juízos e as suas verdades ao mesmo mundo pré-existente.⁴⁶² A Lógica formal, no seu necessário referir-se a qualquer coisa em geral, oculta em si, em última análise, o sentido do ser mundano e esse sentido se torna objeto de análise e de

⁴⁵⁶ Cf. Wesley Salmon, *Lógica*, 4ª ed., trad. de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 41.

⁴⁵⁷ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 60.

⁴⁵⁸ *Idem*. p. 265.

⁴⁵⁹ Esse tema foi amplamente tratado e discorrido na obra *Experiência e juízo*, *op. cit.*.

⁴⁶⁰ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 65.

⁴⁶¹ *Lógica*, *op. cit.* p. 277.

⁴⁶² Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 66.

crítica transcendental, mediante a *epoché*, de maneira que tudo é *constituído* na subjetividade da consciência.⁴⁶³

Se isso que se colhe mediante a experiência tem o sentido de ser transcendental, então necessário afirmar que esse sentido se constitui na experiência,⁴⁶⁴ embora a experiência do mundo não signifique, simplesmente, a minha experiência privada; significa, na verdade, a experiência da comunidade.⁴⁶⁵ A transcendência do mundo objetivo exige que esse mundo seja percebido não somente por mim, mas também por outros, não obstante também os outros sejam para mim dados da experiência real e da experiência possível.⁴⁶⁶

O § 98 da *Lógica* é pleno de significados e permite revelar as características de um dos conceitos fundamentais de indagação fenomenológica: a intuição das essências.⁴⁶⁷ O problema se apresenta com um significado duplo, pois se, de um lado, a essência é um conteúdo, *objeto*, um *a priori* material ou formal que constitui o fundamento necessário das singulares investigações empíricas; de outro lado, ele reenvia a um conjunto de atos da consciência constituinte.⁴⁶⁸ A intuição da essência implica em método tipicamente fenomenológico, que nos conduz à essência do objeto. A análise constitutiva da qual Husserl nos dá um ensaio deve ser tomada precisamente como um singular exemplo de análise constitutiva.⁴⁶⁹

A forma descritiva da intuição da essência, que dá esse parágrafo da *Lógica*, representa inovação a respeito da visão essencial do livro I de *Idéias*. Em *Idéias*, a visão da essência era além da simples intuição sensível ou individual, mas não se compreendia em que consistiria. Dessa forma, embora Husserl afirme que a essência geral vem colhida através da intuição sensível, ao mesmo tempo, não a identifica com uma singular percepção sensível.⁴⁷⁰ Por isso, está já claro que a essência não vem colhida de uma intuição sensível ou supra-sensível, uma vez que o fundamento da intuição das essências está em um processo de variação, por meio

⁴⁶³ *Idem.*

⁴⁶⁴ Esse passa a ser o próprio sentido do mundo. Cf. Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 65.

⁴⁶⁵ *Lógica op. cit.* p. 292.

⁴⁶⁶ O problema não é privado de dificuldade; de fato, como afirma explicitamente Husserl, dos outros atos, não se pode ter uma experiência direta”. Voltaremos ao tema quando tratarmos novamente na análise das *Meditações Cartesianas*.

⁴⁶⁷ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 65.

⁴⁶⁸ *Idem.*

⁴⁶⁹ Como disse Husserl, “Só na intuição eidética a essência da intuição eidética pode vir iluminada” Cf. *Lógica, op. cit.* p. 308.

⁴⁷⁰ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 65.

de uma livre e arbitrária variação da imaginação, que pode ser efetuada sem limites e a gosto. E colhe-se o que persiste, necessariamente, não obstante todas as deformações possíveis operadas sobre uma objetividade escolhida a título de exemplo.⁴⁷¹ Essa atitude que para Husserl não tem absolutamente nenhum caráter empírico ou contingente, dá como resultado a intuição do *eidós*, e é assim que permanece invariável em todas as possíveis variações.⁴⁷² A intuição colhe a estrutura necessária e insuprimível de uma objetividade nas suas infinitas variações, que são produto da imaginação.⁴⁷³ A essência da coisa física se institui através da intuição dos diversos possíveis modos de sua apresentação; é assim que permanece idêntico e invariante nas variações arbitrariamente efetuadas.⁴⁷⁴ Toda objetividade particular conduz a uma forma, a um tipo essencial que a corresponde, e que vem definido como forma constitutiva nos confrontos dessa objetividade.⁴⁷⁵ *Eidós*, no seu caráter de generalidade específica, é um tipo que reassume todas as experiências passadas e antecipa o futuro.⁴⁷⁶

⁴⁷¹ *Idem.*

⁴⁷² A intuição da *essência* que vem, em tal modo, a coincidir com a intuição sensível, sem identificar-se com uma singular intuição sensível, é, antes de tudo, a intuição das essências materiais, nas quais o referimento à singular objetividade individual é fundamental. Mas se são também as chamadas essências formais, nas quais tal referimento não é necessário. Por essas essências formais o método da variação eidética parece encontrar uma dificuldade insuperável: uma objetividade categorial não pode suprir de exemplo para um processo de variação, pelo fato que a singularidade da objetividade coincide com a sua especificidade, que já é essencial.

⁴⁷³ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 65.

⁴⁷⁴ *Idem.*

⁴⁷⁵ *Ibidem.*

⁴⁷⁶ *Ibidem.*

§ 8º.

Meditações Cartesianas

Nas *Meditações Cartesianas* de Husserl o princípio da redução fenomenológica alcança a sua formulação mais radical.⁴⁷⁷ A respeito do primeiro livro das *Idéias*, a posição de Husserl é mais rigorosa, mas, ao mesmo tempo, não livre de dificuldade e de perigos de deslizamento para posições da tradição que o autor criticou abertamente.⁴⁷⁸

Husserl reconhece em Descartes o mérito de haver posto, de forma original, o problema da redução.⁴⁷⁹ Embora considere que o filósofo francês não lhe atribuiu um significado verdadeiramente original e autêntico, para Husserl o erro principal que Descartes cometeu consistiu em haver considerado o *cogito* como uma partícula do mundo, como *substantia cogitans*, pela qual a existência indubitável, para um procedimento dedutivo, alcança a conclusão lógica da existência do resto do mundo.⁴⁸⁰ Em uma primeira análise, pode-se ver que não se trata, em realidade, de um só erro, mas, ao contrário, na visão de Husserl, de diversos erros coligados.⁴⁸¹ Inicialmente, o *cogito* não é uma partícula do mundo, de natureza e de sustância diversa de todo o resto. Considerar o *eu* como uma parte do mundo significa incluir o *eu* na realidade dos fenômenos naturais e, então, lhe fazer um pressuposto, enquanto, para Husserl, o *eu* transcendental deve surgir como uma certeza da negação de cada pressuposto.⁴⁸² Em segundo lugar, a convenção de que a propagação filosófica identifica-se com o procedimento perante uma necessidade dedutiva constitui aquilo que Husserl chamava de um *a priori* ingênuo, o qual, a sua vez, é um pressuposto a ser afastado.⁴⁸³ De fato, sobre seu fundamento, Descartes construiu filosofia imperfeita, que é o realismo transcendental: uma vez tomada a realidade indubitavelmente pelo *ego*, sobre essa base possa-se atingir a realidade de um mundo externo e

⁴⁷⁷ Husserl é enfático e imperativo em todo o texto. Cf. Husserl, *op. cit.*

⁴⁷⁸ *Meditações*, *op. cit.*

⁴⁷⁹ *Idem.*

⁴⁸⁰ Cf. Sousa, Daneil de, *op. cit.*, p. 21.

⁴⁸¹ Hirschberger, Joahannes. *História da filosofia moderna*, 2ª ed., trad. de Alexandre Correia. São Paulo: Herder, 1967. p. 109.

⁴⁸² Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 59.

⁴⁸³ *Idem.*

transcendente.⁴⁸⁴ O contra-senso da hipótese realística consiste no fato de que ela admite como possível que o que é existente *para mim*, seja, ao mesmo tempo, existente *per se*.⁴⁸⁵

À redução livre que veio efetuada em relação à existência do mundo, que é uma simples suspensão da tese natural, deve dar-se o significado genuíno do *eu*. Husserl afirma que *eu* mesmo e a minha vida permanecemos intactos no nosso valor de ser, qualquer juízo eu possa dar a existência do mundo, mas esse *eu* e a sua vida, que resultam da *epoché*, não são um pedaço do mundo. Considerar o *eu* como um pedaço do mundo significa identificar o *ego cogito* como *eu, este homem aqui, são*,⁴⁸⁶ para o mundo objetivo como todos os seus objetos, compreende o *eu* psicológico, atinge o seu sentido e o seu valor de ser ao meu *eu* transcendental. Se Husserl fala de uma experiência interna transcendental-fenomenológica, é obvio que nesse caso o termo experiência tem um significado muito diverso daquele da experiência sensível interna ou psicológica. Esse *eu* reduzido não é uma parte do mundo, assim reciprocamente o mundo mesmo e cada objeto mundano não são pedaços do meu *eu*, não se podem achar realmente no meu viver de consciência como suas partes reais.⁴⁸⁷ Os objetos do mundo poderiam ser parte do meu *eu* psicológico, se os entendesse como um complexo de dados sensoriais ou de atos psíquicos. Mas, esses objetos não podem ser parte do meu *eu* transcendental, são necessariamente *transcendentes*. Por isso, o caráter da transcendência pertence ao sentido específico do ser do mundo, em virtude do caráter transcendente do *eu*, que confere ao ser sentido de transcendência. Pode-se, então, concluir que a descoberta do *eu* transcendental, segundo Husserl, previne a queda da Fenomenologia no realismo ou no idealismo psicológico e subjetivo. E só partindo do pressuposto de um *eu* psicológico se pode atingir o contra-senso de um mundo transcendente externo ao *eu*, que se perceberia através do *eu*, ou ao análogo absurdo do princípio do *esse est percipi*.⁴⁸⁸

Essa visão *transcendente* do objeto e do *eu* transcendental é atitude *intencionalmente* correlata e, em virtude da redução fenomenológica, é ato intencional submetido à análise e, assim, com base no que nele é implícito vem a sua explicitação-intuitiva.⁴⁸⁹ Demais disso, mundo da atitude natural, no qual só o mundo tem um sentido, se

⁴⁸⁴ Cf. Sousa, Daniel de, *op. cit.* p. 22. Cf. ainda Hirschberger, Johannes, *História da Filosofia Moderna*, trad. de Alexandre Correia, 2ª ed. São Paulo: Herder, 1967. p. 102.

⁴⁸⁵ Cf. Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 69.

⁴⁸⁶ *Meditações cartesianas*. p. 69.

⁴⁸⁷ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 59.

⁴⁸⁸ Ludovic Robberechts, *Husserl*. Paris: Éditions Universitaires, 1964. p. 88.

⁴⁸⁹ Roberta Lanfredini, *Husserl La Teoria dell'Intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 93.

passa ao mundo como *fenômeno* do sujeito transcendental, no qual o mundo tem sentido pelo sujeito transcendental e só na atitude fenomenológica é possível a implicação da instituição do ser do mundo à intuição do ser do *eu* transcendental.⁴⁹⁰

A intuição da evidência é o problema de como se pode capturar diretamente as coisas, na sua presença autêntica. Apresenta-se ora como pesquisa de um fundamento absolutamente certo da consciência, ora como exigência de determinar o significado da intuição que o eu tem de si mesmo, na reflexão transcendental.⁴⁹¹ Para a busca de um fundamento absoluto conduz Husserl à distinção de evidência apodítica, sobre a qual não é possível a dúvida e da qual é um exemplo a intuição do *cogito*, e evidência sensível, que não exclui a possibilidade de dúvida.⁴⁹²

A exigência de definir a intuição do *cogito* nos leva ao problema do objeto de uma intuição. Que significa o *cogito*? Primeiramente, a certeza apodítica do *eu sou* parece que não pode identificar-se com aquela do *eidós-ego* em geral, do *ego* possível, pois é a experiência que é polarizada para um *eu*, que não é meramente possível, mas concreto e real, o *eu* transcendental. Sabemos, de outra parte, que a experiência transcendental que o *eu* tem de si sai completamente pelos quadros da percepção sensível, externa e interna, por isso, se o *eu* é real, a sua realidade não pode coincidir com a realidade de um fato psicológico.⁴⁹³ A realidade do *eu* não pode se identificar com aquela de um fato espaço-temporal e, nesse sentido, o *eu* transcendente não é

⁴⁹⁰ Ludovic Robberechts, *Husserl*. Paris: Éditions Universitaires, 1964. p. 89.

⁴⁹¹ Roberta Lanfredini, *Husserl La Teoria dell'Intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 94.

⁴⁹² Se para evidência perfeita se entende aquela no qual se realiza uma perfeita adequação da idéia puramente intencional ao objeto, e sabemos que a percepção sensível do objeto não a atinge, por evidência apodítica se deve entender uma evidência que, por ser perfeita, assume o caráter de absoluta superioridade sobre a evidência sensível. De fato, na distinção husserliana, a evidência sensível é fundada sobre uma certeza do objeto que não exclui a possibilidade da dúvida, a possibilidade que o objeto se revele uma simples aparência. Ao contrário a evidência apodítica tem essa particularidade, que exclui *a priori* a possibilidade de não ser do próprio objeto, e por isso goze de uma certeza absoluta. Segundo De Waelhens o conceito de evidência apodítica constitui um desvio do verdadeiro conceito de evidência, que é fundado sobre mesma relação intencional da consciência ao objeto. A evidência apodítica não concerne “a relação de presença do objeto à consciência”, mas “a necessidade intrínseca por esse objeto de ser posto ou pensado por essa consciência”. Com essa definição se atua somente uma contraposição de objetos, de um lado o objeto contingente da experiência sensível, de outro o objeto necessário das formações lógicas, e si afirma a superioridade da evidência dos objetos necessários com respeito à evidência dos objetos sensíveis. Segundo De Waelhens em um tal conceito de evidência apodítica poderemos achar os motivos da negação do caráter essencial da fenomenologia mesma, a qual, na sua teoria geral da evidência, afirma que a presença do objeto é por si mesma excludente a dúvida. Em realidade do texto mesmo das meditações cartesianas, que contém a referida distinção, resulta – sempre segundo De Waelhens – uma tese que faz contrapeso à afirmação da evidência apodítica, e segundo a qual a possibilidade de erro, no âmbito da evidência sensível, não diz respeito ao objeto presente, mas a ilusão da sua presença. De Waelhens é de parecer que a idéia de evidência em geral e a idéia de intencionalidade são a negação implícita da evidência fundada sobre a *cogito*: Cf. A de Waelhens, *Phénoménologie et vérité. Essai sur l'évolution de l'idée de la vérité chez Husserl et Heidegger*. Paris 1953, p. 32.

⁴⁹³ Roberta Lanfredini, *Husserl La Teoria dell'Intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 93

uma realidade humana, porque o termo humano é equivalente, sobre o plano da reflexão interna, a *psicológico*.⁴⁹⁴

A experiência transcendental, portanto, que o *eu* tem de si não é nem uma experiência sensível interna (psicológica), nem uma intuição eidética (de um *eidos-ego*). Se se deve aceitar a distinção de um *eu* transcendental real e de um *eu* transcendental possível, se deve também admitir que, para alcançar o *eidos-egotranscendental*, o *eu* transcendental possível, a redução eidética não poderá assumir como base um *eu* empírico, porém um fato de natureza diversa, um fato transcendental, ou seja, um *eu* transcendental de fato. Esse *eu* transcendental é objeto da reflexão transcendental, isto é, de uma intuição interna transcendental. Devemos, então, concluir que a evidência apodítica do *cogito* implica em um conceito de intuição que não pode confundir-se nem com a intuição sensível (interna), nem com a intuição eidética, de maneira que não se esconde as dificuldades que se encontram a definir-se exatamente o *cogito*,⁴⁹⁵ pois Husserl afirma que não se pode identificar o *eu* transcendental com um fato, com uma realidade, porque tal termo tem, sobre o plano transcendental, um significado analógico. Antes ele declara, juntamente com Eugen Fink, que as nossas linguagens, mundanas por definição, são incapazes de dar descrição precisa do objeto transcendental.⁴⁹⁶ Reconheceu, entretanto, que,⁴⁹⁷ se o *cogito* não pode reconduzir-se em sentido estrito a um fato, a uma realidade, não pode, de igual modo, ser identificado com uma pura essência, pois “o *cogito* funde juntos o fato e a essência”.⁴⁹⁸ Disso resulta, de maneira unívoca, que a auto-intuição do *cogito*, como intuição e como evidência, não pode reduzir-se aos dois tipos de intuição e de evidência que nos são claramente notórias, aquela sensível e aquela eidética.⁴⁹⁹

A quinta e última das *Meditações Cartesianas* de Husserl é dedicada a uma questão que assume importante relevo no seu pensamento, aquela que se refere à esfera transcendental do ser como intersubjetividade.⁵⁰⁰ Para o fundamento da constituição dos outro há um particular procedimento de redução que se distingue daquele já notório e ele consiste no considerar a minha esfera (a esfera de uma particular subjetividade) como exclusivamente

⁴⁹⁴ Renzo Raggiunti, *Introduzine a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002, 57.

⁴⁹⁵ Um estudioso de Husserl, Gaston Berger foi quem assim concluiu. Cf. *Le cogito dans la philosophie de Husserl*, Paris 1941, p. 78.

⁴⁹⁶ Eugen Fink, carta de 11 de maio de 1936. Cf. Guglielmo Forni, *Fenomenologia Brentano, Husserl, Scheler, Hartmann, Fink, Landgrebe, Merleau-Ponty, Ricour*. Milão: Marzorati, 1973. p. 11.

⁴⁹⁷ Cf. Berger, *op.cit.*

⁴⁹⁸ G. Berger, *op. cit.*

⁴⁹⁹ Renzo Raggiunti, *Introduzine a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002, 56.

⁵⁰⁰ Roberta Lanfredini, *Husserl La Teoria dell'Intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 93

minha, com a eliminação de tudo isso que se refere diretamente ou indiretamente à subjetividade estranha. Mediante tal redução, o mundo se torna somente o *meu* mundo, não tem mais o sentido de mundo objetivo, existente para todos, de tal maneira que entre a minha esfera de presença se constitui aquela objetividade *primeira em si*, que Husserl chama de transcendental imanente. Vale dizer, aquela transcendência que não implica também no reenvio à atividade constitutiva dos *outros* e as transcendências objetivas, ao contrário, implicam nesse reenvio.⁵⁰¹

Pode-se dizer que a passagem da transcendência imanente da primeira mediante a segunda pressupõe, então, a constituição dos outros e essa é possível através do processo de apresentação ou percepção analógica. Esse processo consiste na transferência aos *outros* do que acho em mim mesmo, sobre base de uma analogia entre o *meu* comportamento e o comportamento externo dos *demais*.⁵⁰² Desse modo, em virtude de um complexo processo de mediação, aqueles que são transcendentais *para mim* (imanente) tornam-se transcendentais também *para os outros* (objetivos).⁵⁰³ Por isso o *mundo objetivo* é um mundo apresentado.⁵⁰⁴ Não somente *eu* não posso ter uma experiência direta do *outro*, não posso ter nem mesmo uma experiência dirigida do *mundo objetivo*, enquanto ele é o mundo percebido, conhecido e julgado pelos outros.⁵⁰⁵ Só tendo presente esse critério de conhecimento indireto, *eu* posso entender o verdadeiro significado da afirmação de Husserl, que “não é mais um enigma o modo no qual *eu* posso identificar uma natureza constitua-se em mim com aquilo que se constituiu em um outro”.⁵⁰⁶

O *mundo objetivo* que implica na co-existência intersubjetiva, tem também um significado temporal.⁵⁰⁷ Isso porque na coexistência do meu *eu* com o *outro* existe a criação de uma *forma temporal comum* e há um tempo que vem referido à minha própria esfera de presença, em virtude do procedimento redutivo acenado; ele é o tempo do qual tenho experiência

⁵⁰¹ *Idem.*

⁵⁰² Renzo Raggiunti, *Introduzine a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002, 56.

⁵⁰³ *Idem.*

⁵⁰⁴ *Ibidem.*

⁵⁰⁵ Roberta Lanfredini, *Husserl La Teoria dell'Intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 90.

⁵⁰⁶ *Meditações cartesianas, op. cit.* p. 178.

⁵⁰⁷ A indagação fenomenológica sobre a noção de tempo ocupa uma parte assaz importante do pensamento de Husserl. Os primeiros estudos sobre o tempo são muito pouco posteriores às *Investigações Lógicas*. Um escrito fundamental são as *Lições sobre a fenomenologia do tempo*, editadas em 1928 por Heidegger, mas escritas entre 1904 e 1905 e, na última parte, no ano de 1917; nesse os problemas da consciência e da constituição do objeto são estudados do ponto de vista das modalidades das significações temporais. Cf. Costa, *Che cos'è fenomenologia, cit.* p. 54-65.

direta, que Husserl chama tempo primordial, isto é *primeiro em si*.⁵⁰⁸ Tudo aquilo que se disse da natureza do mundo, vale também para o tempo, pois o tempo objetivo ou cósmico se realiza mediante uma integração de tempo primordial, com o tempo resultante do processo de apresentação.⁵⁰⁹

Para dizer o significado da constituição dos outros, que é uma constituição transcendental, não se deve esquecer o sentido da primeira redução, na qual o vem posto entre parênteses são os outros e mim mesmo como homem, enquanto pressupostos ingenuamente existentes em um mundo já dado. Na segunda redução, aquela que é chamada em causa pela constituição dos outros, o pôr entre parêntesis se dirige à esfera já reduzida da experiência do *eu*, e, entre essa esfera, opera aquela ulterior redução que é posta entre parêntesis de tudo isso, que não pertence à esfera própria do *eu*, à esfera das *transcendências imanes*. Primeira dessa segunda redução, que resulta da indagação fenomenológica, é um *eu* que não sabe ainda nada da intersubjetividade transcendental, que se considera como um *solus ipse*. A constituição de outro idealismo fenomenológico-transcendental apresenta-se como uma monadologia, que, pois, se autodistingue da metafísica leibniziana⁵¹⁰ e o outro, e, com a medição do outro, o mundo objetivo, se constitui no interno do *eu* transcendental, do meu *eu* transcendental.⁵¹¹ A primeira redução, aquela que põe entre parêntesis o mundo, condiciona o significado da segunda e, diz Husserl, que a aparência do solipsismo se esvai, embora continue a ter valor fundamental o princípio que tudo isso que é para mim atinge o sentido ôntico exclusivamente de mim mesmo, ou seja, pela minha esfera de consciência.⁵¹²

⁵⁰⁸ Roberta Lanfredini, *Husserl La Teoria dell'Intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 93.

⁵⁰⁹ *Idem*.

⁵¹⁰ Cf. Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002, 57.

⁵¹¹ Roberta Lanfredini, *Husserl La Teoria dell'Intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 93.

⁵¹² *Meditações*, p. 203.

§ 9º.

Experiência e Juízo

A obra *Experiência e Juízo* é um apenas trabalho indireto de Husserl. De fato a composição literária e a redação do texto são de um ilustre e notório aluno chamado Ludwig Landgrebe.⁵¹³ Baseado em manuscritos de Husserl, os mais antigos dos quais saíram entre 1910-1914, Landgrebe elaborou e escreveu a obra em três fases sucessivas, tendo presente as anotações apostas por Husserl ao primeiro e ao segundo esboço e as orientações recebidas oralmente.⁵¹⁴ Se se considerar somente as sucessivas elaborações realizadas por Landgrebe, pode-se afirmar que a obra é posterior à *Lógica*.⁵¹⁵ De fato, somente o primeiro esboço do trabalho precede de pouco a *Lógica*, enquanto que a última e definitiva composição se segue a partir de outros seis anos.⁵¹⁶ Nesse trabalho, continua Husserl as suas indagações sobre a lógica, movendo-se em uma direção que é claramente indicada pelo subtítulo: *Pesquisa sobre a genealogia da lógica*.⁵¹⁷

A primeira seção constitui quase a metade da obra e propõe-se a demonstrar como os princípios lógicos e a experiência predicativa em geral são fundados notadamente na experiência antipredicativa.⁵¹⁸ A gênese da lógica, do juízo e do discurso, enquanto lingüística e logicamente estruturados, devem ser pesquisados no mundo da percepção sensível, o qual se apresenta já, a seu modo, como articulado, organizado e estruturado de maneira tal que permite

⁵¹³ Ludwig Landgrebe foi aluno de Husserl na Universidade de Friburgo e integrou um círculo não-formal de fenomenologia ao lado de outras figuras proeminentes que também trabalharam com ele como Stein, Ingarden, Fink e Heidegger. Cf. na obra consultada, a tradução italiana, as considerações. Cf. Sokolowski, *op. cit.*, p. 225.

⁵¹⁴ Landgrebe em verdade é um dos últimos discípulos de Husserl que foram assistentes do mestre e o domínio da fenomenologia husserliana é, entretanto, perturbado pelas francas posições heideggerianas e por uma constante preocupação ontoteológica. Cf. Ernildo Stein. *Uma breve introdução à filosofia*. Ijuí: Editora Unijuí, 2002. p.46. Conquanto Ludwig Landgrebe consiga fazer com grande originalidade um exercício concreto de fenomenologia o conjunto da sua obra, denominada *O caminho da fenomenologia*, que reúne os seus trabalhos esparsos, a tentativa de confrontar Husserl com a tradição, para não perder a visão do conjunto, cria algumas confusões que somente são superadas por um leitor que domina que Landgrebe supõe. Cf. *Itinerari della fenomenologia*. trad. do alemão para o italiano de Giovanni Piacenti. Turim: Marietti, 1974.

⁵¹⁵ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 70.

⁵¹⁶ *Idem*.

⁵¹⁷ *Ibidem*.

⁵¹⁸ Uma visão original da Teoria da Predição para um encontro com a teoria de Husserl, cf. Lucas Angioni, *Introdução à teoria da predição em Aristóteles*. Campinas: Unicamp, 2006.

explicar e faz surgir, sobre sua base, a *experiência propriamente predicativa e lógica*.⁵¹⁹ Retorna aqui, sob uma diversa perspectiva, o problema da *intuição categorial* e da *intuição da essência*,⁵²⁰ pois se de um lado há a exigência de distinguir a intuição categorial da intuição sensível e de considerar a primeira como independente e originária a respeito da segunda, de outro lado há a convenção da necessidade de fundar as objetividades lógicas sobre a base da percepção sensível,⁵²¹ de maneira que se a intuição categorial é fundada naquela sensível é, em certo modo, derivada dela.⁵²²

Em realidade, *Experiência e Juízo* estabelece um liame indissociável entre a *experiência antipredicativa e a experiência predicativa*⁵²³. A primeira resulta inseparavelmente da segunda. A *função receptivo-preceptiva*, que emerge do fundo da passividade é em *uma relação necessária com a função propriamente ativa do conhecimento categorial*.⁵²⁴ O interesse da percepção constitui a primeira fase do interesse propriamente cognoscitivo, por isso, já no campo da pura percepção sensível, que é aquela da receptividade na qual a atividade do sujeito é condicionada pela modalidade empírica de dar-se pelo objeto sensível. A percepção se verifica no tipo de conhecimento, o de *primeiro grau*, no qual é ainda ausente a forma lógico-lingüística do juízo predicativo.⁵²⁵ Demais disso, a *consciência puramente perceptiva* tem a função e a virtude de conservar assim o que se deu na experiência. Deve-se levar em consideração que essa conservação é incerta e não constitui uma efetiva apreensão do que foi experimentado.⁵²⁶

O conceito de receptividade, que é próprio da experiência perceptiva antipredicativa e que constitui grau mais baixo da atividade do *eu*, pressupõe o conceito da passividade do *eu*.⁵²⁷ A atividade do *eu* consiste, por sua vez, no ato de submeter-se a uma atração no campo da consciência (passividade). A atenção é o tender do eu para o *objeto* intencionado.⁵²⁸ Esse último se manifesta primeiramente de modo indistintamente unitário, em um segundo tempo se diferencia nos momentos que o constituem.⁵²⁹ O *objeto* é concebido nos

⁵¹⁹ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 65.

⁵²⁰ *Idem*.

⁵²¹ *Ibidem*.

⁵²² *Ibidem*.

⁵²³ *Ibidem*.

⁵²⁴ *Ibidem*.

⁵²⁵ *Ibidem*.

⁵²⁶ *Ibidem*.

⁵²⁷ Enquanto que o eu no seu desenvolver-se acolhe assim que os já dados pelo estímulo eficiente (*affizierenden Reize*), nós poderemos falar em receptividade. IVI. P. 80.

⁵²⁸ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: 2002. p. 94.

⁵²⁹ *Idem*.

seus mais diversos momentos sempre como o mesmo, e cada momento ou determinação do *objeto* reenvia a momentos ou determinações sucessivas.⁵³⁰ No horizonte perceptivo, firma-se a identidade do *objeto* de modo que se pode antecipar e sucessivamente dele extrair infinitas determinações.⁵³¹ No primeiro grau da contemplação perceptiva, a intuição é dirigida ao *objeto* no seu todo, num grau superior, que Husserl chama de contemplação explicadora ou explicação, o ato perceptivo que capta o *objeto* nas suas mais diversas propriedades.⁵³²

No horizonte da percepção, o ato de perceber um aspecto determinado de um *objeto* suscita aspectos potenciais de outros aspectos não ainda percebidos.⁵³³ O conceito de horizonte é estritamente vinculado ao de uma propriedade importante da atividade perceptiva, a qual Husserl chama de o caráter do conhecimento do *objeto*. Todo objeto percebido tem caráter de familiaridade que o torna conhecido e esses caracteres, mais ou menos gerais, mais ou menos específicos, são determinados na consciência perceptiva, através de experiências passadas, que aparecem como sedimentos da consciência do *eu* percipiente.⁵³⁴

Há um grau do processo perceptivo que precede ao ato explicativo e que se distingue dele, no qual a intuição é dirigida simplesmente a um *objeto* como a um todo sem distinção interna de momentos. Isso é denominado *grau de apreensão ou contemplação pura*.⁵³⁵ A síntese explicativa, ao contrário, apreende as determinações de um *objeto* (*S*) e o têm determinado como tema de conhecimento, ou em outros termos, como substrato de alguma propriedade. Do *S*, o percipiente apreende as características *a*, *b*, *c* etc. e ele não as transfere aos outros *objetos* diversos, sem que haja relação entre eles.⁵³⁶ Essa operação cognoscitiva se realiza sobre o plano da pura percepção. O *S* não é nada além de um *objeto* sobre o qual a observação perceptiva se concentra; *a*, *b* etc. são propriedades ou partes que vêm percebidas. Aquelas ora tomadas em exame são o caso mais simples das sínteses explicativas.⁵³⁷ De maneira que, explicativa da percepção assume, obviamente, também formas mais complexas como aquelas, por exemplo, da apreensão de uma pluralidade.⁵³⁸ De outro lado, há uma contemplação extra-dedutiva ou relacional, que tem lugar quando um *objeto* vem posto em relação a outra

⁵³⁰ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 95.

⁵³¹ *Idem*.

⁵³² *Ibidem*.

⁵³³ *Ibidem*.

⁵³⁴ *Ibidem*.

⁵³⁵ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 65.

⁵³⁶ *Idem*.

⁵³⁷ *Ibidem*.

⁵³⁸ *Ibidem*.

objetividade, como no caso da relação de semelhança e de igualdade, que é possível também entre a unidade de percepção e de fantasia, constituindo em tal caso uma relação de *comparação como pura relação de essência*.⁵³⁹

A segunda seção se propõe a estabelecer os caracteres que distinguem o pensamento predicativo da experiência antipredicativa e receptiva, e de explicar em qual sentido se possa afirmar que eles derivam dos graus inferiores da atividade cognoscitiva.⁵⁴⁰ Na esfera do conhecimento superior (predicativa), atua uma verdadeira posse do *objeto* conhecido, que permanece sempre disponível, para que possa reassumir em todo tempo e da qual possamos dar notícia aos outros.⁵⁴¹ De maneira que não é possível na esfera antipredicativa na qual implicitamente a posse do objeto resulta incerta e submetida a uma certa fugacidade e rapidez.⁵⁴²

No âmbito da receptividade, o conhecimento não é ainda sustentado pela decisão de vontade. É essa que determina o caráter específico do conhecimento predicativo. Então a fisionomia do pensamento predicativo é na vontade de “manter o conhecido como idêntico e como substrato das suas determinações”, de fixá-lo uma vez por todas.⁵⁴³ O *objeto* é conservado também quando ele não está presente na intuição. A conservação depende da formação, aos quais, mediante indicações anteriormente vazias, possam reportar-se à intuitivização do idêntico aos quais pode obter-se o mediante presentificação (recordações) ou mediante uma auto-doação renovada.⁵⁴⁴ As indicações anteriormente vazias e sucessivamente preenchível são evidentemente os signos lingüísticos.⁵⁴⁵ É dessa maneira que as formações são confiadas à conservação do *objeto*, se incorporado, por assim dizer, nas suas expressões lingüísticas.⁵⁴⁶

As bases da distinção das duas esferas de conhecimento (a predicativa e a antipredicativa) são questões que a Fenomenologia tem a tarefa de explicar: (a) qual conexão se faz entre as duas esferas de conhecimento; (b) qual é a gênese das formações lógicas; e (c) como

⁵³⁹ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 70.

⁵⁴⁰ *Idem*.

⁵⁴¹ *Ibidem*.

⁵⁴² *Ibidem*.

⁵⁴³ *Ibidem*.

⁵⁴⁴ *Esp e Juízo* p. 218.

⁵⁴⁵ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 65.

⁵⁴⁶ *Idem*.

se poderia falar de autodaticidade originária das formas categoriais.⁵⁴⁷ Esse último aspecto a reconduz aos problemas da sexta investigação.⁵⁴⁸

A função do pensamento predicativo é então aquela de fixar, estabelecer e identificar o *objeto*.⁵⁴⁹ Tal função efetiva-se tanto sobre o plano das formações propriamente *sintáticas*, como o sujeito e o predicado, ou determinações, quanto sobre o plano das formações nucleares referentes ao conteúdo *objetual*, como a substantivação e a adjetivação.⁵⁵⁰ Nesse sentido se realiza a vontade de conhecer o significado autêntico de qualquer manifestação do pensamento predicativo.⁵⁵¹ De fato, o juízo que até o momento foi tomado em consideração é somente o juízo predicativo propriamente apofântico, que é caracterizado pela sua forma copulativa de unidade, expressa verbalmente pelo *é* conectivo de um sujeito e de um predicado.⁵⁵² Os parágrafos do 52 ao 57 tratam de todas as outras formas de juízo, compreendidos os juízos relacionados e sempre com o preciso intento de por em confronto as formas da contemplação simplesmente explicadora, como as formas do pensamento predicativo, e de verificar as correspondências sobre o plano genético.⁵⁵³

O adjetivo *retencional* deriva do substantivo *retenção*. Retenção significa uma modificação temporal das experiências vividas, as quais, uma vez efetuadas na consciência, se conservam automaticamente, modificando-se, todavia, quando se distanciam e retrocedem a respeito do presente no qual ocorreram. A retenção é distinta do ato no qual as experiências passadas são reativadas nas recordações.⁵⁵⁴

⁵⁴⁷ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 71.

⁵⁴⁸ Retornamos ao exemplo da atividade receptiva como lugar de origem das categorias *substrato* e *determinação*. A coincidência entre o *S* e o seu momento determinante *p* vem assim definido no nível antipredicativo: “Quando n’s tendo *S* na tomada, passamos ao seu momento *p* e então viveremos neste coincidir e contrair-se de *S* em *p* não tenhamos ainda isso posto um juízo predicativo *S* como sujeito nem o termos determinado como ocorrido o momento *p* no modo “*S* è *p*”. Eis ao contrário como vimos descrito a passagem ao grau de identificação predicativa: “Uma intenção ativa se dirige a colher assim que antes não era mais que uma coincidência passiva, então a produzir de maneira originariamente ativa e em passagem ativa assim do qual *S* se é acrescido.” Há na esfera predicativa, então, um retorno ao *S* que é acrescido do sentido através do qual a determinação da síntese explicativa. No retorno ao *S* se atua a sua identificação. Uma vez identificado *S*, ele é ora sujeito. Em conclusão, enquanto na síntese explicativa (experiência antipredicativa) a observação perceptiva vai do *S* para *p*, e a coincidência do *S* com *p* se atua em passividade de retenção”, sem um retorno ao *S*, nela esfera predicativa se tematiza o *S* como o *S* que é *p* e então colhe o *S* como sujeito na conexão “*S* é *p*”.

⁵⁴⁹ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 65.

⁵⁵⁰ *Idem*.

⁵⁵¹ *Ibidem*.

⁵⁵² *Ibidem*.

⁵⁵³ *Ibidem*.

⁵⁵⁴ *Ibidem*.

O § 63, no qual Husserl distingue *a constituição da objetividade do intelecto da constituição dos objetos da receptividade*, reconduz aos problemas da *Sexta Investigação*, aos quais temos já se fez menção.⁵⁵⁵ Lá, se recordará a indagação sobre a definição do conceito de intuição categorial, de caráter supra-sensível. Também aqui se afirma que a objetividade do intelecto, como um contexto sintático, um *S* determinado como *p*, na sua autodidática originária, são colhidos por uma intuição superior que, todavia, resulta fundada em inferior percepção sensível.⁵⁵⁶ Husserl insiste particularmente na contraposição do fazer receptivo, que é próprio da inferior percepção sensível, e de uma fazer produtivo e espontâneo, que pertence à atividade predicativa com a qual são colhidos *originaliter* a objetividade do intelecto.⁵⁵⁷

Em *Experiência e Juízo*, nós encontramos, em forma genuína, a exigência de uma conexão entre as categorias do pensamento lógico e as forma da experiência antipredicativa.⁵⁵⁸ A explicação da pontual correspondência entre as articulações da experiência predicativa e as articulações da esfera puramente perceptiva assumiu, também, o sentido de uma fundação de categorial na pré-categorial, de uma análise genética das formações lógicas, no sentido de uma retrocessão do ser as forma da experiência perceptiva.⁵⁵⁹ Nessa perspectiva, a explicação e inteligência da formas lógicas se apresenta como uma indagação de caráter retrospectivo das manifestações mais complexas e mais abstratas do pensamento lógico, que remonta às manifestações mais simples e mais concretas da experiência perceptiva.⁵⁶⁰ Se os substratos últimos a qual se refere o julgar lógico são os entes individuais da experiência, que nos são dados diretamente na esfera da percepção sensível, para descobrir o fundamento último de qualquer formação lógica é necessário retornar a experiência dirigida pela percepção sensível.⁵⁶¹

⁵⁵⁵ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 65.

⁵⁵⁶ *Idem*.

⁵⁵⁷ *Ibidem*.

⁵⁵⁸ *Ibidem*.

⁵⁵⁹ *Ibidem*.

⁵⁶⁰ *Ibidem*.

⁵⁶¹ Cf. Enzo Paci, *Diario Fenomenológico*. Milão: Bompiani, 1961. p. 47.

§ 10.

Crise das Ciências Européias

A *Crise das Ciências Européias* é o último trabalho de Husserl. Foi elaborado entre 1935 e 1937. Nele a chamada *experiência antipredicativa* se transforma em um *retornum* ao *mundo-da-vida* (*Lebenswelt*).⁵⁶² A obra trata de um problema lógico-transcendental, similar ao da fundação do pensamento predicativo na experiência antipredicativa, e assume duas direções distintas, reciprocamente coligadas:⁵⁶³ (1) de um lado, o retorno ao *mundo-da-vida*, que é uma exigência que se impõe ao pensamento científico, que está em crise por ter perdido todo liame com as próprias origens e com a sua própria finalidade intrínseca.⁵⁶⁴ De modo que, somente dessa forma a ciência, que suporta um processo de *objetivização* abstrata e de pura tecnização, pode ser reconduzida ao patamar da Filosofia, ou em outros termos, à sua plena consciência, readquirindo seu verdadeiro sentido.⁵⁶⁵ (2) de outro lado, o retorno ao *mundo-da-vida* tem o significado de uma plena explicação do elemento subjetivo, do *a priori* constitutivo que, de maneira completamente anônima, é o fundamento de obviedade do *mundo-da-vida*.⁵⁶⁶ Pode-se tornar temático esse elemento subjetivo que, na atitude ingenuamente objetiva do senso comum e do pensamento abstratamente científico, permanece escondido e se torna tarefa de uma nova ciência, mais exatamente de uma fenomenologia transcendental do *mundo-da-vida*.⁵⁶⁷ É inegável que a satisfação dessa segunda exigência, mais propriamente transcendental, é vinculada à primeira exigência, que é aquela de reportar as ciências o sentido da própria origem e da sua própria finalidade intrínseca.⁵⁶⁸

Na compreensão filosófica de uma ciência está inclusa a compreensão do problema da própria fundação transcendental e em consideração a tal assertiva não se deve

⁵⁶² Guglielmo Forni, *Commento alla crisi di Husserl*. Bolonha: Cooperativa Libreria Universitaria Editrice Bologna, 1986. p. 13.

⁵⁶³ *Idem*. p. 15.

⁵⁶⁴ *Ibidem*. p. 16..

⁵⁶⁵ *Ibidem*

⁵⁶⁶ *Ibidem*

⁵⁶⁷ *Ibidem*

⁵⁶⁸ *Ibidem*

olvidar que Husserl considera o conceito positivista da ciência do nosso tempo⁵⁶⁹ como um conceito residual, decorrente da queda de todos aqueles problemas que foram incluídos no conceito, não claramente determinado, de uma metafísica: tais como os problemas da razão, em todas as suas formas particulares.⁵⁷⁰ A falência da ciência que, nos seus exórdios renascentistas, era animada pela fé em uma filosofia universal, deriva do seu progressivo distanciamento dos problemas da filosofia.⁵⁷¹ A ciência natural Matemática, que remonta à Física de Galileu, esvazia-se no seu sentido de causa por conta do que Husserl reputa de tecnicismo e transforma-se a ponto de se tornar simplesmente uma arte.⁵⁷²

O processo de idealização a qual a ciência submeteu os objetos da experiência foi olvidado, e, por isso, a ciência perdeu cada liame com os seus primeiros fundamentos, e, diante disso, ficou suprimida do verdadeiro significado do seu método. O hábito ideal que se chama Matemática e ciência natural matemática, ou mesmo o *hábito simbólico* das teorias simbólico-matemáticas abraça, reveste tudo isso que para os cientistas e para as pessoas cultas, enquanto natureza objetivamente real e verdadeira, representa o *mundo-da-vida*. O hábito ideal faz com que nós tomemos por *verdadeiro ser* aquilo que, ao contrário, é somente um método, um método que deve servir para melhorar, mediante previsões científicas, em *progressus in infinitum*, as previsões brutas ou nuas; o hábito ideal poderá fazer-se em sentido próprio do método, das fórmulas, das teorias, que restam incompreensíveis e que durante a elaboração ingênua do método nunca vieram a ser compreendidas.⁵⁷³

Dessas observações sobre o esvaziamento do sentido da ciência, pode-se restaurar sua posição de teoria autêntica retomando, novamente, o seu antigo percurso e o contato com as suas próprias origens.⁵⁷⁴ O sentido histórico da fundação originária pode vir adquirido e descoberto só definindo na sua estrutura o seu senso de experiência originária do homem, a

⁵⁶⁹ Positivista que quer significar aqui uma redução da idéia de uma ciência dos fatos. Cf. Kazimierz Ajdukiewicz, *Problemas e teorias da filosofia*, trad. de Pablo Rubén Mariconda e Regina Correa da Rocha. São Paulo: Ciências Humanas, 1979. p. 65.

⁵⁷⁰ Guglielmo Forni, *Commento allá crisi di Husserl*. Bolonha: Cooperativa Libreria Universitaria Editrice Bologna, 1986. p. 15.

⁵⁷¹ *Idem*.

⁵⁷² *Ibidem*.

⁵⁷³ *La crisi delle scienze europee, Op. Cit.* p. 80-81.

⁵⁷⁴ Guglielmo Forni, *Commento alla crisi di Husserl*. Bolonha: Cooperativa Libreria Universitaria Editrice Bologna, 1986. p. 17.

experiência do *mun-do-da-vida*, que é o terreno de base no qual toma os movimentos de cada pesquisa científica, em sentido estrito, cada processo de abstração e de idealização.⁵⁷⁵

As indagações e as determinações do sentido do *mun-do-da-vida* não constituem, para Husserl, somente um tema restrito ao âmbito do saber teórico, pois a explicação e a explicitação das estruturas do sentido do *mun-do-da-vida* são realizadas, sobretudo, como uma primeira redução, a redução ao *mun-do-da-vida*, isto é, com a exclusão da cientificidade objetiva, com a momentânea eliminação de qualquer noção derivada do processo de abstração e idealização da ciência.⁵⁷⁶ Mas a explicação das estruturas de sentido do *mun-do-da-vida* prepara e antecipa um redimensionamento dos fins, como uma terceira dimensão, que é chamada a absorver o tema ciência objetiva,⁵⁷⁷ pois o *mun-do-da-vida* constitui, antes de tudo, um conhecimento pré-científico de base, que têm as suas formas necessárias e essenciais.⁵⁷⁸

É um fato incontroverso para Husserl que as ciências constroem sobre a obviedade do *mun-do-da-vida*, e que com isso atingem muitas vezes todos os objetivos necessários aos seus fins.⁵⁷⁹ Qualquer cientista, enquanto homem, está incluído no mundo comum da experiência, está incluído também durante as suas operações científicas e não obstante a orientação temática para a verdade objetiva, consideram os modos da experiência, o *mun-do-da-vida* como um campo de noções subjetivo-relativas que devem ser superadas.⁵⁸⁰ Na realidade, o elemento subjetivo-relativo muda, não enquanto tramita irrelevante, mas enquanto último elemento fundante da validade do ser, de qualquer um de verificação objetiva e que surge pela evidência da verificação.⁵⁸¹

Nesse contexto, a tarefa da Fenomenologia é a de indagar, cientificamente, o modo pelo qual são fundadas as validades pré-lógicas a respeito da verdade lógico-teorética.⁵⁸² O mundo objetivo e verdadeiro da ciência é uma construção teórico-lógica, que pressupõe e remete ao *mun-do-da-vida*; é uma construção, sobre o como diz Husserl, estribada em uma sobre-

⁵⁷⁵ Guglielmo Forni, *Commento alla crisi di Husserl*. Bolonha: Cooperativa Librería Universitaria Editrice Bologna, 1986. p. 17.

⁵⁷⁶ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 111.

⁵⁷⁷ *Idem*.

⁵⁷⁸ *Ibidem*.

⁵⁷⁹ Guglielmo Forni, *Commento alla crisi di Husserl*. Bolonha: Cooperativa Librería Universitaria Editrice Bologna, 1986. p. 17.

⁵⁸⁰ *Idem*.

⁵⁸¹ Agnes Ales Bello, *Edmund Husserl*. Pádua: Edizione Messaggero, 2005. p. 54.

⁵⁸² Ludovic Robbererchts, *Husserl*. Paris: Éditions Universitaires, 1964. p. 76.

instrução e qualquer coisa que não é perceptível, mas que está escorada no perceptível.⁵⁸³ Da evidência lógico-objetiva matemática, da evidência das ciências naturais a estrada reconduz à evidência originária, na qual o *mundo-da-vida* é parte integrante e figura como dado.⁵⁸⁴ O concreto *mundo-da-vida* é o terreno sobre o qual se funda o mundo científico verdadeiro, mas ao mesmo tempo, é o terreno que inclui em si esse mesmo mundo.⁵⁸⁵ De fato, uma teoria científica enquanto praxe teórica do homem, parte da esfera meramente subjetivo-relativa, e, ao mesmo tempo, deve seguir para as próprias promessas e fontes de evidência.⁵⁸⁶

A ciência, que tem como objeto o *mundo-da-vida*, descobre que ele, malgrado as sua relatividade, tem estrutura geral e própria, a qual é ligado tudo que é relativo. O *a priori* do *mundo-da-vida* precede o *a priori* lógico-objetivo, que é fundado sobre o *a priori* universal do *mundo-da-vida*.⁵⁸⁷ A mesma lógica pode se tornar ciência no pensamento autêntico, quando realizada essa ciência do fundamento, que é ciência do *mundo-da-vida*. Acharemos novamente aqui, em uma perspectiva transcendental, a mesma exigência que era a base da obra *Experiência e Juízo*, a qual, sobre um plano crítico-analítico, era proposta a teorização da experiência lógica e da experiência pré-categorial.⁵⁸⁸

Partindo-se dessas premissas, em perspectiva essencialmente transcendental, algumas conclusões se extraem: há uma primeira *epoché*, pela qual nos subtraímos do terreno de validade de todas as ciências objetivas, para isolar na sua pureza pré-científica as estruturas gerais do *mundo-da-vida*; segue uma segunda *epoché*, uma *époche* total, que põe fora do jogo toda a vida natural orientada sobre realidade *do* mundo. Mediante a redução transcendental, se verifica em nós uma mutação radical, que conduz à descoberta da função constitutiva do *eu* no *mundo-da-vida*. Na atitude natural orientada diretamente sobre objetos do mundo, tal função permanece oculta: o *eu* substituído, de maneira anônima; era absoluto no horizonte do mundo, objeto, o homem, entre os outros objetos do mundo, colocado sobre o mesmo terreno do mundo.⁵⁸⁹ Na sua nova perspectiva, produto da segunda redução, a direção do olhar é mudada e surge, assim, uma ciência de novo tipo que se distingue nitidamente das outras ciências

⁵⁸³ Guglielmo Forni, *Commento alla crisi di Husserl*. Bolonha: Cooperativa Libreria Universitaria Editrice Bologna, 1986. p. 25.

⁵⁸⁴ *Idem*.

⁵⁸⁵ *Ibidem*.

⁵⁸⁶ *Ibidem*.

⁵⁸⁷ *Ibidem*.

⁵⁸⁸ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 65.

⁵⁸⁹ Ludovic Robbererchts, *Husserl*. Paris: Éditions Universitaires, 1964. p. 77.

objetivas, assentadas sobre o terreno do mundo, uma ciência que investe na subjetividade, pela qual o mundo já é dado.⁵⁹⁰ Em virtude dessa nova indagação, nós nos liberamos dos vínculos do *ser-já-dado* do mundo, e estaremos em grau de descobrir a correlação universal, em si absolutamente conclusa e absolutamente autônoma, de mundo e consciência do mundo.⁵⁹¹ Com a *epoché* todos os interesses naturais são postos fora de jogo, mas isso não significa que o mundo, que se apresenta de modos subjetivo seja oculto, pois a atuação da *epoché* faz com que permaneça o puro correlato da subjetividade que os confere o seu ao mundo o seu propósito.⁵⁹²

A *epoché* não pode tomar de fim o *eu-homem*, e os homens enquanto fazem parte do mundo e nele vivem. Mas também eles se acham sobre o terreno do mundo e, constituem, por conseguinte, elemento do *mundo-já-dado*.⁵⁹³ A consciência do mundo, a subjetividade absoluta dada pelos sentidos, que em correlação necessária com o mundo é, por isso, em conformidade do sentido autêntico da *epoché*, transcendental, em correlação com aqueles objetos do mundo, que são os homens.⁵⁹⁴ Na redução transcendental do mundo está incluída a redução da humanidade ao *fenômeno* humanidade, pelo qual ela é a auto-objetivação da subjetividade transcendental.⁵⁹⁵

A tarefa dessa nova ciência que surge pela *epoché*, é a de tornar explícita a atividade constitutiva do *eu* em sua relação com o fenômeno do mundo.⁵⁹⁶ Um dos temas dessa explicitação é, por exemplo, a conexão dos modos de se dar ou de aparição do objeto sensível, na percepção. Comumente, nós não percebemos inteiramente o elemento subjetivo dos modos de representação das coisas, de maneira que se uma coisa qualquer também se apresenta inalterada na percepção, é porque se trata de objeto extremamente multiforme, que nos conduz à multiplicidade de pontos de vista diversos do *eu*, e a conexas operações.⁵⁹⁷ As distintas representações da coisa, que em cada fase recai em si e intencionam um aspecto diverso, se conectam em um progressivo enriquecimento do sentido e em uma progressiva formação do sentido.⁵⁹⁸ De outro lado, a manifestação dos diversos lados ou aspectos do objeto sensível é vinculada aos movimentos corpóreos do *eu*, a uma multiplicidade de processos que se

⁵⁹⁰ Patocka, *op. cit.* p.117.

⁵⁹¹ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 97.

⁵⁹² *Idem.*

⁵⁹³ *Ibidem.*

⁵⁹⁴ *Ibidem.*

⁵⁹⁵ *Ibidem.*

⁵⁹⁶ Vincenzo Costa, Elio Franzini e Paolo Spinicci, *La fenomenologia*. Turim: Einaudi, 2202. p. 231.

⁵⁹⁷ *Idem.*

⁵⁹⁸ *Ibidem.*

desenvolvem em direção dos modos de atividade constitutiva do *eu*.⁵⁹⁹ Basta pensar que se refere ao mundo perceptivo, às dificuldades dos problemas do tempo.⁶⁰⁰ Nas percepções, o modo temporal do presente devolve, entre o conceito mais vasto de horizonte perceptivo, os modos temporais do passado e do futuro.⁶⁰¹ A mesma percepção como presente fluente-imóvel, se constituía somente enquanto, como revela uma análise intencional mais profunda, o agora imóvel tem um horizonte duplo e diversamente estruturado, que pode andar sob o título intencional de contínuo das retenções e das extensões.⁶⁰²

A uma primeira indagação, orientada para a subjetividade fungível e relacionada à multiplicidade dos modos de aparição do objeto e à sua estrutura intencional, segue a um segundo grau de reflexão, a uma indagação que é dirigida mais propriamente para o pólo egológico, a fim de se evidenciar o seu caráter de identidade.⁶⁰³ O problema egológico⁶⁰⁴ nos conduz, a sua volta, ao complexo problema da intersubjetividade.⁶⁰⁵ O mesmo Husserl declara, abertamente, a dificuldade sobre o assunto: tudo se complica, apenas relevamos que a subjetividade e assim que é um *eu* constitutivamente fungível, somente na intersubjetividade.⁶⁰⁶

Husserl nos fala de um paradoxo, aquele da subjetividade humana, que é ao mesmo tempo sujeito e objeto do mundo.⁶⁰⁷ O paradoxo vem expresso da seguinte forma: a intersubjetividade universal, na qual se resolve toda objetividade, tudo que é em geral, não pode ser que a humanidade, a qual, a sua volta, é, inegavelmente, uma parte do mundo.⁶⁰⁸ Poderíamos, entretanto, suscitar a seguinte indagação: como poderia uma estrutura parcial do mundo, a subjetividade humana do mundo, constituir o inteiro mundo, constituí-lo como se fosse a sua formação intencional? É pertinente, de igual modo, essa outra indagação: os sujeitos poderiam, em uma formação da conexão universal, que se torne parte da subjetividade transcendentalmente operante, operar em comum somente com fatores parciais da operação total?⁶⁰⁹

⁵⁹⁹ Vincenzo Costa, Elio Franzini e Paolo Spinicci, *La fenomenologia*. Turim: Einaudi, 2002. p. 232.

⁶⁰⁰ *Idem*.

⁶⁰¹ *Ibidem*.

⁶⁰² Na crise das ciências européias registra Husserl, na p. 95: "Se a retenção, enquanto conservação implícita disso que já foi percebido e agora não é mais percebido, se une ao passado, a extensão, enquanto antecipação implícita disso que não é ainda percebido e será percebido, se se une ao futuro". Cf. Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 102

⁶⁰³ Renato Cristin, *Invito al pensiero di Husserl*. Milão: Mursia, 200. p. 127.

⁶⁰⁴ *Idem*.

⁶⁰⁵ *Ibidem*.

⁶⁰⁶ *Ibidem*.

⁶⁰⁷ Antonio Ledda, *La fenomenologia tra essenza ed esintezza*. Roma: Carocci, 2002. p. 117.

⁶⁰⁸ *Idem*.

⁶⁰⁹ *A crise da ciência européia. Op. Cit.* p. 206.

Demais disso, poderíamos suscitar paradoxo insolúvel, nos termos dos quais é expresso? Não é outra maneira de superar o paradoxo que aquela de dissolvê-lo? Husserl se perguntava: quem somos nós enquanto sujeitos que realizam operações de sentido e de validade da constituição universal? A resposta de Husserl é clara: o *nós* não pode significar nós homens, no sentido da realidade do mundo.⁶¹⁰ A *epoché* e o *olhar puro* que observa o pólo egológico fungível, e então à totalidade concreta da vida e das suas formações intermédias e finais, nos revelam *eo ipso* nada de humano, nem a alma, nem a vida psíquica, nem os homens reais psicofísicos – tudo se encontra no fenômeno, no mundo como pólo constituído.⁶¹¹

De outro lado, o *eu transcendental* como *co-sujeito da intersubjetividade transcendental* reinvia ao *eu*, para a sua constituição, enquanto originário (*Urich*).⁶¹² Disse-o claramente Husserl: sou *eu* que atuo a *epoché*, também quando comigo são os atos, outros homens que operam comigo a *epoché* em uma comunidade atual, por isso com a minha *epoché* todos os outros homens, e a vida social de todos os outros, reentram no fenômeno do mundo que, na minha *epoché*, é exclusivamente meu.⁶¹³ A *epoché* cria uma singular solidão filosófica, que é a exigência fundamental de uma filosofia realmente radical.⁶¹⁴ Por isso é errado, para Husserl, o salto na intersubjetividade transcendental que ultrapassa o *eu* originário.⁶¹⁵ Delineia-se, de tal modo, no mesmo §54, que busca a solução do paradoxo, um procedimento de constituição de outro, e da intersubjetividade transcendental, que não se destaca substancialmente daquilo notório na V Meditação.⁶¹⁶ Metodicamente, a intersubjetividade transcendental e o seu acomunar-se transcendental só possam vir relevados a partir do *ego*, da sistemática das suas funções e das suas operações transcendentais, nas quais, sobre a base do sistema fungível dos pólos egológicos, constituem-se por cada sujeito o mundo por todos enquanto mundo de todos.⁶¹⁷

Somente ao longo dessa via, isto é, a partir do *ego* – explica Husserl – se pode buscar a compreensão de que qual seja o *eu* transcendental da intersubjetividade deve ser necessariamente constituído, deve ser um homem no mundo, e que então qual seja o homem tem

⁶¹⁰ Renato Cristin, *Invito al pensiero di Husserl*. Milão: Mursia, 200. p. 127.

⁶¹¹ *Idem*.

⁶¹² Roberta Lanfredini, *Husserl La teoria dell'intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 107.

⁶¹³ Cf. Franz Josef Wetz, *Husserl*, trad. Valeria Ghiron. Bolonha: Il Mulino, 2003. p. 103.

⁶¹⁴ Roberta Lanfredini, *Husserl La teoria dell'intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 107.

⁶¹⁵ *Idem*.

⁶¹⁶ *Ibidem*.

⁶¹⁷ *Ibidem*.

em si um *eu* transcendental.⁶¹⁸ Dessa maneira, nos achamos de frente ao paradoxo da objetivação do *eu* transcendental, ao fato de que isso que, por definição, é sujeito que torna objeto.⁶¹⁹ Para dizer o sentido que Husserl deu a essa objetivação do *eu*, é relevante destacar que essa pressuposição da *epoché* transcendental, é uma objetivação redimensionada da *epoché*, isto é, não tem relação com a objetivação psicológica, que ocorre sobre terreno da atitude natural da ciência *objetiva*.⁶²⁰ Husserl precisa que o *eu* da objetivação não seja entendido como uma parte real ou um extrato da alma, e que o *eu* se torne uma objetivação do *eu* transcendental, através de uma consideração fenomenológica *de si*, de maneira que o *eu* que é o objeto de tal consideração é o *fenômeno*, o *eu* transcendental.⁶²¹ Em virtude da redução, o mundo que numa atitude natural é mundo real *em si*, torna-se o fenômeno mundo, isto é, o mundo que toma um sentido da atividade constitutiva do *eu*. Mas, em virtude da mesma redução, o *eu* psico-físico da ciência psicológica *objetiva* torna-se o *fenômeno*.⁶²² Husserl preocupa-se com a possibilidade que esse último possa ser confundido com o *eu* psico-físico da atitude natural.⁶²³

Só do ponto de vista do fenômeno homem, objetivado como *eu transcendental*, adquire um sentido preciso a afirmação de que o mundo não é somente para o homem singular, mas, também para a comunidade humana, e que, na vida em comum, cada um pode participar da vida dos outros, e, através dessa participação, se produz a concordância intersubjetiva de validade.⁶²⁴ E só do ponto de vista da consideração puramente fenomenológica da objetividade, que tem origem pela redução, se pode dar um sentido à afirmação husserliana de que a humanidade é inegavelmente uma parte do mundo.⁶²⁵

A idéia de uma ciência fenomenológica, que na *Crise* assumiu um significado de uma explicitação da atividade constitutiva do *eu* fungível, no mundo da vida, e de uma explicação da crise filosófica da ciência, que perdeu ou olvidou-se do sentido último da sua origem e de sua função propriamente teórica, deve surgir, segundo Husserl, de uma reflexão que tenha como objeto a história do pensamento filosófico.⁶²⁶ Husserl não parece querer dizer que essa idéia seja contida na história da Filosofia, e que basta tomar em exame as várias posições

⁶¹⁸ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 94.

⁶¹⁹ *Idem*.

⁶²⁰ *Ibidem*.

⁶²¹ *Ibidem*.

⁶²² *Ibidem*.

⁶²³ *Ibidem*.

⁶²⁴ *Ibidem*.

⁶²⁵ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 90.

⁶²⁶ *Idem*.

filosóficas que foram produto no tempo, para achar os elementos unidos juntamente pela ciência fenomenológica.⁶²⁷ Isso, aliás, afigura-se mais absurdo, se se recordar que o mesmo Husserl está convencido de que a idéia autêntica da Fenomenologia é somente uma idéia perseguível no infinito.⁶²⁸ Husserl fala de uma teleologia ínsita ao tornar histórico da filosofia e afirma, claramente, que tal teleologia não pode ser compreendida ou interpretada sem a contribuição pessoal do estudioso, sem a vontade de exercitá-la; e isso significa que a história da Filosofia tem um sentido se houver contribuição do sujeito para dar-lhe sentido.⁶²⁹

Husserl censurou a Filosofia de todos os tempos por não ter sido capaz de superar o objetivismo naturalístico.⁶³⁰ A Filosofia que tentou superá-lo é chamada por Husserl ora de *filosofia transcendental* ora de *idealismo* e há, ainda, uma história da Filosofia transcendental que sempre traz novas tentativas de produzir o início da filosofia transcendental.⁶³¹ A origem de tal Filosofia é uma revolução copernicana, que se destaca pelos modos de fundação da ciência ingênuo-objetiva. Mas o objetivismo naturalístico constitui um fim do início, e, pois, resta uma tentação tão forte quanto compreensível, por isso as tentativas de superação só alcançam, parcialmente e imperfeitamente, o objetivo desejado. E o idealismo jamais se libera de seus ingênuos pressupostos naturalísticos.⁶³²

⁶²⁷ Cf. Franz Josef Wetz, *Husserl*, trad. Valeria Ghiron. Bolonha: Il Mulino, 2003. p. 105.

⁶²⁸ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 90.

⁶²⁹ *Idem*.

⁶³⁰ *Ibidem*.

⁶³¹ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 68.

⁶³² E eis o quadro completivo como qual Husserl na conclusão da Crise, reassume as grandes linhas a contribuição essencial da filosofia idealista: Por “idealismo” Husserl entende um movimento de pensamento, que tem como representantes mais eminentes não somente Descartes e Kant, mas também Fichte e Hegel. Na sua última obra Husserl não oculta a sua admiração pelos “grandes sistemas idealísticos” de Fichte e, de maneira especial, de Hegel. Cf. *Crise, op. cit.*

§ 11.

Idéias para uma fenomenologia pura
e para uma filosofia fenomenológica I

I

Noções preliminares

A gênese e as vicissitudes relativas às publicações das obras de Husserl são sempre articuladas e complexas: a amplitude das idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica, e a estratificação temporal e teórica na qual a obra se apresenta, tornam a história desse texto ainda mais problemática. Não só os três volumes do qual é composto os trabalhos distintos sobre plano cronológico (e, por muitas razões, teórico), mas também cada um deles articula diversamente o próprio percurso. De outro lado, a característica de sedimentação de novo material de Husserl faz, sim, uma particular referência ao único volume publicado por Husserl mesmo, que é o texto originário, em sucessivas edições, modificado (e complicado para muitos), pelo próprio autor.⁶³³

Quanto aos segundo e terceiro volumes, Husserl, por vários motivos, não editou o texto e isso deriva de uma composição de materiais de diversas origens, quase todos pelas mãos do próprio Husserl. Sucede que o projeto original venha amplamente modificado, criando assim ulteriores problemas interpretativos. Mas isso significa que a gênese de um texto husserliano é a gênese do pensamento, também com todas as suas contradições e aporias. Nessas mesmas páginas se condensam as meditações, as quais originam um quadro orgânico e uma visão histórica coerente. Esse material denso, coevo, parcialmente inédito ou publicado em volumes esparsos, atualmente disperso, deveria ser reunido em um único manuscrito.⁶³⁴

⁶³³ Nesse sentido Vincenzo Costa, *Sulla storia editoriale di Idee I e sui criteri di questa edizione*. *Op. cit.*

⁶³⁴ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 91.

A demonstração de que, em Husserl, a gênese de um texto é inseparável das suas vicissitudes teóricas (às vezes, por sinal, ocultando-se o seu sentido intrínseco), é próprio da história do primeiro volume das *Idee*.⁶³⁵

De fato, no momento da publicação, ocorrida em 1913, enquanto Husserl ensinava em Göttingen, saiu o primeiro volume do seu *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*. A realização de muitos alunos ou simpatizantes foi intensa, quase radical, a um ponto que hoje parece quase surpreendente: essa *Introdução geral à fenomenologia pura* (como se lê no subtítulo) causa uma virada no pensamento husserliano, ponto de começo do qual o percurso idealístico se desenvolverá nos próximos anos de Friburgo, universidade na qual Husserl se transferiu em 1916. Suas notas, e sempre amplamente recordadas dos critérios e comentadores, as tomadas de posições explícitas e públicas ou não de seus alunos, como são exemplos, Ingarden a Heidegger.⁶³⁶ Por outro lado, também a generalização dos estudiosos europeus que se avizinharam de Husserl depois da segunda guerra mundial, em particular na França, de Sartre e Merleau-Ponty, de Ricoeur a Derrida, não falta de observar, para com diferentes valorações de mérito, o ponto de virada presente no interior do primeiro volume das idéias.⁶³⁷

A aparição das *Investigações lógicas* em 1901 foi seguida de um período de dúvidas e de labor, embora fossem escassas as publicações. É nesse período que ocorre um dos maiores desenvolvimentos do seu pensamento: a descoberta da redução fenomenológica. A esse novo método, Husserl dedicou, em 1917, as primeiras lições do curso: *A idéia da fenomenologia*. Somente em 1913, Husserl decide após insistentes apelos de colegas e alunos, publicar o resultado desse desenvolvimento em uma obra sistemática, a qual deverá ser também o verdadeiro e próprio programa da fenomenologia: *Idéias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica*.⁶³⁸

A obra *Idéias* compreende três livros e no primeiro, isto é, a *Introdução geral à fenomenologia*, é dedicado às considerações metodologicamente fundamentais e à análise da

⁶³⁵ Guglielmo Forni, *Fenomenologia, Brentano, Husserl, Scheler, Hartmann, Fink, Landgrebe, Merleau-Ponty, Ricour*. Milão: Marzorati, 1973. p. 43.

⁶³⁶ Ambos ligados, também por formação pessoal, à primeira apresentação da fenomenologia, referida nas *Investigações Lógicas*. Cf. G. Piana, *I problemi della fenomenologia*. Milão: Mondadori, 1966. p. 21.

⁶³⁷ Guglielmo Forni, *Fenomenologia, Brentano, Husserl, Scheler, Hartmann, Fink, Landgrebe, Merleau-Ponty, Ricour*. Milão: Marzorati, 1973. p. 44.

⁶³⁸ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 97.

consciência pura. Ou em outras palavras, às considerações e análises reais e possíveis pela redução fenomenológica, a qual é, a sua vez, difusamente ilustrada no mesmo escrito. Essa obra veio à luz em 1913. No segundo livro, segundo o próprio punho de Husserl, que no primeiro anuncia o segundo, se tratou dos problemas que necessários a formular em maneira sistemática e resolver na sua tipicidade.⁶³⁹ Nessas condições é que se esclarecem as relações entre fenomenologia e as ciências naturais físicas, a psicologia e as ciências do espírito, como também com toda a ciência *a priori*. O terceiro e conclusivo livro, é dedicado à idéia da filosofia. Ele despertará a evidência segundo a qual a genuína filosofia, a cujo ideal é de realizar a idéia do conhecimento absoluto, se radica na fenomenologia pura, em um sentido assim profundo que a sistemática e rigorosa fundação e apresentação da primeira entre todas as filosofias é a condição imprescindível para cada metafísica, ou outra filosofia, que se quererá apresentar como ciência.⁶⁴⁰

⁶³⁹ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 97.

⁶⁴⁰ *Idem*.

II

Introdução geral à fenomenologia pura

Sobre o plano da divulgação, o que bem se poderia denominar de *projeto* de um movimento fenomenológico, ocorreu justamente em concomitância com o texto que intentava constituir-lo: *Introdução geral à fenomenologia*. O texto é, certamente, o primeiro exemplo dessa vontade caracteristicamente inata em Husserl de apresentar uma introdução sistemática do seu pensamento. Vontade que se acha em toda a vasta obra do pai da fenomenologia e que encontrou mais ressonância no volume I de *Idéias*, não obstante esse propósito introdutivo estivesse presente nas *Meditações Cartesianas* (a cujo subtítulo é *Uma introdução à fenomenologia*) e na *Crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental* (na qual consta o subtítulo *Introdução à filosofia fenomenológica*). Deve ser dito, entretanto, que o desejo de oferecer os prolegômenos da fenomenologia não foi alcançado, malgrado o esforço e a dedicação intelectual de Husserl: é que o pensamento husserliano em sua totalidade sistemática (ou ao menos unitária) encontrou óbice na forma nem sempre linear do seu desenvolvimento.⁶⁴¹

O complexo e radical trabalho de Husserl inaugurou com refinados elementos de novidade a filosofia de seu tempo e coube a *Idéias I* o inegável significado de mais profunda e madura expressão do desenvolvimento teórico do pensamento de seu autor.⁶⁴² Fonte contínua de inspiração e enlevo, a *Introdução geral à fenomenologia* está marcadamente envolvida no ardente desígnio de Edmund Husserl de inaugurar as condições de possibilidade de uma ciência do conhecimento.⁶⁴³

As questões gerais do conhecimento nas suas relações com as tradições da filosofia moderna, a fim de constituir uma crítica da razão metodológica fundada, sem cair num realismo ingênuo, mas, ao contrário, fundado e capaz de superar as objeções científicas constituem as bases das *Idéias I*. Se evidencia desse modo como descoberta das considerações fenomenológicas fundamentais, sem cair no vazio da finalidade idealística, assim como o esforço

⁶⁴¹ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 11.

⁶⁴² G. Piana, *I problemi della fenomenologia*. Milão: Mondadori, 1966. p.21.

⁶⁴³ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 21.

de tornar clara a relação entre a imanência e a transcendência, atividade e passividade, que, a partir da tradição empirista, por meio de Descartes, e obviamente juntando-se a Kant, quer colher o sentido de uma razão constitutiva das coisas. De fato, a *Idéia da fenomenologia* é, simplesmente, e ainda uma vez mais, uma lição fenomenológica das coisas e do espaço, e é destinada, em relação direta com outras lições do período dedicadas à construção da temporalidade e aos modos lógicos da teoria do conhecimento.⁶⁴⁴

A *introdução* veio gradativamente como um núcleo da meditação husserliana depois das *Investigações Lógicas*, que se tornaram lugar-comum sobre o idealismo e a função da *epoché*. A especificidade da atitude fenomenológicas, a problemática da suspensão do juízo, conexa com as modalidades do método descritivo, o modo de apreensão da intencionalidade no âmbito da distinção entre imanência e transcendência constituem o núcleo que se busca sempre em uma vontade de fundar a passagem de uma fenomenologia descritivo-psicológica, que no parecer de Husserl predominava nas *Investigações*, a uma fenomenologia transcendental, que trata então só de modo fragmentário a fenomenologia para considerar a fenomenologia como consciência constituinte, destinada à clarificação do sentido de aparência com o qual se apresenta a objetividade (*Objektivität*), com a exclusão de cada posição empírica, para indagar as correlações essenciais entre ato, significado e objeto.⁶⁴⁵

Trata o volume I da redução fenomenológica, do fenômeno puro, dos conceitos lógicos e ontológicos fundamentais, com modificações terminológicas e revisionais do método. Essas idéias derivam do fato que se apresenta explicitamente como o manifesto introdutivo da fenomenologia transcendental e do seu método constitutivo, embora retome os temas já bem presentes na filosofia de Husserl.⁶⁴⁶

O papel dessa obra não alcançou uma concordância entre os estudiosos, especialmente entre os intérpretes e comentadores do pensamento husserliano. Alguns interpretaram o papel da *epoché* e as conseqüências teóricas que o método de se pôr entre parênteses da atitude natural na gênese da fenomenologia.⁶⁴⁷ De outra parte é difícil negar que, nas *Investigações* Husserl não tenha ainda elaborado uma maneira de aperceber-se da

⁶⁴⁴ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 60.

⁶⁴⁵ *Idem*.

⁶⁴⁶ Franz Josef Wetz, *Husserl*, trad. de Valeria Ghiron, Bolonha: Il Mulino, 2003. p. 71.

⁶⁴⁷ E. Marbach, *La fundazione metodologica della fenomenologia come scienza della coscienza pura o trascendentale*, in R. Bernet, I. Kern, E. Marbach, Edmund Husserl, *op. cit.* p. 85.

consciência mesma, que fosse pura e coerente. A purificação que é possível alcançar só por meio da *epoché*, entendida simplesmente como exclusão da percepção natural empírica da consciência. Uma comparação simples feita entre as *Investigações* e a *Introdução* bem pode dar uma noção das diferenças que operaram nas idéias de Husserl: a primeira (*Investigações*) opera com uma pesquisa das formas da experiência nas quais o ser é reflexo, enquanto o esforço de investigação da segunda (*Introdução*) conduz no interesse mesmo por meio das formas experimentais nas quais é reflexo.⁶⁴⁸

Se se trata, então, em síntese, de não tornar absoluto o tema da *epoché*, assim como de compreender como ele conduz para aquela correlação entre fenômeno, essência e vivência que é a base da constituição intencional da fenomenologia. Tudo isso se traduz em uma fundação sistemática, por certos versos sem dúvida ocultos, isto é, naquela introdutiva sistematização do material que Husserl tenta, não sempre de modo muito feliz quanto à organização e clareza, nas *Idéias I*. Material que é, em grande parte, salvo as indubitáveis diferenças terminológicas, sem outro afim aquele presente nas *Investigações* e que aparece aqui ordenado sob a estrutura de uma seqüência mais facilmente passível de exposição e memorização.⁶⁴⁹

Um olhar também geral na estrutura das *Idéias* permite de fato elucidar e discorrer de modo veloz sobre aquilo que são e permanecem os temas da fenomenologia transcendental, isto é, o problema da essência, da relação entre consciência e redução fenomenológica, a análise das estruturas gerais da consciência, isto é da intencionalidade nas suas relações *noéticas* e *noemáticas*, conexas às questões fundantes da constituição.⁶⁵⁰ Husserl chama *noésis* a consciência enquanto modo de se referir a seus objetos e *noema* o núcleo objetivo enquanto se dá em cada caso, de modo distinto, ou seja um mesmo objeto se dá de modo distinto enquanto recordado enquanto se dá quando percebido.⁶⁵¹

A ordem de exposição e temática das *Idéias* permite, por conseguinte, algumas afirmações que, na sua peremptoriedade, resultam fundamentais para identificar o sentido complexo da fenomenologia, também a de qual indagação interpretativa especialista, instituindo aquela trama comum que caracteriza, por outra específica diversidade, o *eidós* do fenomenólogo.

⁶⁴⁸ Cf. O. Lauer, *Phénoménologie de Husserl. Essai sur la gènes de l'intentionnalité*. Paris: Puf, 1955. p. 147.

⁶⁴⁹ Franz Josef Wetz, *Husserl*, trad. de Valeria Ghiron. Bolonha: Il Mulino, 2003. p. 73.

⁶⁵⁰ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 90.

§12.

Idéias para uma fenomenologia pura
e para uma filosofia fenomenológica II

I

Investigações fenomenológicas sobre a constituição

Desvelam as *Investigações fenomenológicas* o papel metodológico da constituição transcendental, afrontando sobre o plano da pura análise intencional em todas as suas variações o problema da coisa. A descrição das características estruturais das principais regiões ontológicas do nosso mundo circundante, colhe aqueles elementos genéticos que faz da pesquisa sobre suas características estruturais uma indagação do senso comum estético da constituição fenomenológica, sobre processos originais associativos e pré-categoriais, que são as bases do seu procedimento.⁶⁵²

A constituição se move sobre um duplo binário, que é de todo evidente. De um lado se trata, para o fenomenólogo que vê a realidade eidética do mundo circundante, de descrever as qualidades experimentais daquele horizonte ontológico que, cômico de ser genérico, chamam natureza. Tal natureza, como descrito nas *Idéias I*, não pode ser descrita nem como uma atitude naturalística nem com aquela visão ingênua que Husserl chama atitude natural. Essas atitudes, da qual o primeiro é a especialização do segundo, e do qual não se discute certo a validade prática, vão reduzidos, pondo-se naquela característica atitude que Husserl chama de teórica: nesses atos não somente se dá um objeto para o *eu*, tornando-se fenômeno, mas o *eu* é dirigido ao objeto, o verifica e o colhe, pondo-se em uma função objetivante. O *eu* se manifesta então enquanto ativo, isto é como um eu posso: há em todos os atos a possibilidade de modificar a própria atitude, no sentido de que cada ato em partida não teórica pode sempre nele transforma-se. De frente a uma obra de arte, por exemplo, posso, simplesmente, na imediatidade de uma ingenuidade degustativa, provar prazer, sem me

⁶⁵¹ Humberto Giannini, *Breve História de la filosofía*, 21ª ed. Santiago de Chile: Catalonia, 2005. p. 341.

⁶⁵² Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 91.

interrogar sobre as causas ou os motivos de tal prazer. Se me interrogo, mudo minha atitude, que torna crítico, isto é transforma o prazer natural em um ato teórico, em um juízo.⁶⁵³

Todo ato espontâneo, observa Husserl, uma vez realizado, transpassa em um estado de passividade, que, todavia, a sua vez, reenvia a atuação originariamente ativa espontânea. Esse entrelaçamento permite constituir sempre novas objetividades, que tem a eles originalidade nos objetos sensíveis e naquelas sínteses estéticas que novamente reenviam ao tema da passividade e do juízo estético, onde implicitamente se despeja, como já ocorria nas *Investigações Lógicas*, a relação entre analítico e sintético estabelecida por Kant.⁶⁵⁴

Husserl nas *Idéias II* definiu como o meio de qualquer percepção, o órgão da percepção, aquele que participa necessariamente a qualquer percepção de consequência, e é um momento central da inteira gênese transcendental, da constituição fenomenológica, a realidade física, as várias coisas que estão no nosso mundo, se constituem em correlações ao constituir-se da realidade corpórea. Uma coisa no espaço é um corpo da qual se pode subir novamente à constituição do meu mesmo corpo próprio, sem os quais atos espontâneos, todavia, não se dão a coisa mesma na sua caracterização espaço-temporal. O corpo próprio é então o órgão do sentido livremente móvel dos órgãos do sentido, que é essencial presença constitutiva, o campo mesmo da constituição, em todos os seus estratos possíveis.⁶⁵⁵

Em *Idéias II* descreve Husserl os vários horizontes ontológicos nos quais se concretiza a experiência do eu, a partir da função que o corpo próprio exercita na construção do corpo espacial. Além dessas acuradas análises descritivas, que se apresentam como um emblemático percurso metodológico e operativo, na fenomenologia, entendida como um exercício abstrato, mas enquanto atividade que confronta com o sentido das coisas que não são a elas vez abstrata e idêntica a si mesma, mas, que apresentam na variedade do seu sentido, nas circunstâncias da sua apreensão, nas diferenças das suas específicas qualidades, na variedade dos seus sombreamentos – coisas as quais necessário girar em torno e que se oferecem ao nosso olhar, estimulando o dar-se qualitativo. Além do que dessas indagações ontológicas, são assim compreendidas nesses trâmites os pontos que permanecem talvez obscuros nas *Idéias I*.⁶⁵⁶

⁶⁵³ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 93.

⁶⁵⁴ Vittorio de Palma, *Il soggetto e l'esperienza. La critica di Husserl a Kant e il problema fenomenológico del trascendentale*. Macerata: Quodlibet, 2001. p. 41.

⁶⁵⁵ Renato Cristin, *Invito al pensiero di Husserl*. Milão: Mursia, 2002. p. 71.

⁶⁵⁶ Franz Josef Wetz, *Husserl*, trad. De Valeria Ghiron. Bolonha: Il Mulino, 2003. p. 56.

II

A fenomenologia e os fundamentos da ciência

O material escrito nesse livro foi escrito antes do segundo livro. Sem considerar que o último texto deve a sua notoriedade, muito mais pela presença de um apêndice do que pela análise do texto. O escrito breve que compõe o livro três encontrou grande força introdutiva e polêmica.⁶⁵⁷

As indagações de *Idéias III* não são um corpo estranho: em um manuscrito de 1913, buscando paradoxalmente⁶⁵⁸ justificar a passagem do segundo ao terceiro livro, observa que, ao lado da centralidade nos processos constitutivos do próprio corpo e das relações empáticas que conduzem a intersubjetividade superando a inicial, e, aparente, solipcismo, é necessário inserir também análises fenomenológicas que conduzam sobre o plano da ciência, no interior daquilo que Husserl chamava a sua experiência social. Uma experiência que não pode certamente vir entendida em uma direção sociológica e que indica ao contrário o horizonte da constituição das regiões da experiência do nosso mundo circundante deva encontrar o problema de saber qual deve ser a condição da possibilidade de uma objetividade idêntica por bastante o eu e para a sua vida de consciência: uma condição transcendental que é evidentemente reguladora e não, como seria em um idealismo absoluto, a normatividade. É daqui a necessidade de distinguir a constituição fenomenológica das visões absolutas de algumas ciências particulares, apresentando-as mais do que tudo como aquela disciplina capaz de por os fundamentos das ciências mesmas. Afirmar que tal fundação deve passar por meio de operações subjetivas não significa transformá-la em uma psicologia: e não só porque essa última é ciência de dados de fato, e não de essências, mas enquanto deve passar por meio de uma fundação fenomenológica, pondo então o sujeito intencional, e as suas operações, as raízes do sentido fenomenológico, que se apresentam assim na sua pureza essencial e não como objeto de uma ciência meramente descritiva ou empírico-descritiva. Em outros termos, o sentido fundacional da fenomenologia

⁶⁵⁷ Cf. Elio Franzini, notas ao livro terceiro do Volume II das *Idéias*, trad. de Vincenzo Costa. Turim: Einaudi, 2002. p. 26.

⁶⁵⁸ Paradoxalmente porque, naquela data, não existiam nem um nem outro e porque o material desse manuscrito terminará, pois, no segundo e no segundo e no terceiro volume. Cf. Elio Franzini, notas ao livro terceiro do Volume II das *Idéias*, trad. de Vincenzo Costa. Turim: Einaudi, 2002. p. 26.

deriva do fato de que as operações intencionais não se limitam a ser uma descrição das vivências e da sua experiência empírico-experimental, mas sim busca colher a sua possibilidade ideal, o senso genético das suas qualidades assim como se estendem de frente aos nossos olhares e à sua estratificada variedade.⁶⁵⁹

A fenomenologia não é uma ontologia, também as suas indagações constitutivas procedem através de regiões ontológicas, ou, de modo mais simplificado, é refutada uma ontologia que apresenta como consideração estática das unidades reais, tomadas na sua identidade de qualquer coisa de sólido e definido, no interior de uma metafísica ruim, que rejeita o sentido *seu dar estético*. Ao contrário, a ontologia é a indagação do senso da experiência e dos seus atos, que não se limita à sua visão estrutural das regiões do ser porque se prende no seu fluxo, como unidade de uma gênese transcendental que compreende a história de uma própria teleologia imanente na forma de um sistema regulado de modo de manifestação e de atestar-se por essências inerentes, que nisso podem vir localizar-se e interrogar-se. A fenomenologia não é uma *doutrina essencial das realidades*, mas uma *doutrina essencial da constituição das realidades*.⁶⁶⁰

⁶⁵⁹ Cf. Gabriele Giannantoni, *Le filosofie e le scienze contemporanee*. V. 3, 4ª ed. Turim: Loescher, 1996. p. 365

⁶⁶⁰ Cf. F. Adorno, T. Gregory e V. Verra, *Storia della filosofia con testi e letture critiche*, v. 3., 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 1981. p.457.

PARTE VI
A CRÍTICA DE FINK

§1º.

Introdução

Em uma famosa intervenção no terceiro Colóquio Filosófico de Royaumont, Eugen Fink sustenta que Husserl jamais alcançou uma solução do problema de como se deva entender exatamente a relação de dependência das coisas de consciência percipiente.⁶⁶¹ Afirmou Fink que Husserl em tempo algum resolveu expressamente essa questão, de maneira que não ficou resolvida que coisa ocorre ao ser próprio das coisas quando ele se torna objeto de representação.⁶⁶² A isso acresce a questão de se poder identificar puramente e simplesmente o ser próprio de uma coisa com o ser objeto, e, ainda, uma outra questão que nomeadamente poderia se resumir ao fato de que se se afirma que o ser próprio de uma coisa consiste simplesmente no seu ser objeto, se tem, em tal afirmação, poderia se dizer que haveria uma superação especulativa da esfera fenomenológica?⁶⁶³

Nessa intervenção afirmou que a superação especulativa constitui um problema que Husserl não trata de maneira explícita e que ficou profundamente marcado nas questões que suscitou.⁶⁶⁴ Conquanto seja esse o sentido mais autêntico e original da redução fenomenológica, e o fato de tais oscilações se verificam em diversas fases do pensamento husserliano, afirmou Fink que a conclusão de Husserl implica tornar estranho ao sentido das análises fenomenológicas o problema da realidade ou da existência no significado das teses naturais.⁶⁶⁵

⁶⁶¹ Cf. a comunicação de Eugen Fink in *Husserl Cahiers de Royaumont* Paris: Les Editions de Minuit, 1959.

⁶⁶² *Idem*. As palavras de Fink são as seguintes: “Que coisa ocorre ao ser próprio das coisas quando ele se torna objeto de representação?” Cf. *Cahiers, op. cit.* Não pode ser olvidado, mesmo em um texto que se propõe a oferecer alguns excertos críticos à obra de Husserl, que as críticas às idéias do autor das *Meditações Cartesianas* também foram perseguidas por Frege. Cf.

⁶⁶³ Cf. Guy van Kerckhoven, *Mondanizzazione e individuazione La posta in gioco nella Sesta Meditazione cartesiana di Husserl e Fink*. Trad. do francês para o italiano por Massimo Mezzananza. Gênova: Il melangolo, 1998. p. 21.

⁶⁶⁴ Cf. as observações de Andrea Gilardoni, *Potenzamenti immaginifici Sperimentazioni filosofiche intorno a Eugen Fink*. Milão: Unicopoli, 2001. p. 94.

⁶⁶⁵ Cf. Tommaso Pedicini, *Il labirinto del mondo. La filosofia del gioco de Eugen Fink*. Milão: Edizione Ângelo Guerini e associati, 1997. p. 19.

Fink recebeu sabidamente a aprovação de Husserl como aluno e de seu professor é que extraiu as suas lições básicas. É possível estabelecer um paralelo da crítica de Fink (aluno) com Husserl (Professor), assim como de Husserl (aluno) com o de Brentano (professor), embora esta pesquisa não sirva a esse propósito, mas foi com as críticas uns dos outros que cresceu o conhecimento daquilo que se propôs a estudar nesta tese. De qualquer modo, o trabalho de Husserl é manifestamente insuperável se comparado à posição de Eugen Fink.⁶⁶⁶

Deve ser lembrado que Royaumont,⁶⁶⁷ em 1957, é o terceiro grande congresso de fenomenologia que participou Fink. Ele se segue ao de 1951 em Bruxelas⁶⁶⁸ e o de 1956 em Krefeld.⁶⁶⁹

⁶⁶⁶ Cf. Guglielmo Forni, *Fenomenologia*. Milão: Marzorati, 1973. p. 19.

⁶⁶⁷ Andrea Gilardoni, *Potenziamenti immaginifici Sperimentazioni filosofiche intorno a Eugen Fink*. Milão: Unicopoli, 2001. p. 94.

⁶⁶⁸ Cf. Guglielmo Forni, *Fenomenologia*. Milão: Marzorati, 1973; p. 44.

⁶⁶⁹ Tommaso Pedicini, *Il labirinto del mondo. La filosofia del gioco de Eugen Fink*. Milão: Edizione Ângelo Guerini e associati, 1997. p. 19.

§2º.

A intervenção no terceiro colóquio
de Filosofia de Royaumont

Em um primeiro momento Fink medeia os solavancos com a orientação fenomenológica tentando sublinhar uma série de elementos especulativos incompreensíveis do pensamento de Husserl. Foram teses difíceis de defender e não parecem estar sustentadas de modo suficiente por novidades argumentativas. Fink chega a revolver abertamente contra seu ex-professor Edmund Husserl alguns dos mesmos argumentos usados nos anos trinta pelos detratores da Fenomenologia.⁶⁷⁰

A *epoché* fenomenológica, sustenta Fink, não é em grau de fazer compreender o ser do mundo, a dimensão originária. Os conceitos de espaço e tempo vêm interpretados pela fenomenologia como simples objetos fenomênicos e não como são em realidade: vale dizer espaço do mundo e tempo do mundo que circundam nos mesmos e as coisas, os pressupostos de todos os fenômenos.⁶⁷¹

Para Fink, a redução do mundo real faz aparecer um mundo de significados, um mundo intencional. Diz Fink que a Fenomenologia não aponta o problema de sua origem em sentido realístico e trata de compreender como objeto intencional o mundo como se forma em uma consciência como se isso tornasse válido, através de uma gênese subjetiva de seu significado. À Fink, todo ser em Husserl é um *ser-para-mim*, em um objeto intencional. Dizia também que Husserl não consegue falar do ser fora da sua relação com a consciência.⁶⁷²

⁶⁷⁰ Cf. Tommaso Pedicini, *Il labirinto del mondo. La filosofia del gioco di Eugen Fink*. Milão: Guerini, 1997. p. 239.

⁶⁷¹ Cf. Guy van Kerckhoven, *Mondanizzazione e individuazione La posta in gioco nella Sesta Meditazione cartesiana di Husserl e Fink*, trad.de Massimo Mezzanica. Gênova: Il melangolo, 1998. p.110.

⁶⁷² Guglielmo Forni, *Fenomenologia*. Milão: Marzorati, 1973. p. 13.

Visto que a fenomenologia é incapaz de conduzir à sabedoria do mundo (*Weltweisheit*), que é o objetivo da filosofia segundo Fink, ela então não é outra coisa senão apropriado fundamento do pensamento humano, uma *pré-filosofia*, mas não uma filosofia.⁶⁷³

É de boa lembrança que o plano geral da filosofia de Eugen Fink, desse período ao menos, considera muito o método ontológico heideggeriano, mas com o passar dos anos Fink adquire uma sempre maior independência também de Heidegger. Nessa época a ambição de Fink segundo seus estudiosos consistia em querer buscar as dimensões de espaço e movimento na análise heideggeriana de *Ser e Tempo*, e assim de apresentar o *Ser e Mundo*, mais do que *Ser e Tempo*, como a esfera original da ontologia.⁶⁷⁴

O próprio Fink sustenta que talvez o tempo seja somente uma das dimensões da filosofia ontológica e, então, depois de serem postas as questões de uma relação assim problemática (aquela entre ser e tempo indicada), se deveria interrogar. Entretanto, com observância do ser com o espaço e com o movimento ou, para reassumir o todo, observa-se a relação que decorre entre ser e mundo.⁶⁷⁵

O pensamento de Fink, nesse momento, pode ser definido como cosmológico. Quanto mais ele evidenciará a reflexão sobre o mundo e das conseqüências buscará a conceptualização do jogo, como modo de ser do homem no mundo, tanto mais então a filosofia de Fink sofrerá uma forte e definida maturação de identidade. A partir de então, se compreende como os estudiosos do pensamento de Fink⁶⁷⁶ possam falar unanimemente de um Kehre na filosofia finkiana do pós-guerra, ou seja, uma volta incomparável, na forma, aquela ocorrida no pensamento de Heidegger entre as publicações de *Ser e Tempo* e os escritos dos fins dos anos trinta, nos quais o problema do ser assume um caráter global.⁶⁷⁷

A virada de Fink se torna evidente, no que resulta até mesmo inesperada, senão incompreensível para aquele que não conhecem os seus estudos e das variadas etapas do seu tormentoso caminho de pensamentos nos três conhecidos congressos de fenomenologia

⁶⁷³ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 15.

⁶⁷⁴ Guglielmo Forni, *Fenomenologia*. Milão: Marzorati, 1973. p. 13.

⁶⁷⁵ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 55.

⁶⁷⁶ Podemos citar Spiegelberg, Gadamer, Remy, Zecchi, Schlageter e Masullo. Cf. Tommaso Pedicini, *op. cit.*, p. 31.

⁶⁷⁷ Michele Lenoci, *Autococienza Valori Storicità Studi su Menong, Scheler, Heidegger*. Milão: Franco Angeli, 1992. p. 205.

(Bruxelas, Krefeld, Royaumont), mas, sobretudo, a retomada das publicações dos seus escritos a partir de 1947.⁶⁷⁸

⁶⁷⁸ Guglielmo Forni, *Fenomenologia*. Milão: Marzorati, 1973. p. 15.

PARTE VII
A CRÍTICA DE FREGE

§1º.

A filosofia da aritmética

Em uma sua severa recensão à *Filosofia da Aritmética*, Gottlob Frege impelido pela exigência de distinguir nitidamente a Psicologia da Lógica e de fundar a Aritmética sobre bases rigorosamente formais, acusa Husserl de psicologismo.⁶⁷⁹ Ele rejeita, por isso, toda a problemática husserliana destinada a definir o caráter e os limites das operações psicológicas que são a base dos conceitos elementares da aritmética.⁶⁸⁰ A sua célebre frase é própria e característica de tal assertiva: necessário saber que coisa seja o mar do Norte, não como surge a noção de mar do norte.⁶⁸¹

O primeiro escrito de Husserl foi uma re-elaboração da sua tese de habilitação em 1887.⁶⁸² Foi impressa em 1891 como *Filosofia da Aritmética*, com o sub-título *Investigações Lógicas e Psicológicas*, e foi dedicado a Franz Brentano.⁶⁸³ Nessa obra quis Husserl demonstrar o processo no curso do qual o conceito de número decorreria de *fenômenos concretos de multiplicidade (Inbegriffe)*, ou seja, agregados, associados, unidos.⁶⁸⁴ Essa idéia abstrata de vinculação coletiva foi alcançada enquanto significado lógico de um conceito mais geral de *multiplicidade*, que a sua vez buscaria pela via da abstração das observações dos agregados.⁶⁸⁵

⁶⁷⁹ Esse foi o primeiro escrito de Husserl, que constitui uma re-elaboração da sua tese de habilitação de 1887. Foi publicada em 1891 como *Filosofia da Aritmética* e com o subtítulo *Investigações Lógicas e Psicológicas* como dedicatória a Franz Brentano. Cf. a trad. ital. *op. cit.*

⁶⁸⁰ Anthony Kenny, *Frege*, trad. Marco Mazzone. Turim: Einaudi, 2003. p. 24.

⁶⁸¹ É de modo significativa, para se por com respeito a isso, especialmente se se põe em relação com as seguintes afirmações: “Uma descrição dos processos mentais que precedem a enunciação de um juízo numérico, não pode nunca, também se exata, substituir uma verdadeira determinação do conceito de número não podemos nunca invoca-la para a demonstração de qualquer teorema, nem aprenderemos por essa alguma propriedade dos números. E na verdade o número não constitui um objeto da psicologia, nem pode considerar-se como um resultado dos processos psíquicos, mesmo como não pode considerar-se tal, por exemplo, o mar do Norte.”

⁶⁸² Mauro Mariani, *Introduzono a Frege*, 3ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2004. p. 45.

⁶⁸³ Cf. a trad. italiana, *op. cit.*

⁶⁸⁴ Mauro Mariani, *Introduzono a Frege*, 3ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2004. p. 35

Compreende Husserl que o ato psíquico que é identificado no conceito de número e caracterizado seja em sentido psicológico seja abstraído em um sentido puramente lógico.⁶⁸⁶ Essa caracterização externa para Husserl não vincula toda a complexidade do ato de representação que consente de se conseguir o conceito de vinculação coletiva, que poderemos dizer tanto o ato de colher um conjunto como um gesto gestáltico.⁶⁸⁷ Esse ato de representação vai tornando não como um processo que negligencia, que *não nota* o conteúdo do agregado, mas como ato unitário que exprime a função psíquica de atenção por tais conteúdos, considerados em seu sentido específico como reunidos em um agregado por semelhança.⁶⁸⁸

Husserl retoma a Teoria de Brentano e se concentra sobre o ato de representação que vincula a dimensão subjetiva de modo a tender a uma coisa qualquer (ou qualquer coisa) como objeto e essa tendência é o próprio conteúdo intencional.⁶⁸⁹ O ato de determinar o número, ou seja, a consistência de um agregado, é um ato de interesse que em um mesmo momento, institui de um lado conexões entre os vários elementos ou agregados, e de outro tem conteúdo seu próprio em mira e o objeto agregado mesmo.⁶⁹⁰

A esse ponto, é evidente que a caracterização psicológica do conceito de número imposta por Husserl rompe decisivamente o esquema da Teoria Empirista da Abstração e se mostra derivada da *Psicologia do ponto de vista empírico* de Brentano, a qual tomou para distinguir o físico do mental, evidenciando como os atos mentais tidos em uma existência autônoma.⁶⁹¹ Sobre esse raciocínio, Husserl atraiu para a órbita da existência autônoma números como formas gerais condicionantes a nossa atividade cognoscitiva.⁶⁹² Corrige, assim, a hipótese psicologista da total dependência dos conceitos elementares da aritmética da psicologia.⁶⁹³

O primeiro passo na direção de uma pesquisa de autonomia do primado na lógica objetiva, existente de *per se*, é a respeito de uma simples derivação da lógica da característica da

⁶⁸⁵ Esse modo de pensamento se avizinha da Teoria empírica da abstração de John Stuart Mill, mas dele se afasta por conta das seqüências psicologistas expressadas por Mill. Cf.

⁶⁸⁶ Segundo Mill o número não denota os sentidos singulares do agregado, mas considera na sua generalidade o ente simples, de unidade, deixando como resíduo na mente a sua pura e simples conexão conceitual. Cf.

⁶⁸⁷ Gabriele Giannantoni, *op. cit.* p. 580.

⁶⁸⁸ Cf. F. Adorno, T. Gregory e V. Verra, *op. cit.* p.457.

⁶⁸⁹ Paolo Bucci, *Husserl e Bolzano Alle origini della fenomenologia*. Milão: Unicopli, 2000. p 11.

⁶⁹⁰ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: 2002. p.77.

⁶⁹¹ Anthony Kenny, *Frege*, trad. Marco Mazzone. Turim: Einaudi, 2003. p. 32.

⁶⁹² Nicla Vassallo, *La filosofia di Gottlob Frege*. Milão: 2003, Franco Angeli, p. 213.

⁶⁹³ Mauro Mariani, *Introduzione a Frege*, 3ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2004. p. 38.

psicologia.⁶⁹⁴ É exatamente essa consideração que foi criticada por Frege, com a qual Husserl travou auspiciosa relação epistolar.⁶⁹⁵ Segundo Frege, Husserl se achava novamente em uma dimensão psicologista e não puramente lógica.⁶⁹⁶ Entre os argumentos utilizados por Frege, é conhecido o recurso ao conceito de zero: se não contamos zero, como se faria para sustentar a posição psicologista?⁶⁹⁷

⁶⁹⁴ Denis Fisette, *Lecture frégéenne de la phenomenologie*. Paris: Eclat, 1994. p. 82.

⁶⁹⁵ Cf. Mauro Mariani, *Introduzione a Frege*. Roma-Bari: Laterza, 2004. p.

⁶⁹⁶ Cf. Anthony Kenny, *Frege*, trad. de Marco Mazzone, Turim: Einaudi, 2003.p. 160.

⁶⁹⁷ Contestando, assim, a experiência de zero, Frege nega que também se possa assim surgir na sujeito a intenção de representar igualmente o conceito de nada. Não é assim na experiência, mas na lógica. Cf. Gabriele Giannantoni, *op. cit.* p. 513.

§2°

Experiência e juízo

Os termos experiência e juízo são passíveis de diversas interpretações.⁶⁹⁸ Isso não implica que qualquer interpretação seja *correta* ou *válida* em um contexto lógico e filosófico, lá onde o problema da validade do *logos* é objeto próprio da análise filosófica da lógica.⁶⁹⁹ Deve-se, entretanto, compreender que os sentidos nos quais tais termos adquirem significado no âmbito da obra de Frege. A relação conceitual e especificamente lógica entre experiência e juízo é de fato dúplice, e isso pode ser expresso nas duas formulações seguintes:⁷⁰⁰

- (1) Qual experiência nos ocorre para julgar?
- (2) Qual experiência nós procuramos um ato de juízo?

A primeira das duas formulações exprime com os termos experiência assim que vem normalmente indicado com condições de afirmação do juízo, ou em que termos sejamos autorizados a formular um juízo. Isso produz seguramente uma observação problemática inicial de caráter geral, ou seja, a necessidade de explicitar a modalidade fundante de uma experiência a fim de que ela constitua o substrato válido de juízo possível; obviamente o caráter essencial do juízo pode nesse sentido vir explicitado de duas formas:⁷⁰¹

- (1) verdade (valor alético): isso que o juízo exprime à verdade de um estado de coisas, e o exprime verazmente tal estado de coisas correspondente a formular um juízo válido (aspecto realista, de molde aristotélico);
- (2) correção (valor epistemológico): isso que o juízo exprime é um conteúdo válido porque responde a certos cânones estabelecidos de correção

⁶⁹⁸ Merece registro que há muitas analogias entre o trabalho de Meinong com o de Frege, como, por exemplo, o fato de muitos hoje pensarem que as teses de Meinong possam constituir suporte “ontológico” às teorias lógico-lingüísticas, desenvolvidas a partes das premissas fregeanas. A idéia central da sua ontologia, que teve específico relevo em âmbito analítico, é a teoria dos objetos “não-existentes”. Cf. D’Agostini, *op. cit.* p. 308.

⁶⁹⁹ Nicola Vassallo, *La filosofia di Gottlob Frege*. Milão: 2003, Franco Angeli, p. 212.

⁷⁰⁰ C. Mangione, S. Bozzi. *Storia della Logica da Boole al gioni nostri*. Milão: Garzanti, 1993. p. 82.

⁷⁰¹ *Idem*.

científica, que por isso exprime um estado de coisas verdadeiro (aspecto epistêmico-construtivista ou anti-realista).

A escolha de uma das modalidades teóricas da natureza do juízo lógico, pode ser expressa também nos termos da nossa temática, isto é, afrontando a relação entre *experiência particular e valor universal*. A questão precedente considerada na sua dupla articulação, pode ser reconsiderada entendendo o modo de formulação de um certo juízo porque ele implica necessariamente a validade do seu conteúdo.⁷⁰²

Modalidade válida do juízo lógico → validade universal

Ou seja: em segundo lugar, como outro aspecto ‘a relação entre dois termos, a sucessiva formulação se configura exatamente como a fundação da experiência válida a partir do ato de julgar (portanto, no sentido inverso a quanto apresentado pela primeira):⁷⁰³

Experiência universal → juízo válido

A relação, portanto, parece circular, todavia não contraditória, porque evidentemente poderemos ser interpretados diversamente os referentes dos termos, em particular do termo experiência.⁷⁰⁴

O problema posto pela segunda relação é aquele de determinar segundo qual modalidade deve se dar o ato de julgar (a sua estrutura epistêmica, o seu valor formal) porque ele assegura a validade universal do seu conteúdo, o valor da experiência nela expressa. Em geral, então, a relação entre experiência e juízo se reconfigura imediatamente na necessidade de determinar a forma do juízo e o modo do ato de julgar (elementos que por lado vão claramente distintos). Então uma análise filosófica do tema lógico *Experiência/Juízo*, deve antes de tudo responder aos seguintes pontos:⁷⁰⁵

- (1) que coisa é o juízo, a forma do juízo (isso se funda imediatamente sobre distinção com a noção de proposição);

⁷⁰² C. Mangione, S. Bozzi. *Storia della Logica da Boole al gioni nostri*. Milão: Garzanti, 1993. p. 83.

⁷⁰³ *Idem*.

⁷⁰⁴ Andréa Pedferri, *Frege e il neologismo*. Milão: Franco Angeli, 2005. p. 13.

- (2) que coisa comporta a formulação do juízo (isto é, que tipo de experiência comporta a formulação do juízo, ou seja das condições de asserção);
- (3) a forma da experiência no ato de julgar (percepção, imaginação, representação).

A relação entre juízo e experiência é o núcleo central da obra de Husserl, que vai pensada como a ponte conceitual e essencial entre as *Investigações Lógicas* e o desenvolvimento do pensamento fenomenológico. A obra põe a relação entre os dois termos, determinando a experiência, a origem do juízo (juízo predicativo – *apophansis*). No parágrafo 3 o juízo é identificado como uma *pretensão de conhecimento*, ou seja, o seu papel e o seu ser objeto de estudo, que o lógico concentra nas formas, é ser um fundamento pelo conhecimento, e as leis que o regulam devem ser suficientes a tornar possível o conhecimento em geral. Assim inscreve ao juízo o papel fundante do ato de conhecer, em particular devido ao ser regulado por meio das leis fundamentais e universais da expressão (leis de validade da lógica). Então na forma/formulação do juízo deve ser entendida essa modalidade de fundação. Mas, em *Experiência e Juízo* assim não basta satisfazer ao objetivo do conhecimento, ou seja, a verdade, e Husserl identifica as condições em uma dúlice forma.⁷⁰⁶

Surtem os traços essenciais na formulação do juízo que andariam outras as simples estruturações das leis formais de validade, e que invés atribuem essencialmente ao sujeito que conhece e exprime o juízo, em particular vêm evidenciados:⁷⁰⁷

- (1) inteligibilidade;
- (2) evidência (e as condições subjetivas por atingí-la).

O segundo ponto é absolutamente central na formação contemporânea das condições de verdade dos juízos, em particular no estudo das demonstrações como objeto. Nós nos concentraremos invés no seguido sob o papel de inteligibilidade do juízo, em particular nas formas da determinação do valor do sentido na validade do ato de juízo, e por isso nos

⁷⁰⁵ Gabriele Giannantoni, *op. cit.* p. 513.

⁷⁰⁶ Husserl, *Experiência e juízo*, trad. It.. p.16.:”...as leis de formação dos juízos... devem ser suficientes a tornar possível o conhecimento em geral,... mas de outra parte, também quando o juízo satisfaz às exigências daquela lei, ela não pode ainda alcançar o seu escopo, ou seja, a verdade. Esse fato nos constringe a por o problema disso que deve ainda acrescentar as condições formais da virtude possível a fim de que a atividade cognoscitiva atinja o seu escopo. Essas condições ulteriores estão pela parte do sujeito e respeitam os caracteres subjetivos da inteligibilidade da evidência, e as condições subjetivas por atingir.

revolvemos temporalmente atrás do tratado essencialmente sob a noção de sentido, ou seja, Gottob Frege, *Sentido e Denotação*.⁷⁰⁸

As relações entre a coisa designada e o signo que a indica, e acrescenta quando o sentido, ou o modo no qual essa relação se constitui. Essa conexão está evidentemente presente em um sujeito, e por isso Frege achou necessário tê-la distinta da *representação*.⁷⁰⁹ Qual é então o fundo de coerências e unicidade dos sujeitos no ato de entender os objetos e as suas propriedades no modo tal de poder, pois, exprimir em juízos? Como se pode se estar de acordo por partir da diversidade das representações individuais? Como concorda em substância o ato individual de experiência com a formulação dos juízos universalmente (coletivamente) válidos?⁷¹⁰

Sobre a noção de sentido, ou seja, resolver a variedade da experiência Frege introduziu na estrutura algo de modo a fornecer um quadro completo das expressões, coisas e representações subjetivas, propondo além disso mesmo a resolução da dificuldade intrínseca na diversidade das experiências.⁷¹¹ A inteligibilidade (e então a recíproca inteligibilidade, compreensão na multitude – essência da comunicação) se constitui nos modos da relação entre sujeito e objeto: isso funda então a validade do juízo e a possibilidade mesma desse conhecimento.⁷¹² Mas o conhecimento é datado só no modo de expressão completamente

⁷⁰⁷ Gabriele Giannantoni, *op. cit.* p. 514.

⁷⁰⁸ Frege, *in Sentido e denotação*: "...a um signo (seja ele um nome, uma conexão de palavras, uma simples letra), é coligado, outro assim é designado, e que poderei chamar a denotação do signo, também isso que chamarei o sentido do signo, e que contém o modo no qual o objeto vem dado... no usar "signo" e "nome" entendi uma qualquer designação fungente da próprio nome, a qual denotação é assim um objeto determinado (a palavra "objeto" vai tomada no modo mais amplo), mas não em conceito ou uma relação... De regra as relações que intercorrem entre o signo, o seu sentido a sua denotação são essas: ao signo corresponde um determinado sentido e a esse corresponde de novo uma determinada denotação, enquanto a uma denotação (ou seja a um objeto) não pertence só um signo. Um mesmo sentido tem diferentes expressões em línguas diversas e até mesmo no interior da mesa língua." (p. 10-11)

⁷⁰⁹ A noção de representação, ou seja do sujeito, disse Frege: "...Da denotação e do sentido de um signo vá tida distinta a representação conexas ao signo. Se a denotação de um signo é um objeto sensivelmente perceptível, a minha representação dela é invés uma imaginação interna que se constitui sobre a base das recordações de impressões sensíveis por mim provadas e de atividade, sejam internas seja externas, por mim exercitadas. Essa imagem é sempre impregnada de sentimentos; a clareza das suas partes singulares é diversa e inconstante. A mesma representação não é sempre coligada ao mesmo sentido, nem mesmo na mesma pessoa. A representação é subjetiva, varia de pessoa a pessoa. Portanto a representação coligada ao mesmo sentido são variadamente diversas." (p.12 da)

⁷¹⁰ Anthony Kenny, *Frege*, trad. de Marco Mazzone, Turim: Einaudi, 2003. p. 128.

⁷¹¹ Sobre a noção de sentido, disse Frege: "... como à mesma palavra há que vincula uma representação e que uma outra, assim pode ser também quem a que palavra vincula um sentido e quem um outro. Mas nesse caso a diferença consiste só no modo de atuar a conexão. Isso não impede que ambas as pessoas se prendam ao mesmo sentido, enquanto é impossível que tenhamos a mesma representação... A denotação de um nome próprio é o objeto mesmo que com ele designamos; a representação que nos temos é do ponto de vista subjetivo; entre uma e outra há o sentido, que não é mais subjetivo como a representação, mas não é nem mesmo o objeto mesmo." (. P.13).

⁷¹² Mauro Mariani, *Introduzione a Frege*, 3ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2004. p. 13.

significativa, isso que Frege entende como enunciado e só diz respeito a qual subsiste a verdade.⁷¹³

A denotação dos enunciados, que seria a verdade, é sobre essa base a fundação fregeana entendida a verdade não como o sentido de uma expressão, mas como o seu denotado, ou seja, um objeto ao qual exprimir-se por referir-se.⁷¹⁴ Todas as expressões entendem assim uma única verdade. Verdade que torna o objeto transcendental.⁷¹⁵ O conhecimento tem por isso como sua condição de referência única a tal objeto, admitindo, pois, a multiplicidade dos modos de relação a isso: tais multiplicidades entende satisfazerem aqueles caracteres subjetivos da inteligibilidade considerados por Husserl, se bem que não se referem aos caracteres de evidência. Qual, então, o papel da subjetividade na formulação das condições de afirmação (evidência) do juízo?⁷¹⁶

Frege, refutando o método da descrição dos processos mentais e pondo-se sobre a vida das determinações lógicas objetivas do conceito de número devia dar encontro, como sabemos, àquela antinomia do conceito de classe, que em uma letra os foi assinalada por Husserl e que válidas a dissuadi-lo a dar continuidade às suas pesquisas.⁷¹⁷

Um conceito, observa aqui Husserl, pode ser esclarecido no seu sentido fundado na sua validade e só se é possível mostrar a sua gênese da experiência. Isso é quanto dizer que o primeiro objetivo de uma filosofia da aritmética deve consistir no buscar de mostrar qual seja o caminho que nos permite compreender o conceito elementar de número – o número natural cardinal – sobre fundamento da expediência que dele temos.⁷¹⁸ Dispor-se nessa prospectiva de caráter geral quer dizer necessariamente tomar as distâncias da posição de Frege que, nas páginas husserlianas, é objeto de uma acirrada polêmica.⁷¹⁹ Para Frege a aritmética é parte da lógica e a tarefa do filósofo consiste no definir logicamente os objetos aritméticos, que possa dizer-se claros e definitivamente fundados no momento no qual sabemos circunscrever-lhes não

⁷¹³ Anthony Kenny, *Frege*, trad. de Marco Mazzone. Turim: Einaudi, 2003. p. 123.

⁷¹⁴ Sobre a denotação dos enunciados, afirmou Frege: "...Somos assim induzidos a reconhecer a denotação de um enunciado no seu valor de verdade. Entendo por valor de verdade de um enunciado a circunstância que ele seja verdadeiro ou falso: não se dão outros valores de verdade... Cada enunciado declarativo, no qual isso que interessa é a denotação das palavras, vai então considerado como nome próprio, e a sua denotação, no caso que exista, é o verdadeiro ou o falso."(p. 16).

⁷¹⁵ Mauro Mariani, *Introduzione a Frege*, 3ª ed. Roma-Bari: Laterza, p. 13.

⁷¹⁶ Anthony Kenny, *Frege*, trad. de Marco Mazzone. Turim: Einaudi, 2003. p. 128.

⁷¹⁷ Nicla Vassallo, *La filosofia di Gottlob Frege*. Milão: 2003, Franco Angeli, p. 212.

⁷¹⁸ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed., Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 29.

⁷¹⁹ Cf. Anthony Kenny, *Frege*, trad. de Marco Mazzone. Turim: Einaudi, 2003. p. 100.

contraditoriamente os confins.⁷²⁰ O número é um objeto ideal, e uma indagação sobre a natureza deve conduzir a uma definição – escrita na linguagem exata da teoria dos conjuntos – que permita se dizer uma vez por todas que coisa *são* os números e como é possível distingui-los dos objetos concretos.⁷²¹ A perspectiva husserliana é, ao menos em parte, diversa, pois para Husserl o pensamento não é uma esfera fechada em si mesma e capaz de atingir em si o fundamento da própria legitimidade; isso é quando dizer que não é suficiente definir o conceito de número sobre o terreno de uma teoria qualquer, formalmente codificada, mas é necessário buscar-lhe a origem sobre um terreno que é anterior da codificação teórica – o terreno da experiência e da práxis – para nós o mostrarmos, a partir de que, a “história”. Segue-se depois que a clarificação efetiva do conceito de número, mesmo como das outras noções lógicas, deve necessariamente mover os seus primeiros passos sobre terreno da experiência.⁷²² O filósofo deve assim fazer-se psicólogo do conhecimento para *descrever* as experiências que são necessariamente chamadas por causa da gênese do conceito de número.⁷²³

⁷²⁰ Nicola Vassallo, *La filosofia di Gottlob Frege*. Milão: 2003, Franco Angeli, p. 201.

⁷²¹ *Idem*.

⁷²² Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 30.

⁷²³ Cf. Anthony Kenny, *Frege*, trad. de Marco Mazzone. Turim: Einaudi, 2003. p. 94.

PARTE VIII
PARA UMA ANÁLISE DO OBJETO SEGUNDO HUSSERL

Em um compasso de análise com o Positivismo tradicional criticou Husserl a perspectiva de identificação do ver em geral com o ver meramente sensível e experimental. Muito longe de identificar o objeto como *corpus visibilis* pregava Husserl que cada objeto sensível e individual possui uma essência. Por ser o individual, enquanto real, accidental, terá o sentido de corresponder precisamente a uma essência, ou, mais propriamente um *eidós* que precisa ser captado diretamente.⁷²⁴

O alcance de um objeto próprio, o *eidós*, pela fenomenologia deve ocorrer não pela dúvida cartesiana, mas pela suspensão do juízo denominada por Husserl de *epoché*. Quer isso significar que a fenomenologia “põe entre parênteses” certos elementos do dado e se desinteressa por eles.⁷²⁵ É nessas bases que funciona a filosofia de Husserl e sobre o qual o objeto é compreendido.⁷²⁶ O exercício desse método não é fácil, especialmente porque procede a partir de uma ausência total de preconceito e por esse raciocínio depreende-se que ele é meramente descritivo, ou seja, o método consiste fundamentalmente em descrever as essências do objeto, pois seu processamento é esclarecimento gradual, que progride de etapa em etapa mediante a intuição intelectual da essência do objeto.⁷²⁷ Essa essência ou *eidós* deverá ser captado diretamente mediante a intuição essencial de modo a buscar em cada objeto uma essência permanente.⁷²⁸

A fenomenologia se ocupa de modo capital com a teoria da redução e da teoria da consciência intencional.⁷²⁹ Essa última uma consciência transcendental em bases de uma

⁷²⁴ Carlos Díaz, *Introducción a la fenomenología*. Bilbao: Zero, 1973. p. 13. O melhor trabalho sobre a noção de objeto em Husserl nos parece, entretanto, de lavra de Ernesto Mayz Vallenilla, *Fenomenología del conocimiento*. Caracas: Universidade Central de Venezuela, 1956.

⁷²⁵ G. Piana, *I problemi della fenomenologia*. Milão: Mondadori, 1966. p. 18.

⁷²⁶ V. Costa, E. Franzini e P. Spinicci, *La fenomenologia*. Turim: Einaudi, 2002. p. 29.

⁷²⁷ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 54.

⁷²⁸ A palavra grega *eidós* significa essência. Cf. Antonio Aróstegui, *História de la filosofía. Madri*; Marsiega, 1975., p. 325.

⁷²⁹ Fernando Montero, *Retorno a fenomenología*. Barcelona: Anthropos, 1987. p. 121.

verdadeira teoria da constituição das vivências intencionais.⁷³⁰ Constituição que não quer dizer construção, como se a consciência intencional pudesse “criar o mundo”, mas uma construção ou operação mundana, conquanto a redução fenomenológica seja desconectada com todo o mundano.⁷³¹ A constituição aqui alude simplesmente a como está constituído tal ou qual ente, a como é, mas se entende que o como é ou como é constituído em função da consciência e como nada tem sentido sem a consciência, o constituído é sempre em função da consciência.⁷³² Constituir aqui é empregado para significar produzir enquanto fazer ou fabricar, mas de deixar ver o ente em sua objetividade.⁷³³

A redução põe de manifesto a necessária vinculação do objeto com a subjetividade e mostra que o objeto em certo sentido está radicado na consciência como fonte de sentido. Todo objeto que se quer falar é objeto da consciência *cogitatum* de um *cogito*.⁷³⁴ De maneira que para determinar o seu sentido, ou seja, para se saber o que é, deverá a partir dele segundo os modos da consciência que lhe são correlatos. A constituição será então, a referência de qualquer ente ao processo cujo correlato seja esse ente, o procedimento segundo o qual se expõem as operações da consciência que tornam possível que o objeto se dê e o aparecer do objeto como ente vem a dar-se na consciência, isto é, como se constitui para ela, o modo como a consciência lhe dá ao ente a oportunidade de mostrar-se, que dizer, de ser. Em outras palavras: tudo isso significa que o constituinte é a intencionalidade (da consciência) porque é ela justamente a referência ao objeto.⁷³⁵

Cada tipo de objeto tem sua especial constituição, isto é, seu especial modo de se oferecer à consciência, de ser (objeto para a consciência). Sirva de exemplo a coisa, no sentido de realidade individual, como *entia physica*, que é a maneira mais corriqueira da *transcendência* e sobre que se apóia toda a realidade: ela se oferece à percepção sensível a cujo modo de ser se contrapõe a forma de ser da vivência.⁷³⁶ Que seria esta mesa que estou a perceber?⁷³⁷ Deixamos de lado – segundo o exige a redução – tudo o que possa ensinar a Física (ou seja: a matéria como composta de átomos e esses por sua vez de prótons e elétrons etc.) e em geral qualquer teoria

⁷³⁰ Cf. Fernando Montero, *Retorno a fenomenologia*. Barcelona: Anthropos, 1987. p. 121.

⁷³¹ *Idem*.

⁷³² *Ibidem*.

⁷³³ Cf. Heidegger *Prolegômeros para a história do conceito de tempo*, *op. cit.*

⁷³⁴ Patocka, *op. cit.*, p. 125.

⁷³⁵ Cf. Carlos Díaz. *Husserl. Intencionalidad y fenomenologia*. Bilbao: Zero, 1971. p. 23.

⁷³⁶ Cf. Fernando Montero. *Retorno a fenomenologia*. Barcelona: Anthropos, 1987. p. 122.

⁷³⁷ Parafraseando Husserl nas *Idéias*. p. 73-74.

científica ou filosófica, e atentemo-nos ao que nos dá e tal como nos dá a intuição.⁷³⁸ Se dou voltas ao redor da mesa, mudo minha posição no espaço, a percebo de perto ou de longe, observo sua tampa ou a vejo por baixo etc.⁷³⁹ A cor da mesa se mostra através de diversos matizes, e mesmo o peso, o som que produz golpeá-la, e sua forma espacial. Facilmente se compreende que a coisa não pode se dar senão sempre em certa perspectiva, de maneira que não posso ver, ao mesmo tempo a tampa da mesa e o interior da suas gavetas, mas se mudo de posição e observo de um lado, ou abro as gavetas, os outros já não me são dados.⁷⁴⁰ Disse depreende-se que, a percepção das coisas é inerente a uma certa inadequação, porque uma coisa se dá necessariamente em meros modos de aparecer e sempre podem se dar novos lados.⁷⁴¹ Disso depreende-se que, a série das possíveis perspectivas ou matizes é infinita, inesgotável, de modo que por essência essa série careceria de termo final.⁷⁴²

No sentido do que se chama *coisa*, pois a essência coisa exige tal imperfeição que remete a séries de percepções que se estendem em uma infinitude de direções e demais disso, até o infinito, se bem que dominadas constantemente por uma unidade de sentido.⁷⁴³ A coisa que chamo “esta mesa” não é senão uma série inumerável de aspectos que ela pode oferecer nas sucessivas séries de percepções que tenha eu próprio ou qualquer outro sujeito.⁷⁴⁴ Essa inadequação, própria de toda percepção de coisa, não assinala uma espécie de defeito por parte do sujeito, uma incapacidade sua para alcançar a totalidade se não se refere a uma característica essencial da coisa mesma, ou seja, na sua transcendência.⁷⁴⁵ De tudo resulta que, segundo a própria idéia de coisa que Husserl apresenta pode-se entender o objeto como “uma unidade intencional que por princípio só pode dar-se como unidade de semelhantes modos de aparecer”.⁷⁴⁶

⁷³⁸ Cf. Angela Ales Bello, *Husserl e le scienze*. Roma; La Goliardica, 1986. p. 115.

⁷³⁹ Fernando Montero. *Retorno a fenomenologia*. Barcelona: Anthropos, 1987. p. 54.

⁷⁴⁰ *Idem*.

⁷⁴¹ Cf. *Idéias* 80.

⁷⁴² Roberta Ianfredini, *Husserl La Teoria dell'intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994, p. 91.

⁷⁴³ Cf. *Idéias* 80.

⁷⁴⁴ Fernando Montero. *Retorno a fenomenologia*. Barcelona: Anthropos, 1987. p. 54.

⁷⁴⁵ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 123.

⁷⁴⁶ Cf. *Idéias* 78.

PARTE IX
AS BASES DO PENSAMENTO DE MEINONG

§1º.

Noções fundamentais

As questões que dizem respeito às relações entre a Filosofia e a Psicologia percorrem inequivocamente o itinerário filosófico de Meinong. Posto que tal assertiva nem sempre se mostrou de forma manifesta na obra de Meinong, se assinala tal afirmação pela medida de continuidade como ela é tratada em toda obra do filósofo.⁷⁴⁷ Não é casual a exposição sistemática do próprio pensamento de que a *Selbstdarstellung* de 1920. Meinong responde com extrema cautela à exigência de que havia assinado a discussão científica no Século XIX, a exigência de uma emancipação da Filosofia.⁷⁴⁸

Não deve ser olvidado que Meinong é conhecido também por discutir a natureza do valor e é normalmente classificado na Escola axiológica austríaca,⁷⁴⁹ ao lado de Ehrenfels, por exemplo, e sua axiologia distingue-se desse último por reduzir (Meinong) o valor a um estado de agrado, enquanto que o segundo (Ehrenfels) o definia como término do desejo, embora ambos coincidam por considerar o valor como um fenômeno subjetivo.⁷⁵⁰

Pensava que os científicos não podem obter resultados definitivos, salvo em algumas afortunadas expressões, que confirmam a regra; e que devemos nos conformar com explorar novos pontos de partida para renovar as velhas questões. Sem pretender haver posto os fundamentos da verdade definitiva, proclamava haver estabelecido uma nova ciência, a “Teoria do Objeto”, que deveria preencher um vazio deixado pela Epistemologia, a Metafísica e a Psicologia.⁷⁵¹ A nova teoria difere da psicologia no que não considera os atos psíquicos, senão seus objetos; da Metafísica, porque essa compreende também o não-real; da Ontologia, por

⁷⁴⁷ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Polígrafo, 2006. p. 53

⁷⁴⁸ Michele Lenoci, *Autocoscienza Valori Storicità Studi su Meinong, Scheler, Heidegger*. Milão: Franco Angeli, 1992. p. 35.

⁷⁴⁹ Também conhecida por Escola de Graz, Cf. Guglielmo Forni, *Fenomenologia*. Milão: Marzorati, 1973. p. 23.

⁷⁵⁰ Artau. *Op. Cit.* p. 295.

acentuar a importância da experiência da resistência ao objeto ao sujeito cognoscente. Meinong desenvolveu a teoria como uma nova doutrina da percepção, da valoração e dos valores. A Ética, que compreende valores morais e não morais, se considera parte da teoria dos valores.⁷⁵²

Meinong, que havia estudado História e Filologia chegou à Filosofia segundo sua própria expressão “por causalidade”, e como autodidata. Foi animado por Franz Brentano, que mais tarde rejeitou muitas das suas afirmações. Meinong ficou muito surpreendido ao ser nomeado professor pelo governo austríaco. Teve numerosos discípulos, alguns dos quais aproximaram as doutrinas do mestre à Fenomenologia.

A bibliografia de Meinong é a seguinte:

Estudos sobre Hume (1877-1882)⁷⁵³

Sobre a ciência filosófica e a sua propedêutica (1885)⁷⁵⁴;

Investigações Ético-psicológicas sobre a Teoria do Valor (1894)⁷⁵⁵

A recepção (1902)⁷⁵⁶

A teoria dos objetos em investigações sobre a teoria dos objetos e sobre a Psicologia (1904)⁷⁵⁷

O lugar da teoria dos objetos no sistema das ciências (1907)⁷⁵⁸

Possibilidade e verossimilhança (1915)⁷⁵⁹

Sobre a apresentação emotiva (1917)⁷⁶⁰

Sobre a prova da lei universal de causalidade (1918)⁷⁶¹

Criação de uma teoria universal dos valores (1923, póstuma)⁷⁶²

⁷⁵¹ Francesca Modenato, *La cognosceenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Polígrafo, 2006. 31.

⁷⁵² *Idem*.

⁷⁵³ *Hume-Studium I*. Viena: Gerold, 1877. *Hume Studium II*. Viena: Gerold, 1882..

⁷⁵⁴ *Über philosophische Wissenschaft und ihre Propädeutik*. Viena: 1885..

⁷⁵⁵ *Psychologisch-ethische Untersuchungen zur Werth-Theorie*. Graz: Graz, Leuchner & Lubensky, 1894.

⁷⁵⁶ *Über Annahme*. Lípsia: Barth, 1902.

⁷⁵⁷ *Über gegenstandstheorie (Untersuchen zum Gegenstandstheorie und Psychologie)*. Lípsia: Barth, 1904.

⁷⁵⁸ *Über die Stellung der Gegenstandstheorie im System der Wissenschaften*. Lípsia, Voigtländer, 1907.

⁷⁵⁹ *Über Möglichkeit und Wahrscheinlichkeit*. Lípsia: Barth, 1915.

⁷⁶⁰ *Über emotionale Präsentation*. Viena: Alfred Holder, 1917.

⁷⁶¹ *Zum Erweise des allgemeinen Kausalgesetzes*. Viena: Hölder, 1918.

⁷⁶² Francesca Modenato, *La cognosceenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Polígrafo, 2006. 31..

§2º.

A formação do pensamento de Meinong

Ao desenvolver seu pensamento, Brentano segue a linha do neo-realismo: os atos de consciência para os objetos, do mais diversificado caráter, segundo as suas realidades.⁷⁶³ São reais, a juízo de Brentano, as coisas concretas, as abstenções lógicas, os valores morais etc. O próprio Brentano se pergunta em que sentido são, precisamente, reais nossas sensações. Ao que se responderia: são uma realidade no sentido de que o ato intencional os converte em objetos reais, de modo análogo a como a futura mãe, que espera ter um filho, à pergunta de a quem espera, converte em objeto real de seu ato de esperar.⁷⁶⁴

Do ponto de vista de Brentano, os objetos existem independentemente da consciência de quem os percebe, mas dependendo absolutamente da possibilidade de percebê-los pelo sujeito.⁷⁶⁵

Brentano se ocupou não só da análise lógica do conceito de realidade, mas além disso, do conceito de existência. Chegou a conclusão de que a concepção tradicional dos juízos na lógica – concepção que extrai de Aristóteles – como união do sujeito e predicado, não resiste a crítica, já que a existência não é predicado y, em consequência, os juízos de existência (do tipo: A existe B, B não existe) não deveriam se considerados juízos, o qual é absurdo.⁷⁶⁶

Meinong foi, de fato, um continuador dessas idéias, embora as tenha criticado e aperfeiçoado. A Teoria dos Objetos elaborada por Meinong partia do princípio de que o conceito de objeto se refere não só ao existente, mas, também, ao inexistente, dado que o inexistente – argumenta Meinong – é objeto de investigação.⁷⁶⁷

⁷⁶³ Cf. Russell, *op. cit.* p. 183-184. D'Agostini. *op. cit.* p. 308.

⁷⁶⁴ A expressão objeto para um ser humano é tomada aqui apenas em sentido epistemológico e não com o propósito de reduzir alguém a condição de coisa. Cf. Emile Simard, *Natureza y alcance do metodo científico*, trad. de Salvador Caballero Sánchez. Madri: Gredos, 1961. p. 101.

⁷⁶⁵ Desse modo Brentano volta-se para os aspectos mais característicos do idealismo puro. Cf. Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 83.

⁷⁶⁶ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*, Bolonha: Pitagora Editrice, 1996. p. 234.

⁷⁶⁷ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 86.

Ao afirmar que também existe um saber que não é real, Meinong inclui no não real as abstrações lógicas, por exemplo, dos conceitos de igualdade e diferença, conceitos que, a seu modo de ver, rebaixam os limites do que se denomina realidade.⁷⁶⁸

Na concepção de Meinong, as abstrações lógicas o são em uma existência do gênero especial (*Sosein*). A *Teoria dos Objetos* estuda tudo que é dado, fazendo caso omissivo de si a esse dado e é próprio do ser (*Sein*) real ou o ser lógico. A indicada teoria tem assim mesmo em conta que há objetos que não existem, como, por exemplo, o círculo quadrado (dentre outros), os quais, apesar de tudo, são objetos para o pensamento, quer dizer, existem a seu modo.⁷⁶⁹

Meinong chega aos conceitos básicos do Positivismo Lógico com várias de suas idéias, como seria exemplo sua interpretação do conceito de objeto, o entender a *Teoria dos Objetos* como uma superação de gênero do estreito marco em que se circunscreve toda as concepções ontológicas precedentes, algo, que se lê de forma clara e ideal na obra de Brentano, diferentemente considerada, que é a formação direta da mais elementar concepção pretendida pelo criador da chamada *Teoria dos Objetos*.⁷⁷⁰

⁷⁶⁸ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafisica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora Editrice, 1996. p. 103.

⁷⁶⁹ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 88.

⁷⁷⁰ Michele Lenoci, *Autocoscienza Valori Storicità Studi su Meinong, Scheler, Heidegger*. Milão: Franco Angeli, 1992. p. 27.

§3º.

A contribuição de Brentano
ao pensamento de Meinong

Brentano ensinou a Meinong a importância dos estudos de Lógica e da teoria de uma psicologia dos atos intencionais, pontos que podem ser reconhecidos irretorquivelmente e transmitidos a Meinong, não as mudanças e reflexões operadas pelos estudos e aperfeiçoamentos do discípulo.⁷⁷¹

Em primeiro lugar, que as atitudes epistemológicas deveriam tomar em consideração a diferença aristotélica entre essência e existência, de modo que o não-existente possa também ser objeto de estudo, e em consequência, o objeto de conhecimento não deve, enquanto tal, existir, necessariamente. Em segundo lugar, o *de que*, contrariamente ao endereço da psicologia de Berkeley, *de que* o ser é ser percebido (*esse est percipi*)⁷⁷² os objetos têm, um ser próprio, que é independente da representação da consciência.⁷⁷³ Em terceiro lugar, o conceito de consciência é dirigido a alguma coisa, que se traduz *mutatis mutandis*, no princípio do qual parte Meinong, de que conhecimento é sempre conhecimento de alguma coisa.

⁷⁷¹ Algumas passagens da obra de Brentano bem revelam o que poderia um aluno dedicado e criativo desvendar para o que seria a “Teoria dos objetos”. A propósito um trecho da obra *La psicologia di Aristóteles, com particolare riguardo alla sua dottrina del nóus poietikós*. trad. S. Besoli. Bolonha: Pitagora, 1989. p. 3. “Com o objeto proprio do sentido, Aristóteles entende aquela qualidade do objeto percebido, que é o princípio agente da alteração do sentido, e segundo o qual como já vimos, sendo ela o correlato natural da capacidade que sujeita, dovemos determinar a essência do sentido. Para se compreender de si que esse objeto como ser comum aos sentidos diversos [...] Com o nome de objeto comum do sentido, se designa ao contrário tais particularidades de um objeto que modificado em verdade a percepção dos sentidos. Mas só através da efetiva propriedade agente que nos temos apenas discorrido.” Em outra passagem, na mesma obra, p. 19, temos: “Todo fenômeno psíquico é caracterizado por isso que os escolásticos chamavam a in/existência intencional (ou mental) de um objeto, e que nós, também se cin expressões não de todo privadas de ambigüidade, queremos definir a referência um conteúdo, a direção para um objeto (*Objectum*) (que não vai entendido como uma realidade), ou seja a objetividade imanente. Todo fenômeno psíquico contém em si alguma coisa como objeto, também se não cada um ao mesmo modo. Na representação de qualquer coisa é apresentada, no juízo alguma coisa vem aceita ou refutada, no amor qualquer coisa vem amada, no ódio o odiado, no desejo o desejado etc.”

⁷⁷² Cf. Miguel Reale, *Introdução à filosofia*, 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002. p. 100.

⁷⁷³ Cf. Berkeley, George. *Tratado do conhecimento humano* (especialmente o capítulo “Dos princípios do conhecimento humano”), trad. de Vieira de Almeida. Coimbra: Atlântida, 1958.

A doutrina de Brentano tomava como base a descrição do conteúdo diretamente observado do conhecimento sujeito à intencionalidade específica da consciência. Numa primeira fase do seu pensamento Brentano dizia que o objeto atingido pela intencionalidade podia ser real ou irreal. Dizia igualmente que a intencionalidade era sempre dirigida a um objeto real, e apenas indiretamente ocorreria uma intencionalidade para um objeto irreal, o que se faria eventualmente pela negação do objeto. Essa construção teórica em torno dos objetos reais e dos irrealis é, sem qualquer sombra de dúvida, uma das partes mais características e típicas da obra de Meinong, não obstante o aperfeiçoamento e desenvolvimento que lhe deu.⁷⁷⁴

Tanto Brentano quanto Meinong adotaram, embora sob diferentes aspectos, uma atitude realista, que pode mais propriamente ser chamada de neo-realista. Sabidamente Brentano, no rigor da sua filosofia, tentava unir os princípios empíricos-positivistas, embora ele mesmo não se considere nem idealista, nem positivista. As idéias de Brentano partiam de uma tese fundamental segundo o qual a Filosofia chegava a ser científica se for empírica. Para tanto, dizia que a Filosofia devia se basear na Psicologia introspectiva, ou seja, que se estrutura sobre a auto-observação. Brentano entendia que em uma das principais missões, no campo da Filosofia se estribava em sepultar definitivamente as idéias dialéticas do idealismo clássico alemão.⁷⁷⁵

A psicologia empírica de Brentano e a articulação da tese da intencionalidade, sua filosofia moral e a teoria dos valores, seus estudos sobre a metafísica aristotélica em um momento no qual o realismo de Aristóteles era pouco apreciado, em um clima dominado pelo idealismo *Post-kantiano*, sua teoria epistémica sobre os juízos de evidência, suas sugestões para a reforma da silogística, seu tratamento da razão suficiente, sua interpretação de um ciclo de quatro etapas de tendências sucessivas na história da filosofia, junto com a docência e exemplo moral, continuam sendo a fonte de inspiração determinante e fundamental para Meinong.⁷⁷⁶

Em suas pesquisas psicológicas, Brentano estabeleceu uma nítida delimitação entre o conteúdo da percepção e o ato de perceber. Diferentemente de Berkeley e de Hume, considerava que a consciência não se dava e, cores, odores ou sons, por exemplo, são (a que

⁷⁷⁴ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora Editrice, 1996. p 35.

⁷⁷⁵ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Polígrafo, 2006. p.117.

⁷⁷⁶ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora Editrice, 1996. p 34.

Brentano clamou de objetos fracos) os atos de ver, cheirar e ouvir.⁷⁷⁷ Há uma propriedade comum a todos os atos psíquicos e a eles é que está dirigido um objeto. Brentano repetiu os escolásticos medievais e disse que o próprio ato da consciência na intencionalidade, ou seja, de estar dirigido até algo que se encontra fora da consciência, ainda que, ao mesmo tempo, se fale em uma relação correlativa a respeito da intencionalidade da percepção.⁷⁷⁸

Essas premissas suscitam as mais básicas questões propostas por Meinong, que toma de Brentano conceitos e idéias, para criticá-las e aperfeiçoá-las. É por isso que Brentano é que determinou os caminhos de Meinong.⁷⁷⁹

⁷⁷⁷ Cf. Sergio Rábade Romeo, *Hume y el fenomenismo moderno*. Madri: Gredos, 1975. p. 177.

⁷⁷⁸ Mauro Antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagora Editrice, 1996. p. 44.

⁷⁷⁹ O tema foi já largamente explorado, vale, entretanto a leitura de Michele Lenoci, *Autocoscienza Valori Storicità Studi su Meinong, Scheler, Heidegger*. Milão: Franco Angeli, 1992. p. 31.

PARTE X
O CONTEÚDO DESCRITIVO DE
UMA TEORIA DOS OBJETOS DE MEINONG

§1º.

Introdução

Meinong inicia sua exposição por definir o que é *objeto* e para isso acolhe um princípio da psicologia de Brentano, que considera de todo evidente: quem conhece, conhece alguma coisa, ou não se pode conhecer sem conhecer algo.⁷⁸⁰ De maneira mais explícita diz que toda representação ou juízo versa necessariamente sobre um objeto.⁷⁸¹ A partir desse princípio, define de modo inicial e indireto o que é *objeto*: aquilo a que se dirige uma vivência intencional. Uma vez que todo ato de conhecimento se refere a um *objeto* e como ao menos um ato de conhecimento tem que estar implícita nos atos não cognoscitivos, consoante o pensamento de Brentano a que dá curso, surge a necessidade de uma ciência que considere os objetos em toda a sua universalidade. Essa é a *Teoria dos Objetos* a que ele se atribui a função de criador.⁷⁸²

Sob o fogo da crítica logo se submeteu Meinong a uma simples questão: a ciência que tratasse da generalidade do *objeto* não restaria por se equiparar à própria Metafísica?⁷⁸³ Rebateu Meinong ao dizer que, tal equiparação não teria lugar, pois, a Metafísica ocupou-se tão-somente do que se considera como real.⁷⁸⁴ A isso acrescentou que esse interesse pelo real vem como um prejuízo em desfavor do real.⁷⁸⁵ A Metafísica, sustenta Meinong, é uma ciência que tem por *objeto* o real, mas os *objetos* reais são uma pequena parte dos objetos que se podem

⁷⁸⁰ Por outro lado, Alexius Meinong, com exatidão dá origem a uma das duas grandes das várias tendências da obra de Brentano, e que poderia englobar as obras de Alois Höfler e Christian Eherenfer. Cf. Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 100.

⁷⁸¹ *Idem*

⁷⁸² Meinong, *op. cit.* p. 66.

⁷⁸³ Michele Lenoci, *Autocoscienza Valori Storicità Studi su Meinong, Scheler, Hedegger*. Milão: Franco Angeli, 1992. p. 15.

⁷⁸⁴ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p.117.

⁷⁸⁵ *Idem*.

conhecer.⁷⁸⁶ Uma ciência que trata do *objeto* em geral terá que ser mais ampla que o real, e nesse sentido, a Teoria do Objeto seria uma ciência infinitamente mais ampla que a Metafísica.⁷⁸⁷

Sustenta ainda que não haverá propriamente uma definição rigorosa de objeto, já que para dar uma definição própria de algo há que se recorrer ao gênero próximo e à diferença específica, recurso que não se pode aplicar à noção de *objeto*, já que tudo é *objeto*, e não há o que possa contrariar tal asserção, sendo necessário apenas que haja uma definição da diferença específica não contida no gênero.⁷⁸⁸

Para ser *objeto*, não é necessário que se constitua uma vivência íntima que o intencione, pois será *objeto* ainda que não haja nada que o conheça.⁷⁸⁹ Deste modo, algo não é *objeto* pelo simples fato de que agora alguém o está conhecendo, o *objeto* agora conhecido o era também antes, razão pela qual seria *objeto* mesmo que não fosse em um futuro conhecido. A única necessidade que se exige para ser *objeto* é que possa ser conhecido, e isto é válido, não só para o existente ou real, mas também para o que de nenhum modo possa existir nem ser ideal.⁷⁹⁰

Ser o conhecimento de alguma coisa e ter toda representação ou juízo tem necessariamente um *objeto* não significa que esse objeto seja parte do elemento da representação ou do juízo, embora haja algo que nos atos cognoscitivos remete para o próprio objeto. Esse raciocínio nada mais é que a intencionalidade da consciência que Meinong (assim como Husserl) considera como característica própria das experiências vividas.⁷⁹¹ Sob o ponto de vista do ato do conhecimento todo ato é um ato de transcendência em relação a um objeto e na medida em que um ato de conhecimento está implícito,⁷⁹² mesmo nos atos não cognoscitivos como o desejo, o sentimento, a vontade etc., surge a necessidade de uma ciência que considere os objetos enquanto objetos, de modo que tenha como tarefa própria a consideração da totalidade dos objetos existentes, não obstante os objetos existentes sejam apenas uma pequena parte dos objetos do conhecimento.⁷⁹³

⁷⁸⁶ *Ibidem.*

⁷⁸⁷ *Ibidem.*

⁷⁸⁸ *Ibidem.*

⁷⁸⁹ *Ibidem.*

⁷⁹⁰ Velarde Mayol, Victor. *La Teoria de los Objetos en Alexius Meinong*. Pensamiento. Madri, v. 45, n° 180, 1989, p. 461-475.

⁷⁹¹ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 95.

⁷⁹² Como, aliás, sustentava Brentano. Cf. nesse sentido em pormenores, Vincenzo Fano, *La filosofia dell'evidenza Saggio sull'epistemologia di Franz Brentano*. Bolonha: Editrice Bologna, 1993. p. 58.

⁷⁹³ Roberta Lanfredini, *Husserl La Teoria dell'Intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 78.

Para exemplificar o que sustenta, haveria de se considerar os objetos ideais que, de algum modo subsistem, mas, não existem e, portanto, não podem ser considerados reais. Semelhança e diferenciação constituem, dessa forma, objetos desse tipo: subsistem em certas condições entre coisas reais, mas não são eles próprios parcelas da realidade.⁷⁹⁴ O número é um outro objeto desse gênero: não há dúvida de que se podem enumerar mesmo coisas que não existem. O não-existente deve, pois, entrar na totalidade dos objetos do conhecimento da mesma forma que o existente. O objeto do conhecimento não deve, enquanto tal, existir necessariamente.⁷⁹⁵

Meinong divide os objetos em dois grandes conjuntos: (a) o dos objetos (*Objekten*) ou objetos reais; e (b) dos objetivos (*Objektives*). Essa distinção corresponde exatamente àquela que foi estabelecida por Frege entre significado e sentido.⁷⁹⁶ O objeto constitui o significado de uma palavra, e da sua existência depende a verdade ou falsificação da proposição que lhe refere; o objetivo é o conteúdo ou a conotação da palavra ou o conteúdo do juízo.⁷⁹⁷

⁷⁹⁴ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 75.

⁷⁹⁵ *Idem*.

⁷⁹⁶ Cf. Mauro Mariani, *Introduzione a Frege*, 3ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2004. p. 54.

⁷⁹⁷ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 77.

§ 2º.

O objeto como objeto

A Teoria dos Objetos está assentada na idéia de que um *objeto* possa ser conhecido como um próprio *objeto*. Para tanto, não há necessidade de ser conhecido, bastando simplesmente que seja possível ser conhecido, ou seja, seja objeto possível para o conhecimento, já que o incognoscível não é conhecido, ou seja, doutra forma: o impossível de conhecer é o não poder conhecê-lo, de modo que só é objeto o cognoscível e isto é só o possível.⁷⁹⁸

A possibilidade da *ratio cognoscente* não se contradiz com a admissão, ou seja, da *ratio essendi* dos objetos impossíveis, já que o impossível como existindo e como sendo ideal é possível como mero objeto e isso pode se expressar de uma forma menos universal, todavia mais clara: os objetos impossíveis são possíveis como mero ser-objeto isolado e, nesse sentido, e um possível cognoscível.⁷⁹⁹ Não existe um impossível cognoscível, porque é precisamente o que não se pode nem se quer pensar, de um impossível como cognoscível não cabe ser objeto por ser a impossibilidade de constituir-se precisamente como *objeto*.⁸⁰⁰

Dessa forma, *objeto* como objeto não é o *objeto* agora conhecido, o que é agora objeto intencional, ou seja, o que pode ser intencional e que ainda agora não está sendo conhecido, não necessita para ser objeto de “estar existindo no conhecimento”, e possível assim, dizer, o ter agora inexistência intencional, sem outras considerações, é possível de ser conhecido, ainda que nunca se venha a conhecê-lo.⁸⁰¹

A *Teoria do Objeto*, ou seja, a ciência do objeto como tal, ou do objeto puro, responde, na intenção de Meinong, à necessidade de uma coisa que trata dos objetos sem se limitar ao caso particular de existência, tal então que nesse sentido possa se dizer *livre* pela existência. Há grandes e importantes grupos dos objetos que não tem achado pátria (*heimatlos*)

⁷⁹⁸ Meinong, *op. cit.* p. 81. Numa perspectiva mais didática cf. Chrisholm, Rodrick M. *La Teoria del Objeto de Meinong*. trad. de Virgínia Zuñiga. Revista de Filosofia da Universidade de Costa Rica. São José da Costa Rica, v. 1, n° 4, 1958, p. 337-342;

⁷⁹⁹ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 75.

⁸⁰⁰ *Idem.*

mas disciplinas tradicionais: essas têm no mais o que fazer como o conhecimento do real, enquanto que o não real existente, e para além do não existente, o possível e o mesmo impossível possam constituir objeto de conhecimento.⁸⁰²

Tradicionalmente os argumentos que atendem à *Teoria do Objeto* foram já elaborados sob o título *Lógica*, particularmente *Lógica pura*, e também, na antiguidade sob nome de *Metafísica*, sendo de modo especial da antologia como sua parte, e o monumento característico da liberdade pelo existir não foi reconhecido.⁸⁰³ Aquele que não foi concebido é o pensamento da doutrina do objeto livre de existência como ficam autônomos, de uma doutrina a qual pertença tudo isso que pode ser estabelecido dos objetos sem referimento à sua existência, que é então coisa do conhecer *a priori*: em tal aprimoramento se pode ver, sem dúvida, uma característica definidora do modo de conhecer próprio da *Teoria do Objeto*.⁸⁰⁴ Isso que pertence à *Teoria do Objeto* é o racional, por acaso, então, um território de recente descoberta, que antes de tudo, é relativamente a um dos seus âmbitos mais importantes, aquele matemático, constitui o modelo sempre admirado de exatidão científica.⁸⁰⁵

Meinong reivindica todavia o caráter de novidade à tradição da peculiar natureza desse território e dos seus confins, ou melhor, de sua falta de confins, porque, como se dizia, a *Teoria do Objeto* na sua liberdade de existência acolhe em via de princípio, outra ao real, também todo o não-real. Naturalmente essa liberdade de existência não significa que os objetos como tais não possam em geral convergir como tais, ou seja, não possam em geral convergir com a existência em sentido próprio: ao contrário, um dos valores fundamentais do novo postulado científico vai individualizado no fato de que a peculiaridade da consideração e do conhecimento próprio de relativa teoria se afirma em clara evidência também além de lá onde possa ser aplicado ao existente.⁸⁰⁶

A *Teoria do Objeto* se ocupa do objeto como tal e isso ocorre porque tudo é objeto, para dar uma definição adequada falta gênero e diferença, mas a etimologia do termo alemão *Gegenstand* nos oferece ao menos uma característica indireta mediante a referência ao

⁸⁰¹ *Idem.*

⁸⁰² Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 79.

⁸⁰³ *Idem.*

⁸⁰⁴ *Ibidem.*

⁸⁰⁵ *Ibidem.*

⁸⁰⁶ *Ibidem.*

Erlebnisse que tomou ou prendeu os objetos, e que mesmo são por acaso a considerarem-se de qualquer modo constitutivos dos objetos mesmos.⁸⁰⁷

Aos objetos não essenciais se diz que são tomados, embora em relação a eles é essencial o poder ser tomados. A Teoria da Tomada (*Erfassungstheorie*) e mais em geral a Teoria do Conhecimento são então uma espécie de complemento da teoria do objeto.⁸⁰⁸

O conhecer é qualquer coisa de último e indefinível, uma prestação não reconduzível a nada de mais elementar. A essência de tal prestação consiste no referir-se a qualquer coisa que não coincida com o *Erlenis* do conhecimento, a respeito do qual é, pois, transcendente.⁸⁰⁹ O prejuízo a favor da imanência se reconduz em grande parte à posição privilegiada da percepção interior a respeito daquela exterior; todavia também assim que é percebido interiormente é, porém, imanente ao sujeito percipiente, não já a *Erlebnis* do conhecimento.⁸¹⁰

O objeto é sempre o antecedente lógico do apreendido e isso então não pode nunca criar ou também só modificar o seu objeto, mas pode somente, por assim dizer, escolhê-lo entre a multiplicidade disso que é dado.⁸¹¹ A mesma subjetividade de qualidade sensível significa só que essa escolha é determinada pela natureza de sujeito que o apreende e não da realidade que se oferece ao conhecer.⁸¹²

Não menos do existente, isso também causa subsistência do idealmente transcendente conhecer. Os objetos ideais, como aqueles de matemática não são subjetivos, nem a sua exatidão é introduzida nela pelo sujeito cognoscente, tanto que não estamos em grau de pensá-la no modo exauriente no qual ela é sua mesma por natureza. A necessidade do apriorístico, assim como não é por entender-se no sentido de uma constituição imediata ou súbita do sujeito, não pode nem mesmo ser interpretada como se aos objetos viesse por isso prescrita uma

⁸⁰⁷ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 78.

⁸⁰⁸ *Idem*.

⁸⁰⁹ *Ibidem*.

⁸¹⁰ *Ibidem*.

⁸¹¹ Patocka, *op. cit.* p. 117.

⁸¹² Meinong escreveu um ensaio particular sobre a Teoria do Conhecer: *Über die Erfahrungsgrundlagen unsurer Wissens*. Cf. nos pormenores Michele Lenoci, *Autoconscienza Valori Storicità Studi su Meinong, Scheler, Heidegger*. Milão: Franco Angeli, 1992. p. 19.

regularidade.⁸¹³ De resto, já no termo *a quo a priori* se encontra manifestamente um momento não subjetivo, ou seja, *objetal*: independente das mudanças súbitas historicamente pela sua aceitação há nele a referência ao antecedente lógico que como tal pode fornecer sem dúvida um fundamento de conhecimento, mas que pela sua essência é antes de tudo um fundamento do ser.⁸¹⁴

⁸¹³ Marina Manotta, *La fondazione dell'oggettività Studio su Alexius Meinong*. Macerata: Quodlibet, 2005. p. 67.

⁸¹⁴ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Aliux Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 91.

§ 3º.

O objeto como Teoria

Meinong parte do princípio de que o conhecimento é sempre conhecimento de alguma coisa e que toda a representação ou juízo tem necessariamente um objeto, mas esse objeto não é parte ou elemento da representação ou juízo, embora haja algo que, nos atos cognoscitivos, remete ao próprio objeto.⁸¹⁵ Todo o ato de conhecimento é um ato de transcendência em relação a um objeto, e na medida em que um ato de conhecimento está implícito mesmo nos atos não cognoscitivos, surge a necessidade de uma ciência que considere os *objetos enquanto objetos*, isto é, que tenha como tarefa própria a consideração da *totalidade* dos objetos.⁸¹⁶ Essa ciência não é a metafísica, no sentido tradicional do termo, pois a metafísica a tem indubitavelmente por objeto a totalidade dos objetos *existentes*, mas os objetos existentes são apenas uma pequena parte dos objetos do conhecimento.⁸¹⁷ Há, por exemplo, os objetos ideais, que de algum modo subsistem, mas que não existem e, portanto, não podem ser considerados reais.⁸¹⁸ Semelhança e diferenciação constituem, por exemplo, objetos deste tipo: subsistem em certas condições entre coisas reais, mas não são eles próprios parcelas da realidade.⁸¹⁹ O número é um outro objeto desse gênero: não há dúvida de que se podem enumerar mesmo coisas que não existem.⁸²⁰ O não-existente deve, pois, entrar na totalidade dos objetos do conhecimento da mesma forma que o existente. O objeto do conhecimento não deve, enquanto tal, existir necessariamente.⁸²¹

Meinong sujeita os objetos em geral a duas classes: a dos objetos (*Objekten*) ou objetos reais e a dos objetivos (*Objektive*), distinção que corresponde exatamente à que foi estabelecida por Frege entre significado e sentido.⁸²² O objeto constitui o significado de uma palavra e da sua existência depende a verdade ou falsidade da proposição que se lhe refere; o

⁸¹⁵ Abbagnano, *op. cit.* p. 24.

⁸¹⁶ *Idem*

⁸¹⁷ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 95.

⁸¹⁸ *Idem*.

⁸¹⁹ *Ibidem*.

⁸²⁰ *Ibidem*.

⁸²¹ *Ibidem*.

⁸²² Marina Manotta, *La fondazione dell'oggettività Studio su Alexius Meinong*. Macerata: Quodlibet, 2005. p. 87.

objetivo é o conteúdo ou a conotação da palavra, ou o conteúdo do juízo.⁸²³ Todo o juízo tem, desse modo, como conteúdo um objetivo que é, por assim dizer, interior ao próprio juízo; e um objeto que a entidade externa a que ele se refere.⁸²⁴ O objetivo é, por isso, o objeto primário do juízo ou da assunção, e o objeto só é dado indiretamente como sendo aquilo a que o juízo se refere.⁸²⁵

Meinong divide todos os objetivos em objetivos do ser, do tipo “a neve é”, e em objetivos do modo de ser, do tipo “a neve é branca”. Nos primeiros, o predicado é constituído por “ser”, simplesmente, e nos segundos por “ser deste ou daquele modo”. Todo o objetivo é o ser ou o ser de determinado modo de uma entidade qualquer. A principal característica dos objetivos é a sua incapacidade de existir. Se é certo que existem os antípodas já não será possível dizer que existe a existência dos antípodas, pois isso conduziria a um processo finito no qual seria necessário admitir a existência da existência, e assim por diante. Mas já se pode dizer que o objetivo *subsiste*, quando constitui um fato: e a palavra fato designa precisamente um objeto que subsiste e não pode ser referida a objetos e pessoas. Constituem-se fatos, os objetivos são verdadeiros: a verdade ou falsidade é um caráter exclusivo dos objetivos e não dos objetos da experiência. Mas mesmo quando dizem respeito a fatos, e segundo Meinong, os objetivos estão fora do tempo e, por isso, completamente indiferentes às determinações do passado, presente ou futuro.⁸²⁶ Por outro lado, eles podem ser negativos, como acontece quando constituem as propriedades nulas dos objetos, por exemplo, a surdez, a cegueira, a ausência de cor etc. Um objeto só pode ter qualidades positivas, mas um objetivo já pode ter também qualidades negativas.⁸²⁷ E até os objetos impossíveis subsistem como objetivos. Se os antípodas não existirem, o não-ser dos antípodas é um objetivo tanto como o seria o seu ser.⁸²⁸ Os objetivos desse gênero estão para o objeto tal como a parte está para o todo: se o todo subsiste, também a parte deve subsistir, e é por isso necessário reconhecer a subsistência dos próprios objetos impossíveis.⁸²⁹

Meinong afirma que o objeto puro está para além do ser e do não-ser, o que levaria a se concluir que, o conhecimento não tem o pressuposto no ser, mas encontra o seu

⁸²³ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 95.

⁸²⁴ *Idem*.

⁸²⁵ *Ibidem*.

⁸²⁶ Marina Manotta, *La fondazione dell'oggettività Studio su Alexius Meinong*. Macerata: Quodlibet, 2005.p. 87.

⁸²⁷ *Idem*.

⁸²⁸ *Ibidem*.

⁸²⁹ *Ibidem*.

ponto de apoio tanto no ser como no não-ser.⁸³⁰ Tudo o que cai no âmbito de um objeto constitui o seu ser específico, quer esse objeto exista, quer não.⁸³¹ Por isso, a verdade do conhecimento e, em particular, do juízo, não depende da existência ou não-existência do seu objeto, mas antes da do seu objetivo. Afirmar a existência dos cisnes negros ou a não-existência de um *perpetuum mobile* constituem ambos juízos verdadeiros apesar de o primeiro se referir a um objeto existente e o outro a um objeto não-existente.⁸³² A sua verdade depende do ser do seu objetivo que, no segundo desses casos, é o não-ser do objetivo em questão. O juízo não é verdadeiro se o seu objetivo não for verdadeiro, e também não o será se estiver constituído de uma forma que não corresponda ao seu objetivo e não concordar com os fatos. A coincidência das exigências objetivas e subjetivas no juízo pode também ser puramente causal; sucede às vezes que de uma premissa falsa se deduzem conclusões verdadeiras.⁸³³

Se é errôneo que todo o conhecimento tenha de referir-se a objetos existentes, é, no entanto, verdadeiro, segundo Meinong, que todo o conhecimento está em última análise relacionado com os fatos, sem o quais não pode vale como conhecimento. Incumbe a psicologia do conhecimento determinar as condições em que o próprio conhecimento se refere aos fatos e adquire valor real. Fato *lato sensu*, é o objetivo do juízo; e, por compreender um fato, todo o juízo é uma *evidência*. A evidência pode ser *a priori*, isto é, baseada na natureza do juízo e aplicável à realidade, ou empírica; e oferece diversos graus de certeza, porque há também uma evidência meramente suposta.⁸³⁴ A percepção é um caso limite da evidência, e esta é máxima quando a percepção se refere aos fatos psíquicos atuais, ou seja, quando é uma percepção interna. Se o juízo se refere a objetivos, a representação refere-se a objetos.⁸³⁵ O objeto origina a representação e é nela direta ou indiretamente incluído, ou mesmo simplesmente mostrado ou indicado.⁸³⁶ A produção das representações é um fato puramente empírico; o seu fundamentar-se no objeto é, pelo contrário, condicionado *a priori*, embora também, segundo Meinong, um valor objetivo, que se evidencia no sentido estético ou intelectual quando se diz que objeto desse sentimento merece o próprio sentimento, mas paralelamente a esse valor objetivo existem os

⁸³⁰ Marina Manotta, *La fondazione dell'oggettività Studio su Alexius Meinong*. Macerata: Quodlibet, 2005.p. 89.

⁸³¹ *Idem*.

⁸³² *Ibidem*.

⁸³³ *Ibidem*.

⁸³⁴ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*, Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 97.

⁸³⁵ *Idem*.

⁸³⁶ *Ibidem*.

valores puramente subjetivos, que consistem na relação do objeto com o sujeito que se interessa por ele.⁸³⁷

⁸³⁷ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 99.

§ 4º.

Origem

Baseando-se em uma investigação referente ao nexos cognitivo entre sujeito pensante e mundo pensado, Meinong concebeu, sucessivamente, três tipos fundamentais de Teoria: (a) a Teoria da Relação em 1882;⁸³⁸ (b) a Teoria do Valor em 1894;⁸³⁹ e (c) a Teoria do Objeto em 1903.⁸⁴⁰

Meinong, antes de chegar à terceira Teoria, determinara a situação dos objetos de ordem superior, num tratado publicado em 1899 (Sobre os objetos de ordem superior e sua relação com a percepção interior).⁸⁴¹ Uma outra publicação, em 1902, orienta-o definitivamente para a Teoria do Objeto (Sobre as assunções),⁸⁴² que não constitui, todavia, inspiração original e promove a tomada do objeto como ponto central de referimento.⁸⁴³

Franz Brentano, na obra *A Origem do Conhecimento Moral*, ao determinar a intencionalidade e o psicologismo na caracterização de um objeto, exerceu forte influência no pensamento de Meinong, sendo reconhecida como um dos pontos de partida da *Teoria do Objeto*,⁸⁴⁴ conquanto tenha se aprofundado na doutrina da intencionalidade e da descrição dos fatos psíquicos propostos por seu mestre Brentano, estabelece uma análise de relação cognoscitiva que demonstra a necessidade de introduzir o conteúdo entre o *ato* e o *objeto*, de maneira que o elemento em que representações de objetos diferentes são diferentes entre si, e a partir de tal ordem, o objeto se distingue do ato que o criou.⁸⁴⁵ A análise dos vários tipos de objeto, estudando a relação entre essa última e com os respectivos atos psíquicos, de tal modo

⁸³⁸ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 35.

⁸³⁹ *Idem*.

⁸⁴⁰ *Ibidem*. Cf. Ainda. LINSKY, L. *Le problème de la référence*. Paris, Le Seuil, 1974, p.42.

⁸⁴¹ *Ibidem*.

⁸⁴² *Ibidem*.

¹⁰ REALE, Miguel. *Introdução à Filosofia*. 4ª. ed., São Paulo, Editora Saraiva, p. 159.

⁸⁴³ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 98.

⁸⁴⁴ *Idem*.

⁸⁴⁵ *Ibidem*;

seria cientificamente universal que careceria, para análise desse complexo de uma teoria, a do objeto.⁸⁴⁶

A *Teoria dos Objetos* que é a pesquisa central e a contribuição mais original de Meinong parece se fundar nos dados psicológicos suscitados por Brentano e associada a uma idéia crítica de caráter parcial às teses brentanianas, no que poderia constituir-se, simplesmente, numa forma de psicologia puramente descrita. Inegavelmente nesse aspecto muito se aproxima do seu mestre Brentano e em contraposição a Husserl. Não obstante tais afirmações, as tendências claramente objetivistas na investigação psicológica se destacaram muito mais prontamente diante do todo possível deslizamento até um psicologismo ou talvez, subjetivismo.⁸⁴⁷

Situa-se a *Teoria dos Objetos* diante da realidade supondo que, por isso, ela aparece sob a forma de fenômenos, quer dizer, de objetos. Objeto é tudo aquilo que se pode apontar pelo pensamento descritivo e intencional; assim, pode-se dizer que todo objeto é algo, em correspondência no que todo algo é. Em suma, partiu Meinong na idéia de que o objeto é todo o que pode ser sujeito de um juízo, sem importar para o caso que o objeto seja real ou ideal, possível ou impossível, existente ou imaginário.⁸⁴⁸

Quis Meinong que a Teoria dos Objetos constituísse, conseqüentemente, o fundamento necessário para todas as ciências, tanto as ideais quanto as empíricas, e não menos da Metafísica, pois, tomando o real sob sua máxima generalidade, desenvolve essa prévia ontologia descritiva do dado sem o qual não haveria uma base objetiva e apriorica suficiente para a confirmação da certeza dos correspondentes juízos.⁸⁴⁹

A inspiração e base das premissas da filosofia de Meinong podem ser extraídas na obra de Brentano de forma clara e evidente, embora constitua uma maneira muito particular de reação às mais inflexíveis teses psicológicas brentanianas.⁸⁵⁰

⁸⁴⁶ Velarde Mayol, Victor. *Op. Cit.*

⁸⁴⁷ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 80.

⁸⁴⁸ *Idem.*

⁸⁴⁹ *Ibidem.*

⁸⁵⁰ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 90.

§ 5º.

Classificação dos Objetos

A etimologia da palavra objeto (*ob-iectum, gegen - stand*) indica o contraposto de uma atividade, de maneira que os distintos modos que se contrapõem um objeto à sua vivência eram também os distintos tipos de objeto.⁸⁵¹ Por isso, Meinong recorreu às vivências internas para descobrir a noção de objeto, de igual maneira, agora se recorrerá aos tipos de vivências para descobrir os tipos de objetos, e desta sorte, os modos de objetivar uma vivência corresponderá aos modos de ser do objeto.⁸⁵² Esse recurso, indireto, para tipificar os objetos, não é mais que um desenvolvimento do princípio do todo evidente de que não cabe conhecer seu conhecer algo, e, portanto, que o modo de conhecer lhe corresponde um modelo, um modo de ser conhecido, de ser objeto.⁸⁵³

Meinong admite de Brentano a classificação das vivências psíquicas elementares, mas indica umas modificações que convenham agora somente assinalar sucintamente.⁸⁵⁴ Junto com Brentano, admite as vivências da representação como uma espécie própria, mas não as do juízo, já que pensa que essas se incluem noutra espécie mais geral, além de introduzir modificações consideráveis entre as vivências afetivas que Brentano considerou.⁸⁵⁵ A cada tipo de vivência corresponderá tantos tipos de objetos, exceto os de assunção e juízo que tem o mesmo tipo de objeto.⁸⁵⁶ À representação lhe corresponderá o *obiectum (object)*, ao pensamento lhe corresponderá o *objetivo (objectiv)*, ao sentimento o *dignitativo (Dignitativ)* e, por último, ao desejo o *desiderativo (Desiderativ)*.⁸⁵⁷ É de se concluir que para Meinong objeto é tudo que nós podemos perceber ou mesmo falar: Napoleão, o número 2, a montanha de ouro.⁸⁵⁸ Há uma pluralidade de espécies, como aqueles situados no espaço-tempo (objetos físicos ou reais), os objetos abstratos (números, figuras geométricas), os objetos possíveis (uma montanha de ouro)

⁸⁵¹ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 75.

⁸⁵² *Idem*.

⁸⁵³ *Ibidem*.

⁸⁵⁴ Vincenzo Fano *La filosofia dell'evidenza Saggio sull'epistemologia di Franz Brentano*. Bologna: Editrice Bologna, 1993. p. 87.

⁸⁵⁵ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 64.

⁸⁵⁶ *Idem*.

⁸⁵⁷ *Ibidem*.

⁸⁵⁸ *Ibidem*.

como impossíveis (círculo quadrado).⁸⁵⁹ Certos objetos existentes (os objetos reais e abstratos) e outros que não subsistem (esfera cúbica). No mais, existem objetos objetivos, correspondentes aos fatos reais, possíveis ou impossíveis (a viagem do homem à Plutão).⁸⁶⁰

Meinong distingue o objeto ou, talvez melhor dito, o conceito de objeto, entre duas formas: por um lado, há o objeto (*Objekte*) correspondente ao objeto da representação; por outro há o objetivo (*Objektiv*) correspondente ao objeto do juízo. Como correlatos das representações, os objetos são, pois, aquilo (aquele “algo”) aos quais se possa atribuir existência, diferentemente dos objetivos que, como correlatos das assunções e dos juízos, possuem subsistência, mas não existência. Os objetivos podem ser, no mais, de índole distinta; sua base comum é o fato.⁸⁶¹

Distingue Meinong quatro categorias de objetos, correspondentes aos mais variados processos de manifestação psíquica: objetos da representação, do juízo, da valoração e do desejo. Particular importância reveste a distinção entre as duas primeiras categorias: se o objeto da representação concerne uma faticidade empírica e existente, o objeto do juízo concerne invés ao puro ser objetivo, indiferente da existência e do tempo e, todavia, às condições de verdade e de falso e, mais em geral, do conhecimento científico.⁸⁶²

Segundo Meinong essa concepção e classificação dos objetos obriga uma reconstrução do conceito de ser que transforma as bases de uma ontologia tradicional. Com efeito, e para não mencionar senão um só resultado, ser e essência tem que aparecer aqui como distintos, e isso de tal modo que sua distinção há de confirmar-se em todas as ordens de objetos. Por outro lado, a relação entre os objetos – relação que permite explicar algo mais que as questões formais implicadas nela e constitui a necessária base de muitos dos pressupostos metafísicos – se efetua sob uma forma peculiar: a da fundamentação em virtude da qual uns objetos se fundam (*fundiert*) em outros. Assim podemos distinguir entre objetos de ordem superior e objetos de ordem inferior. Para os primeiros se entendem aqueles cuja consistência ou subsistência depende de outros objetos; para os segundo, aqueles que fundam os anteriores. Os objetos de ordem superior são, portanto, as relações e os complexos; os de ordem inferior,

⁸⁵⁹ COSTA, Newton C. A. de Bégian, Jean-Yvès. *Definition, Theorie des Objets e Paraconsistence*. Theoria. San Sebastian, v. 13/2, 1998, p. 367-379.

⁸⁶⁰ *Idem*.

⁸⁶¹ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 65.

aqueles que constituem os superiores, os membros contidos na relação e os elementos simples que compõem as formas.⁸⁶³

A existência real cruza desse modo todas as formas e não é propriamente fundamento de classificação. O caráter introdutório e básico da Teoria dos Objetos de Meinong se revela particularmente quando se tem em conta a sua insistência em evitar a desatenção tradicional de tudo o que não seja propriamente real, e em investigar aquelas ordens de objetos aos que não se adstringem até o presente nenhuma forma de realidade (por serem simplesmente membros de um universo de discursos).⁸⁶⁴

⁸⁶² Pode-se notar que essa distinção encontra analogia com a distinção proposta por Frege entre significado e sentido de um enunciado. Cf. Michele Lenoci, *Autocoscienza Valori Storicità*. Milão: Franco Angeli, 1992. p. 17.

⁸⁶³ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 91.

⁸⁶⁴ Marina Manotta, *La fondazione dell'oggettività Studio su Alexius Meinong*, Macerata: Quodlibert, 2005. p. 57.

PARTE XI
A CRÍTICA DE BERTRAND RUSSEL
À TEORIA DOS OBJETOS DE MEINONG

Russel discutiu várias vezes a Teoria dos Objetos e o ponto de partida para a sua doutrina da denotação surgiu precisamente da noção dos objetivos negativos de Meinong.⁸⁶⁵ Em uma resensão do texto *Mind*, pela qual, segundo a concepção expressa em *Principia Mathematica*⁸⁶⁶ não se dão proposições verdadeiras entorno dos objetos que não existem nem subsistem, Russel interpreta e critica Meinong a partir da posição que ele refuta: um objeto que é exigido que seja também o objeto; se não se pode negar o ser a objetivo “que não há nenhum quadrado redondo” ao quadrado redondo deve realmente convergir uma espécie de ser.⁸⁶⁷ Em razão dessa tese assevera que a Teoria de Meinong com o reconhecimento de objetos similares, ameaça a universalidade do princípio da não-contradição e põe em risco levar consigo toda uma classe de argumento ontológico. No célebre ensaio *Da denotação*⁸⁶⁸ o filósofo inglês se vale de sua teoria das descrições para interpretar proposições aparentemente referenciais a um objeto impossível ou de qualquer maneira não existente de modo a eliminar a expressão que parece fazê-lo. Segundo Russell quando falamos de entes privados de ser o correspondente estado da coisa contém não já esses entes, porém somente assim que é representado pelas expressões as quais vem reconduzidas a proposição em tal sentido interpretada.⁸⁶⁹

Toda expressão autenticamente referencial deve designar isso que existe: uma proposição que tenha um sujeito do tipo “o atual rei da França” é de qualquer maneira falsa, assim como são falsas todas as proposições que predicam qualquer que seja o sujeito gramatical, o qual não representa um objeto existente de maneira direta com um nome próprio ou indiretamente, mediante uma descrição definida que se aplique àquele único objeto.⁸⁷⁰ A proposição “Hamlet é o príncipe da Dinamarca” pode ser verdadeira somente se o contexto

⁸⁶⁵ Abbagnano, *op. cit.*, p. 26.

⁸⁶⁶ “Mind”, 1905, XIV, p. 530-538.

⁸⁶⁷ Cf. R. Orangen, *Sobre a inconsistência de la ontologia de Meinong*, em Cuadernos de filosofía, Facultad de Filosofía e Letras, Universidad de Buenos Aires, AñoX, nº 14, julho-dezembro 1970.

⁸⁶⁸ p. 479-493

⁸⁶⁹ “Mind”, 1905, XIV, p. 530-538.

comente de interpretá-la, por exemplo, caso Shakespeare escreve que Hamlet é o príncipe da Dinamarca.⁸⁷¹ Para Russell, quanto à proposição “o quadrado redondo não existe”, não seria ela uma coisa que seja conjuntamente quadrada e redonda. Meinong, na sua teoria *an Stellung der Gegenstandstheorie*, sustenta sobretudo a inaplicabilidade do princípio da contradição para o âmbito do impossível.⁸⁷²

Meinong não atribuiu em verdade, porém, a esses objetos nem mesmo um caráter genérico. Ao dizer “o quadrado é redondo”, se afirma antes uma individuação da afirmação de que o contraditório é contraditório e o é incontraditório. A mente se afirma, então, uma proposição idêntica e tautológica, não é, pois, uma proposição falsa.⁸⁷³ “Intencionar o quadrado redondo...” não me limita a por si só uma certa contradição (do tipo “...o quadrado é redondo...”, no qual caso não pensarei) mas ponho no seu significado positivo, e por isso penso em alguma coisa.⁸⁷⁴ Mesmo em tal fato, no qual isso é o contraditório é não-contraditoriamente significante dessa verdadeira contradição do pensamento intencional dos objetos impossíveis. Mas isso não no sentido de que o contraditório é o conjunto do não contraditório, mesmo porque ele é positivamente significante, sobreleva a contradição entre o material contraditório e o modo não-contraditório do seu entendimento. O quadrado redondo é quadrado e redondo a um só tempo: “a contradição reside no objeto e não na sua proposição que predica do objeto a sua contraditoriedade.”⁸⁷⁵

Se se recordar a afirmativa de Meinong em seu estudo sobre Hume⁸⁷⁶ se poderia pensar conjuntamente redondo e quadrado com iguais dados temporais e espaciais, na sua compreensão pode ser indicada, não desenvolvida, porque o impede a incompatibilidade dos dois atributos, não apenas vem perto a tentativa de desenvolvê-lo – não podemos então dizer que: preenchê-la intuitivamente – se impõe com a máxima determinação o juízo sobre a

⁸⁷⁰ Modenato, *op. cit.* p. 332.

⁸⁷¹ Bertrand Russell, *Introdução à filosofia matemática*, trad. de Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 202.

⁸⁷² A resposta veio tempos depois de um dos maiores estudiosos de Meinong, Lenoci que completou e deu correção ao tema ao sustentar que não verdadeiro que o princípio da não contradição não estenda a sua validade mesmo aos objetos impossíveis: a estender ao ponto de que eles se digam impossíveis, mesmo enquanto tem em si a propriedade a qual a realização “realizaria” a contradição. Cf. *La teoria della conoscenza in Alexius Meinong, op. cit.*, p. 120-121.

⁸⁷³ Lenoci, *op. cit.* p. 120-121.

⁸⁷⁴ Marina Manotta, *La fondazione dell'oggettività Studio su Alexius Meinong*. Macerata: Quodlibet Studio, 2005. p. 96.

⁸⁷⁵ Lenoci, *op. cit.* p. 120-121.

⁸⁷⁶ Cf. Modenato, Francesca. *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*, Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 37-38.

impossibilidade de tal desenvolvimento.⁸⁷⁷ A segunda objeção de Russell, que retoma o debate ontológico (“se o quadrado redondo é quadrado e redondo o existente quadrado redondo é existente, quadrado e redondo”).⁸⁷⁸ Ao que parece que Russell pôs Meinong em dificuldades, mas a resposta deve percorrer a via de distinção entre *res existente* e *existere* – sobre a qual o filósofo retornará no texto *Über Möglichkeit und Wahrscheinlichkeit*⁸⁷⁹ buscando de lhe por como fundamento a teoria das diversas elevações do ser.⁸⁸⁰ Seria ao invés o caso de relevar-se abertamente que, colocando-se as predicções existenciais em um nível de juízo de grau superior a respeito do qual os atos nos quais os objetos recebem as determinações, são não só predicções determinativas dos objetos, mas também dos sentidos do objeto.⁸⁸¹ Nota-se que as razões de Russel terminam por deixar uma marca, pois na 2ª edição de *Über Annahmen* Meinong indaga se, depois de tudo, não se poderia dar um terceiro modo, que não seria de ser, mas para sempre uma espécie de ser; e in *Über emotionale Präsentation* faz referência ao *Außersein* nesses termos com precavida convicção.⁸⁸²

Doutro lado, admite-se que parecia por muito tempo como fosse o destino de Meinong realmente um tipo de imortalidade secundária, que só fosse atribuída a ele por meio da crítica de Russel como as obras originárias, por exemplo, no âmbito da Teoria do conhecimento ou da Ética não fossem ter reconhecimento ou menos ainda continuação.⁸⁸³ E essa aparência nem enganou – só que ela já está se transformando visivelmente. O campo no qual cresceu de novo uma ocupação com as doutrinas de Meinong, que parecem às vezes um paradoxo, sobre objetos, que existem e, porém não podem existir, é primeiramente a área da filosofia da lógica, ou mais geral, a área da pesquisa dos fundamentos filosóficos. Por que pôde ocorrer, assim deve se perguntar, aqui uma mudança que, por exemplo, deixa parecer uma revisão da posição de Russel diante das teses de Meinong como oportuna e necessária? Para ver em geral, pelo qual se pergunta aqui, será vantajoso ter presente coisas conhecidas: isto é, que a lógica, no século XX, alguns filósofos novamente tendiam para ver num sistema lógico a estrutura lógica ideal em geral.⁸⁸⁴ O sistema preferido, a qual esta tendência se referia, era – não por 2000 anos, mas ainda assim por algumas décadas – o sistema da *Principia Mathematica* de Russel e Whitehead.

⁸⁷⁷ Russell, *op. cit.*, p. 533.

⁸⁷⁸ Russell, *idem*.

⁸⁷⁹ *Alexius Meinongs Gesamtausgabe*, p. 278-289.

⁸⁸⁰ Modenato, *op. cit.* p. 336. Cf. Lenoci, *op. cit.*

⁸⁸¹ Cf. Husserl, *Experiência e juízo*. Trad. italiana, p. 277-278, nesse sentido.

⁸⁸² Cf. F. Jacques, *Référence et description chez Meinong*, “Revue Internationale de Philosophie”, 1973, XXVII, p. 266-287.

⁸⁸³ Modenato, *op. cit.* p.333.

⁸⁸⁴ Angela Ales Bello, *Husserl e le scienze*. Roma: La Goliardica, 1986. p.33.

Entretanto e especialmente nas últimas duas décadas descobriu-se que, a estrutura lógica primeiramente tem que ser interpretada com ajuda de métodos semânticos se for para aplicá-la a sistemas reais. Por meio de tais reflexões é estimulada, por um lado, a construção de sistemas lógicos, os quais em geral são adequados para a exposição e explicação daquilo, que é ou se pode saber pela experiência, por outro lado, são apoiadas análises dos fundamentos de tais sistemas. Primeiro quem quer expor e explicar as relações lógicas que valem para chamados contextos intencionais sabe que determinadas regras de substituição não são válidas em tais contextos.⁸⁸⁵

Do fato de que eu imagino um unicórnio, que come laranjas, não segue que a existência desse animal tenha que ser afirmada.⁸⁸⁶ Do fato de que não existem unicórnios, não segue que eu posso pensar em um unicórnio, que come laranjas.⁸⁸⁷ Se um unicórnio não existe, então – assim se poderia argumentar – qualquer frase, que alega ou pressupõe a sua existência, é falsa.⁸⁸⁸ Agora é um princípio clássico, que o “é” da predicação, (“x é assim c”) implica o “e” da existência, isto é, como não existe um unicórnio, a frase “Eu penso em um unicórnio, que come laranjas” teria que ser falsa.⁸⁸⁹

A questão que os lógicos tinham que resolver era conforme isso: modificar sistemas existentes ou traçar novos sistemas que não dividissem o pressuposto de Russell de que teorias que admitem objetos inexistentes seriam inconsistentes.⁸⁹⁰ Russell achava que a lógica deveria admitir tão poucos unicórnios quanto a Zoologia, pela razão do qual se precisaria na lógica o mesmo senso robusto de realidade como no empirismo. Mas esse pressuposto é – embora possa ser simpático – naturalmente arbitrário, pois esse senso robusto de realidade de Russell transformou todas as descrições que denominam ou caracterizam objetos irreais em afirmações falsas em vista do fato de que, por exemplo, termos teóricos não podem cumprir tal função, se mostra de forma muito nítida a limitação dessa concepção.⁸⁹¹

⁸⁸⁵ Rudolf Haller, *Über Meinong*, in *Revue Internationale de Philosophie*, no. 104-195, Fasc. 2-3., 1973.

⁸⁸⁶ R. Orangen, *Sobre a inconsistência de la ontologia de Meinong*, em *Cuadernos de filosofía*, Facultad de Filosofía e Letras, Universidad de Buenos Aires, AñoX, nº 14, julho-dezembro 1970.

⁸⁸⁷ L. Linsky, *Substituibilidad y descripciones*, in *Semántica Filosófica: problemas y discusiones*, organizado por Thomas M. Simpson, Buenos Aires: Siglo XXI, 1973. p. 304.

⁸⁸⁸ Cf. Susan Stebing, *A modern Introduccion to Logic*. Londres: Methuen, 1953. p. 262.

⁸⁸⁹ Haller, *op. cit.* p. 150.

⁸⁹⁰ Cf. Jaakko Hintikka, *Existential presuppositions and their Elimination in Models for modalities Selected Essays*, Dordrecht-Boston: Reidel Publishing Company, 1975. p. 23-44. Cf. ainda Haller, *op., cit.* p. 150.

⁸⁹¹ Haller, *op. cit.*, p. 150.

No fundo, dois caminhos estão abertos para traçar chamados sistemas lógicos livres, isto é, sistemas que não fazem pressupostos de existência a respeito dos termos utilizados neles. Um dos caminhos, que foi atribuído a Meinong, exige a introdução ou admissão de possíveis objetos inexistentes, como aquilo ao qual se referem nomes não-denotadores.⁸⁹² O outro, que foi atribuído a Frege, exige a introdução de afirmações sem valor de verdade em um sistema, no qual existem nomes não-denominativos.⁸⁹³

⁸⁹² P. W. Woodruff, *Logic and truth value gaps* em *Philosophical problems in logic*, Dordrecht: K. Lambert, 1970. p. 121.

⁸⁹³ Cf. Mauro Mariani. *Introduzione a Frege*, 3ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2004. p. 14.

PARTE XII
FILOSOFIA DE HUSSERL E A
SUA CONTRIBUIÇÃO NA OBRA DE MEINONG

Os estudos de Husserl estimularam a reflexão filosófica de muitos filósofos reputados originais e a cujo pensamento se reconhece, com ofuscante nitidez, um manifesto desenvolvimento dos textos husserlianos, seja pela sua elaboração contemporânea, seja por uma construção sucessiva. Sob essa perspectiva, pode-se classificar esses filósofos em dois grupos: (1) os que aceitaram de Husserl as suas bases fundamentais, buscando, todavia, dar um cariz realista ao ser que se manifestava; e (2) os que dela utilizaram, sobretudo, nos aspectos metodológicos da indagação filosófica, sem atribuir qualquer vínculo ao seu trabalho.⁸⁹⁴

Dentre os pensadores do primeiro grupo, que reconheceram a obra de Husserl contemporaneamente encontra-se Scheler e, posteriormente, Heidegger.⁸⁹⁵ Alexius Meinong, cuja obra mais conhecida é a sua *Teoria dos Objetos*, empreendeu um retorno a Brentano, mas também um desenvolvimento dos trabalhos de Husserl⁸⁹⁶ e parece pertencer ao segundo grupo.⁸⁹⁷

Ao sustentar que *conhecer* significa conhecer um *objeto*, é visível a intenção de Meinong de restabelecer a mais característica perspectiva husserliana: a redução eidética. É a transcendência para um *objeto em minha consciência*, que não tem só nos atos propriamente cognoscitivos, como as representações e juízo, a sua manifestação, mas, também, naqueles considerados não cognoscitivos, como o desejo, a vontade, o sentimento, dentre outros. É

⁸⁹⁴ Mauro antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagorica Editrice, 1996. p. 87.

⁸⁹⁵ O primeiro contemporâneo de Husserl...e o segundo assistente e discípulo, embora o primeiro tenha se propendido para a valoração e o segundo para existência ontológica negado por ele próprio, mas que Husserl ao menos não reconhecia como Fenomenologia. Nesse sentido de cunho antropológico Ser e Tempo cf. e recusou-se a compartilhar o verbete com Husserl sobre Fenomenologia na Enciclopédia Britânica...

⁸⁹⁶ Objetos (Meinong) e fenômeno (Husserl) são sob certo aspecto a mesma manifestação e com a orientação epistemomógica comum e derivada de Brentano porque ambos construíram o aspecto objetivo de uma atitude que será percebido. Cf. Michele Lenoci, *Autocoscienza Valori Storicità Studi su Meinong, Scheler, Heidegger*. Milão: Franco Angelli, 1992. p. 51.

⁸⁹⁷ Mauro antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagorica Editrice, 1996. p. 87.

relevante salientar que desenvolver uma *Teoria dos Objetos* enquanto tal não significaria um retorno clássico à Metafísica. Não disse Meinong porque a Metafísica é uma *ciência dos objetos existentes, enquanto objetos*; mas eles não se exaurem no campo dos objetos conhecidos, campo que compreende também *objetos ideais*, como é exemplo os números e as relações lógicas. É certo que os objetos ideais também subsistem na realidade, porque, a exemplo das coisas, são numeráveis; mas não existem, quanto não é dado individuar, por exemplo, um número como realidade. E de outro lado, o número, para continuar com o exemplo, subsiste também entre objetos não reais, porque, de fato, é possível numerar as coisas que eu mesmo imagino. É razoável, então, conceber a *teoria de todos os objetos possíveis enquanto objetos*.⁸⁹⁸

O pensamento de Meinong, em sua *Teoria dos Objetos*, é estabelecido a partir de nítidas bases do que se poderia chamar de uma *atitude fenomenológica* e, máxime, análogas à fenomenologia husserliana. Ele parte do princípio de que não se pode conhecer sem compreender algo, o que na vivência se me apresenta como um objeto, não somente no ato intelectual, mas, também no volitivo.⁸⁹⁹ Essa premissa se apresenta de forma nitidamente fenomenológico-husserliana, o que estabelece identidade entre a obra dos dois pensadores.⁹⁰⁰ Necessita-se, pois, de uma *teoria dos objetos enquanto objetos*, que é a Metafísica, e que deverá tratar não só dos objetos existentes - são esses apenas uma parte do campo objetal -, mas, também, dos ideais. Como se vê, Husserl, em sua verdadeira atitude fenomenológica sobre os objetos, leva Meinong, mediante a análise da função tética e a sintética, a rechaçar todo o Psicologismo, pois Meinong manifestou-se contra o *idealismo transcendental* de Husserl e desenvolveu um *realismo transcendente*,⁹⁰¹ uma vez que é inegável, ao longo de toda a exposição, que a referência de Husserl é o sujeito (consciente) a de Meinong é a consciência.⁹⁰²

Em uma outra perspectiva, pode-se falar em desdobramento evolutivo autônomo, mas coincidente entre os trabalhos de Brentano, algo como o que se convencionou intitular na *Biologia de evolução convergente* ou *convergência evolutiva*.⁹⁰³ Deve-se ter em mente,

⁸⁹⁸ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 88..

⁸⁹⁹ *Idem*.

⁹⁰⁰ O que certamente pode concluído pela contribuição de Brentano nos estudos de Cf. Mauro antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagorica Editrice, 1996. p. 80.

⁹⁰¹ A comparação mais imediata do idealismo e realismo foi extraída da Adjukiewicz, *op. cit.* p. 42. Quanto à distinção idealista de Husserl e realista de Meinong sem a correspondência biunívoca transcendente, Cf. Sokolowski, *op. cit.*

⁹⁰² Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Aliux Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 75.

⁹⁰³ *Idem*.

entretanto que, o movimento fenomenológico teve, desde o seu início, mais reconhecimento e adeptos, e sua divulgação suplantou os limites das universidades alemãs, e chegou mesmo até o Japão, já nos primeiros anos do lançamento dos trabalhos de Husserl.⁹⁰⁴

Husserl (1859-1938) e Meinong (1853-1920) eram contemporâneos e a divulgação dos trabalhos de Husserl não passou despercebida de Meinong. Além disso, o fato de Brentano ter rechaçado as teorias de Husserl permitiu a Meinong delas tomar conhecimento.⁹⁰⁵ O caminho para um aproveitamento de idéias e conclusões se fez possível não apenas *in potentia*, pois o ambiente acadêmico e universitário era inegavelmente comum e, com isso, toda informação de fato circulava, embora não se conheça bem a extensão de toda comunicação direta e contraditória entre Meinong e Husserl. Deve-se ressaltar que todos esses fatos não evitaram o reconhecimento geral de que a intencionalidade da consciência era algo comum aos dois discípulos de Brentano,⁹⁰⁶ e ela os uniu especialmente quanto aos atos da consciência, embora não tenha impedido a distância relativa sobre o entendimento de ambos com relação ao modo como esses objetos são percebidos pela consciência.⁹⁰⁷

O discurso de Meinong prossegue e é oportuno recordar que o filósofo sublinhou o aspecto realístico do *objeto na intencionalidade* da qual falava Husserl. Ele pôs em primeiro plano o *objeto* e deslocou para o segundo o sujeito do *ato intencional*. Isso significou que, mesmo ao conservar os temas de fundo de Husserl em seu trabalho, Meinong sublinhou o ponto de observação, que, por conseguinte, levou à conclusão de que esse deslocamento implicaria, necessariamente, outra perspectiva. Pode-se dizer que, de certo modo, Meinong adotou uma atitude mais realista que Husserl.⁹⁰⁸

⁹⁰⁴ Cf. Bochesnki, *op. cit.*.

⁹⁰⁵ Michele Lenoci, *Autocoscienza Valori Storicità Studi su Meinong, Scheler, Heidegger*. Milão: Franco Angelli, 1992. p. 55.

⁹⁰⁶ Era, em verdade, comum a todos os discípulos filósofos de Brentano. Cf. Mauro antonelli, *Alle radici del movimento fenomenológico Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano*. Bolonha: Pitagorica Editrice, 1996. p. 870.

⁹⁰⁷ Nesse sentido Sokolwiski. Cf. Ainda Abbagnano que disse que intencionalidade Husserl quanto a teoria realista importante. *Op. cit.*

⁹⁰⁸ Ousada observação de Sokolwiski que repetimos para ilustração do trabalho. *op. cit.*

PARTE XIII
HUSSERL E MEINONG E SUAS DIFERENÇAS TEÓRICAS

Pode-se afirmar que, além do influxo do mestre comum Brentano,⁹⁰⁹ houve uma forte influência da Fenomenologia em Meinong. Fenomenologia que, como deve ser lembrada, foi concebida e aprimorada por seu discípulo Husserl.⁹¹⁰ Meinong buscou a criação de uma nova orientação, que se destina ao estudo do que é prévio à experiência (o *a priori*), subtraindo a *intencionalidade do contexto* mais subjetivista a que havia chegado a Fenomenologia de Husserl.⁹¹¹ E se os objetos existentes já constituem a consciência, longe está Meinong de incorrer no *solepsismo*,⁹¹² ao considerar que os objetos inexistentes são apriorísticos. É que, sem embargo dos promotores de intencionalidade, a configuração dessas entidades inexistentes na consciência é investigada a partir de um objeto real.⁹¹³ Nesse aspecto muito se aproximam as Filosofias de Husserl e Meinong das Teoria de Brentano.

A *Teoria dos Objetos* de Meinong partilha com a Fenomenologia do conceito do conhecimento como auto-manifestação do ser; mas dela diverge pela posição (mais) realista.⁹¹⁴ Meinong parte do princípio de que o *conhecimento* é sempre o *conhecimento de alguma coisa*, de maneira que, toda a representação ou juízo tem, necessariamente, um *objeto*, mas esse objeto não é parte ou elemento da representação ou do juízo, embora haja algo que, nos atos cognitivos, remeta para o próprio objeto.⁹¹⁵ Essa concepção não é mais do que a expressão da intencionalidade da consciência que Meinong, assim como Husserl, considera característica própria das experiências vividas.⁹¹⁶ Por essa linha de idéias, todo o ato de conhecimento é, desse

⁹⁰⁹ Ressalvamos novamente a contribuição de Stumpf. Cf. Sokolowski. p. 223.

⁹¹⁰ Meinong supervisionou as teses de graduação de Christian von Ehrenfels (fundador da teoria gestáltica e da psicologia da Gestalt), além de supervisionar as habilitações de Alois Höfler e Anton ölzen-Newin. Cf. Rovighi, *op. cit.* p. 354. Elmar Holenstein, *Jakobson O Estruturalismo fenomenológico*, trad. de António Gonçalves. Coimbra: Veja, s/d. p. 68.

⁹¹¹ Por isso a axiologia de Meinong segue uma marcha paralela a de Husserl e volta e meia é reconhecida como interferente com a Fenomenologia. Cf. Artau. *Op. Cit.* p. 295.

⁹¹² Solipsismo simplesmente definido e considerado como *visão idealista do mundo*. Cf. nota ao texto de Karl R. Popper e John C. Eccles, *O cérebro e o pensamento*, trad. de Sílvio Meneses Garcia, Helena Cristina Fontenelle Arantes e Aurélio Osmar Cardoso de Oliveira. São Paulo: Papyrus, s/d. p. 14.

⁹¹³ Roberta Lanfredini, *Husserl La teoria dell'intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 55.

⁹¹⁴ Abbagnano, *op. cit.* p. 23.

⁹¹⁵ *Idem.*

⁹¹⁶ *Ibidem*, p. 24.

ponto de vista, um ato de transcendência em relação a um objeto; e na medida em que um ato de conhecimento está implícito (como já pensava Brentano), mesmo nos atos não cognoscitivos (desejo, sentimento, vontade etc.), surge a necessidade de uma ciência que considere os *objetos enquanto objetos*, ou seja, que tenha como tarefa própria a consideração da *totalidade* dos objetos.⁹¹⁷

A semelhança⁹¹⁸ entre o pensamento de Husserl e Meinong está na reação ao Psicologismo de Franz Brentano. Se o Psicologismo é um pensamento que vê na Psicologia Empírica a disciplina dos fundamentos válidos pela inteira concepção filosófica, lógica e da ciência, ele encontra uma rejeição comum em Husserl e Meinong.⁹¹⁹

Na sequência metódica da Fenomenologia importa, primeiramente, a essência, ficando a existência e tudo o mais como que entre parêntesis. Nesse particular, divergiu de Brentano, o qual quer a intencionalidade desde o primeiro momento relacionada com o objeto real, sendo a referência a um objeto irreal feita apenas indiretamente, a partir do real. Husserl não assegura, no primeiro momento, a existência da realidade, nem do objeto externo, nem do próprio *eu*.⁹²⁰

Husserl refutou a idéia de que a psicologia empírica pudesse tornar-se o fundamento de uma doutrina científica filosófica do conhecimento, isto é, que os princípios lógicos se deixassem reconduzir a dados de fatos psicológicos. Em suas *Investigações Lógicas*, Husserl salientou o erro fundamental do Psicologismo, demonstrando que o objeto da Lógica não pode reduzir-se à Psicologia, pois possui um domínio próprio que constitui a Lógica pura.⁹²¹ Em atitude contrária a de Brentano e ao Psicologismo, ele reconduziu a Psicologia a uma lógica, que deveria sobrepor-se à Lógica Formal, e superar um simples guia do pensamento científico.⁹²²

Husserl concebia a Lógica como uma doutrina da ciência voltada a determinar as condições de possibilidade da ciência em geral e, com isso, também aquela da Psicologia

⁹¹⁷ Abbagnano, *op. cit.* p. 24.

⁹¹⁸ Ou talvez identidade. Cf. Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 45.

⁹¹⁹ *Idem*.

⁹²⁰ *Ibidem*.

⁹²¹ Cf. a afirmação categórica de Antonio Aróstegui, *Historia de la filosofía*. Madri: Marsiega, 1975. p.324.

⁹²² Cf. André Verdez e Denis Huisman, *Histórian dos filósofos ilustrada pelos textos*, 4ª ed., tradução de Lélia de Almeida Gonzalez. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1980. p.378.

empírica. Em oposição a tal assertiva, os psicólogos⁹²³ buscaram os fundamentos de todas as ciências no conhecimento da Psicologia empírica. Husserl contestou que tais fundamentos pudessem ser prospectados na psicologia empírica, porque ela, por princípio, se estriba em dados de fatos relativos, que dependeriam da natureza causal dos homens, como se fossem formados em determinadas circunstâncias do desenvolvimento biológico. A isso se acresce o fato de que Husserl acreditava que os fundamentos da ciência, como, por exemplo, o princípio da não-contradição, devem subordinar-se à possibilidade de validação absoluta.⁹²⁴

A filosofia de Husserl adota, pois, como ponto de partida a crítica ao psicologismo empirista. Um filósofo empirista tem, sem dúvida, razão para querer descrever a experiência tal qual como ela verdadeiramente ocorreu.⁹²⁵ Entretanto, ele acabava por trair a experiência ao invés de descrevê-la.⁹²⁶ Por exemplo: o princípio da causalidade é considerado pelo simples hábito que nós adquirimos de esperar o retorno dos fenômenos numa certa e determinada ordem. Essa atitude significaria reduzir a causalidade a um mecanismo psicológico, de maneira que, se é apenas isso, acabaríamos por negar a causalidade enquanto verdade. Tal atitude retira todo o sentido verdadeiro dado à causalidade e a desqualifica por suas próprias origens. O objeto não deve ser desqualificado pela ciência e Husserl concebeu a Fenomenologia como forma de substituir uma Filosofia da explicação pela elucidação do sentido. De outro lado, uma redução empirista é a que nega a essência e pretende explicá-la por suas origens acidentais, no que Husserl substituiu pela redução eidética, a essência verdadeira, purificada de todos os acidentes. A Fenomenologia surge então como o oposto de uma descrição empírica: ela é a intuição, na acepção de busca pela clareza, da essência. A redução eidética apreende a essência em sua verdade, deixa de lado as lembranças que tenho, de conteúdo psicológico, da mesma forma que a essência do círculo não se reduz à figura aproximativa traçada no quadro-negro. A redução psicológica desqualifica a essência pela sua origem e, via de conseqüência, desqualifica seu próprio objeto; a redução eidética apreende a essência em sua verdade pela elucidação do objeto.⁹²⁷

⁹²³ Leia-se Mill, Wundt, Sigwart, Erdmann e Lips. Cf. *Gabriele Giannantoni, La ricerca filosofica La razionalità moderna*. Turim: Loescher, 1996. p. 245.

⁹²⁴ É de todo oportuno registrar que o Husserl primitivo era vizinho de tais posições chamadas de psicólogos. Crítica não faltou a Gottlob Frege em sua resensão às Investigações Lógicas. Cf. Mauro Mariani, *Introduzione a Frege*, 3ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2004. p. 43.

⁹²⁵ Cf. Thomas Ranson Giles, *Crítica fenomenológica da psicologia experimental em M. Merleau Ponty*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 37.

⁹²⁶ Hume seria um bom exemplo. Cf. Angela Ales Bello. *L'universo nella coscienza Introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius*. Pisa: Edizione, ETS, 2003. p. 55.

⁹²⁷ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 24.

Meinong desenvolveu uma idéia de filosofia como análise científica dos dados fenomênicos, de forma semelhante a de Husserl e do próprio Brentano. Mas, diversamente de Husserl, evitou o recurso à consciência transcendental e voltou-se para o objeto puro, captado na sua objetividade (ser dado), independente tanto da consciência, quanto da realidade empírica.⁹²⁸

Segundo Meinong, a descrição do conteúdo diretamente observado do conhecimento é o propósito último da *Teoria dos Objetos*, com o destaque de que a intencionalidade é específica da consciência. Essa assertiva é a própria doutrina da intencionalidade de Brentano, implícita na gnosiologia aristotélica e escolástica, nas quais Brentano se baseou. Mais ainda é a Fenomenologia de Husserl, sem a acentuação da intencionalidade na dimensão lógico-objetiva. Em Husserl e em Meinong, no entanto, essa descrição do conteúdo diretamente observado com a consciência intencional é feita sem a concentração na Psicologia, como fez Brentano.⁹²⁹

De Husserl e de Meinong extrai-se a mesma reação ao psicologismo, pois se o pressuposto fundamental da Fenomenologia, diretamente determinado por Brentano, foi a intencionalidade da consciência, bebe-o Husserl em um dos seus aspectos, no que é acompanhado por Meinong. A tese fundamental de Brentano é a do carácter *intencional* da consciência ou da experiência em geral. *Intentio* é um termo escolástico e foi usado na última fase da escolástica para indicar conceito, quando esse se refere a alguma coisa diferente de si e que toma o lugar.⁹³⁰ Segundo Brentano, a intencionalidade é o carácter específico dos fenômenos psíquicos enquanto se referem, todos eles, a um objeto imanente. Brentano assenta a sua classificação dos fenômenos psíquicos nas diversas formas de intencionalidade.⁹³¹ O objeto do ato intencional é imanente enquanto cai no âmbito do próprio ato, ou seja, no âmbito da própria experiência psíquica.⁹³² Brentano defende, pois, numa primeira fase,⁹³³ que o objeto da

⁹²⁸ D'Agostini. *Op. cit.* p. 308.

⁹²⁹ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua; Il Poligrafo, 2006. p. 54.

⁹³⁰ A lógica terminista, por exemplo, a de Ockham, baseia-se inteiramente no carácter intencional do conceito, que tinha vindo a substituir o conceito como *species*. Cf. Abbagnano, *op. cit.* v. 12.p. 10.

⁹³¹ A representação, o juízo e o sentimento, que são precisamente as três classes fundamentais de tais fenômenos, distinguem-se entre si pela natureza do ato intencional que os constitui. Na representação, o objeto está simplesmente presente; no juízo, é afirmado ou negado; no sentimento, é amado ou odiado. Todos esses atos se referem a um "objeto imanente" e são, portanto, intencionais; mas a sua intencionalidade, isto é, a sua referência ao objeto, é diferente para cada um deles. Cf. Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua; Il Poligrafo, 2006. p. 91.

⁹³² Roberta Lanfredini, *Husserl La teoria dell'intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 98.

⁹³³ *Psicologia*, 1874

intencionalidade pode ser indiferentemente real ou irreal; e a essa fase do seu pensamento se vinculam Husserl e Meinong.⁹³⁴ Tempos depois, afirmou que o objeto da intencionalidade é sempre um objeto real e que a referência a um objeto real é sempre uma referência indireta, isto é, feita por meio de um sujeito que afirme ou negue o próprio objeto.⁹³⁵ A referência ao objeto é apenas a relação primária do espírito, que tem no próprio ato uma relação secundária consigo mesmo, e isso implica que na atividade psíquica haja uma multiplicidade de relações e de objetos.⁹³⁶

As idéias de Meinong se movem paralelamente às de Husserl, especialmente na tentativa de fazer da Filosofia uma Ciência rigorosa, baseando-se sobre o conceito de intencionalidade da consciência e elaborando uma *Teoria dos Objetos* que faz própria a idéia de conhecimento como automanifestação do ser. À diferença de Husserl, que fez “penso” sobre a consciência transcendental, Meinong desenvolveu as próprias teses em sentido realístico (e não psicológico), insistindo sobre a dação do objeto e desenvolvendo o que se pode fruir tal tese das filosofias de cariz empirista.⁹³⁷

Outras questões são as de se dizer quais e quantas são as categorias nas quais é possível distinguir os diversos objetos. Nisso Meinong também se interessou sobre os modos como os quais tais objetos vêm percebidos, e indagou os processos psíquicos relativos a essa colheita (representação, juízo, valoração e desejo). Meinong sustentou que o objeto externo se apresenta na representação, enquanto que no interno em maneira imediata, e considerou os sentimentos e os desejos como apresentações emocionais do objeto. Nesse contexto se percebeu o quanto Meinong bebera de Brentano suas inspirações, e o quanto se distanciava de Husserl.⁹³⁸

⁹³⁴ Guglielmo Forni, *Fenomenologia*. Milão: Marzorati, 1973, p. 16.

⁹³⁵ na *Classificação dos fenômenos psíquicos* (1911) p. 127.

⁹³⁶ Deve ser lembrado que Brentano afirmava ainda resolutamente o princípio de que, enquanto toda a realidade é sempre individual ou singular, todo o conhecimento apreende o real na sua generalidade. Brentano permaneceu no âmbito da investigação psicológica: de fato, as suas outras especulações não evidenciam nenhuma conexão sistemática particular como o princípio da intencionalidade da consciência. Por exemplo: pensa que os conceitos de substância e de causa derivam da experiência, que as partículas ou os eventos materiais são manifestações de uma única substância imóvel; que o espaço e o tempo têm caráter substancial e constituem determinações das coisas como tais. Essas especulações têm valor como provas de que a intencionalidade da consciência era para Brentano um princípio limitado à explicação dos fenômenos psíquicos, tal como se revelam à psicologia empírica, mas que não constituía de modo algum a base de um método filosófico verdadeiro. A originalidade de Husserl consiste precisamente em ter adotado esse ponto de vista. Subtraiu a intencionalidade da consciência à esfera da experiência psíquica e atribuiu-a à esfera da simples validade lógico-objetiva que lhe tinha sido revelada pelo neocriticismo e por Bolzano.⁹³⁶

⁹³⁷ Michele Lenoci, *Autocoscienza Valori Storicità*. Milão: Franco Angeli Editore, 1992. p. 25.

⁹³⁸ Guglielmo Forni, *Fenomenologia*. Milão: Marzorati, 1973. p. 15.

PARTE XIV
 HUSSERL E MEINONG CONSIDERADOS
 EM SUAS DISTINÇÕES A PARTIR DA TEORIA DOS OBJETOS

A intencionalidade da consciência, pela qual os objetos se fazem presentes, nos proporciona uma intuição intelectual eidética (*eidós*) da essência (*Wesensschauung*) objetiva, dotada de ser ideal, ou mais propriamente transcendente. Daí o apelativo de *trancendentalismo lógico*, ou simplesmente *platonismo*, com que alguns designam a Fenomenologia husserliana.⁹³⁹ Husserl insurgiu-se, de forma contundente, contra esse enquadramento ultra-realista e definiu sua atitude perante o conhecimento como sendo apenas de cunho realista.⁹⁴⁰ Seu método tende a deixar definitivamente estabelecido o subjetivismo, para o qual se encaminha toda a Filosofia moderna, desde Descartes.⁹⁴¹ E, nesse contexto, a orientação de Brentano foi seguida, sem contestações, por Husserl e Meinong. O caráter exemplar de Brentano e sua sinceridade de pensamento lhe propiciaram seu valoroso e independente desafio de autoridade civil e religiosa.⁹⁴² Brentano nunca almejou aprovação popular e tampouco se deixou influenciar por idéias simplesmente por estarem mais em voga.⁹⁴³ Essa personalidade profunda e ativa de Brentano foi capaz de concentrar seus esforços na orientação de vida e de conhecimento, que marcou definitivamente, as personalidades de Husserl e Meinong.⁹⁴⁴

Um distintivo característico da personalidade de Meinong é que, contrariamente à Husserl, ele expressava opiniões sobre fatos políticos se estivesse convencido da sua verdade e justiça; ao contrário, como filósofo, era consciente de que errar autenticava sua humanidade.⁹⁴⁵ Esse aspecto da personalidade de Meinong foi determinante para a formação e desenvolvimento da *Teoria dos Objetos*, pois somente em razão de seu desprendimento intelectual é que uma

⁹³⁹ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 34.

⁹⁴⁰ Roberta Lanfredini, *Husserl La teoria dell'intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 52.

⁹⁴¹ *Meditações*, *op. cit.*, p. 3 e 4.

⁹⁴² Cf. Guglielmo Forni, *Fenomenologia, Brentano, Husserl, Scheler, Hartmann, Fink, Landgrebe, Merleau-Ponty, Ricour*. Milão: Marzotti, 1973. p. 17.

⁹⁴³ Liliana Albertazzi, *Introduzione a Brentano*. Roma-Bari: Laterza, 1999. p. 29.

⁹⁴⁴ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua; Il Poligrafo, 2006. p. 34.

⁹⁴⁵ Michele Lenoci, *Autocoscienza Valori Storicità*. Milão; Franco Angelli, 1992. p. 54.

teoria que tomasse em regime *principaliter* o que normalmente é tratado *incidenter tantum* poderia ser elaborada e, mais do que tudo, reconhecida como uma Filosofia.⁹⁴⁶

Brentano, Husserl e Meinong indistintamente destacaram a natureza intencional do conhecimento, sendo que os dois últimos com base na lições do primeiro. Ao contrário das filosofias psicologistas sustentadas por Brentano, Husserl e Meinong entendiam que, na consciência intencional, os objetos não são parte do psiquismo, mas o transcendem, como conteúdos da própria intencionalidade. Dessa forma, abandonam a concepção brentaniana de que os dados psíquicos têm um conteúdo, que seria o objeto da intencionalidade cognoscitiva.⁹⁴⁷

O método fenomenológico de Husserl permite, de fato, uma posição ou ao menos um aspecto realista e disso resultou a acusação de que seria ilógico ou contraditório, por pretender pautar-se por um idealismo transcendental.⁹⁴⁸ O realismo no pensamento de Husserl foi o caminho aberto, de forma agregada e amalgamada com a novel ontologia filosófica, para oferecer ao mundo um substitutivo ou uma alternativa à Epistemologia então reinante.⁹⁴⁹ Realismo sem qualquer paralelo com o pensamento em vigor na época da sua elaboração, tão marcada pelo corte político-filosófico de que é desprovida a Fenomenologia ou, como preferem os críticos, de que é *carente* a Filosofia de Husserl.⁹⁵⁰ Realismo que se explica na atitude do sujeito, de perceber o mundo (real) como um fenômeno que aparece diante da consciência, embora a própria realidade ou a sua aparência sejam um mero dado que se mostra e que será esclarecido pela consciência doadora e originária.⁹⁵¹ O dado como algo sobre o qual se funda o saber não significa ser o objeto uma realidade e muito menos tal realidade seria o meramente sensível e experimental, como insistem os positivistas tradicionais, que não compreendem que cada objeto sensível e individual possui uma essência, que só poderá ser alcançada pela consciência pura.⁹⁵²

⁹⁴⁶ Michele Lenoci, *Autocoscienza Valori Storicità*. Milão; Franco Angeli, 1992. p. 54.

⁹⁴⁷ Cf. Vincenzo Fano, *La filosofia dell'evidenza Saggio sull' epistemologia di Franz Brentano*. Bolonha: Editrice Bologna, 1993. p. 43.

⁹⁴⁸ Renato Cristin, *Invito al pensiero di Husserl*. Milão: Mursia, 2002. p. 127.

⁹⁴⁹ Em Munique um grupo de estudiosos se organizou espontaneamente em torno das *Investigações Lógicas* e o que mais interessou aos seus integrantes foi a separação do Psicologismo por Husserl e a restauração do realismo na Filosofia. Dentre eles figuravam Theodor Lipps, Alexander Pfänder, Johannes Deubert, Adolf Reinach, Theodor Conrad, Heddwig Conrad-Martius, Moritz Geiger, Dietrich von Hildebrand e Max Scheler. Cf. Fernand van Steenberghen, *Ontologia*, trad. de Rafael Martinez Ferri. Madri: Gredos, 1957. p. 33.

⁹⁵⁰ Angela Ales Bello, *Edmund Husserl*. Pádua: Edizione Messaggero, 2005. p. 86.

⁹⁵¹ *Idem*.

⁹⁵² Patocka, *op. cit.* p. 117.

Husserl concebe o realismo revivido em uma metafísica realista e cristalina na formação de corrente mais profunda. Esse novo conceito foi batizado de neo-realismo-metafísico e rompeu, pela primeira vez, com os princípios kantianos que até então dominavam toda a filosofia.⁹⁵³ O ano de 1900 apresenta as bases de uma nova metafísica de cunho realista, cujas causas e raízes são demasiadamente complexas e numerosas, mas que apresentam outras soluções procuradas para problemas que o kantismo já não se propunha a resolver, ou que simplesmente já não bastava.⁹⁵⁴

Manifesta-se em Husserl uma certa tendência para o realismo crítico, que não renuncia de todo à concepção kantiana.⁹⁵⁵ Posteriormente, surge a escola de Würzburg,⁹⁵⁶ a cujo autêntico movimento renovador do realismo foi obra de Brentano, e de seus mais destacados discípulos: Husserl e Meinong.⁹⁵⁷ As divergências existentes entre os fenomenologistas e Husserl o diferenciam como menos realista quanto ao objeto, ainda que esse último sempre seja um objeto da intencionalidade. Foi geralmente aceita a distinção inicial feita por Husserl, na qual o pensamento é um acontecer psíquico individual (*nóesis*, ou faculdade de pensar, inteligência) e pensamento como conteúdo (*nóema*, ou pensamento, intenção). Na operação $2 \times 2 = 4$ há um pensar psíquico, ao mesmo tempo que um conteúdo pensado, que se expressa no intuito de sentido ideal independente do sujeito pensante. Nesse segundo sentido se revela que a estrutura da consciência é intencional, encaminhando ao sujeito na direção de um objeto pensado. A lógica procede a consideração meramente formal destes conteúdos, enquanto a ontologia o sentido mesmo destes conteúdos. Conseqüentemente, a filosofia não se reduz apenas a uma ciência natural, como a psicologia e outras, mas se estenderia a uma esfera peculiar.⁹⁵⁸

A Fenomenologia surge como o oposto de uma descrição empírica, pois se trata, de fato, da elucidação, da intuição das essências. Tal assertiva poderia ensejar o seguinte questionamento: essas essências não poderiam ser as essências eternas, objetivas da filosofia de Platão? E se tal premissa for verdadeira e, portanto, se retorno ao platonismo houvesse,

⁹⁵³ Angela Ales Bello, *Husserl e le scienze*. Roma: La Goliardica, 1986. p. 147.

⁹⁵⁴ Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 45.

⁹⁵⁵ Seu principal representante é Alois Riehl (1844-1924). Angela Ales Bello, *L'universo nella coscienza Introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius*. Pisa: Edizione ETS, 2003. p. 64.

⁹⁵⁶ Fundada por Oswald Külpe (1862-1915). Cf. Angela Ales Bello, *L'universo nella coscienza Introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius*. Pisa: Edizione ETS, 2003. p. 64.

⁹⁵⁷ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 149.

⁹⁵⁸ Enzo Melandri, *Logica e esperienza in Husserl*. Bolonha: Il Mulino, 1960. p. 54.

estariamos diante de um realismo da idéia? A *noése* (objeto pensado) seria sacrificada ao *noema* (objeto pensado) e o sujeito pensante se apagaria diante do objeto?⁹⁵⁹

A filosofia de Husserl é, em verdade, oposta a um realismo absoluto, assim entendido, a atitude que consiste em levar em conta só os objetos e ignorar o sujeito pensante. Para Husserl a atitude de ignorar o sujeito pensante e levar em conta só os objetos nada mais é que uma atitude ingênua e pré-filosófica e de tal maneira rejeita tal racionalidade que reputa ser ela, precisamente, uma ilusão banal e perigosa, um preconceito corrente que é perfeitamente denunciável sob a locução, *commoditatis causa*, de atitude natural. A consciência natural, aquela que não é educada filosoficamente, só conhece objetos. Se vejo um livro ou os papéis à sua volta, do mesmo modo que o sábio no seu trabalho, ele observa os fatos, analisa-os. Na vida quotidiana ou no trabalho científico, temos objetos diante de nós e tendemos a esquecer que os objetos só existem para o sujeito pensante, um sujeito de início dissimulado justamente porque ele próprio não é um objeto, mas aquele diante do qual os objetos existem. O espetáculo dos objetos nos faz esquecer esse espectador invisível – que é cada um de nós, que é a consciência pensante. Desde Descartes, a função primeira de toda filosofia é corrigir esse esquecimento e revelar a si mesma essa consciência constituinte para a qual e pela qual os objetos existem.⁹⁶⁰

É indubitável que se haja de recorrer a um forte movimento realista de origem fenomenológica⁹⁶¹ para se fazer uma crítica a Husserl, crítica que surgiu ao crerem ter descoberto o genuíno objetivismo dos universais no seu primeiro tomo das *Investigações Lógicas*.⁹⁶² É certo que Husserl nunca chegou ao realismo no seu sentido mais próprio, ou seja, de que o objeto existia independente do sujeito, mas o fato de ele haver desviado a atenção dos problemas estéreis da teoria do conhecimento para a análise do dado foi de suma importância para o novo realismo e para a metafísica.⁹⁶³

A influência de Meinong foi igualmente muito apreciável nesse sentido, pois o neo-realismo como tendência independente nasceu justamente em fins do Século XIX, na

⁹⁵⁹ *Idem.*

⁹⁶⁰ Gabriele Giannantoni, *La Razionalità Moderna*. Turim: Loescher, 1996. p. 241.

⁹⁶¹ Lehmann, que comprova três importantes núcleos de ontologia realista que se originam da fenomenologia de Husserl. Cf. J. Tredici *Breve Curso de Historia de la filosofia*, trad. italiano para o castelhano por P. Juan Roig Gironell. Barcelona: Editorial Luis Gili. p. 326.

⁹⁶² Renzo Raggiunti, *Introduzione a Husserl*, 10ª, ed. Roma-Bari: Laterza, 2002. p. 50.

⁹⁶³ Rentano Cristin, *Invinto al pensiero di Husserl*. Milão: Mursia, 2002. p. 67.

Áustria e na Alemanha,⁹⁶⁴ pelas mãos de Meinong, Heffler, Kraus e Stumpf, e, no começo do Século XX, estendeu-se para a Inglaterra,⁹⁶⁵ por meio de G. E. Moore, cujo método muito se aproxima de Meinong e parece ter sido por ele influenciado, além do próprio Husserl. Esse influxo de idéias neo-realistas chegou aos EUA,⁹⁶⁶ que muita influência sofreram, em atitudes e extensão, que supera, a olhos vista, a dos pensadores ingleses, e de forma muito particular para a antiga URSS, em direção ao materialismo dialético.⁹⁶⁷

O neo-realismo existiu pouco tempo como escola filosófica única, de modo que, sob tal designação, muitas tendências foram abrangidas. As múltiplas orientações imprimidas não impediram o seu considerável espraiamento e difusão na Filosofia em geral.⁹⁶⁸ Em certa medida podemos afirmar, por exemplo, que sob ação do ambiente realista surgiu a Fenomenologia de Husserl.⁹⁶⁹

Insta observar que Husserl não se ocupa de atos do espírito; para ele essa seria uma tarefa que incumbe à Psicologia.⁹⁷⁰ Tampouco lhe interessam os *objetos reais*, que são matérias das ciências empíricas.⁹⁷¹ Não obstante os atos psíquicos e os objetos materiais, há o *ser ideal* das coisas e de suas relações e sobre ele versa a *Lógica pura*, que pode ser definida como o estudo do *ser* e das suas formas gerais.⁹⁷² Em coincidência com Platão, Husserl faz sinônimas as palavras *ser* e *idéias* e, dessa forma, define a *Lógica* como uma *ciência eidética de caráter formal*, que procede à descrição de seus objetos valendo-se do método fenomenológico, ou seja, da intuição mental.⁹⁷³

⁹⁶⁴ Na qual se poderia incluir Meinong, Heffler, Kraus e Stumpf) Cf. Angela Ales Bello, *Introduzione alla fenomenologia de Edmund Husserl, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius*. Pisa: Edizioni ETS, 2003. p. 95.

⁹⁶⁵ Entenda-se Moore, Alexander e Nannes. Cf. *Introduzione alla fenomenologia de Edmund Husserl, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius*. Pisa: Edizioni ETS, 2002. p.96.

⁹⁶⁶ Perry, Montague, Spauding dentre outros. Cf. A S Bogomolov, *A filosofia americana no século XX*, tradução do russo para o português por Paulo Bezerra, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 118. Um maior aprofundamento sobre o assunto pode ser encontrado na coletiva *The Philosophy of G. E. Moore*, organizada por Paul Arthur Schilpp, 3ª. ed., Londres: Cambridge University Press, 1968. p. 371 e seguintes (o texto se denomina *Moore's Paradox* e é de lavra de Morris Lazerowitz). É oportuno lembrar que é, remotamente, na teoria dos objetos que se baseou o novo realismo norte-americano e também o filósofo norte-americano Santayana. Cf.

⁹⁶⁷ Citamos como exemplo F. F. Berezkhiv. Cf. *Historia de la filosofía*, v. II, tradução do russo para o castelhano por Jose Lían e Adolfo Sánchez Vazquez. México: Grijalbo, 1966. p. 100. Cf. ainda David Guest, *A textbook of dialectical materialism*. Nova Iorque: International Publishers, 1939. p. 33.

⁹⁶⁸ Roberta Lanfredini, *Husserl La Teoria dell'intenzionalità*. Roma-Bari: Laterza, 1994. p. 180.

⁹⁶⁹ Na Inglaterra e nos EUA o neorealismo contribuiu para a fundação do neopositivismo, particularmente para a Escola da Análise Lingüística. Cf. Frederick Copleston, *Historia de la Filosofia*, 5ª. ed., v. 7, trad. de Victoria Camps. Barcelona: Ariel, 2004. p. 181.

⁹⁷⁰ Artau., *op. Cit.* p. 295.

⁹⁷¹ *Idem*

⁹⁷² Cf. Tredici, *op. cit.* p. 326.

⁹⁷³ Artau, *op. cit.* p. 295.

Em uma perspectiva de cariz comparativista com a *Fenomenologia*, a *Teoria dos Objetos* pode ser considerada como a *expressão realista mais significativa da teoria da intencionalidade da consciência*, pois ela retirou essa teoria do contexto subjetivista com que se apresenta estreitamente integrada à filosofia de Husserl e pôde, assim, mais facilmente, ser utilizada pela filosofia empiricamente orientada.⁹⁷⁴ O realismo de Meinong expressado em sua *Teoria dos Objetos* pode ser considerado, então, a expressão realista mais característica dentre as filosofias que professam a *teoria da intencionalidade da consciência*.⁹⁷⁵

A *Teoria dos Objetos* retirou a teoria da intencionalidade do contexto subjetivista com que se apresenta estreitamente unida na obra de Husserl, e pôde, assim, mais facilmente ser utilizada pela filosofia empiricamente orientada.⁹⁷⁶ O pensamento de Meinong e as controvérsias que o cercavam não escaparam, de forma especial, às críticas e discussões de alguns críticos, aos quais se destaca Bertrand Russel, que adotou, particularmente quanto à *Teoria dos Objetos*, o ponto de partida para a sua *Doutrina da Denotação*⁹⁷⁷ que extraiu especificamente da noção dos objetivos negativos de Meinong.⁹⁷⁸

Os resultados finais da gnosiologia e ontologia de Husserl se encaminham para a imanência geral. A aplicação da redução transcendental, com o fim de examinar a vivência intencional, não achou caminho para prosseguir mais além do objeto e nele se reteve como simples termo intencional. O objeto alcançado pela intencionalidade cognoscente não é real, como se ele fosse independente de nós que o conhecemos. Não é real o objeto alcançado pela intencionalidade cognoscente e nesse subjetivismo lógico transcendental, Husserl seguiu a Kant; e nisso se pode dizer que foi, sobretudo, um neo-kantiano de novo estilo.⁹⁷⁹

Também o *eu* é um *eu* puro, simples termo de referência transcendental. Não seguindo em todo o sentido o *cogito* cartesiano, ao qual se referiu para reformulá-lo, Husserl não

⁹⁷⁴ Cf. o comentário de Sokolowski de que Meinong teria ido além do realismo husserliano, *op. cit.*. No mesmo sentido: Abbagnano. *op. cit.*, p. 26.

⁹⁷⁵ Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 89.

⁹⁷⁶ *Idem.*

⁹⁷⁷ *Ibidem.*

⁹⁷⁸ *Ibidem.*

⁹⁷⁹ Vittorio de Palma, *Il soggetto e l'esperienza La critica de Husserl a Kant e il problema fenomenológico del trascendentale*. Macerata: Quodlibet, 2001. p. 83.

é uma cartesiano, mas um neo-cartesiano. A partir da Fenomenologia, sobretudo de Husserl, se desenvolverão, por obra de reformulação, várias filosofias, sobretudo a do Existencialismo.⁹⁸⁰

Meinong não entende e não considera a maneira cartesiana modificada por Husserl do *eu* no centro do mundo, no qual estaria assentada a consciência transcendental, mas toma como base da sua filosofia uma vigorosa análise do objeto puro, percebido na sua dação originária e independente da sua existência empírica, e que é tomada (e nesse particular de forma errada) como o único campo da validade dos objetos. Ao afastar-se da idéia de consciência transcendental como base da sua teoria, embora não a negasse, Meinong expôs-se à críticas que não foram dirigidas a Husserl.⁹⁸¹ É que a construção de uma Teoria dos Objetos, para todas as classes, concretos ou conceituais, possíveis ou impossíveis, acabara por não se sustentar diante de fundadas refutações. Isso porque alguns objetos, como é o caso dos concretos, possuem propriedades essenciais (como a energia) de que carecem os objetos conceituais, os quais têm propriedades (como forma lógica) que não possuem os objetos não materiais. Por conseguinte, a mais radical das divisões das classes de objetos, que é a que distingue os objetos materiais (ou concretos) e os conceituais (ou formais) torna impossível superar o que seria para muitos um malogro, pois suas propriedades tornam impossíveis uma classificação comum.⁹⁸²

⁹⁸⁰ Ludovic Robberechts, *Husserl*. Paris: Éditions Universitaires, 1964. p. 50.

⁹⁸¹ Marina Manotta, *La fondazione dell'oggettività Studio su Alexius Meinong*. Macerata: Quodlibet, 2005. p. 29.

⁹⁸² Francesca Modenato, *La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong*. Pádua: Il Poligrafo, 2006. p. 54.

CONCLUSÕES

§1º.

Nos albores do Século XIX, diversos movimentos filosóficos entram em cena em um curto espaço de tempo, marcados pelo signo da profunda crise nas posições mais pujantes do pensamento então reinante, nomeadamente o mecanicismo relativista e o subjetivismo. Quando se trata do estudo do pensamento europeu no Século XIX, é relevante assinalar correntes secundárias de destaque, como o idealismo e o evolucionismo positivista. Adentram o Século XX grandes correntes filosóficas, mas duas podem ser destacadas nesse contexto: a Filosofia Analítica e a Fenomenologia.

Essas transformações no desenvolvimento do pensamento europeu encontram, no final do Século XIX e o início do Século XX, uma profunda crise, cujos sintomas são a aparição de movimentos contrários às duas posições mais proeminentes do pensamento moderno. Uma pesquisa aprofundada, de todas as correntes doutrinárias, evidenciará que a mudança ocorrida ultrapassou as fronteiras da Filosofia e atingiu a todos os ramos da cultura moderna.

O estudo sistemático desse contexto é difícil de ser traçado de modo completo devido às suas múltiplas e intrincadas causas, não obstante os fatos sejam claros: a Europa dessa época estava sujeita a uma profunda mudança de pensamento e, ao mesmo tempo, teve que enfrentar graves perturbações econômicas e inovações nos mais diversos domínios do conhecimento.

Diversos tipos de relações são travadas entre campos distintos do conhecimento, em pleno ambiente de crise. Sem prescrutar os pormenores dessa conexão, esta obra propõe-se a expor três grupos: a crise da Matemática e da Física e o desenvolvimento do pensamento analítico, seguido do desmoronamento de certas posições espirituais típicas do Século XIX; o surgimento de uma metafísica realista; e o desenvolvimento de um método matemático lógico. Mais importante é, todavia, outra expressão da crise, que é a de pôr em evidência a atitude reinante de tratar os fatos da consciência como sendo coisas, o que se convencionou chamar de psicologismo.

Em resposta às necessidades de sua época de combater o psicologismo dominante, Husserl fez a Filosofia enveredar por outros caminhos, que, sem sombra de dúvida, são totalmente singulares. Convém observar que Husserl reagiu não só contra o psicologismo, mas, também, contra Kant e contra o empirismo. Husserl queria que o conhecimento, de algum modo, fosse capaz de conhecimento. Conservou Husserl os caminhos percorridos por Descartes, mesmo que buscasse uma contradição, embora o fizesse sem perder de vista o mundo moderno.

Quer se trate da perspectiva da consciência, quer se trate da perspectiva do dado, Husserl denuncia o psicologismo e demonstrou com a sua fenomenologia que os fenômenos da consciência não são coisas, mas significações que não exigem uma simples descrição, e sim uma interpretação.

A harmonização dessas diferentes reflexões filosóficas (a da Psicologia e do que seria a Fenomenologia) constitui a obra de Husserl. Para Husserl, os atos do espírito não podem ser reduzidos, como crê o Psicologismo, a uma descrição empírica dos conteúdos da consciência, mas implica em um procedimento da abstração com o qual o sujeito que reflete faz abstração do conteúdo material dos dados da consciência. Husserl proclamou que esse Psicologismo consiste em tratar a consciência como uma coisa, dotada de interioridade, que seja possível, querendo, alterar; e que se deve aplicar em Psicologia os métodos das Ciências Naturais. Meinong, como Husserl, também entendeu que os objetos não são parte do Psicologismo, mas o transcendem, como conteúdo da própria intencionalidade. Abandonaram, ambos os alunos, a concepção brentaniana de que os dados psicológicos tem um conteúdo, que seria o objeto da intencionalidade cognitiva. Esse pensamento é extraído de uma aparente evolução convergente entre os dois discípulos de Brentano. Ambos chegaram a essa conclusão por caminhos teóricos distintos: a Fenomenologia (Husserl) e a Teoria dos Objetos (Meinong).

§2º.

É difícil descrever, em poucas linhas, as pesquisas empreendidas pelos dois autores, Husserl e Meinong, em torno dessas questões travadas com o mestre Brentano, nas mais variadas perspectivas, consideradas as suas diversas obras e estudos, publicados em diferentes partes do mundo. Na Áustria, numerosas publicações distinguiram, especialmente, Franz Brentano e Alexius Meinong. Nenhuma das publicações austríacas é completa, sendo que a de Brentano parece estar longe de ser totalmente levada ao público, especialmente pelo fato de que os estudos específicos dirigidos ao autor estão distantes de uma sistematização. Para expor isso de um modo válido, seria necessário acompanhar os pesquisadores na elaboração de seu plano de trabalho e mostrar os diversos aspectos de seus resultados, o que é impossível em uma síntese apertada. Podemos citar, a título de exemplo, alguns trabalhos, que foram arrolados no corpo desta tese e que a ela se incorporaram como parte integrante ou mesmo como fragmentos de conclusão. Nós nos reportamos a esses trabalhos específicos, mas esse fato não autoriza, de forma alguma, que os consideremos aprioristicamente válidos ou melhores em um contexto amplo e sistemático de idéias e proposições. Ao contrário, destinam-se, tão-somente, a sublinhar os diversos aspectos da pesquisa, e porque não dizer, realçar também as dificuldades mais correntemente encontradas, por conta do grande volume de obras, e de seu caráter prospectivo.

A obra coletiva austríaca foi a mais importante contribuição de Meinong à Filosofia. Os estudos reconhecidamente mais extensos e aprofundados de sua obra parecem ter sido feitos fora do país onde se expressa a língua materna de Meinong. Pesquisas como as de Lenoci e Velardi Mayol, respectivamente na Itália e na Espanha, e não na Alemanha ou Áustria, sobre os textos de Meinong são, inegavelmente, as mais importantes e merecem em todo texto um registro especial, porque sempre será de máximo interesse retomá-las, pela análise arguta e pormenorizada de seus autores. Os estudos de Roderick Chisholm são pouco numerosos, mas pela sua importância e significado merecem também ser citados, bem como a literatura italiana que se formou em torno dos trabalhos de Meinong e, especialmente, da sua relação com Husserl e Brentano. Os inúmeros artigos de revista filosófica sobre a obra de Meinong constituem um acervo importante e disperso, cuja contribuição ainda está para ser avaliada.

Na América do Sul, os trabalhos ainda são preliminares, mas, um imenso campo de pesquisa já está aberto. As recentes investigações dirigidas pelo Professor Celso Reni Braidá, na Universidade Federal de Santa Catarina, são um bom exemplo. Os estudos do Professor Newton da Costa, na Universidade Estadual de Campinas, especificamente publicados pela Revista Internacional de Filosofia – Manuscrito – do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da mesma Unicamp merecem um destaque diferenciado pela inclusão, de modo particular, dos trabalhos de Meinong, nos campos mais recônditos da Lógica, especialmente pelos estudos pioneiros do Prof. Newton da Costa, com especial consideração para a chamada Lógica Paraconsistente. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, os estudos do Professor Mario Antonio de Lacerda Guerreiro permitem extrair conclusões muito particulares e originais, sem perder de vista o estado da ciência.

Em muito outros trabalhos, especialmente nos de origem argentina, há importantes contribuições que oferecem muitas sugestões de estudos, cujos principais exemplos são os de Thomas Moro Simpson e R. Orangen. O conjunto desses trabalhos supõe que se tenha um plano bastante amplo de pesquisa no ponto de partida e que cada específico estudo ocupe seu lugar nesse conjunto. O inventário de textos e fontes deve ser conduzido a par dos primeiros contatos com a obra de Edmund Husserl, pois, ao que parece, muito antes de Brentano ou Meinong, foi o pai da Fenomenologia que desencadeou o interesse pelos assuntos comuns aos três autores (Brentano, Husserl e Meinong) não só na Argentinha, como em todos os países do Prata e mesmo no Brasil. Esses numerosos textos ainda não desvendados permitirão anotar, progressivamente, as características e o aperfeiçoamento no país da América do Sul que mais se dedicou aos estudos de Filosofia e em especial da Fenomenologia: a Argentina.

§3°.

A Filosofia de Brentano, Husserl e Meinong é vasta e dispersa em obras ainda inéditas, embora se dê a Husserl o mérito de ser o filósofo que mais repetidamente vem tendo sua obra levada ao público.

Não é possível uma descrição das diversas fases de elaboração dos trabalhos de Husserl sem uma classificação de épocas ou de fases. É por isso que classificam Husserl em: primeiro Husserl e segundo Husserl. Igualmente, os problemas que se apresentam para a disposição se agravam mais, porque se toma como objeto de pesquisa um único e exclusivo tema do autor, que é exatamente o caso do objeto. A maneira mais conveniente encontrada foi a da obra de Husserl, objetivamente considerada, sem se perder de vista as duas grandes fases do filósofo: a psicologista e a fenomenológica.

As idéias de Husserl e Meinong, em aparente evolução convergente, mas sem a identidade terminológica, poderiam nos levar à conclusão de que chegaram os filósofos às mesmas opiniões, de forma separada e autônoma. Não há, entretanto, nenhuma convergência evolutiva, porque não há identidade entre as teses de Husserl e Meinong. Há conexões ou interseções que mais poderiam significar uma identidade com as idéias de Brentano ou simplesmente uma crítica comum. Tampouco se poderia falar em uma evolução lingüística comum, porque além dos fatores injuncionais lingüísticos nunca serem os mesmos, nem Husserl e nem Meinong usaram a mesma terminologia, a não ser aquela batizada e consagrada por Brentano e da Filosofia do seu tempo. A convergência evolutiva que se toma de empréstimo da epistemologia biológica explicaria o pensamento de essência a que chegaram, de forma comum, Husserl e Meinong, tomada a filosofia de Brentano como ponto de partida.

Todas as pesquisas sobre a Fenomenologia foram desenvolvidas em países distintos. A partir do domínio da organização dos trabalhos e da evolução das teses, com diretrizes excessivamente rígidas, por meio de um exame simples e cronológico de uma conclusão desprovida de uma classificação do pensamento de Husserl, nos conduzirá, quase

fatalmente, ao malogro e a erros. Os contatos freqüentes de pesquisas em contextos culturais diversos são, pois, a única solução possível para se chegar, progressivamente, a uma maior compreensão da extensa e ainda desconhecida obra de Edmund Husserl.

§4°.

Husserl abandonou o empirismo, que fora a tese de suas primeiras publicações, em direção a uma outra racionalidade que pudesse significar um saber rigoroso. Para a consecução de seus fins, aplicou em seus estudos, de forma semelhante a Descartes, a revelação de um *eu* com o apelo ao que há de mais profundo entre nós e com o qual conseguiremos alguma orientação. Não um *eu* sem mundo de Descartes, mas um *eu* que era o mundo. De maneira que forjou Husserl um novo *cogito*: o que revela o *eu* derradeiro. Esse *cogito* foi verdadeiramente aprofundado e aperfeiçoado e deixa de aguardar a sua integração ao mundo, como se traduz na obra de Descartes, e passa com Husserl a ser o mundo. Essa assertiva significaria que Descartes assegurou que o *eu* existe, e deixou de examinar o primeiro sentido, o da essência do *eu*. Também o *eu* é um *eu* puro, simples termo de referência transcendental. Ao assentarmos essas considerações, percebemos com inofuscante nitidez que Husserl não seguiu, incondicionalmente, o *cogito* cartesiano, mas, ao contrário, a ele se referiu para reformulá-lo, o que torna Husserl não um cartesiano, mas um ilustríssimo integrante da classe dos neo-cartesianos.

Esse neo-cartesianismo é próprio e característico de Husserl. Nem Brentano, nem Meinong tomaram como ponto de partida a cogitação do *eu*. Nesse aspecto, o rumo tomado pela filosofia de Husserl em muito destoa daquelas sustentadas por Brentano e Meinong, que, respectivamente, não deram ao *cogito* a dimensão atribuída por Husserl e consagram os *topos*, respectivamente, do Psicologismo e do objeto como um todo único.

A Fenomenologia é para Husserl a pura descrição das essências, sem nenhuma tentativa de explicação ou gênese dos atos do pensamento pelos quais atingimos objetos lógicos. Vista como método, consiste no tratamento adequado do que é dado imediatamente como conteúdo conhecido, sem se ocupar com o que vem depois e que pertence à continuação do saber. Na Fenomenologia, como método, a acepção de fenômeno é mais ampla do que anteriormente se dizia sobre esse termo, em Kant ou em Hegel. Nas obras desses autores, apenas se dizia dos fenômenos sensíveis (Kant) ou dos momentos ou atitudes do espírito (Hegel).

Ao se dedicar insistentemente à Fenomenologia, Husserl, com as suas rigorosas análises, fez com que não mais se plantasse um problema filosófico, mas sim problemas filosóficos, que poderiam significar a própria supressão da Filosofia. O Kantismo e o Neokantismo e todas as demais formas de subjetivismo contemporâneo a Husserl, assim como todo conhecimento, passaria a ser substituído pela Fenomenologia, que constituiria o conhecimento final.

Os resultados finais da gnoseologia e ontologia de Husserl encaminharam-se para a imanência geral. A aplicação da redução transcendental, com o fim de examinar a vivência intencional, não achou caminho para prosseguir além do objeto e nele se reteve como simples termo intencional. O objeto alcançado pela intencionalidade cognoscente não é real, como se ele fosse independente de nós que o conhecemos. Não é real o objeto alcançado pela intencionalidade cognoscente e nesse subjetivismo lógico transcendental Husserl seguiu Kant; nesse aspecto, pode-se dizer que foi Husserl, com as particularidades do seu novo estilo, um neokantiano.

Na sequência metódica da Fenomenologia importa primeiramente a essência, ficando a existência e tudo o mais como que entre parêntesis. Nesse particular, divergiu de Brentano, que quer a intencionalidade desde o primeiro momento relacionada com o objeto real, sendo a referência a um objeto irreal feita apenas indiretamente, a partir do real. Husserl não assegura, no primeiro momento, a existência da realidade, nem do objeto externo, nem mesmo do *eu*.

O método de Husserl permite, de fato, uma posição ou, ao menos, um aspecto realista e disso resultou a acusação de que seria ilógico ou contraditório, por pretender pautar-se por um idealismo transcendental. O realismo, no pensamento de Husserl, foi o caminho aberto, de forma agregada e amalgamada com a novel ontologia filosófica que concebeu para oferecer ao mundo um substitutivo ou uma alternativa à Epistemologia então reinante. Realismo sem qualquer paralelo com o pensamento em vigor na época da sua elaboração, tão marcada pelo corte político-filosófico de que é desprovida a Fenomenologia ou, como preferem os críticos: de que é *carente* a Filosofia de Husserl. Realismo que se explica na atitude do sujeito de perceber o mundo (real) como um fenômeno que aparece diante da consciência, embora a própria realidade ou a sua aparência sejam um mero dado que se mostra e que será esclarecido pela consciência doadora e originária. O dado como algo sobre o qual se funde o saber não significa ser o objeto

uma realidade. E muito menos tal realidade seria o meramente sensível e experimental, como insistem os positivistas tradicionais, que não compreendem que cada objeto sensível e individual possui uma essência, que só poderá ser alcançada pela consciência.

Inicialmente, manifesta-se uma certa tendência para o realismo crítico, que não renuncia de todo à concepção kantiana. Posteriormente, surge a escola de Würzburg, cujo autêntico movimento renovador do realismo foi obra de Brentano, e de seus mais destacados discípulos: Husserl e Meinong. Husserl concebe o realismo revivido em uma metafísica realista e cristalina, na formação de corrente mais profunda. Esse novo conceito foi batizado de neo-realismo-metafísico e rompeu, pela primeira vez, com os princípios kantianos que até então dominavam toda a Filosofia. Husserl apresenta as bases de uma nova metafísica de cunho realista, cujas causas e raízes são demasiadamente complexas e numerosas, embora não contempladas nesta pesquisa, mas que apresentam outras soluções procuradas para problemas que o kantismo já não se propunha a resolver, ou para as quais era insuficiente.

As divergências que ocorrem entre Husserl e os fenomenologistas em geral o diferenciam como menos realista quanto ao objeto, ainda que para ele o objeto seja sempre relacionado à idéia de intencionalidade. Foi largamente aceita a distinção inicial feita por Husserl, na qual o pensamento é um acontecer psíquico individual (*nóesis*, ou faculdade de pensar, inteligência) e pensamento como conteúdo (*nóema*, ou pensamento, intenção). Na operação $2 \times 2 = 4$ há um pensar psíquico, ao mesmo tempo que um conteúdo pensado, que se expressa no intuído de sentido ideal independente do sujeito pensante. Nesse segundo sentido, se revela que a estrutura da consciência é intencional, encaminhando o sujeito na direção de um objeto pensado. A Lógica precede a consideração meramente formal desses conteúdos, enquanto a Ontologia o sentido mesmo desses conteúdos. Conseqüentemente, a Filosofia não se reduz apenas a uma ciência natural, como a Psicologia e outras, mas se estende a uma esfera peculiar.

§ 5º.

Não é fácil entender o que pretendia Husserl ao estabelecer a essência como conteúdo objetivo do pensamento. E nem todos o acompanharam nos pormenores que julgou haver observado. Asseverou Husserl haver uma intuição da essência (*Wesensschau*). Essa intuição é um ato idealizador que, comparativamente, se não for igual, será análogo ao que Platão, Aristóteles, Spinoza e Leibniz entendiam como intuição intelectual. O conhecimento se processa por via da semelhança, que constitui uma peculiaridade da essência, e não da existência. Esse fato favorece evidentemente a asserção de Husserl, de que pensar é, antes de tudo, pensar a essência. As essências absolutas de que falou conservam algo de cartesiano e platônico. Mas, adverte Husserl que os objetos pensados são abstratos, porquanto se apresentam através de perspectivas (*Abschattungen*).

Assistimos nas premissas anteriores a sistemática da Fenomenologia e concluímos por estabelecer que, nela, a organização do conhecimento devia conceber-se como uma descrição dos conteúdos intencionais da consciência; como ontologias regionais que, segundo os tipos de objetos, organizam as esferas do ser e extraem, de cada esfera, as categorias que fazem de fundamento para tais objetos e para as ciências que os tratam. Essa foi uma das mais frutíferas tarefas da escola fenomenológica, com base nos princípios teóricos estabelecidos por Edmund Husserl.

A Fenomenologia trata de uma Ontologia entendida como teoria ou descrição geral dos objetos. Nós seguiremos, preferentemente, em Husserl, na conclusão de que a Fenomenologia diz respeito ao objeto, mas não se deve ater exclusivamente ao pensamento desse autor, primeiro porque ele não o concluiu, ao menos na sua vocação de elaborar pormenorizadamente o que seria a arquitetura definitiva de sua Filosofia, embora tenha traçado os seus princípios diretivos; segundo, porque a Teoria dos Objetos enriqueceu-se dos aportes inegáveis de muitos outros filósofos, partidários do movimento fenomenológico.

A Teoria dos Objetos de Meinong pode e deve ser concebida como uma manifestação do movimento fenomenológico. Embora não o declare seu criador, a Teoria dos

Objetos de Meinong é, *ex facto*, assim considerada. O que constitui a Teoria dos Objetos em material e conclusões tem sido utilizado, indistintamente, por todos os fenomenólogos. Essa talvez seja a maior demonstração do caráter fenomenológico da Teoria dos Objetos.

§6°.

Para Husserl, há duas espécies de ciências: as ciências de fatos, ou *fáticas*, que se apoiam na experiência sensível; as ciências de essências, ou *eidéticas*, estruturadas com base nas essências. Essa divisão está correlacionada à doutrina intucionista das essências, mediante o exercício da experiência sensível. A Matemática e a Filosofia são ciências eidéticas, no entender de Husserl, porque se ocupam simplesmente da essência, a qual descrevem e examinam em suas conexões essenciais. As ciências *fáticas*, ainda que se ocupem dos elementos sensíveis, baseiam-se nas ciências eidéticas, que a Lógica e Matemática utilizam. Além disso, cada experiência sensível contém uma essência, que é, ao mesmo tempo, percebida pela intuição mental. Todas as ciências *fáticas* estribam-se nas *eidéticas*, porquanto usam a Lógica e a Matemática (que são ciências eidéticas).

A redução é uma prática metodológica da Fenomenologia, a que Husserl deu inegável importância. Destacou as modalidades de redução: a *epoché*, a redução *eidética* e a redução *transcendental*. A *epoché* - a partir do significado grego de estado de dúvida, suspensão do juízo - consiste na suspensão do juízo a respeito de qualquer opinião e tem por propósito ir em busca simplesmente de dados. A redução eidética põe entre parêntesis a existência individual da coisa, para que fique apenas a consideração do mais imediato que ela oferece, a sua essência. A redução transcendental, por outro lado, põe entre parêntesis (mais do que consideração da existência) tudo o que não diz respeito à consciência pura, e desconsidera a realidade do objeto, para retê-lo simplesmente como referência da vivência intencional.

§7º.

Objeto é tudo aquilo que se apresenta à nossa vista. Para ser mais preciso, o objeto é tudo aquilo que diz respeito ao conteúdo do nosso pensamento. Disso se depreende que se distingue, necessariamente, o objeto do sujeito pensante. O objeto pode designar uma sensação ou um sentimento ao qual *eu* penso, ou uma imaginação do meu espírito e não, necessariamente, um objeto que exista realmente no mundo. É nesse sentido que os trabalhos de Brentano e de seus discípulos Husserl e Meinong se encontram. As investigações de Franz Brentano quanto à perspectiva do objeto põem em evidência a figura dos objetos irrealis; tema que tanto interessou a Meinong e constitui a base da Teoria dos Objetos. Na mesma esteira, segue a Fenomenologia de Husserl ao tratar dos objetos intencionais, que deixa à parte todos os problemas da existência real dos objetos. Se um aspecto das investigações dos objetos une Brentano, Husserl e Meinong é, certamente, o pensamento dominante dos objetos irrealis. Cada um dos filósofos toma, de forma particular, o tema da irrealidade dos objetos em um plano, no geral, único de estudos, afastando-se de sua realidade ou existência.

Seja como ponto de partida de uma racionalidade explicada psicologicamente (Brentano), seja na idéia de objeto que tem uma existência idealmente racionalizada (Meinong), ou ainda considerado como um dado sobre o qual segue a ordem do nosso conhecimento (Husserl), nos três filósofos a reflexão do objeto passa *a latere* da existência no mundo ou do saber de sua verdadeira realidade.

Em um estudo do objetivo voltado para a doutrina da intencionalidade da consciência comum a Brentano, Husserl e Meinong, a ordem de nossa consciência toma antes a consciência dos objetos que estão presentes perante nós e depois de nós mesmos. De forma pura, o objeto em si não é condizente com a doutrina da intencionalidade da consciência e poderia cair mesmo em um realismo de forma mais simples, ou em qualquer das doutrinas que tomam como referência a percepção sensível. Por via de consequência, é imprescindível para isso a manutenção, e não a supressão do sujeito que direciona a consciência para o objeto.

Uma indagação da extensão da transcendência do sujeito para o objeto e de que modo fica determinado e que transcende do objeto para o sujeito encontra uma referência comum nos três filósofos. Não obstante partirem de conceituações diversas e pontos de vista psicológicos sustentado por Brentano, todas as percepções ou ações implicam, indiscutivelmente, a solidariedade entre sujeito e objeto, de maneira que não há um objeto se não há um sujeito que o veja ou o pense.

Na reflexão fenomenológica, qualquer coisa que venha a ser objeto por redução eidética o é segundo a ordem de nossa consciência, que capta a essência dos objetos que estão perante nós. Disso não se afasta Meinong que, ao transferir o centro da questão para o objeto, pôde, na aparência, ignorar o sujeito; mas, assim não o fez, pois manteve em total relação com Brentano e em linha de paridade com Husserl a mais pura determinação da consciência na vontade para a investigação dos objetos. Tal assertiva permite concluir que o tipo de determinação pode variar em função da variedade dos sujeitos. O conteúdo do sujeito, assim entendida a intencionalidade, altera a qualidade e quantidade de transferência da propriedade do objeto para o sujeito (transferência objetual). O tipo de determinação varia em função de uma diversidade de sujeitos e não se pode falar de uma subjetividade primária, determinada anteriormente *a priori*, e que possa a vir a explicar essas diferenças entre objetos segundo a alteração do sujeito.

De todo o esforço de elaboração destas linhas conclusivas pode-se extrair que determinação do sujeito pelo objeto não é iniciativa de precisão matemática. Conhecer não é considerado uma ação, e pela ação não se conhece objeto sobre o qual se age.

§8°.

A Teoria dos Objetos limita-se a determinar qual a natureza em estrutura daquilo que é suscetível de ser posto como objeto do conhecimento. O estudo do conhecimento real, a partir dos objetos que o compõem, *a parte objecti*, toma, em sentido lato, o objeto como posto na estrutura do ato cognitivo. As estruturas ou as formas dos objetos em geral passam a ser as condições do próprio conhecimento.

A consciência cognoscente encontra-se perante objetos acabados, definidos por si, e diz respeito à capacidade ou às condições do sujeito, levando em conta a contribuição positiva do sujeito cognoscente e mostrando a necessária correlação entre o ente que conhece e o objeto como algo conhecido. Não se deve confundir o sujeito cognoscente com o sujeito de um juízo. Juízo é o enunciado de algo a respeito de outro, com convicção de verdade na atribuição feita. Esse juízo abrange um sujeito, de quem se afirma algo, um predicado, que significa ou menciona a qualidade atribuída, e um verbo, cuja função é entrelaçar o sujeito ao predicado. Sujeito de um juízo é o objeto a respeito do qual se declara algo. Sujeito cognoscente é o que formula.

As categorias apresentam-se, também, como propriedade dos objetos na moderna Teoria dos Objetos, de maneira que qualquer dado poderia ser tomado por objeto. E a cada tipo de vivência corresponderá um tipo de objeto.

Husserl e Meinong criaram Teorias do Conhecimento: a Fenomenologia e a Teoria dos Objetos. Isso poderia significar que elas próprias estariam negando ou afastando a Teoria do Conhecimento tradicional para substituí-la. Nos parágrafos anteriores, fizemos uma divisão principal das teorias de Husserl e Meinong e de dois gêneros, o do objeto e do fenômeno, os quais foram denominados, *commoditatis causa*, de Fenomenologia e Teoria dos Objetos, e não a Filosofia de Husserl e a Filosofia de Meinong, como rotineira e enraizadamente se apresentam nos estudos de Filosofia. Esclarecemos que a *differentia* entre elas é a de que a Teoria dos Objetos é afirmadamente mais realista, enquanto a Fenomenologia apenas tomava o dado como expressão realista, e que, a partir das características intencionais marcadas pela

epistemologia de Brentano, os significados dos chamados objetos inexistentes são determinados inteiramente por ambas as teorias, sem diferenças substanciais.

§9º.

Husserl parece admitir a existência de objeto sem a necessária correspondência com um sujeito e, nesse aspecto, seu pensamento muito se aproxima da doutrina de Meinong. Husserl admite que existem proposições lógicas e matemáticas que são verdadeiras também sem que nenhuma mente as tenham, em tempo algum, pensado. Dessa forma, poderíamos afirmar que o objeto ideal tinha para Husserl uma existência independente da consciência. Mas tal conclusão não é possível se os objetos só podem ser apreendidos por ela. Como objetos (aquilo que se põe ante) só podem existir se também existir a consciência, sem a consciência poderia existir sob uma *extraordinária forma regiminis*, uma *verdade* ou a *realidade objetiva*, mas não a ciência, ou poderiam existir as coisas, mas não os objetos.

A coisa ignota só é objeto potencial na medida em que exista a consciência diante da qual ainda não se pôs. Então, como seria possível a concepção de um objeto sem consciência? Desse labirinto não há uma solução e essa parece ser a grande contradição da obra de Meinong. Se ela é ou não extensiva à filosofia de Edmund Husserl somente com a consideração da idéia de dado pré-consciência é que seria possível aferir.

Em verdade, Meinong não suprimiu o sujeito do processo de conhecimento travado com o objeto; apenas concentrou-se na relação da consciência com o objeto. Deslocou Meinong a idéia de sujeito-consciente direcionado ao objeto para a simples consciência em si mesma, considerada em direção ao objeto. Meinong tomou como referência não o sujeito (o todo), mas a parte mais relevante dele, a consciência. É, assim, imprópria e imprecisa a assertiva de que Meinong teria deslocado o objeto da relação de conhecimento do sujeito para o objeto.

A existência de uma consciência regida por leis diversas das que regem a consciência humana constitui em Brentano, Husserl e em Meinong a antítese das suas próprias idéias e a sua lógica seria a mesma. Considerando-se a mera alteração de estado da consciência humana, não estaria o sujeito em grau de exprimir juízos duradouros sobre números ou entidades lógicas. A visão das coisas diante dos olhos do sujeito determina a dos objetos reais, em razão da

atitude intencional, e os juízos que se formam a respeito disso são ontologicamente os mesmos que se referem à Lógica.

§10.

A Teoria dos Objetos de Meinong é análoga à Fenomenologia de Husserl. Essa assertiva está baseada na idéia inicial de que, em ambas, a intencionalidade da consciência é tomada como um *a priori* da atividade cognitiva. A intencionalidade a que nos referimos não é aquela de cunho psicológico, concreto e imanente legada por Brentano. É intencionalidade fenomenológica, abstrata e transcendente. O desenvolvimento dessa intencionalidade é obra essencialmente de Edmund Husserl. Pode-se afirmar que se valeu Meinong, bem como seus seguidores, dessa concepção transcendental da consciência, simplesmente porque na leitura da Teoria dos Objetos não se extrai uma teorização da consciência intencional que, no entanto, é utilizada como se fosse um pressuposto de toda racionalidade concernente aos objetos.

Depreende dessa forma de pensar que, sem intencionalidade, não há objeto. O que nos leva a conclusão inicial de que também sem objeto não há intencionalidade. Essa assertiva permite a conclusão de que a consciência intencional, como sustentou Brentano, não pode ser consciência pura. A Teoria dos Objetos está baseada nessa idéia, não obstante reconheça Meinong em bases iniciais os objetos reais para o início de uma atividade cognitiva. Na busca, entretanto, da essência dos objetos a partir de uma consciência intencional, situa-se Meinong como um cripto-fenomenólogo por sustentar que somente pode haver objetos com consciência transcendental e que a atividade da consciência é a essência dos objetos. Na sua doutrina, é bom que não se olvide, sustenta Meinong que não há objeto sem consciência, nem consciência sem objetos. Essa também é uma conclusão da filosofia de Edmund Husserl, mas deve ser lembrado que ela é fruto do pensamento do próprio Husserl e é utilizada por Meinong, e não o contrário.

A Teoria dos Objetos considera a consciência em bases fenomenológicas, embora dela se distinga pelo seu realismo acentuado. A Teoria dos Objetos é uma pré-fenomenologia de vocação intensamente realista. Talvez fosse melhor classificada como um mera atitude fenomenológica. Uma atitude fenomenológica menos intensa, mitigada. Essa afirmativa nos permite concluir que a chamada Teoria dos Objetos nada mais é que uma atitude fenomenológica abrandada. Uma atitude que se volta, entretanto, para o mundo exterior e é vocacionada a identificar e classificar os objetos intencionais. Nesse último aspecto, o de classificar os objetos

intencionais, a Teoria dos Objetos muito se preocupa em associá-los a partir do mero ponto de vista formal e interno, e dessa forma ignora que nas suas essências possa haver distinções que impeçam uma orientação comum. A Teoria dos Objetos dá um sentido intenso ao poder de classificação dos objetos e, embora parta da essência na sua busca, ignora contraditoriamente a essência dos objetos para integrá-los a uma só análise e consideração.

A Teoria dos Objetos é uma atitude fenomenológica abrandada intensamente, para não dizer ingenuamente realista. Sem constituir sequer uma variante, mas uma fenomenologia incompleta, porque ainda se preocupa com a realidade como o centro do conhecimento, em detrimento do sujeito, do mesmo sujeito pensante, titular da consciência, que em nenhum momento Meinong descartou. Não é um realismo transcendental cartesiano, é uma mera atitude e, portanto, não deveria ser chamada propriamente de uma Filosofia.

Husserl é subjetivista, porque se preocupa com o sujeito e Meinong é pretensamente objetivista, porque diz que só se interessa pelo objeto, mas só entende o objeto a partir da consciência. Meinong igualmente toma a consciência como determinante para as suas idéias, mas, em contradição manifesta com a sua teoria, diz estar no objeto a única referência do conhecimento. Essas duas perspectivas foram construídas sob os sólidos alicerces da doutrina de Brentano, verdadeiro precursor das idéias desenvolvidas e decantadas por seus ilustres discípulos.

As obras de Husserl e de Meinong até hoje são encaradas como doutrinas que teriam superado a ingênua e anacrônica filosofia de Brentano e representado uma ruptura ao trabalho do mestre comum. Essa concepção é propagada na Filosofia contemporânea como marco histórico de renovação das idéias que predominaram no Século XIX, em marcha inovadora para o novo século. Uma avaliação atenta e cuidadosa da obra dos dois discípulos identificará, entretanto, que ambos, na verdade, deram continuidade e aperfeiçoaram a doutrina de Brentano. Não houve superação da obra de Brentano por parte dos seus discípulos; eles, na verdade, construíram suas teorias sobre os alicerces sólidos da filosofia de Brentano. Conclui-se, pois, que foi Brentano quem forjou toda a estrutura teórica, base robusta das obras de seus seguidores, Husserl e Meinong, que lapidaram os conceitos de seu mestre e deles conceberam a Fenomenologia e a Teoria dos Objetos.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. v. 12. 4^a. ed. Trad. de Conceição Jardim, Eduardo Lúcio e Nuno Valadas. Lisboa: Presença, 2001.
- ADORNO, F. GREGORY, T. VERRA, V. **Storia della filosofia**. V. 1. Roma-Bari: Laterza, 1981.
- AJDUKIEWICZ, Kazimierz. **Problemas e Teorias da Filosofia**. Trad. da edição inglesa por Pablo Rubén Mariconda e Regina Correa Rocha. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- ALBERTAZZI, Liliana. **Introduzione a Brentano**. Roma-Bari: Laterza, 1999.
- ALBERTAZZI, Liliana. POLI, Roberto. **Brentano in Italia Una filosofia rigorosa contra positivismo e actualismo**. Milão: Angelo Guerini e Associati s.r.l., 1993.
- ALEJANDRO, S.J. José M. **Gnoseologia de la certeza**. Madri: Gredos, 1965.
- ANGIONI, Lucas. **Introdução à teoria da predição em Aristóteles**. Campinas: Unicamp, 2006.
- ANTONELLI, Mauro. **Alle radici del movimento fenomenológico. Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano**. Bolonha: Pitagora, 1996.
- APORTONE, A. ARONADIO, F. SPINICCI, P. **Il problema dell'intuizione. Tre studi su Platone, Kant e Husserl**. Nápoles: Bibliopolis, 2002.
- ARÓSTEGUI, Antonio. **Historia de la filosofía**. Madri: Marsiega, 1975.
- ARTAU, J. C. **Introducción a la filosofía**. 9^a ed. Barcelona: Ediciones Alma Mater, 1950.

AUBENQUE, Pierre. **Concepts et catégories dans la pensée antique**. Paris: J. Vrin, 1980.

BABINI, José. **Origen y naturaleza de la ciencia**. Buenos Aires: Epasa, 1947.

BACHELARD, Suzanne. **La logique de Husserl**. Paris: Presses Universitaires de France, 1957.

BANDRILLARD, Jean. **El sistema de los objetos**. Trad. castelhana do francês de Francisco González Aramburu. México: Siglo XXI Editores, 1969.

BARBARAS, Renaud. **Introduction à la philosophie de Husserl**. Paris: Les Éditions de La Transparence, 2004.

BAUSOLA, Adriano. **Conoscenza e moralità in Franz Brentano**. Milão: Vita e Pensiero, 1968.

BELLO, Angela Ales. **Husserl e le scienze**. Roma: La Goliardica, 1986.

_____. **L'universo nella coscienza Introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius**. Pisa: ETS, 2003.

_____. **Edmund Husserl**. Pádua: Edizione Messaggero, 2005.

BENMAKHLOUF, Ali. **Le vocabulaire de Frege**. Paris: Ellips, 2001.

BENOIST, Jean. **L'à priori conceptuel: Bolzano, Husserl, Schlick**. Paris: Vrin, 1999.

BEREZHKIV, F. **Historia de la filosofía**. v. 2. Trad. de José Lian e Adolfo Sánchez Vazquez. México: Grijalbo, 1966.

BERGSON, Henri. **Saggio sui dati immediati sella coscienza**. Trad. de Giuseppe Cavallaro. Roma: Angelo Signorelli, 1957.

- BERKELEY, George. **Tratado do conhecimento humano**. Trad. de Vieira de Almeida. Coimbra: Atlântida, 1958.
- BOGOMOLOV, A. S. **A filosofia americana no século XX**. Trad. do russo para o português por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- BOLZANO, Bernhard Placidus Joahannnn Nepomuk. **Les paradoxes de l'infini**. Trad. de Horya Sinaceur. Paris: Seuil, 1999.
- BORDES SOLANAS, Montserrat. **Tiempo Y Objetos: una réplica a las tesis de incompatibilidad de Trenton Merricks**. Manuscrito. Campinas, abril 2000. v. XXIII, nº 1, p. 7-29.
- BORNHEIM, Gerd A. **Introdução ao Filosofar O pensamento filosófico em bases existenciais**. 11ª. ed. São Paulo: Globo, 2003.
- BOSIO, F. **Fondazione della logica in Husserl**. Milão: Lampugnani Nigri, 1966.
- BRANQUINHO, João. MURCHO, Desidério. GOMES, Nelson Gonçalves. **Enciclopédia de termos lógicos-filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BRATUSCHECK, Ernst. **Adolf Trendlenburg**. Berlim: F.Heinshel, 1873.
- BRENTANO, Franz. **L'Origine de la connaissance moral**. Trad. do alemão para o francês por Marc de Launay e Jean-Claude Gens. Paris: Gallimard, 2003.
- _____. **La psicologia dal punto di vista empírico**. Trad. do alemão para o italiano por Giovanni Gurisatti. Bari: Laterza, 1997.
- _____. **La psicologia di Aristóteles, com particolare riguardo alla sua dottrina del noûs poietikós**. trad. S. Besoli. Bolonha: Pitagora, 1989.
- _____. **Sui molteplici significati dell'essere secondo Aristotele**. Trad. do alemão para o italiano de Stefano Tognoli. Milão: Vita e pensiero, 1995.

BRISCUT, Robert. **Husserl et Frege**. Paris: Vrin, 2002.

BRUGER, Walter. **Dicionário de filosofia**. Trad. de Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Herder, 1962.

BUCCI, Paolo. **Husserl e Bolzano. Alle ogirine delle fenomenologia**. Milão: Unicopoli, 2000.

BUNGE, Mario. **Tratado de Filosofia Básica**. v. 1. Trad. de Leônidas Hegenberg e Octanny S. da Mota. São Paulo: E. P. U. – Editora Pedagógica e Universitária Ltda. e EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

_____. **La relación entre la sociología y la filosofía**. Madri: Edaf, 2000.

_____. **Emergencia y convergencia Novedad cualitativa y unidad del conocimiento**. Barcelona: Gedisa, 2003.

_____. **Epistemología**. México: Siglo XXI, 2004.

_____. **A caza de la realidad La controversia sobre o realismo**. Barcelona: Gedisa, 2007.

BURKER, Peter. **O que é história cultural?** Trad. de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAIRNS, Dorian. **Conversations avec Husserl et Fink**. Paris: Jérôme Million, 1998.

CARNAP, Rudolf. **Sintasse logica del linguaggio**. Trad. de A. Pasquinelli. Milão: 1961.

CARPIO, Adolfo P. **Principios de filosofia Uma introducción a sua problemática**. 2ª ed. Buenos Aires: Glauco, 2004.

CASAS, Manuel Gonzalo. **Introducción a la filosofía**. 3ª ed. Madri: Gredos, 1967.

- CASAUBOM, Juan A. **Historia de la filosofia**. Buenos Aires: Abeledo-Perrot, 1994.
- CATURELLI, Alberto. **La filosofia**. Madri: Gredos, 1966.
- CENTI, B. Gigliotti, G. **Fenomenologia della ragion pratica. L'etica di Edmund Husserl**. Nápoles: Bibliopolis, 1996.
- CHAMBLER, David G. **Le campagne di Napoleone**. Trad. de Maurizio Pagliano. Milão: Rizzoli, 1968.
- CHÂTELET, François. **Uma história da razão Entrevistas com Émile Noël**. Trad. de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- CHISHOLM, Roderick M. **La Teoria del Objeto de Meinong**. Revista de Filosofia de la Universidad de Costa Rica, São José da Costa Rica, julho-dezembro de 1958, v. 1 nº 4 p. 337-342.
- CHOLET, Philippe; FOLSCHEID, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Méthodologie Philosophique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- COPELSTON, Frederick. **Historia de la filosofia**. 5ª ed. v. 7. Trad. de Victoria Camps. Barcelona: Ariel, 2004.
- COSTA, Filippo. **Che cos'è fenomenologia. Husserl e la corrente filosofica piú attuale e rigorosa**. Milão: Silva Editore, 1962.;
- COSTA, Newton C. A. da. BÉZIAN, Jean-Yvés. **Definition, Theorie des Objets et Paraconsistance**. Theoria, San Sebastian, v. 13/2, 1998, p. 367-379.
- COSTA, Vincenzo. FRANZINI, Elio e SPINICI, Paolo. **La fenomenologia**. Turim: Einaudi, 2002.
- COTTINGHAM, John. **A filosofia de Descartes**. Trad. de Maria do Rosario Sousa Guedes. Lisboa: Edições 70, 1989.

- CRETELLA JR., José. **Primeiras Lições de Direito**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
- CRISTIN, Renato. **Invinto al pensiero di Husserl**. Milão: Mursia, 2002.
- CZERNA, Renato Cirelli. **O pensamento filosófico e jurídico de Miguel Reale**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- DADOUN, Roger. **Freud**. Trad. de José Afonso Pedrosa de Oliveira. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.
- D'AGOSTINI, Franca. **Analitici e continentali – Guida alla filosofia degli ultimi trent'anni**. Milão: Cortina, 1997.
- DANEK, J. **Les projets de Leibniz et Bolzano: deux sources de la logique contemporaine**. Québec: Presses del'Université Laval, 1975.
- DANN OBREGON, Ernesto. **Lógica**. 6a. ed. Buenos Aires: Editorial Mundi, 1971.
- DEMANGE, Dominique. *Les formes de l'extériorité dans la philosophie de Husserl*. Paris: L'Hartmattan, 2000.
- DEPRAZ, Natalie. **Husserl**. Paris: Armand Colin, 1999.
- DESANTI, Jean Toussaint. **Introduction à la phénoménologie**. Paris: Gallimard, 1994.
- DERRIDA, Jacques. **La voce e il fenomeno Introduzione al problema del segno nella fenomenologia di Husserl**. Trad. do francês para o italiano de Gianfranco Dalmaso. Milão: Jaca Book, 2001.
- DESANTI, Jean Toussaint. **Inrtroduction a la fenomenologie**, Paris: 1994.
- DIAZ, Carlos. **Husserl Intencionalidad y fenomenologia**. Bilbao: Zero, 1971.
- _____. **Introducción a la fenomenologia**. Bilbao: Zero, 1973.

DONATI, Benvenuto, **Obbietto di una introduzione allá scienza del diritto**, in *Rivista Internazionale di Filosofia del Diritto*, 1927. p. 139.

DYNNIK, M. A . **Historia de la filosofía**, v. VII. Trad. do russo para o castelhano por Jose Lain e Adolfo Sanchez Vazquez, México: Grijalbo, 1966.

FANO, Vincenzo. **La filosofia dell'evidenza Saggio sull'epistemologia di Franz Brentano**. Bolonha: Editrice Bologna, 1993.

FERRATER MORA, José. **Diccionario de filosofia**. 4^a ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1958.

FINDLAY, John N. **Meinong, The Phenomenalist**. *Revue Internationale de Philosophie* n° 104-105, 1973, p.161-177.

FINK, Eugen. **Le statut du phénoménologique**. Paris: Jérôme Million, 1993.

_____. **Proximité et distance. Essai et conférences phénoménologiques**. Paris: Jérôme Million, 1994.

_____. **Sexième méditation cartésienne. L'idée d'une théorie transcendentale de la méthode**. Paris: Jérôme Million, 1994.

FISSETTE, Denis. **Lecture frégéenne de la phénoménologie**. Paris: Eclat, 1994.

FORNI, Guglielmo Rosa. **Fenomenologia, Brentano, Husserl, Scheler, Hartmann, Fink, Landgrebe, Merleau-Ponty, Ricour**. Milão: Marzorati, 1973.

FRAGATA, S.J., Júlio. **A fenomenologia de Husserl como fundamento da filosofia**. Braga: Livraria Cruz, 1959.

_____. **Problemas de fenomenologia de Husserl**. Braga: Livraria Cruz, 1962.

FRANINI, Elio. **Fenomenologia Introduzione tematica al pensiero di Husserl**. Milão: Franco Angeli, 1991.

FUGALI, Edoardo. **Anima e movimento Teoria della conoscenza e psicologica in Trendlenburg**. Milão: Vita e Pensiero, 2002.

GAY, Peter. **Freud**. Trad. de Denise Bottmann, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GIANNANTONI, Gabriele. **La ricerca filosófica La razionalità moderna**. Turim: Loescher, 1996.

GIANNETTI, R. **La presenza do Franz Brentano in Italia agli inizi del novecento**. Rivista Filosofica Neoscolastica, n° 69, 1977.

GIANNINI, Humberto. **Breve história de la filosofia**. 21ª ed., Santiago de Chile: Catalonia, 2005.

GILARDONI, Andréa. **Potenzamenti immaginifici Sperimentazioni filosofiche intorno a Eugen Fink**. Milão: Unicoli, 2201.

GILES, Thomas Ranson. **Crítica fenomenológica da psicologia experimental em M. Merleau Ponty**. Petrópolis: Vozes, 1979.

GILSON, Lucie. **La psychologie descriptive selon Franz Brentano**. Paris: Vrin, 2000.

_____. **Méthode et métaphysique selon Franz Brentano**. Paris: Vrin, 2000.

GIORELLO, Giulio. **Introduzione alla filosofia della scienza**. Milão: Strumenti Bompiani, 2006.

GIULIETTI, G. **La filosofia del profondo in Husserl e in Zamboni. Uno studio comparativo**. Treviso: Canova, 1965.

GUERREIRO, Mario Antonio de Lacerda. **O problema da ficção na filosofia analítica.** Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1999.

GUIMARÃES, Aquiles Côrtes. **Cinco Lições de Filosofia do Direito.** Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 1997.

_____. **O pensamento fenomenológico no Brasil** “Separata da Revista de História e Teoria das Idéias, vol. XII-2000-2001.

_____. **Fenomenologia e Direito,** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2005.

GUEST, David. **A textbook of dialectical materialism.** Nova Iorque: International Publishers, 1939.

HALLER, Rudolf. **Über Meinong.** Revue Internationale de Philosophie nº 104-105, 1973, p.148-160.

HAMLYN, D.W. **Uma história da filosofia ocidental.** Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

HEIDEGGER, Martin. **Que é uma coisa?** Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. **Ser e Tempo.** v. 1, 8ª. ed. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 57.

_____. **Les problèmes fondamentaux de la phénoménologie.** Trad. do alemão para o francês por Jean-François Courtine. Paris: Gallimard, 1985.

HEMPEL, Carl G. **La formazione dei concetti e delle teorie nella scienza empírica.** 3ª ed. Trad. de Alberto Pasquinelli. Milão: Feltrinelli Editore, 1976.

HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento.** 7ª ed. Trad. de António Correia. Coimbra: Armênio Amado – Editor, Sucessor, 1978.

_____. **Teoria dos valores.** 3^a ed. Trad. de L. Cabral de Moncada. Coimbra: Armênio Amado, Editor, Sucesor, 1967.

HINTIKKA, Jaakko. **Existential presuppositions and their Elimination in Models for Modalities Selected Essays.** Dordrecht-Boston: Reidel Publishing Company, 1975.

HOLENSTEIN, Elmar. **O estruturalismo fenomenológico.** Trad. de António Gonçalves. Coimbra: Veja, s/d.

HUNEMAN, Philippe, KULICH, Estelle. **Introduction à la phenomenology.** Paris: Armand Colin, 1997.

HUSSERL, Edmund. **Cartesianische Meditationen.** Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 1995.

_____. **L'Idée de la phénoménologie.** Trad. do alemão para o francês por Alexandre Lowit. Paris: Presses Universitaires de France, 1970.

_____. **Die Crisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie.** Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 1996.

_____. **Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo.** Trad. de Pedro M.S. Alves. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.

_____. **La philosophie comme science rigoureuse.** 2^a ed. Trad. do alemão para o francês de Marc B. de Launay. Paris: Puf, 1989.

_____. **Crisi e rinascita della cultura europea.** Trad. do alemão para o italiano por Renato Cristin. Veneza: Marsilio Editori, 1999.

_____. **Fenomenologia e teoria della coscienza.** Trad. do alemão para o italiano por Paolo Volonté. Milão: Bompiani, 2000.

_____. **La fenomenologia trascendentale.** Trad. do alemão para o italiano por Alfredo Marini. Florença: La nuova Italia, 1998.

_____. **Filosofia dell'Aritmetica.** trad. do alemão para o italiano por Giovanni Leghissa. Milão: Bompiani, 2001.

_____. **Esperienza e giudizio.** trad. do alemão para o italiano por Filippo Costa e Leonardo Samonà. Milão: Bompiani, 1995.

_____. **Idee per una fenomenologia pura e per una filosofia fenomenologica.** v. 1, v. 2. Trad. do alemão para o italiano por Vincenzo Costa. Turim: Einaudi, 2002.

_____. **Problèmes fondamentaux de la phénoménologie.** trad. do francês para o alemão por Jacques English. Paris: Puf, 1991.

HUTSCHERA, Franz von. **Gottlob Frege: Eine Einführung in sein Werk.** Berlim: Walter de Gruyter, 1989.

INGARDEN, Roman. **Husserl la controversa idealismo-realismo.** Paris: Vrin, 2002.

JACOB, Pierre. **L'intentionnalité.** Paris: Odile Jacob, 2004.

JACQUES, Francis. **Référence et description chez Meinong.** Revue Internationale de Philosophie. N° 104-105, 1973, p. 266-287.

JACQUETTE, Dale. **The Cambridge Companion to Brentano.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KASTIL, A. **Die Philosophie Franz Brentano,** Berna: Universidade, 1951.

KEEN, Ernest. **Introdução à psicologia fenomenológica.** Trad. de Heliana de Barros Conde Rodrigues. Rio de Janeiro: Interamericana, 1975.

KENNY, Anthony. **Frege**. Trad. de Marco Mazzone. Turim, 2003.

KERCKHOVEN, Guy van. **Mondanizzazione e individuazione La posta in gioco nella sesta meditazione carteziana di Husserl e Fink**. Trad. de Massimo Mezzanzanca. Gênova: Il Melangolo, 1998.

KLEEMEIER, Ulrike. **Gottlob Frege**. Freiburg: Alber, 1997.

KÖHLER, Wolfgang. **Psicologia da Gestalt**. 2^a ed. Trad. de David Jardim. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

KUSCH, Martin. **Linguagem como cálculo versus linguagem como meio universal**. Trad. de Dankwart Bernsmüller. São Leopoldo: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2001.

LANDGREBE, Ludwig. **Itinerari della fenomenologia**. Trad. do alemão para o italiano de Giovanni Piacenti. Turim: Casa Editrice Marietti, 1974.

LANFREDINI, Roberta. **Husserl La teoria dell'Intenzionalità**. Roma-Bari: Laterza, 1994.

LAUER, O. **Phénoménologie de Husserl. Essai sur la gènes de l'intentionnalité**. Paris: Puf, 1955.

LEDA, Antonio. **La fenomenologia tra essenza ed esistenza**. Roma: Carocci, 2002.

LEGHISSA, Giovanni. **L'evidenza impossibile. Saggio sulla fondazione trascendentale di Husserl**. Trieste: Lint Ed., 1999.

LENOCI, Michele. **La Teoria della conoscenza in Alexius Meinong**. Milão: Vita e Pensiero, 1972.

_____ **Autocoscienza Valori Storicità Studi su Meinong, Scheler, Heidegger**. Milão: Franco Angeli, 1992.

LINSKY, L. **Le problème de la référence**. Paris: Le Seuil, 1974.

_____. **Substituibilidad y descripciones**, *in Semantica Filosofica: problemas y discusiones*, org. Por Thomas M. Simpson. Buenos Aires: Siglo XXI, 1973.

LLAMBIAS DE AZEVEDO, Juan. **Eidética y aporetica del derecho y otros estudios de filosofia del derecho**. 2ª. ed. Buenos Aires: Abeledo-Perrot, 1958.

LUIJPEN, W. **Introdução à fenomenologia existencial**. Trad. de Carlos Lopes de Mattps. São Paulo: E.P.U., 1969.

LUKÁCS, Georg. **Existencialismo ou marxismo**. Trad. De José Carlos Bruni. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda., 1979.

LYOTARD, J. F. **A fenomenologia de husserl como utopia de la razón**. Barcelona: Editorial Anthopos. 1987.

MANGIONE, C. BOZZI, S. **Storia della logica da Boole al giorni nostri**. Milão: Garzanti, 1993.

MANDRIONI, Héctor D. **Introducción a la filosofia**. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1964.

MANGIAGALLI, M. **Logica e metafísica nel pensiero di Friedrich Adolf Trendlenburg**. Milão: Vita e Pensiero.

MANOTTA, Marina. **La fondazione dell'oggettività Studio su Alexius Meinong**. Macerata: Quodlibet, 2005.

MARBACH, Eduard. **Edmund Husserl**. Hamburg: Meiner Felix Verlag GmbH, 1996.

MARIANI, Mauro. **Introduzione a Frege**. 3ª. ed. Roma-Bari: Laterza, 2004.

MARC S.J., André. **El ser y el espiritu**. Trad. de Antonio Puigcerver. Madri: Gredos, 1962.

MAROCCO, Angela. **Brentano Le prove dell'esistenza di Dio**. Roma: Edizione Studium, 1998.

MARTÍN VELASCO, Juan. **Introducción a la fenomenología de la religión**. 7ª ed. Madrid: Editorial Trotta, 2006.

MAYER, Verena. **Gottlob von Frege**. Munique: Beck, 1996.

MAYER-HILLEBRAND, Franziska. **F.B.s Einfluss auf die Philosophie seiner Zeit und der Gegenwart**, in *Revue Internationale de Philosophie*, 1966.

MAYS VALLENILLA, Ernesto, **Fenomenología del conocimiento**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1956.

MC TAGGART, John Ellis. **L'irrealità del tempo**. Trad. de Luigi Cimmino. Milão: RCS, 2006.

MEDAWAR, P.B. **Induzione e intuizione nel pensiero scientifico**. Trad. Triete Valdi. Roma: Editore Armando, 1970.

MEINONG, Alexius. **Hume-Studien**. Viena: Gerold, 1882.

_____ **Über philosophische Wissenschaft und ihre Propädeutik**. Viena: 1885.

_____ **Psychologisch-ethische Untersuchungen zum Werth-Theorie**. Graz: Graz, Leuchener & Lubensky, 1894.

_____ **Über Annahmen**. Lúpsia: Barth, 1902.

_____ **Über Gegenstandstheorie**. Lúpsia: Barth, 1904.

_____ **Über die Stellung der Gegenstandstheorie im System der Wissenschaften**. Lúpsia: Voigtländer, 1907.

- _____ **Über Möglichkeit und Wahrscheinlichkeit.** Lúpsia: Barth, 1915.
- _____ **Über emotionale Präsentation.** Viena: Alfred Holder, 1917.
- _____ **Zum Erweise des allgemeinen Kausalgesetzes.** Viena: Hölder, 1918.
- _____ **Über Gegenstandstheorie Selbstdarstellung.** Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 1988.
- _____ **Théorie de l'objet et presentation personell.** Trad. De Jean-François Courtine e Marc de Launy. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1999.
- _____ **Über die Erfahrungsrundlagen unseres Wissens.** Frankfurt: VDM Verlag, 2006.
- MEISTER, Johannes. **Wörterbuch der Philosophischen Begriffe.** Darmstadt, Borgis Cornelia Gesamtherstellung, 1955.
- MELANDRI, Enzo. **Logica e esperienza in Husserl.** Bolonha: Il Mulino, 1960.
- _____. **I paradossi dell'infinito nell'orizzonte fenomenológico Omaggio a Husserl.** Milão: Il Saggiatore, 1960.
- MENEZES, Djacir. **Hegel e a filosofia soviética.** Rio de Janeiro: Zahar, 1959.
- MESSER, August. **História da Filosofia.** 2ª. ed., trad. de Adolfo Casais Monteiro. Lisboa: Editorial Inquérito, 1946.
- MOCCHI, Mauro. **Le prime interpretazioni della filosofia di Husserl in Italia.** Il dibattito sulla fenomenologia: 1923-1940. Florença: La Nuova Italia, 1990.

MODENATO, Francesca. **Franz Brentano e il problema do metodo in filosofia Sagg e ricerche su Alessandro di Afrodisia, Avicena, Miceli, Brentano, Jaspers, Ingrade, Carr, Storiografia filosofica italiana, Ebraismo.** Pádua: Editrice Antenore, 1970.

_____. **La conoscenza e l'oggetto in Alexius Meinong.** Pádua: Il Polígrafo, 2006.

MOLES, Abraham. A. **Teoria dos Objetos.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

_____. **Teoria da Informação e Percepção Estética.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

_____. **Semiologia dos Objetos.** Petrópolis, Vozes, 1972.

MONTEIRO, João Paulo. **Realidade e cognição.** São Paulo: Unesp, 2006.

MONTERO, Fernando. **Retorno a la fenomenología.** Barcelona: Editorial Anthropos, 1987.

MONTICELLI, Roberta de. **El futuro de la fenomenologia. Meditaciones sobre el conocimiento personal.** Trad. de Alicia Martorell, Madri: Cátedra, 2002.

MORSCHER, Edgar. **Meinongs Bedeutungslehre.** Revue Internationale de Philosophie, nº 104-105, 1973, p. 178-206.

MORUJÃO, Antonio Fradique. **Doutrina da intencionalidade na fenomenologia de Husserl – Das Investigações lógicas às Meditações cartesianas.** Coimbra: Biblos, 1955.

_____. **Husserl e a filosofia como ciência rigorosa.** Revista Portuguesa da Filosofia, nº 11, 1955. fascículo 1, p. 113-134.

_____. **O “fenómeno puro” ponto de partida da fenomenologia de Husserl,** Filosofia, Lisboa, fascículo 4, p. 1-17.

- _____. **Mundo e intencionalidade.** Coimbra: Universidade de Coimbra, 1981.
- _____. **O problema da história na fenomenologia de Husserl,** *in* Perspectivas da filosofia de Husserl. Coimbra: C.E.F., 1965.
- _____. **Subjetividade e História.** Coimbra: Universidade de Coimbra, 1969.
- _____. **O problema da intersubjetividade na fenomenologia de Husserl,** *Revista Portuguesa de Filosofia*, nº 41, 1985, fascículo 4, p. 345-368.
- MÜLLER, Aloys. **Introducción a la Filosofía.** 2^a. ed. Trad. de José Gaos, Buenos Aires-México: Espasa, 1940.
- MUÑOZ, Jacobo. VELARDE, Julián. **Compendio de epistemología.** Madri: Editorial Trotta, 2000.
- NERI, GUIDO DAVIDE. **Prassi e Conoscenza.** Milão: Feltrinelli Editore, 1966.
- NOURELATOS, Alexander P. D. **Dicionário Akal de filosofia.** Trad. Huberto Marraud e Enrique Alonso. Madri: Ediciones Akal, 2004.
- OLIVEIRA, Maria de Lourdes Granzarolli de. **Edith Stein e o sentido da vida.** Rio de Janeiro: Presença, 1989.
- ORANGEN, R. **Sobre a inconsistência de la ontologia de Meinong.** Cuadernos de filosofía, Facultad de Filosofía e Letras, Universidad de Buenos Aires, Año X, nº 14, julho-dezembro 1970.
- PACI, Enzo. **Diário fenomenológico.** Milão: Bompiani, 1961.
- PAISANA, João. **Fenomenologia e hermenêutica. A relação entre as filosofias de Husserl e Heidegger.** Lisboa: Presença, 1992.

- PALMA, Vittorio de. **Il soggetto e l'esperienza La critica de Husserl a Kant e il problema fenomenológico del trascendentale**. Macerata: Quodlibet, 2001.
- PATOCKA, Jan. **Introduction à la phénoménologie de Husserl**. Trad. do checo para o francês por Érika Abrams. Bruxelas: Jérôme Millon, 1992.
- PEDEFERRI, Andréa. **Frege e il neologismo**. Milão: Franco Anteli, 2005.
- PEDICINE, Tommaso. **Il labirinto del mondo. La filosofia del gioco di Eugen Fink**. Milão: Edizione Angelo Guerini e associati, 1997.
- PERESTRELLO, Marialzira. **A formação cultural de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- PERUZZI, A. **Noema, mente e logica attaverso Husserl**. Milão: Angeli, 1994.
- PIANA, G. **I problemi della fenomenologia**. Milão: Mondadori, 1966.
- PRADO JR., Caio. **O estruturalismo de Levi-Strauss O marxismo de Louis Althusser**. São Paulo: Brasiliense, 1971.
- PRECHTEL, Peter. **Edmund Husserl zur Einführung**. Dresden: Junius Verlag, GmbH, 2002.
- PONTES DE MIRANDA, Francisco Cavalcanti. **O Problema Fundamental do Conhecimento**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1937.
- POPPER, Karl R. ECCLES, John C. **O cérebro e o pensamento**. Trad. de Silvio Meneses Garcia, Helena Cristina fontenelle Arantes e Aurélio Osmar Cardoso de Oliveira. São Paulo: Papirus, s/d.
- PUGLIESE, Alice. **La dimensione dell'intersoggettività. Fenomenologia dell'estraneo nella filosofia di Edmund Husserl**. Milão: Assoc. Culturale Mimesis, 2004.
- RABADE ROMEO, Sergio. **Hume y el fenomenismo moderno**. Madri: Gredos, 1975.

RAGGIUNTI, Renzo. **Introduzione a Husserl**. 10^a ed. Roma-Bari: Laterza, 2002.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **Il pensiero occidentale dalle origini ad oggi**. V. 1. 21^a ed. Brescia: Editrice La Scuola, 1998.

REALE, Miguel. **Introdução à Filosofia**. 4^a. ed.. São Paulo: Saraiva, 2002.

REINACH, Adolf. **Introducción a la fenomenología**. Trad. de Rogério Rovira. Madrid: Ediciones Encuentro, 1986.

_____ **I fondamenti a priori del diritto civile**. Trad. de Daniela Falconi. Milão: Giuffrè, 1990.

RIONDATO, E. **L'Aristotelismo di Franz Brentano e il suo influsso sulla cultura filosofica italiana**, in atti del Convegno Internazionale di Studi italo-tedeschi. Bolzano: Merano, 1965.

RYLE, Gilbert. **Intentionality-Theory and The Nature of Thinking**. Revue Internationale de Philosophie, n° 104-105, 1973, p. 255-265.

ROUTLEY, Richard. ROUTHY, Valerie. **Rehabilitating Meinong's Theory of Objects**. Revue Internationale de Philosophie, n° 104-105, 1973, p.224-254.

RODRIGUES, Fernando. **A teoria do significado de E. Husserl in Ontologia, conhecimento e linguagem**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

ROBBERECHTS, Ludovic. **Husserl**. Paris: Éditions Universitaires, 1964.

ROSSI, G. **Giudizio e raziocinio. Studi sulla logica dei brentaniani**. Milão: La cultura filosófica, 1926.

ROVIGHI, Sofia Vanni. **La fenomenologia di Husserl**. Milão: Vita e Pensiero, 1939.

- _____. **História da Filosofia Contemporânea.** Trad. de Ana Perschi Capovilla. São Paulo: Loyola, 1999.
- RUSSELL, Bertrand. **História do Pensamento Ocidental.** 2^a. ed.. Trad. de Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.
- _____. **Fundamentos de Filosofia.** Trad. de Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- _____. **Lógica e conhecimento – Ensaios escolhidos.** In Os Pensadores. Trad. de Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Abril, 1978.
- _____. **Nosso conhecimento do Mundo Exterior.** Trad. R. Haddock Lobo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.
- _____. **Os problemas da Filosofia.** Trad. de António Sérgio. Coimbra: Almedina, 2001.
- _____. **Introdução à filosofia matemática.** Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- SALMON, Wesley. **Lógica.** 4^a ed. Trad. de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SALMON, Wesley. CARTWRIGHT, Nancy. MISCHÉL, Theodore. FRAASSEN, Bas C. van. **Spiegare e comprenderé Saggti sulla spiegazione scientifica.** Trad. de Diana Sartori, Luigi P. Zorto e Ivaldo Vermelli. Pádua: Spazio Libri Editori, 1992.
- SAN MARTIN, Javier. **La fenomenologia de Husserl como utopía de la razón.** Barcelona: Editorial Anthropos, 1987.
- SANTOS, Alessandra. **A consciência fenomenal entendida como representação mental.** Ítaca – Revista dos alunos da Pós-Graduação em Filosofia – IFCS-UFRJ, no. 4, setembro de 2003.

SARAIVA, Maria Manuela. **A imaginação segundo Husserl**. Paris: Centro Cultural Calouste Gulbenkian, 1994.

SCHÉRER, René. **La fenomenologia de las “investigaciones lógicas” de Husserl**. Trad. do francês para o castelhano por Jesús Díaz. Madri: Gredos, 1969.

SCHILPP, Paul Arthur. **The Philosophy of G. E. Moore**. 3ª ed. Londres: Cambridge University Press, 1968.

SCRIMIERY, G. **Algoritmo e calculo in Edmund Husserl**. Bari: Edizione Levante, 1974.

SIMARD, Emile. **Naturaleza y alcance do metodo científico**. Trad. Salvador Caballero Sánchez. Madri: Gredos, 1961.

SIMMEL, Georg. **Problemas fundamentales de la filosofia**. Trad. de Susana Molinari e Eduardo Sculzen. Andaluzia: Ediciones Espuela de plata, 2006.

SIMPSON, Thomas Moro. **Linguagem, realidade e significado**. 2.ed. Trad. de Paulo Alcoforado. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SINATRA, Maria. **Storia della psicologia poscientifica. Lo sperimento prima Wundt**. Bari: Procredit, 2005.

SMITH, Barry. SMITH, David Woodruff. **The Cambridge Companion to Husserl**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

SOKOLOWSKI, Robert. **Formation of Husserl’s concept of constitution**. Boston: Kluwer Academic Publications, 1970.

_____ **Introduzione alla fenomenologia**. Trad. do inglês para o italiano de Paola Premoli de Marchi. Roma: Edizioni Università della Santa Croce, 2002.

STEBING, Susan. **A modern introduction to Logic**. Londres: Methuen, 1953.

STEENBERGHEN, Fernand van. **Ontologia**. Trad. de Rafael Martinez Ferri. Madri: Gredos, 1957.

STEFANIAS, Markus. **Gottlob Frege zu Einführung**. Dresden: Junius Verlag, 2001.

STEIN, Ernildo. **Uma breve introdução à filosofia**. Ijuí: Unijuí, 2002.

SULLIVAN, D. J. **Fundamentos de filosofia**. Trad. de Conzalo Gonzalvo Mainar. Madri: Morata, 1920.

TAWARDOWSKI, **Contenuto e oggetto**. Turim: Bollati Boringhieri, 1988.

THAO, Tran-Duc. **Phénoménologie et matérialisme dialectique**. Paris: Éditions Minh-Tân, 1951.

TILLIETTE, Xavier. **Breve introduzione alla fenomenologia husserliana**. Trad. do francês para o italiano por Enrico Garulli. Lanciano: Editrice Itinerari Lanciano, 1983.

TREDICI BREVE, J. **Curso de história da filosofia**. Trad. do italiano para o castelhano por P. Juan Roig Gironell. Barcelona: Editorial Luis Gili.

TREISMAN, Anne. **L'attention, les traits et la perception des objets, in Introduction aux sciences cognitives**, coordenado por Daniel Andler. Paris: Gallimard, 1992.

VASSALO, Nicla. **La filosofia di Gottlob Frege**. Milão: Franco Angeli, 2003.

VAYSSE, Jean-Marie. **Les problèmes fondamentaux de la phénoménologie de Heidegger**. Paris: Ellipses, 2005.

VELARDE MAYOL, Victor. **La teoria de los objetos en Alexius Meinong**. Pensamiento, Madri, nº 180, v. 45, octubre-diciembre 1989, p. 461-475.

VERDEZ, André. HUISMAN, Denis. **História dos filósofos ilustrada pelos textos**, 4ª. ed. Trad. de Lélia de Almeida Gozalez. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1980.

VERLEY, Xavier. **Pensée, symbole et représentation. Logique et psychologie chez Frege et Husserl**. Paris: Dianota, 2005.

VIERA DE ALMEIDA. **Lógica elementar**. 2ª. ed. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1961.

VOLTAGGIO, Franco. **Fondamenti della logica de Husserl**. Milão: Comunità, 1965.

WAELEHENS, A. de, **Phénoménologie et vérité. Essai sur l'évolution de l'idée de la vérité chez Husserl et Heidegger**. Paris: 1953.

_____. **La philosophie de Martin Heidegger**, 5ª ed. Louvan: Editions Nauwelaerts, 1967.

WEIL, Eric. **Logique de la philosophie**. 2. ed. Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 1974.

WERLE, J. M. **Franz Brentano und die Zukunft der Philosophie**. Amsterdã: Rodopi, 1989.

WETZ, Franz Josef. **Husserl**. Trad. Valeria Ghiron, Bolonha: Il Mulino, 2003.

WOODRUFF, P.W. **Logic and truth value gaps in Philosophical problems in logic**. Dordrecht: K. Lambert, 1970.

XIRAU, Joaquim. **La filosofia de Husserl Uma introducción a la fenomenologia**. Buenos Aires: Editorial Losada, S.A., 1941.

ZUBINI, Xavier. **Cinq leçons de philosophie: Aristote, Kant, Comte, Bergson, Husserl**. Paris: L'harmattan, 2003.